

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

CORPOS NA ARENA
UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE
A PRÁTICA DAS ARTES MARCIAIS COMBINADAS

**Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre
em Ciências do Movimento Humano**

Aluno: Claudio Nunes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Villodre Goellner

Porto Alegre, novembro/2004

AGRADECIMENTOS

“Não, não é fácil escrever.
É duro como quebrar rochas.
Mas voam faíscas e lascas
Como aços espelhados”.
Clarice Lispector

Escrever esse texto foi um dos maiores desafios que enfrentei, de ordem pessoal, profissional e intelectual. Como disse o poeta, “só eu sei os desertos que atravessei, só eu sei”... E como diz um amigo meu, é preciso ter “GARRA” para chegar até aqui. As muitas crises, os muitos dilemas, os milhares de incertezas, as dores corporais, as crises de humor, por outro lado, mostraram-me o quanto eu consegui reunir amigos especiais, com os quais, inúmeras vezes, sem serem consultados, pude dividir os fardos de dar “corpo” aos meus processos de estudos. Foi, literalmente, como andar de montanha russa: altos e baixos, sustos e alegrias, partidas e chegadas. E, ao mesmo tempo, esse texto só pôde ser pensado e escrito porque atletas se dispuseram a repartir comigo vários momentos de seus treinos. Por isso, agradeço à galera da Sul (Walter, Paradedá, Fernandinho, Bahia, Bento, Ângelo, Miguel, Guilherme, Dinho, Buda, Zumbi, Guto, Max, Luís “Margarina”, seu Moacir); à galera da Boxer (Fabiano, Vovô Garoto, Hélio, Tiago, Kung Fu, Javali, Rodolfo, Babuíno, Australiano, Morgana), e à “família” ProFight (Luisão, Drago, Júnior, Lindomar, Alex, Renan, Miranda, Guedes, João) por terem me aproximado das M.M.A., permitindo o acesso e o acompanhamento de suas inúmeras rotinas. Também agradeço ao preparador Rafael Alejarra, pela disponibilidade em aceitar minha presença na preparação física desses atletas. Aos proprietários das academias Pro Gyn e Top Fitness, pelo acesso. À Lurdes e ao Maurício, meus amigos fiéis do tempo da cultura, que sempre me empurraram, seja com simpatias ou com livros. À Sandra Dani e ao Luiz Paulo, pelo carinho. Aos Brauner’s, como um todo (sic), que, ao lado dos Simpson’s e dos Robinson’s, são a minha família preferida.

*Á Luciana, amiga e cúmplice nas dificuldades e nos bons momentos do mestrado,
pela convivência, solidariedade e presteza.*

*À Silvana, que aceitou os desafios de orientar um libriano, ascendente em Áries, lua
em Câncer, nas suas muitas revoluções, sempre de uma forma serena, tranqüila,
fazendo com que os meus muitos escritos/medos/dúvidas fossem tomando a forma
desta dissertação (acho que em algum momento, ela me hipnotizou e eu não me dei
conta!).*

*À Ana Maria Machado, que com o seu Laboratório de Escrita, ajudou a quebrar as
rochas do ato de escrever.*

*À UFRGS, local de minha formação, desejando que continue sempre pública,
nocauteando os planos de privatização de algum ministro “iluminado”, para que mais
pessoas tenham o privilégio de privar com professores qualificados, daqueles que
fazem a diferença na vida da gente, os verdadeiros “mestres”.*

Ao Stigger, pela indicação das leituras, pelas aulas e pela disponibilidade.

À Ana, André e Rosane, pela presteza nos assuntos burocráticos do mestrado.

*Aos meus colegas da SME, principalmente na figura da Eneida, uma pessoa com
uma generosidade e um arrebatamento inigualáveis; ao Ismael que, como chefe,
sempre atendeu aos meus pedidos de licença. E ao Elisandro, um amigo SEMPRE
disponível, exemplo de profissional pela conduta e competência, com quem
inúmeras vezes, dividi minhas angústias e receios no processo da escrita, sempre
ouvindo incentivos na contrapartida.*

Ao Arlei, pela consultoria eficiente e prestativa nos assuntos da antropologia.

Ao Gilson Santos, que sempre me motivou nessa jornada.

*Por fim, quero dedicar este trabalho a minha mãe, Anna Cândida, que no alto de
seus 79 anos, dirige o seu próprio carro e assa o seu próprio churrasco. Uma mulher
assim, é, sem dúvida, uma “casca-grossa”.*

RESUMO

Esta pesquisa de cunho etnográfico, realizada em três academias de lutas, localizadas na cidade de Porto Alegre-RS, no período de dezembro/02 a julho/04, registrou o envolvimento de sujeitos na prática de uma luta, em que são combinados diversos golpes de distintas artes marciais com técnicas de boxe, denominada de *Mixed Martial Arts*. A partir do referencial teórico que compreende o corpo como uma construção histórica e cultural e do trabalho empírico, foram percebidos e descritos os diversos investimentos realizados nos corpos dos lutadores, nesses ambientes peculiares. Através da observação participante e da elaboração de diários de campo, que relatam minha incursão nas rotinas de treinos e competições, foi possível verificar que os locais onde ocorrem a preparação corporal e as disputas entre esses atletas configuram ambientes culturais, em que o corpo lutador ocupa um lugar de destaque. Este trabalho dedica-se também a descrever os processos pelos quais os sujeitos praticantes habilitam-se corporalmente ao longo de suas trajetórias esportivas, nas preparações para competições. Além da socialização dessas práticas, percebi o caráter performático do uso do corpo nas competições de *M.M.A.*, aproximando a luta de um acontecimento espetacular, em que é possível identificar uma linguagem de cena, com elementos como texto, sonoplastia e iluminação.

ABSTRACT

According to this research, realized about three academy of fights, situated in Porto Alegre/RS (Town), around December/2002 until July/2004, it has registered the involvement of people in the practice of a fight, and there is many combinations of strokes about martial art with Box technique, denominated Mixed Martial Arts. Through theoretic information, that consist in a historical and cultural construction and the empiric work, it was perceived the realized investment in the fighters body, in this singular environment. Through of participant observation and the organized of daily field, that refer my self incursion in the training practice and competition, it was possible to detect that the places where take the corporal preparation and competition among this athletes, it makes cultural environments, where the fighter body get a prominence place. About the socialization of this usages, I could to percept the performatic character of the body action in the M.M.A. competitions, approaching the fight of a magnificent occurrence, that propose to identify a stage language, with elements as the self text, sonority and illumination.

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
1. O UNIVERSO DA PESQUISA – AS ARTES MARCIAIS COMBINADAS	7
2. O CAMINHO DAS PEDRAS	19
2.1. Andanças por um território de diferenças	34
2.2 - Ambientes culturais	46
3. A CONSTRUÇÃO DO CORPO LUTADOR	103
3.1 Preparação física e técnica.	105
3.2 Os silêncios dos não inocentes	158
3.3 Músculos performáticos	180
4 - ENTRE O RINGUE E O PALCO: O CORPO EM CENA	202
4.1 Entre o black out97 e o knock out	210
THE END – Quando o fim não significa o final de uma caminhada.	235
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	240
REVISTAS	243
SITES DA INTERNET:	244
ANEXOS	246
ANEXO A: Bula do medicamento VIOXX®	247
ANEXO B: Bula do medicamento DURATESTON®	248
ANEXO C: Regras Brazil Super Fight	249

1. O UNIVERSO DA PESQUISA – AS ARTES MARCIAIS COMBINADAS

Dentre as diversas modalidades esportivas existentes na atualidade, há uma prática na qual são usados diversos golpes e posições, misturando técnicas diversas de lutas. Assim, usam-se tanto os golpes praticados com os punhos no boxe, quanto os chutes, cotoveladas e joelhadas do boxe tailandês e a luta de chão desenvolvida na prática do jiu-jitsu. A essa combinação de estilos distintos de lutas dá-se o nome de artes marciais combinadas ou *Mixed Martial Arts*, denominação norte-americana para essa prática, cuja abreviatura difundida entre os praticantes e na mídia especializada é *M.M.A.* Esses termos de língua inglesa são popularmente traduzidos por “Vale-Tudo”, remontando, principalmente, a década de cinquenta do século XX, em que eram comuns e populares as competições entre técnicas de lutas diversas, e valia, literalmente, quase tudo para impor uma derrota ao oponente¹.

Essa prática vem galgando uma popularidade inédita, movimentando parcelas de uma indústria cultural, envolvendo indumentária, suplementação alimentar entre outros produtos, com um consumo também crescente. É possível dizer que o universo das lutas de artes marciais combinadas é um filão de novas práticas corporais, hábitos e costumes, principalmente para uma parcela masculina², envolvendo jovens adultos, já que cada vez mais pode significar uma possibilidade de profissionalização e ascensão social.

¹ Há registros históricos de lutas sem regras (“*no rules*”), com presença de público, entre lutadores de jiu-jitsu da família Gracie, responsável pela introdução dessa arte marcial no Brasil, e boxeadores e, entre os primeiros e capoeiristas, no final da década de vinte. Porém, a popularidade somente foi alcançada na década de cinquenta, conforme Peligro (2003).

² O X Meca World Vale Tudo, realizado em 20/12/03, em Curitiba-Pr, apresentou a luta entre Carmem “Casca-grossa” e Ana Carolina. Pela primeira vez, uma luta feminina fez parte da programação desse evento.

Enquanto possibilidade esportiva no Brasil, o *Mixed Martial Arts* é uma modalidade que, recentemente, tem conquistado destaque na mídia, pois é possível encontrar, desde revistas mensais especializadas nas lutas que priorizam esse estilo com circulação nacional, como as revistas Tatame, Gracie e Nocaute³, como também sites na Internet das principais academias locais e nacionais⁴, bem como dos principais lutadores⁵. Na TV por assinatura, há dois programas semanais⁶ que fazem coberturas de eventos nacionais e mundiais envolvendo essa prática. Também são vendidos pacotes de lutas, no sistema *pay-per-view*, juntamente com matérias em que também são apresentadas entrevistas e treinos dos mais destacados atletas.

Segundo o Jornal do Brasil⁷, o Vale-Tudo, nome abrigado desse estilo de luta, já é o segundo esporte da preferência do telespectador brasileiro da TV por assinatura, conforme pesquisa do Ibope para o canal *Sportv*, canal disponível para os assinantes das operadoras *Net* e *Sky*. De acordo com a publicação, essa afirmação, de certa forma, é impactante porque a modalidade conquistou esse espaço sem nunca ter sido mencionada pela maior emissora do país, a TV Globo, até quinze de novembro de 2003 quando, no programa dominical Fantástico, a emissora dedicou seis minutos a uma matéria feita pela âncora do programa, a repórter Glória Maria, sobre o sucesso dos lutadores brasileiros no torneio japonês *Pride*. Até esse programa

³ A partir de 1990, circulou o Jornal Gracie e tratava de maneira geral sobre jiu-jitsu e eventos esporádicos de *M.M.A.*, na época conhecido como Vale-Tudo. A Revista Gracie Magazine começou a circular em julho de 1996 com matérias preferenciais sobre jiu-jitsu e com estilos diversos de luta, incluindo *M.M.A.* A partir de novembro de 2002, o grupo editorial Editora Gracie Ltda. passa a publicar também a revista Nocaute, abordando preferencialmente eventos de *M.M.A.* Tais informações foram obtidas via email de 12/02/04, com Luca Atala, editor das duas publicações.

⁴ Exemplos: www.proflight.com.br, www.suljiujitsu.com.br, www.braziliantopteam.com.br, www.macacogoldteam.com.br, www.brazilianimpacto.com, www.kimuranovauniao.com.br.

⁵ Exemplos: www.minotauro.net, www.wanderleisilva.com.br, www.vitorbelfort.com.br, www.muriloninja.com, www.marcelodourado.com.br.

⁶ No canal 39, *Sportv*, há os programas “Passando a guarda” e “SportvCombate”, veiculados nas noites de sábado, com reprises nas madrugadas de segundas e quintas feiras.

⁷ Edição do dia 29 de setembro de 2002, no Caderno de Esportes.

ir ao ar, as rádios, jornais e os programas de TV desse grupo de comunicação não faziam qualquer menção às lutas.

No domingo imediatamente posterior, dia vinte e dois de novembro, o Fantástico ainda escalou a mesma repórter para fazer uma matéria na casa do lutador Rodrigo “Minotauro”⁸, enfocando os aspectos humano e familiar do lutador. O jornal O Globo, do mesmo grupo empresarial, em edição posterior ao Fantástico, fez uma matéria sobre o treinamento de estrangeiros na Academia *Brazilian Top Team*⁹. Anteriormente, o Sistema Brasileiro de Televisão, SBT, considerada a segunda maior rede nacional, exibiu direto de Las Vegas, nos Estados Unidos da América, uma luta ao vivo¹⁰ de Vitor Belfort, faixa-preta e expoente nacional de jiu-jitsu, dedicado ao *M.M.A.* desde 1995.

Esse lutador esteve bastante exposto na mídia nacional na segunda edição do *reality show* “A Casa dos Artistas”, produzido pelo SBT, no verão de 2002. Com a participação nesse programa, Vitor foi alçado à condição de celebridade, teve seu romance com a personagem “Feiticeira”, interpretada pela modelo e apresentadora de televisão Joana Prado, tornado público e televisado. Em vinte de dezembro de 2003, o casamento de ambos foi capa da Revista Caras¹¹, demonstrando uma popularidade até então não alcançada por nenhum outro lutador. Antes disso, em dezembro de 2001, o lutador foi capa da revista Tatame, nº 70, ao lado de atores globais, devido a sua participação na novela O Clone, da

⁸ O baiano Antônio Rodrigo Nogueira “Minotauro” foi campeão mundial da categoria peso pesado, no ano de 2004, no torneio *Pride*, realizado regularmente no Japão. Naquele país, é tão popular que já virou personagem de vídeo *game*, juntamente com outro brasileiro, o paranaense Wanderlei Silva, campeão mundial da categoria meio-pesado do mesmo torneio.

⁹ Em edição de 25/12/03, Caderno de Esportes, há uma matéria sobre os lutadores principais dessa equipe, destacando os vários títulos conseguidos no ringue e a presença de estrangeiros treinando com os atletas brasileiros.

¹⁰ Segundo o Jornal do Brasil, edição de 29/09/02, Caderno de Esportes, a luta transmitida ao vivo, na noite de 14 de julho de 2002, teve a impressionante média de 14 pontos no Ibope; de acordo com a mesma matéria, audiência notável conseguida graças ao interesse por esse esporte aliado à popularidade de Belfort.

¹¹ Tradicionalmente uma publicação que cobre o “mundo das celebridades” (sic).

Rede Globo, onde interpretou a si próprio, como campeão de Vale-Tudo. Em janeiro de 2004, novamente apareceu com destaque no noticiário nacional, quando teve sua irmã Priscila envolvida num caso de desaparecimento, às vésperas da disputa do cinturão de campeão dos meios-pesados contra o lutador americano Randy Couture, no *46 Ultimate Fighting Championship*, em Las Vegas, nos Estados Unidos da América.

No programa *Big Brother Brasil 4*, da rede Globo, apresentado a partir de janeiro de 2004, entre os ocupantes da casa cenográfica, estavam dois lutadores. Eles são Marcelo Dourado, gaúcho e Marcelo “Zulu”, carioca. Marcelo Dourado é professor de Educação Física, faixa-preta de judô, lutador profissional de *M.M.A.* e sócio-proprietário de uma academia de artes marciais combinadas no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre, já tendo lutado na 9ª Edição do torneio *Meca World Vale-Tudo*, em Curitiba¹². Antes de participar do programa, estava treinando atletas de sua equipe para competições de *M.M.A.* Marcelo “Zulu” foi pentacampeão brasileiro de luta greco-romana¹³.

Através dessas informações, é possível perceber que essa prática esportiva, atualmente, transcende o espaço de seu aprendizado, do círculo de praticantes e da assistência, popularizando-se e destacando-se como uma modalidade corporal que, gradativamente, vem conquistando espaço na mídia nacional, seja pela atuação vitoriosa dos atletas brasileiros reconhecidos mundialmente, seja pela circulação e ocupação de espaços antes inimagináveis por profissionais¹⁴ dessa área.

¹² Sua primeira luta após sair do programa foi em 3/07/04, no evento Real Fight, ocorrido no clube Hebraica, no Rio de Janeiro, quando foi derrotado, na decisão dos juízes, por Luiz “Pimpolho”.

¹³ Conforme matéria de capa do Segundo Caderno, do jornal Zero Hora, de 13/01/04.

¹⁴ O site www.tatame.com.br, consultado em 15/07/04, divulgou que a novela da Rede Record, *Metamorfose*, escrita por Mário Prata e dirigida pela premiada cineasta Tizuka Yamasaki na fase inicial, no ar entre fevereiro e julho/04, abordou na sua trama as dificuldades que lutadores brasileiros enfrentam para lutar em ringues japoneses. Também a novela da Rede Globo, *Da Cor do Pecado*, que esteve no ar entre março e setembro/04, tinha um núcleo cômico, a família Sardinha, envolvido nas lutas, tendo recebido lutadores profissionais de *M.M.A.*, como Giant Silva, para protagonizarem disputas com os membros da mesma família, em tom de comédia.

Este trabalho se justifica a partir do interesse de aprofundar o conhecimento acerca desse universo com características tão contemporâneas, tais como o consumo de produtos relacionados, especificamente, aos praticantes¹⁵ e o crescente interesse das diversas formas de mídia sobre essa modalidade. Reconhecer os processos e os investimentos de quem treina, ensina e compete, usando o próprio corpo nessa modalidade tão diferenciada é um dos objetivos desse texto. Identificar essas performances esportivas como atuações fundamentadas na fisicalidade desses atletas e, dessa forma, perceber a possibilidade de espetacularização dessa prática esportiva, a partir do uso do corpo por esses atletas nas competições, também constitui a abrangência deste texto. As preocupações recorrentes com os preparos corporais culminando nas performances esportivas, em que esse mesmo corpo se mostra, revela-se, exibe-se para seu público, foram tão presentes e relevantes, que nortearam o processo de investigações e a posterior tradução na forma dessa escrita, razão pela qual este estudo procura identificar o corpo masculino, viril, que se constrói e circula entre academias de jiu-jitsu e de outras práticas, como boxe, *muay thai*, *wrestling* e musculação. Ou seja, identificá-lo como um depositário de muitos significados e cujos atributos ganham destaque através da possibilidade da exibição pública em tatames e ringues, aqui observados como locais de apresentação das performances corporais dos praticantes.

Uma vez que a mídia tem-se interessado em divulgar os atletas de *M.M.A.* em espaços até então impensáveis, esses lutadores, através de usos múltiplos de seus corpos, como desferir e absorver golpes, estão sendo reconhecidos como protagonistas

¹⁵ Suplementos alimentares, luvas de competição, sungas, protetores bucais e demais acessórios usados pelos atletas de *M.M.A.*, fitas de vídeo com a gravação das lutas dos principais atletas, além de camisetas e bermudas com os nomes das principais equipes e lutadores, são alguns dos produtos oferecidos em revistas e sites de *M.M.A.*

de shows, em que a assistência acompanha performances de corpos masculinos, treinados, buscando-se sobrepor uns aos outros. Esse duelo corporal entre os dois oponentes está se transformando num produto recentemente valorizado pela mídia, como atestam as programações de *pay-per-view*, consumido por “simpatizantes” de imagens fortes e violentas: os corpos, na arena da competição, e como se verá adiante, também nos locais de treinos, podem ser esmurrados, chutados, golpeados à exaustão, literalmente massacrados. Esse “jogo” é assim: o desferir e receber golpes traumáticos é a linguagem desse espetáculo. Tudo dentro de regras previamente acordadas. Tudo dentro de uma formatação de um espetáculo, em que o sucesso dos *performers* está diretamente relacionado à condição física e ao repertório de técnicas de lutas assimiladas pelo seu instrumento de trabalho.

Enquanto as outras práticas de lutas desenvolvem-se dentro de padrões já esperados, quanto mais violento e agressivo for um lutador de *M.M.A.*, maiores as chances de surpreender seu adversário, os árbitros, a assistência e lograr-se vitorioso na disputa. Dessa forma, no centro do ringue, buscando o reconhecimento do público e as insígnias de sua conduta (troféu ou o cinturão de campeão) estarão dois guerreiros preocupados em golpear e defender-se, até que um deles consiga anular o jogo do outro. Todo esse confronto físico, o duelo entre técnicas diversas de lutas por meio de dois corpos treinados e preparados para esse embate, é criado e consumido como uma nova modalidade de espetáculo. Essas lutas são um “show”, em que a agressividade, a resistência e a violência físicas são componentes fundamentais das performances corporais exibidas, e motivos de comemorações extasiadas das platéias. Identificar e analisar essa formatação do caráter espetacular nesses confrontos é, portanto, outra meta desta pesquisa, que também se preocupa em compreender os fatores constitutivos do caráter espetacular presentes nas disputas de *M.M.A.*

Este texto foi elaborado a partir das incursões ao que chamo de “ambiente das lutas”, definido por tatames e ringues de treinamentos e locais de competições, onde os corpos treinados em diversas técnicas de lutas aprimoram-se, avaliam suas potencialidades, medem-se técnica e fisicamente, exibindo performances obtidas à custa de aprendizado e desgaste corporal. Nesses locais, à medida que iam avançando minhas observações sobre os praticantes, os treinamentos e as rotinas, pude perceber uma nítida preocupação com a performance pública, com o futuro resultado de tanto investimento.

Diferentemente de outras práticas de lutas, como o boxe e o jiu-jitsu, em que encontrei vários atletas que apenas treinavam para exercitar fisicamente seus corpos, sem qualquer pretensão de competir publicamente, no *M.M.A.*, todos os atletas envolvidos nos treinamentos desejam subir ao ringue e mostrar suas habilidades. Treinam visando a uma competição. Trata-se de uma modalidade esportiva em que a aprovação pública, ou ao menos o encontro com a assistência no caso de uma performance não favorável, é perseguida: quem treina, quem se exercita nessa prática, invariavelmente, subirá ao ringue para um confronto ou um desafio. Assim, o corpo treina para competir, para subir ao ringue e mostrar-se sob as luzes dos refletores, buscando a legitimação da sua apresentação frente a uma platéia.

Como diretor teatral formado pelo Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989) e, posteriormente, como professor de Educação Física, licenciado pela Escola de Educação Física dessa mesma Universidade (1996), interessei-me pela questão contemporânea das técnicas corporais usadas por atores e atletas que possibilitam performances artísticas e esportivas, centradas basicamente no uso do próprio corpo como elemento central dessas manifestações culturais e atléticas.

Entendo que ambos, o ator-performático e o atleta-lutador têm afinidades e aproximações: são os seus próprios corpos o *locus* de treinamento, de aperfeiçoamento e de demonstrações das suas técnicas. O corpo, para ambos, revela uma identidade e denominador comum. Além disso, os eventos de *M.M.A.* cada vez mais se apropriam dos códigos comumente empregados nos espetáculos, conforme detalhado no decorrer deste texto. Uma apresentação física de um lutador, numa competição dessa modalidade, pode se aproximar o suficiente de uma demonstração performática executada por um ator, a tal ponto que ambas tenham borradas as suas fronteiras. Julgo que há aproximações muito nítidas entre a preparação necessária para um ator executar uma performance, construída no seu esforço físico, e a de um atleta de *M.M.A.*, para subir ao ringue e enfrentar seu oponente.

A partir dessa aproximação entre duas áreas de atuação distintas, artes cênicas e lutas de *M.M.A.*, surgiu meu interesse em investigar os processos culturais-físico-sociais a que são submetidos os corpos desses lutadores. Passei a freqüentar, como observador, primeiramente academias de jiu-jitsu¹⁶, técnica de luta “agarrada” de chão, praticada por todos os adeptos dessa modalidade esportiva, e onde já sabia que encontraria praticantes das artes marciais combinadas, uma vez que os primeiros campeões dessa modalidade¹⁷ foram praticantes de jiu-jitsu. Posteriormente, continuei minhas observações em um centro de treinamento especializado na preparação de atletas para essa luta.

¹⁶ Segundo Fátima Ceccheto(2004, p. 34), o jiu-jitsu “é definido como a mais antiga, perfeita e completa técnica de defesa pessoal. Foi introduzido no Brasil no começo do séc. XX, tendo no sobrenome Gracie a marca da difusão e aprimoramento desta arte marcial por aqui”.

¹⁷ As duas primeiras edições dos eventos *Ultimate Fighting Championship* realizadas nos Estados Unidos, em 1993, foram vencidas pelo lutador de jiu-jitsu Royce Gracie (PELIGRO, 2003), o que alavancou a prática de jiu-jitsu e impulsionou a continuação do evento, de acordo com a revista Gracie, #33.

Nesses locais, comecei minha aproximação com os atletas, suas rotinas, seus rituais nesses universos peculiares e com os resultados de seus empenhos corporais nos treinos e nas apresentações públicas dessas performances, ou seja, nos eventos de lutas. Foi a partir da minha entrada no campo de pesquisa que pude me aproximar tanto dos lutadores de *M.M.A.*, sujeitos deste texto, quanto das diversas práticas culturais, físicas e ritualísticas às quais submetem seus corpos, seja nos treinamentos, seja nas disputas, momento culminante desses investimentos.

Antes do início efetivo desta pesquisa, convém ressaltar que, em oito de novembro de 2002, acompanhei, na cidade de Curitiba, o *VII Meca World Vale-Tudo*¹⁸, onde pude constatar, ao vivo, o tratamento da linguagem do espetáculo que reveste esses confrontos corporais. Nessa ocasião, o próprio campo da pesquisa, essa competição, já revelava a possibilidade de analisar essas práticas através dos “traços espetaculares”, cujos indicativos já tinham sido percebidos por mim, anteriormente, assistindo à programação específica que passa no canal 39 – *SPORTV*, da televisão a cabo, o programa *SportvCombate*. Mas a experiência no campo, viva, desafiadora, nesse meu primeiro evento de prática de *M.M.A.*, mostrou-se decisiva: havia vários indícios da espetacularização nessas lutas, o próprio campo revelava isso para um futuro pesquisador. A partir daí, procurei indicativos dessa aproximação entre corpo-performance-luta e a formatação espetacular para essas contendidas físicas, que estão se transformando em um novo produto cultural.

¹⁸ Atualmente o evento *Meca World Vale Tudo* é o mais importante torneio de lutas nacional, sendo o mais tradicional. No VII Meca, apresentou-se o faixa-preta de jiu-jitsu, Luis Orlando Brito, atualmente proprietário do ProFight Sports Combat, o centro de treinamento já mencionado. Na época, era membro da *Brazilian Top Team*, equipe carioca que, ao lado da equipe curitibana, Chute Boxe, são duas das grandes agremiações brasileiras nesse campo esportivo, com os campeões mundiais Rodrigo “Minotauro”, categoria pesado, e Wanderlei Silva, médio-pesado, respectivamente.

Uma cuidadosa preparação física, o aperfeiçoamento de técnicas, o uso racional da força corporal e outros elementos detalhados ao longo desse texto permitem aproximar um atleta dessa modalidade a um ator que trabalha exclusivamente a “física” de suas ações, numa espécie de sincretismo nas ações de ambos, uma vez que há vários elementos comuns presentes nessas manifestações, essencialmente corporais/culturais. Para antecipar essa comparação, iniciada na aproximação das ações físicas de ambos, identifiquei além dos aspectos citados acima, o cuidado com a formatação espetacular desses confrontos, com recursos de iluminação e sonoplastia, entre outros elementos que moldam as performances dos lutadores de *M.M.A.*

Com essa noite de lutas, iniciei meu currículo de pesquisador, tendo observado *in loco* e ao vivo o acabamento do espetáculo que envolve esses confrontos físicos. Não por acaso, os ringues são montados sempre no centro dos ginásios, na forma que teatralmente se denomina arena, com os espectadores dispostos em cadeiras e arquibancadas ao redor desses palcos-ringues, com todos os olhares focando os lutadores-personagens, que são o centro de toda ação corporal-perfomática a ser presenciada. Percebi que acompanhar o mundo competitivo dessa modalidade de luta, a priori sem regras para os leigos e não iniciados como eu, daí surgindo a equivocada denominação de vale-tudo, possibilitaria um trabalho em que muitas questões pertinentes aos processos culturais e sociais desse universo marginal dos lutadores poderiam ser aprofundadas.

Comecei então minha pesquisa e meus estudos, primeiramente em academias de jiu-jitsu em Porto Alegre e em eventos de lutas, aproximando-me dos sujeitos, das práticas, dos usos e das percepções de corpo e dos espaços onde se realizam esses investimentos.

Ou seja, busquei a identificação do corpo dos lutadores de *M.M.A.* como local de encontro, ponto de interações permanentes entre o cultural e o social, tanto no plano das práticas como no das representações.

A partir dessas reflexões iniciais, prossegui minhas investigações, tendo como ponto de partida as seguintes questões norteadoras:

Quais são as práticas corporais que constroem o corpo dos lutadores de *M.M.A.*?

Como se dá a preparação corporal na formação desses atletas?

Como os lutadores percebem essa prática esportiva?

Quais são os rituais dos treinos e das apresentações que envolvem as preparações corporais desses lutadores?

Que aproximação é possível ser feita entre uma luta de *M.M.A.* e um espetáculo?

Na busca de resposta a essas questões, construí um texto que está assim estruturado:

1 – O Universo da pesquisa: As Artes Marciais Combinadas - capítulo em que são apresentados dados sobre a popularidade dessa prática com o conseqüente interesse da mídia nos lutadores profissionais.

2 – O Caminho das pedras - apresentação da pesquisa como um estudo qualitativo, a metodologia empregada no estudo e descrevo as situações em que me aproximei dos sujeitos.

2.1 – Andanças por um território de diferenças - relato das dificuldades, dos estranhamentos, das negociações necessárias para a circulação entre os sujeitos no universo da pesquisa.

2.2 – Ambientes culturais - descrição das academias freqüentadas durante o período da pesquisa, entendidas sobre a perspectiva de cenários culturais, *locus* de aprendizagem e demonstração das técnicas ali desenvolvidas.

Academia Sul Jiu-Jitsu

Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu

ProFight Sports

3 – A Construção do “Corpo Lutador” - analiso os processos pelos quais os sujeitos observados empenham-se em submeter seus corpos, no processo de preparação para disputas nos ringues, com as seguintes divisões:

3.1 – Preparação física e técnica

3.2 – O Silêncio dos não inocentes

3.3 – Músculos e marcas performantes

4 – Entre o ringue e o palco: O corpo na arena - o pesquisador estabelece relações entre essa prática esportiva e performances teatrais centradas na presença física do *performer*.

4.1 – Entre o *Black Out* e o *Knock Out* - analise dos vários aspectos das competições de lutas e suas aproximações as manifestações teatrais, como o uso de elementos da linguagem do espetáculo.

5 – The End - Quando o fim não significa o final de uma caminhada - o encerramento da trajetória do etnógrafo em formação nesse ambiente esportivo, compartilhando com os leitores as percepções e descobertas.

2. O CAMINHO DAS PEDRAS

A pesquisa se caracterizou por ser um estudo qualitativo, desenvolvido a partir de um recorte etnográfico, buscando conhecer a prática de M.M.A. na cidade de Porto Alegre, e analisar as várias maneiras que os sujeitos desse universo se habilitam nas rotinas de treinamento para a atividade da competição. Uma pesquisa com essas características, de acordo com Negrine,

“se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados” (1999, p.61).

Assim, de acordo com Mariza Peirano, se: “cada etnografia é um experimento” (1995, p.45), procurei dar forma às minhas subjetividades, experimentando ouvir e traduzir muitas das subjetividades desses atletas na construção dessa dissertação, através de relatos etnográficos, uma estratégia de observação e escrita condizente, quando se pauta a pesquisa a partir do viés qualitativo (NEGRINE, 1999).

Como um pesquisador em formação, lancei-me ao encontro etnográfico (NORONHA, 1993) com esses sujeitos, numa construção pessoal, num tempo de curiosidades, de descobertas e de aprendizados. Momentos de observações e de

análises. Mas, mais do que isso, momentos de trocas, momentos em que os discursos nem sempre foram a mais efetiva forma de comunicação nas situações criadas nesse convívio proporcionado pelas academias¹⁹. Tempos de formular perguntas nem sempre pronunciadas, tempos de realizar escutas nem sempre isentas de preconceitos, instantes em que os silêncios permitiram revelações. Correr os riscos inerentes a quem busca aproximar-se e construir relações e análises a partir de sua visão, do lugar de onde se situa, sobre um mundo dos “outros”. Eu, no meu “desconfortável” lugar de pesquisador, de curioso, de estrangeiro, numa aproximação lenta e gradual desses sujeitos e suas práticas, no afã de apreender tudo o que esse universo novo me descortinava, buscando entender e traduzir, como se eu estivesse autorizado a falar por eles, tentando, incessantemente, manter a “neutralidade”. Assim, perseguindo constantemente a objetividade da pesquisa e convivendo com as subjetividades do pesquisador, construí uma trajetória em que revelo a minha visão sobre o “fenômeno” focado (homens, corpos, lutas), próximo da idéia que praticar a etnografia é

tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1989, p.7).

A forma de diminuir os medos entre o pesquisador e os sujeitos, tentar vencer as barreiras surgidas entre quem pesquisa e o alvo da pesquisa, deu-se através da

¹⁹ O trabalho do pesquisador foi realizado enquanto o atleta executava o seu trabalho, numa aproximação entre a “academia do conhecimento” e a “academia das práticas esportivas”.

etnografia, uma “ferramenta do trabalho qualitativo”, através da qual pude constatar

uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele (o pesquisador) tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar (GEERTZ, 1989, p.7).

Descobri, praticando a etnografia, que o pesquisador deve fazer uma descrição em profundidade, uma “descrição densa” das culturas como “textos” vividos, como “teias de significados” que devem ser interpretados (GEERTZ, 1989). Com minhas observações e registros, criei formas de acessar e mediar as diversas informações encontradas nos espaços de pesquisa, dando voz a esses sujeitos, aproximando-me da “antropologia pós-interpretativa”, que se:

traduz em um permanente questionamento do antropólogo a respeito de sua capacidade de conhecer o grupo que estuda e na necessidade de expor, em seu texto, suas dúvidas, perplexidades e os caminhos que levaram a sua interpretação, percebida sempre como parcial e provisória (GOLDENBERG, 1997, p.23).

A opção pela observação participante deu-se por tratar de um procedimento de coleta de informações que pode ser utilizado diretamente no contexto real em que foi desenvolvida a investigação. Atuando dessa forma, o pesquisador não participa dos acontecimentos, apenas observa-os e registra-os no momento em que ocorrem. Mesmo sabendo da impossibilidade de neutralidade do pesquisador, sua função limita-se a coletar os dados sem interferir diretamente nas ações e nas atividades desempenhadas pelos sujeitos (NEGRINE, 1999).

O campo de pesquisa que escolhi para desenvolver esse estudo foram duas academias de jiu-jitsu e um centro de treinamento especializado na preparação de atletas de *M.M.A.*, localizados em Porto Alegre, onde encontrei os praticantes dessa prática esportiva. Os sujeitos da pesquisa foram atletas de *M.M.A.*, em graus diversos de envolvimento com essa modalidade: alguns se preparando para um combate-estréia, uns tentando apagar derrotas do incipiente currículo, outros buscando a consolidação da carreira e do próprio nome nesse circuito e, conseqüentemente, uma valorização profissional mais rentável, e, por fim, atletas já “fora de cartaz”, atuando como treinadores de iniciantes. Os praticantes observados e entrevistados treinavam em Porto Alegre, mas mantive contato durante o período da pesquisa com treinadores, preparadores físicos e atletas de outros estados e em diversos graus de estágios de carreira e de profissionalização, os quais já acompanhava, através de reportagens e notas publicadas nas revistas especializadas ou nos sites específicos dessa prática, o que de certa forma, deu-me um panorama geral da estrutura desse mercado profissional no Brasil.

Senti-me duplamente desafiado: uma prática nova, a pesquisa, num território igualmente novo para mim, as academias de lutas. Intuí que a

simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa. O contexto da pesquisa, a orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o ethos do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa (GOLDENBERG, 1997, P.45).

Cheguei a esses locais e a esses sujeitos por contatos anteriores com lutadores de jiu-jitsu, que me informaram serem esses espaços referências no treinamento e na prática dessa modalidade. Há outros locais na cidade de Porto Alegre onde também

se pratica essa modalidade esportiva, porém sem a participação dos atletas em competições regulares, como os torneios *Meca*. Como um dos objetivos deste texto era acompanhar os processos em que esses sujeitos se preparam para as competições e verificar o quanto performática são essas competições, optei por pesquisar em locais tradicionais na preparação e participação dos atletas em competições.

Freqüentei esses espaços regularmente, realizando a pesquisa de campo de dezembro de 2002 até julho de 2004, quando considerei encerrado o meu período de observações, tendo registrado diversas preparações e participações de diferentes sujeitos, em eventos competitivos dessa modalidade. Durante o período de trabalho de campo, na minha formação de pesquisador, pude verificar que:

a experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto socio-histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram, no dia-a-dia, no próprio local de pesquisa entre pesquisador e pesquisados (PEIRANO, 1995,p.22).

Estive presente nessas academias, alternadamente, com uma regularidade de três a cinco visitas semanais, durante esse espaço de tempo. Em cada visita, procurava chegar antes dos horários marcados para início dos treinos, para perceber a movimentação inicial desses atletas, acompanhava e registrava o trabalho executado no dia e, ao final da atividade, ainda permanecia nos espaços, colhendo impressões sobre as práticas executadas, exercitando a escuta no *lócus* de atuação desses sujeitos. Freqüentava esses locais com uma média de duas horas diárias. A partir de maio de 2003, ampliei minha área de atuação, quando passei a observar os treinos na segunda academia escolhida, sem abandonar o registro das atividades da academia onde iniciei

minhas observações. Até setembro de 2003, continuei freqüentando alternadamente esses locais e, em outubro do mesmo ano, acrescentei o Centro de Treinamento no meu roteiro diário de visitas e anotações, quinze dias após o mesmo ter sido inaugurado exatamente para a preparação específica para as competições de *M.M.A.* Em janeiro de 2004, após mais de um ano de minha presença na academia onde comecei essa caminhada, encerrei meus registros nesse espaço inicial, e continuei acompanhando ainda as atividades na outra academia de jiu-jitsu até março do mesmo ano. Continuei meus processos de etnógrafo em formação no Centro de Treinamento até julho de 2004, numa freqüência de três a cinco visitas por semana.

Nesse período, consegui organizar material descritivo, que julguei suficiente para subsidiar este estudo, após ter cumprido um calendário de visitas regulares às rotinas de treinamentos e de preparações desses sujeitos nos três locais distintos e ter observado, complementando a pesquisa de campo, competições de *M.M.A.* ocorridas durante o período citado nas cidades de Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, São Leopoldo e Porto Alegre, onde competiram alguns dos sujeitos da pesquisa. Além das disputas de *M.M.A.*, minhas aproximações com esses sujeitos deram-se também em competições de outras modalidades esportivas, em que os mesmos participaram, como a primeira e a segunda etapas²⁰ do campeonato gaúcho de jiu-jitsu. Depois, em novembro de 2003, acompanhei a 1.^a Copa Naja de *Muay Thai* em Cachoeirinha²¹. Em abril de 2004, acompanhei o Campeonato Gaúcho de *Muay Thai* em Porto Alegre²² e, em maio do mesmo ano, estive presente numa competição de boxe amador, realizada em Canoas²³.

²⁰ A primeira etapa ocorreu em 26 e 27/04/03 e a segunda etapa, em 28 e 29/06/03.

²¹ Em 15/11/03.

²² Em 03/04/04.

²³ Em 02/05/04.

Como também já tinha feito muitas observações colhidas diretamente com esses sujeitos, em diferentes estágios de suas preparações para as competições, com a gravação de muitas dessas conversas em encontros regulares, muitas vezes informais, além de ter acompanhado e registrado a participação de alguns deles em eventos competitivos, considerei que não havia a necessidade de realizar entrevistas formais com os mesmos.

Como parte de minhas investigações nesse campo de pesquisa, participei de um seminário sobre a Preparação Corporal dos Lutadores realizado em Porto Alegre, em doze de fevereiro de 2004, na Academia *ProFight Sports*, com o preparador físico Paulo Caruso²⁴, referência nacional no condicionamento físico para esses atletas, atuante no eixo Rio-São Paulo. Esse seminário foi realizado em um dos espaços pesquisados e destinava-se a lutadores, a treinadores e a preparadores físicos, todos sujeitos dessa escrita. No dia seguinte, dia treze de fevereiro, na Academia *Top Fitness*, acompanhei a parte prática desse seminário, observando e registrando a preparação física aplicada ao atleta Édison “Drago”²⁵, atualmente atleta da *ProFight Combat Team*.

Com o auxílio da literatura relacionada às práticas corporais que ocorrem em academias de musculação e de lutas e com referenciais teóricos apoiados em autores que abordam aspectos sócio-históricos do corpo, fui, paulatinamente, apropriando-me de alguns conceitos que julguei relevantes para a construção dessa dissertação. Afora

²⁴ Paulo Caruso é professor de Educação Física, faixa-preta de jiu-jitsu e aluno do Pós-Graduação da Universidade Gama Filho, na cidade do Rio de Janeiro. Ele assina a coluna Preparação Física no site www.portaldovaletudo.com.br. Atualmente, é preparador físico de vários atletas, entre eles, o italiano Alessio Sakara, que disputou a 3.ª edição do *Jungle Fight*, realizado em Manaus, no dia 23/10/04. Já treinou atletas como Rodrigo “Minotauro”, Vitor Belfort, José Mário Sperry, e também o medalista olímpico Flávio Canto, bronze na Olimpíada de Atenas/2004, de acordo com a revista *Gracie*, # 92.

²⁵ A última luta desse atleta deu-se num torneio de *M.M.A.* na Suíça, em 05/09/04, quando derrotou por pontos ao espanhol José Pombo.

minhas indagações iniciais, outras foram surgindo a partir do meu “envolvimento” com essa prática e com esses sujeitos, fruto da minha convivência com eles, nos seus espaços de atuação. As minhas curiosidades e observações, as falas dos observados e o referencial teórico que fundamenta essa dissertação, sustentaram as amarras com as quais esse texto foi sendo elaborado, a partir de registros etnográficos e iconográficos, ou seja, as fotografias²⁶ que registraram diferentes momentos do trabalho de campo. Muitas delas, entre tantas outras, são usadas nessa dissertação para ilustrar passagens e mapear, de certa forma, os meus passos percorridos durante o tempo dessa produção.

Os registros das observações realizadas em treinos, além de situações informais como conversas nas próprias academias e em outros espaços públicos como bares e restaurantes, muitas delas gravadas, além das minhas impressões feitas nas competições presenciadas, constituíram um diário de campo. Também realizei pesquisas em cadernos de esporte encartados em jornais, como o Jornal do Brasil, a Folha de São Paulo, o Estado do Paraná, Zero Hora, que, eventualmente, apresentavam matérias sobre essa luta específica. Paralelo a isso, consultei regularmente revistas nacionais em edições recentes e mais antigas, que fazem exclusivamente cobertura de *M.M.A.* e de lutas em geral, no intuito de manter-me informado sobre o que é veiculado por esse segmento da imprensa esportiva. Complementando minhas fontes de informações na mídia, pesquisei, sistematicamente, sites destas mesmas revistas, das equipes de *M.M.A.*, de academias e dos próprios lutadores, com o intuito de buscar uma atualização permanente sobre os principais eventos, acompanhar resultados de lutas, surgimento de novos expoentes nessa prática e complementar minhas análises.

²⁶ Todas as fotografias dessa dissertação são de minha autoria, com exceção das que, devidamente identificadas, são da fotógrafa profissional Adriana Franciosi, da agência RBS, que gentilmente cedeu os direitos da imagem.

A observação participante teve seu início em nove de dezembro de 2002. As rotinas de treinos e das atividades que ocorreram nas academias foram sendo registradas: a preparação física, através do detalhamento dos exercícios realizados, as posturas, as conversas, os assuntos, os interesses e até a descrição da indumentária e das tatuagens, com o intuito de identificar uma configuração corporal, gestual e de comunicação (gírias) entre os praticantes dessa modalidade. Compreendo que as academias de lutas são locais privilegiados para a percepção dos diversos significados e sentidos desses ambientes esportivos, conforme o já sugerido na obra de Wacquant (2002), em que descreve uma academia de boxe na região suburbana de Chicago, nos Estados Unidos.

Os diários de campo serviram para registro sistemático das atividades ocorridas nos treinamentos físicos, como a descrição das rotinas de treinamento, dos rituais executados pelos lutadores, antes e depois dos treinos, e também para o registro das impressões surgidas durante o processo de investigação. Imerso no campo de pesquisa, tomava contato com esses ritos, que

devem ser sempre considerados como conjuntos de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas, baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica (RIVIÈRE, 1996, p.30).

Durante as competições presenciadas, registrei a preparação e a participação desses sujeitos nesses eventos, buscando ampliar minhas percepções acerca desse universo esportivo. No período inicial da pesquisa e das observações, nas minhas

aproximações a esses sujeitos e suas práticas, registrei primeiramente nos meus diários de campo, a descrição dos treinos de jiu-jitsu. Tais registros se deram na Academia Sul Jiu-Jitsu, que foi minha porta de entrada no universo dos lutadores, onde comecei a me aproximar dessa cultura e de seus ritos. A academia foi fundada por um renomado atleta de *M.M.A.*, José Mário Sperry, que é também lutador, treinador, *manager* e sócio da *Brazilian Top Team*, academia com sede no Rio de Janeiro, cuja equipe é considerada, nos sites especializados de luta, uma das melhores do mundo. Escolhi essa academia para iniciar minhas observações porque sabia de antemão que, naquele espaço, encontraria sujeitos praticantes de *M.M.A.*, atraídos pela *grife* Sperry, fossem eles já profissionais ou iniciantes na carreira de lutador. Além de treinos de jiu-jitsu, ali também assisti a treinos de *muay thai*, *wrestling* e boxe, como parte da preparação das técnicas desenvolvidas pelos lutadores para futuras disputas nas regras de *M.M.A.*

Através de minhas “andanças”, observando os lutadores gaúchos, conheci e vi atuando alguns dos principais nomes do mercado profissional brasileiro, que treinam basicamente no eixo Rio-São Paulo, uma vez que ali estão concentradas muitas das equipes de *M.M.A.* Também a cidade de Curitiba merece destaque quanto à popularização e à profissionalização nesse campo esportivo, já que lá ocorre a mais tradicional competição nacional dessa modalidade, os torneios *Meca*, com projeção e coberturas internacionais, realizados regularmente naquela capital. Duas edições desses eventos (a sétima e a décima²⁷) foram observadas para subsidiar essa escrita. Também observei o *Abu Dhabi Combat Club World Submission Wrestling Championship – ADCC*, realizado na cidade de São Paulo em maio de 2003, evento popularmente traduzido como campeonato mundial de luta agarrada, que pela primeira vez, não ocorreu nos

²⁷ A sétima edição do *Meca* ocorreu em 08/11/02 e a décima, em 20/12/03.

Emirados Árabes e, em julho do mesmo ano, compareci ao evento *Knock-Mix Martial Arts*, realizado na cidade do Rio de Janeiro ²⁸.

Continuando minhas investigações sobre esses sujeitos e esse universo esportivo-cultural, acompanhei em Porto Alegre, em vinte e quatro de maio de 2003, ao *PROFIGHT COMBAT*; em dezenove de setembro do mesmo ano, ao *I BRAZIL SUPER FIGHT*. Em novembro, observei o *I SUL COMBAT*, na cidade de São Leopoldo e, por fim, encerrando minhas pesquisas no campo, fiz-me presente no *PROFIGHT FIGHTING CHAMPIONSHIP*, na capital gaúcha, em três de julho de 2004. O detalhamento de alguns aspectos desses eventos será oportunizado no último capítulo. Entretanto, como parte da rotina da preparação dos sujeitos dessa pesquisa para futuras lutas de *M.M.A.*, também acompanhei eventos de *submission*²⁹, de boxe amador e de *muay thai*, em que alguns deles estiveram participando, conforme já referido anteriormente.

Entrei pela primeira vez na Academia Sul Jiu-Jitsu, como um pesquisador em formação, durante uma competição interna entre os alunos ali matriculados. Havia muita movimentação em virtude dessa competição: na rua, havia carros estacionados nos dois sentidos, formando filas de veículos, a maioria devidamente identificada com propaganda da academia sob a forma de adesivos. Dentro do espaço da academia, em volta do tatame, havia muitos atletas de quimono realizando aquecimentos corporais ou conversando, enquanto o foco da atenção de todos era o centro do tatame, onde dois atletas travavam uma luta acirrada, sob manifestações ruidosas da assistência.

²⁸ Em 23/julho/03. Antes, nos dias 19 e 20 do mesmo mês, acompanhei a II Copa do Mundo de Jiu-Jitsu Olímpico, com a participação de atletas gaúchos, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Em 26 e 27 do citado mês, assisti ao VIII Campeonato Mundial de Jiu-Jitsu, na cidade do Rio de Janeiro.

²⁹ *Submission* é a prática de jiu-jitsu, sem uso de quimono, com pequenas variações nas regras e no sistema de pontuação.

Também havia rapazes vestidos quase uniformemente: com calças jeans ou bermudões de surfista e camisetas. Completavam a indumentária padrão os tênis de grife³⁰, bonés e correntes de aros metálicos no pescoço. Havia mulheres jovens, em grupos, também acompanhando o desenrolar das lutas. Nessa primeira aproximação com o ambiente das lutas, percebi que a cultura desse grupo expandia-se além dos aspectos restritos a uma prática, que eu supunha, meramente esportiva.

O corpo era elemento central dessa cultura esportiva social, pois

a forma de apresentação parece testemunhar a favor desta concepção, pois o lutador é seu corpo: músculos hipertrofiados, cabeça raspada, orelhas deformadas (...) se padronizou como seu uniforme, uma espécie de cartão de visitas de carne e osso (CECCHETO, 2004, p.1).

Esses músculos hipertrofiados eram parcialmente cobertos com camisetas regatas, invariavelmente com figuras de lutadores, nomes de equipes e desenhos de cães *pit bull*³¹ nas estampas. Muitas dessas couraças musculares também eram adornadas com tatuagens, conforme se verá no capítulo sobre o corpo dos praticantes de *M.M.A.* Outro componente cultural relevante e perceptível já neste primeiro encontro, que saltava aos olhos, ou melhor, chegava aos ouvidos, foram as gírias e termos usados entre eles, “*K.O.*”³² Essas e outras palavras cujo significado eu desconhecia, só pude começar a entender após ingressar naquele universo, bem como perceber os usos diferenciados do corpo por aqueles sujeitos. Comecei assim, nesse local e com essa situação, a desenvolver a curiosidade de um pesquisador: tudo me parecia absolutamente novo e

³⁰ Predominavam as marcas *Nike* e *Reebok*, em suas versão mais modernas.

³¹ “*American pit Bull terrier* é uma raça de cachorro originária da Inglaterra, definido como cão de rinha, corajoso, inteligente e ágil, com grande resistência à dor”(CECCHETTO, 2004, p.146).

³² Entretanto, essa gíria veio de *Knock Out*, cuja tradução é nocaute, a derrota pela inconsciência. Seu uso é como sinônimo de mentira, engano. Quando um lutador diz: “não tem *K.O.*”, traduza-se por “não tem engano” ou “não tem erro”. “*Fisiqueta*” significa corpo franzino, fraco, sem musculatura. Aprendi que, quando os lutadores querem se referir a alguém magro, sem um corpo avantajado, chamam-no por “*fisiqueta*”.

me senti desafiado a conhecer os personagens, suas condutas esportivas e os bastidores da cena que se montava na minha frente.

Nesses espaços de formação de lutadores, minha negociação para o ingresso e observações deu-se de forma muito tranqüila: os proprietários sempre me disseram que eu era bem-vindo e que tinham o maior interesse em colaborar, mesma posição dos lutadores que se aproximaram de mim e dos quais eu me aproximei. O fato de observar as salas dos tatames e o ringue, anotar o que acontecia na minha frente durante as ações desenvolvidas, conversar sobre os treinamentos recém concluídos, explicitando minhas curiosidades e registrando as respostas e as conversas, nunca intimidou esses sujeitos, e nem a mim. Não foram raras as vezes em que fui confundido com um repórter ou com um escritor preparando um livro sobre lutas, devido ao hábito do registro das observações nos próprios locais onde se desenvolviam as atividades, inclusive algumas vezes, gravando minhas próprias descrições e impressões em fitas cassete. Até outubro de 2003, eu não costumava levar câmara fotográfica como meu material de pesquisa. A partir dessa data, de posse de uma máquina digital, e já absolutamente ambientado nesses espaços e com esses sujeitos, comecei a fotografar algumas situações que me chamavam mais a atenção, de acordo com a atividade observada, não sem antes perguntar ao mestre-treinador e aos próprios lutadores se haveria algum empecilho quanto a esse procedimento. Como nunca houve qualquer demonstração em contrário, descobri, na prática, que lutador também gosta de *flash*, porque, além de não se negarem a ser fotografados, esses sujeitos sempre queriam se ver na tela da máquina, além de me pedirem uma cópia da imagem.

Para o ingresso na Academia Sul Jiu-Jitsu, providenciei um atestado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/ESEF-UFRGS apresentando-me como professor de educação física e esclarecendo minha vinculação ao programa,

devido ao fato de ter havido furto da carteira de um aluno, coincidentemente após meu ingresso no espaço. Achei que desta forma, regulamentar e oficial, estaria salvaguardando meu interesse em acompanhar a rotina dos sujeitos nesse local, explicitando o caráter acadêmico de minha presença. Nos outros espaços, não repeti esse procedimento.

Nessas academias sempre fui bem recebido pelos proprietários, professores, alunos e secretárias. Todos demonstraram muita vontade em poder colaborar com meus estudos nessa prática e sentiram-se prestigiados com meu interesse em pesquisar as suas atividades. Muitos comentavam comigo que: “esse teu trabalho vai ser bom para a gente. Vai ajudar a acabar com os preconceitos que os lutadores sofrem.” Várias vezes tive que repetir para esses sujeitos o porquê de minha presença entre eles: realizar minha pesquisa para o mestrado. Os que cobravam maiores detalhamentos, obtinham de mim respostas mais específicas para as questões levantadas. A grande maioria ficava satisfeita em descobrir que eu estava ali para fazer mais um trabalho para a faculdade.

Entre os atletas dos três espaços observados, muitos constantemente me perguntavam a data da apresentação deste estudo, se eu pensava em fazer um livro sobre eles, e quanto tempo eu ainda iria fazer pesquisa nas academias. Também havia alguns lutadores que sempre me questionavam se eu estava conseguindo sacar tudo o que acontecia dentro das academias e se eu não estava esquecendo o nome deles. Eu, invariavelmente, respondia que estava, sim, juntando bastante material, mas que não tinha a pretensão de escrever sobre tudo o que ocorria nesses espaços. Explicitava nessas ocasiões o limite de dois anos para concluir a pesquisa, tentando deixar claro que meu foco era a construção do corpo lutador, uma forma genérica de revelar alguns

interesses da pesquisa. Quanto aos nomes, explicava que uma das características do meu trabalho, por ser uma pesquisa etnográfica, era justamente evitar referências pessoais que pudessem colocar esses sujeitos em situações de cobranças, ou mesmo constrangedoras, após o término deste trabalho e eles são apresentados através de suas iniciais. Eventualmente, alguns deles, bem como alguns preparadores físicos, estão presentes no texto nominados, principalmente quanto à participação em competições, tendo o entendimento que o resultado das lutas é público e já foi divulgado.

Por fim, cabe ressaltar que as categorias de análise (corpo e os elementos da linguagem do espetáculo presentes na luta) foram fruto do meu “mergulho” nesse campo esportivo, tamanhas foram a importância e a insistência com que estavam presentes no campo da pesquisa. Por outro lado, de acordo com os autores consultados e através das revelações dos participantes, de suas ações e de suas falas, o “corpo guerreiro” é o alvo de todas as ações e investimentos nas *M.M.A.*, e é elemento central no espetáculo da luta. Então, para construir essas categorias, apoiei-me nos referenciais teóricos, nas minhas observações e descrições dos processos que percebi nesses espaços e nas próprias manifestações e percepções dos participantes, algumas devidamente resgatadas ao longo dessa dissertação.

Feitos esses esclarecimentos iniciais a cerca de minha inserção no que denomino “ambientes das lutas”, passo a descrever alguns cuidados que procurei ter ao circular por esses espaços, plenos de subjetividades. Cuidados esses que se mostraram importantes para o bom relacionamento estabelecido entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa (atletas, mestres, treinadores).

2.1. Andanças por um território de diferenças

Ao pesquisar três locais de prática de *M.M.A.* na cidade de Porto Alegre, além das diversas competições envolvendo esses sujeitos, tive que desenvolver algumas sutilezas para apropriar-me minimamente desses traços culturais e, ao mesmo tempo, não melindrar os sujeitos envolvidos com essa prática e não me indispor com nenhum deles. Construí, num aprendizado contínuo por esses motivos, um código de ética particular, que me garantiu acompanhar treinos e competições entre atletas que já tinham uma rivalidade anterior ao início de minha pesquisa, e como vim a perceber durante meu período de observações, nem sempre velada.

Descobri que entre alguns lutadores de equipes concorrentes, as diferenças tinham deixado de ser esportivas-profissionais e tornaram-se pessoais. A Academia Sul Jiu-Jitsu teve entre seus alunos e, posteriormente entre seus professores, os atletas Fabiano “Boxer”, treinador da *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu* e Luís Brito, atleta da *ProFight Combat Sports*, há alguns anos. A partir de desavenças pessoais e profissionais, ambos desligaram-se dessa academia e trataram de seguir seus caminhos, dando aulas de jiu-jitsu até estabelecerem suas próprias academias e equipes, criando uma rivalidade até então inexistente, facilmente comprovada nas competições de jiu-jitsu e *submission* em que participam atletas das três agremiações. Tal fato é notório e público no meio dessa modalidade esportiva, não havendo necessidade de manter o anonimato desses sujeitos.

Em outras oportunidades, quando os mesmos foram citados e incluídos no texto, mantive as suas identificações em reserva. Mas o círculo de lutadores de jiu-jitsu e de *M.M.A.* apresenta-se pequeno em Porto Alegre; todos os praticantes dessas modalidades se conhecem, já competiram entre si em outras modalidades, e, não

raro, durante meu período de observações e registros, ouvi opiniões desabonadoras em relação a atletas de outras academias e equipes. Dessa forma, ao circular entre esses espaços concomitantemente, tinha motivos para ganhar o apelido de “creonte”, gíria originada no universo do jiu-jitsu e aplicável para quem troca de academia e de equipe de lutas. Assim, ser um “creonte” significa receber olhares repreensivos e comentários desabonadores pelo fato de mudar seu local de treino, trocar de time e, muitas vezes, implica uma situação tensa com os antigos companheiros de equipe. Como pesquisador, ser identificado sumariamente como simpatizante de alguma dessas academias, em detrimento das outras, poderia fechar as portas dos espaços pesquisados, dificultando a minha pesquisa no campo. Assim, além da necessidade de manter a neutralidade no ofício do etnógrafo em formação, tinha que omitir vínculos construídos ao longo de minhas observações com atletas que eram *persona non grata* nas outras academias, por “creotince” e outros motivos, sob o risco de me ver impedido de poder retornar a esses locais.

Freqüentar o *setting*, segundo Goffman, 1989, os locais onde ocorrem as interações sociais, os bastidores, foi de extrema valia para a criação de laços com esses sujeitos, os quais me permitiram a presença nos treinamentos e nas competições.

Logo que iniciei a me movimentar no universo da pesquisa, pude perceber que iria circular em ambientes de códigos próprios de conduta, com éticas peculiares e, presenciar várias situações envolvendo as subjetividades desses sujeitos. Teria que fazer um grande esforço para não me “contaminar” com as mesmas. Construir-me como pesquisador num território onde facilmente poderia ocupar diversos papéis (amigo, confidente, curioso, fotógrafo, espião, inimigo) foi parte fundamental da minha experiência etnográfica nesse campo esportivo. Essa multiplicidade de papéis

destinados ao etnógrafo foi observada e vivida na obra de Noronha (1993) sobre corpos masculinos de halterofilistas e bailarinos, na cidade de Porto Alegre.

Percebi que, nesse território em que eu estava me movendo, seria fácil tomar partido e julgar as atitudes dos atletas. Mas, agindo assim, estaria comprometendo definitivamente minhas incursões em campo: observar, registrar, analisar. Não fazer juízo de valores, não ser da torcida, nem contra e nem a favor, não tomar partido. Era preciso tentar ser isento, ou o mais próximo disso. Sempre! Ou na maioria das vezes. Descobrir e construir um perfil de pesquisador em que minha presença fosse sempre quase despercebida: “não me deixeis cair em confusão”, ainda que nesses espaços de treinos e lutas, isso pudesse parecer difícil. Buscar a neutralidade num convívio social onde afloravam as várias subjetividades, minhas e dos sujeitos, mesmo sabendo “que é difícil evitar sentimentos de amizade, lealdade e obrigação, que podem provocar censuras nos resultados da pesquisa” (GOLDENBERG, 1997, p. 51).

Mover-me em academias, cujos sujeitos competiam em tatames e fora deles, com ofertas das mesmas práticas e mesmas qualificações (todos atletas faixa-pretas, com trajetórias construídas ao longo desses espaços de disputas) foi também parte da aprendizagem do processo etnográfico, do construir-se pesquisador. Acompanhar processos de treinamentos físicos e técnicos em locais diferentes, mantendo o cuidado de nunca comentar entre eles como era executado o treinamento na academia concorrente era minha prática diária. Evitar fazer qualquer comentário, por mais banal que fosse, sobre os sujeitos observados me exigia também um condicionamento mental para assim agir. Nas competições presenciadas, não torcer por nenhum atleta, afinal seus adversários também aplicavam no corpo os esforços físicos, técnicos e emocionais que este texto identificou e interpretou como processos culturais.

Foi comum escutar críticas pessoais quanto aos estilos de luta e, até mesmo, relativas ao caráter de determinados atletas. Tanto quem criticava como quem era criticado foram observados na pesquisa: as duas faces da mesma moeda. Críticas essas que partiam de antigos companheiros de treinos e de tatames e que, no momento de minha convivência entre esses esportistas, já tinham se transformado em adversários. Por perceber, nesse campo de antigas rixas e situações não esclarecidas entre esses lutadores, um terreno fácil para propagar uma fofoca ou gerar uma ofensa, e a partir disso, entrar no meio de uma confusão, minha tática, a partir do ingresso na segunda academia, foi a de nunca comentar minhas observações anteriores. Ou seja, apresentava-me ao proprietário e nunca mencionava o fato de já ter começado a pesquisa em outra academia, com o intuito de não levantar questões do passado desses sujeitos que, entendia, não me diziam respeito e em nada poderiam me ajudar a escrever este texto.

Minha postura nesses casos sempre foi a de não tomar partido de nenhuma equipe e de nenhum lutador. Apenas ouvir aquelas falas desencontradas sobre os praticantes, até as coisas começarem a fazer algum sentido para mim. Somente quando perguntado por algum professor, por um atleta mais experiente ou até mesmo por algum neófito, sobre os locais em que já tinha pesquisado e se já conhecia outras academias de luta, é que revelava sucintamente meus passos anteriores. Agi assim com o intuito de não me afastar do meu real objetivo nas observações, qual seja, fazer um levantamento etnográfico dessa prática esportiva na cidade de Porto Alegre, em alguns dos lugares onde ela ocorre. Veladamente, e em algumas ocasiões nem tão disfarçadas, percebia tentativas de alguns atletas menosprezarem o trabalho, as condições, os treinamentos e os resultados de praticantes fora de seu grupo social-esportivo.

Algumas vezes, quando alguém já sabia das academias antes pesquisadas, e insistia em criticar as mesmas e seus atletas, eu fazia questão de dizer que minha presença ali se limitava a observar e registrar comportamentos esportivos que pudessem ser traduzidos no meu texto. Deixava claro que eu não faria o papel de “garoto de mensagens” ou de “leva-e-traz” de recados entre eles. Disse em algumas oportunidades a alguns dos sujeitos desse estudo que o passado controverso deveria ser esclarecido entre eles, se tivessem esse interesse, e que eu continuaria a me manter afastado de questões polêmicas ou problemáticas, como rixas entre os grupos de lutadores, resultados de anos de desacertos. Perceber que me movimentava em territórios sempre propensos a inúmeros conflitos (inimizades, competições, rivalidades, diferenças pessoais) não restritos somente às arenas de lutas constitui-se parte importante do aprendizado etnográfico. Para garantir minha permanência no campo de pesquisa (e agora findado esse período, brinco que cuidava era de minha sobrevivência corporal) fiz um trato comigo mesmo: tudo o que eu ouvia numa academia não poderia, sob hipótese alguma, comentar em outro espaço.

Agindo assim, de acordo com os manuais de procedimentos de um pesquisador em campos sociais, evitava o risco de impossibilitar minha entrada e minhas pesquisas futuramente, e, não menos grave, arranjar alguma desavença com estes praticantes. O que, convenhamos, não me parecia uma situação nada agradável. Comportando-me dessa forma, consegui salvaguardar meus maiores interesses em permanecer nesses locais e além disso, continuar a ser bem recebido por esses atletas, mesmo já encerrado o período de observações. Muitas vezes, como eu era a única pessoa dentro do espaço de treino que não se encontrava exercitando, ficava de posse do cronômetro, um dos elementos fundamentais, tanto em treinos, quanto na própria atividade de

combate, desempenhando alguma função na atividade. É como se, de certa forma e durante aquele tempo, fosse parte das equipes, testemunhando e colaborando nos seus esforços.

Foi fundamental estabelecer e manter vínculos de confiança com esses sujeitos nos espaços onde eles atuavam, o que me possibilitou acompanhá-los em treinos, nas preparações físicas, em viagens, nos procedimentos de pesagens que antecedem as disputas e nos momentos derradeiros de um combate; no aquecimento antes de entrar em cena; durante a performance e depois da luta. É então que o vestiário acolhe o atleta-sujeito que recebeu elevada carga de adrenalina³³ durante a disputa, e tenta se recuperar de tanta fadiga. Construí a oportunidade de acompanhar um atleta após uma extenuante luta de vinte minutos no *X Meca World Vale Tudo*, evento transmitido ao vivo para todo o Brasil, no sistema *pay-per-view*, em que, num resultado controverso, foi declarado perdedor. A derrota imediatamente implicou uma frustração, um desânimo, uma decepção e foi traduzida num silêncio profundo e por uma apatia gigantesca, somada ao desgaste físico provocado por vinte minutos de combate, em que seu corpo foi levado à exaustão. Aqueles longos minutos em que fiquei sozinho no vestiário, enquanto o corpo e a psique do lutador tentavam se recompor, foram um dos momentos marcantes nesse estudo: a respiração estava ofegante, as contraturas musculares

³³ “A adrenalina é um hormônio e sua presença na corrente sanguínea aciona mecanismos de mobilização de tricilglicerídeos (gorduras) para a produção de açúcar. Também é um neurotransmissor e tem efeito sobre o sistema nervoso simpático (coração, pulmões, vasos sanguíneos, órgãos genitais). A elevação do nível de adrenalina provoca a elevação da pressão arterial e da atividade cardíaca, um maior grau de atividade mental, aumento do metabolismo, dilatação de brônquios pulmonares, aumento do teor de glicose sanguínea para suprir a maior demanda de energia das células. Há dilatação dos vasos sanguíneos nos músculos, o que favorece a atividade muscular, aumentando o rendimento durante os exercícios físicos. Sem este conjunto de efeitos que preparam o corpo para a atividade, não conseguiríamos atingir os altos níveis de vigor que são muitas vezes necessários para promover reações rápidas e intensas”. Adaptado de <http://saude.terra.com.br/interna>, pesquisado em 03/03/04. O uso do vocábulo adrenalina é recorrente entre os lutadores quando querem expressar energia, “gás”, excitação, “combustível do corpo” necessário em situações de treinos exigentes ou nas disputas de ringues.

eram muitas e prenunciavam câimbras eminentes, a desidratação ocasionada pelo desgaste físico era combatida com grandes e sôfregos goles de água.

E, além de tudo isso, o desconforto físico e mental pelo resultado adverso não previsto e não esperado, estavam sendo metabolizados sob os ruídos da assistência, empolgada e manifestando-se em outra luta. O “show” não podia parar... O silêncio pela derrota era contagiante e inibidor: limitei-me somente a observar a sua não ação, a sua apatia, o seu inegável sofrimento. Em respeito ao seu esforço, às dores de seu corpo e ao muito provável turbilhão de pensamentos desconexos, que eu imagino, rondavam sua mente, não fiz qualquer ação: não registrei minhas observações no ato e não fiz fotos naquele momento. Limitei-me a dividir com ele aquele espaço físico, permanecendo tão imóvel quanto ele se apresentava e a responder através de monossílabos as poucas perguntas que me fez, a respeito do resultado de sua performance.

O vestiário, inexplicavelmente vazio naquele momento, criou para mim uma possibilidade única de perceber meus estudos: acompanhei esse corpo atlético na sua preparação para a demonstração de força e de técnica. Agora, presenciava um homem, exaurido física e mentalmente, por certo tentando recriar sua atuação nos vinte minutos da performance, buscando racionalizar o que lhe tinha acontecido no ringue. A derrota, que lhe caía sobre os ombros e fazia com que seu corpo ficasse cada vez mais encolhido, mais retraído, era companhia mais sentida e presente do que a minha. Há exatos vinte minutos daquela situação, esse lutador era ovacionado e vários de seus golpes, quanto os de seu oponente, recebiam gritos e incentivos de uma torcida numerosa e ruidosa. Portou-se como um “gigante no ringue”, opinião de seu preparador que o levou até o vestiário e depois retornou para a arena para assistir

à continuidade das lutas. Esteve a alguns passos (golpes) de uma vitória, que possibilitaria novos e rentáveis combates, novos rumos a sua carreira, novas atuações...

Porém, segundo os juízes, seu oponente teve uma atuação mais destacada e tirou-lhe a única possibilidade de estar feliz naquele momento. Na minha frente, o corpo guerreiro continuava suando, numa espécie de catarse física pelo empenho na disputa. A toalha que passava pelo corpo, talvez para aliviar suas dores (físicas, mentais), já não cumpria qualquer função higienista, tal era a quantidade de suor que seu corpo destilava e ao invés de recolher, apenas espalhava mais a secreção. A sua aparente apatia revelava traços de uma fragilidade impensada e improvável para quem havia, como eu, acompanhado de perto o seu processo de preparação para a apresentação pública, a etapa final dos seus investimentos, em que todos os seus atos e pensamentos almejavam somente a vitória. Havia presenciado as várias etapas de seu rigoroso treinamento, em que o corpo e a mente se preparavam arduamente, imaginando sempre um resultado positivo. O lado de dentro dos vestiários e a familiaridade com que eu o acompanhei nas suas rotinas, haviam-me possibilitado alcançar uma dimensão humana, de dor e sofrimento, que parece sempre tão distante desses sujeitos.

Tive também bons momentos com eles: dei risada de piadas preconceituosas sobre mulheres, nordestinos, homossexuais...assumindo que o

“o fato de ter uma convivência profunda com o grupo estudado pode contribuir para que o pesquisador ‘naturalize’ determinadas práticas e comportamentos que deveria ‘estranhar’ para compreender” (GOLDENBERG, 1997,p.59).

Buscar o distanciamento do pesquisador e, ao mesmo tempo, aumentar a capacidade de observação com os pesquisados. Etapas de uma convivência construída entre o pesquisador e seus sujeitos.

Ri muito de trapalhadas ocorridas e narradas por alguns desses sujeitos: encrencas com a polícia francesa no aeroporto, até apuros para conciliar esposa e amante, simultaneamente, na mesma cidade, por um período longo de tempo. Numa das academias observadas, de imediato ganhei a alcunha de “globo-repórter”, por me confundirem com um profissional de jornalismo. Mesmo após minhas explicações sobre o real motivo de minhas anotações, os atletas não me chamavam pelo meu nome e não tive outra alternativa, senão aprender a responder quando assim se dirigiam a mim.

Aos meus ouvidos foram revelados dramas pessoais e arrisco a dizer, universais: questões de sobrevivência, de emprego, de futuro profissional, de amor e de saúde. Várias vezes ouvi pedidos se eu não teria um amigo empresário que pudesse patrocinar algum atleta, vindo por parte desses interessados. Um desses pedintes iniciou sua fala dizendo que eu era a pessoa certa para ajudá-lo:

“- Olha só a quantidade de gente que te cumprimenta aqui na academia, tu só pode ser bem relacionado e conhecer algum empresário maneiro.”

Com alguns desses atletas compartilhei refeições e sucos de açaí, com outros, compartilhei silêncios e distanciamento. Alguns, pela trajetória de vida, ensinaram-me a entender (pretensão de quem, através de observações e anotações julga-se capaz de montar um quebra-cabeça sobre os vários sentidos da prática de *M.M.A.*) esse uso diferenciado do corpo e suas razões para isso e merecem o meu respeito. Outros, na dificuldade mútua de aproximação, fizeram-me enxergar os limites de minha atuação.

Passei um período me familiarizando com as gírias, com o nome de golpes, com os códigos aparentemente secretos dessas turmas de lutadores. Oxalá, eles se identifiquem com meus escritos no sentido de selar uma valorização e respeito mútuos. Algumas vezes fui interpelado a treinar com eles, a fazer uso de meu corpo do modo como eles fazem. Minhas respostas não fugiam de uma explicação detalhada sobre meus desvios estruturais na coluna lombar, implicando tratamentos fisioterapêuticos em longo prazo, com prejuízo das minhas práticas esportivas. Parece-me que esta resposta, além de verdadeira, soava convincente: tal convite para treinos quase nunca era repetido por quem tinha ouvido minha resposta. Como o perigo das lesões sérias ronda esses tatames, não me sentia atraído a praticar uma modalidade esportiva em que os danos físicos fazem parte da rotina. Também via outra dificuldade em começar a treinar, mesmo porque exercer essa prática de luta não fazia parte de meus objetivos imediatos: em qual das academias deveria me matricular e treinar sem desmerecer os profissionais e os alunos das outras?

Presenciei ocasiões em que, após treinos exaustivos, em que o material sintético do tatame ou do ringue estava absolutamente encharcado de tanto suor desprendido daqueles corpos em busca de superações (físicas e mentais), todos comentavam os desempenhos obtidos por essa devoção carnal aos ensinamentos e às cobranças do mestre, com resultados positivos para todo o grupo. Foram momentos de cumplicidade com aqueles corpos exauridos, em que ouvi elogios mútuos, satisfações e sonhos divididos quanto a possibilidades de futuras lutas serem agendadas e dessa forma, acontecer uma remuneração que compensasse, de certa forma, aqueles esforços. Eram situações em que o rigorismo do treino dava lugar às brincadeiras entre os lutadores, as anedotas, as fofocas do meio das lutas, as lendas dessa prática e, enquanto isso, os corpos e as mentes voltavam à calma.

Exemplo dessas situações de camaradagem eu vivenciei em dezoito de novembro de 2003, junto à equipe da Academia *ProFight Sports*, quando após o mestre ter anunciado o final do treino, todos se atiraram pelo chão do tatame. Retirei minhas meias e pisei o local sagrado a fim de ficar mais perto dos lutadores e me atirar no chão também: tinha ficado muito tempo sentado num degrau do ringue e essa postura incômoda já havia me cansado. Assim que pisei o tatame, meus pés ficaram absolutamente molhados. Compreendi que os suores daqueles atletas ficavam retidos no piso 'e.v.a.' (emborrachado) e devido à grande concentração desse líquido perdido no treino, era como se eu estivesse pisando literalmente um charco, naquelas poças feitas do que sobrou de tanta dedicação física. Também o cheiro de tanto homem suado junto era peculiar. Acrescidas a esse odor, luvas, manoplas e quimonos recém usados, estavam estendidos e dispersos nas cordas e no chão do ringue, no mesmo espaço, arejando, aumentando a sensação das fragrâncias naturais masculinas no seu estado bruto.

Antes, durante o treino tinha exercitado minha visão, meu raciocínio e minha escrita para acompanhar e traduzir para o papel a movimentação por eles empreendida. Agora, meu tato e meu olfato também faziam suas pesquisas. Então, displicentemente atirei-me ao chão, aumentando meu contato corporal com toda aquela umidade, imitando a posição em que eles, os lutadores, já estavam. Daí foi a hora de dar risadas. D. começou a contar mais uma de suas histórias sobre as várias namoradas e as peripécias em que se metia por causa delas. O grupo todo ria da narrativa, principalmente porque o lutador encenava seus percalços, utilizando seu corpo para imitar as particularidades das moças em questão.

Tal momento, entre os inúmeros em que me aproximei desse universo cultural, pode

ser melhor traduzido, segundo as palavras e as idéias de Wacquant, 2002, p. 90:

É com todos os nossos sentidos que nos convertemos pouco a pouco ao mundo do boxe (*e das lutas*) e a seus jogos; para dar toda a força a essa proposição, seria preciso poder restituir todo o conjunto de odores (a secreção assoprada com toda a força pelas narinas, o suor que flutua no ar, o fedor da prancha de abdominais, o cheiro do couro das luvas), os barulhos cadenciados dos golpes, cada aparelho com seu ruído próprio, cada exercício com a sua tonalidade(...)o galope dos pés que ressoam no chão ou que escorregam e rangem na lona do ringue, os bufados de cansaço, os assobios, chiados, assopros e gemidos, os gritos e suspiros característicos de cada atleta, e sobretudo a disposição coletiva e a sincronização dos corpos,(...)sem esquecer da temperatura, cuja variação e intensidade não são as menores das propriedades do salão. Sua combinação produz uma espécie de embriaguez sensorial, que é parte integrante da educação do aprendiz de boxeador (*etnógrafo*).

Em alguns eventos de lutas, como por exemplo o *I BRAZIL SUPER FIGHT* e o *X MECA WORLD VALE TUDO*, tive que desempenhar funções de repórter e de carregador de equipamentos, respectivamente, para poder ter acesso aos vestiários, restrito somente aos lutadores e suas equipes, driblando seguranças nem sempre tão dispostos a uma troca de idéias. Também me fiz passar novamente por repórter no *SUL COMBAT*, única condição de ser agraciado com uma credencial, que me dava livre acesso entre os vestiários e a área do ringue. Poder privar com esses sujeitos, nesses momentos de bastidores, foi fundamental para a percepção dos processos aos quais esses sujeitos submetem seus corpos nesse universo esportivo.

Essas foram algumas das particularidades reveladas na minha presença nesses territórios. Conviver com esses atletas nos seus *locus* e aproximar-me da cultura de guerreiros, além de ocasionar a minha embriaguez sensorial, possibilitou-me conhecer facetas culturais dessa prática que foram retratadas ao longo desse capítulo. Apresento, no próximo item, a descrição dos locais pesquisados.

2.2 - Ambientes culturais

As descrições que seguem, a respeito dos locais observados, pretendem revelar aspectos significativos desses cenários culturais. Os locais visitados no período de realização dessa pesquisa foram, durante o processo de imersão nesse campo, locais privilegiados onde pude tomar contato com inúmeros personagens, situações e valores que ajudaram a montar o quebra-cabeça de alguns sentidos e das lógicas condizentes com o universo esportivo das artes marciais combinadas com as técnicas de boxe. Aproximar-se desses sujeitos e de seus *habitus*, “inscritos nos corpos pelas experiências passadas” (BOURDIEU, 2001, p. 169), testemunhar suas atividades, presenciar treinamentos e desempenhos esportivos nas competições, era imperioso e mister para uma tentativa de compreensão dos processos a que os atletas submetem seus corpos, mesmo que essa compreensão fosse uma tradução subjetiva do objeto de estudo.

Minha idéia inicial era que eu procurava esportistas que submetem seus corpos para a realização de performances atléticas baseadas exclusivamente no uso da força física e na destreza desses músculos em socar, chutar, agredir, esfolar etc... um outro corpo, também preparado para essas funções. Eu já tinha certa familiaridade com essas demonstrações físicas, acompanhando na televisão eventos de lutas³⁴ nas noites de sábado. Mas era preciso: “o encontro etnográfico (na fusão de horizontes), com os corpos mesmos dos objetos da pesquisa, corpos de sujeitos sobre os quais nada sabia, ou, quem sabe, nada sei e nada saberei” (NORONHA, 1993, p.61). E esse encontro teria que se dar nos locais da prática rotineira da preparação desses atletas, em treinos e disputas, atividades em que ocorrem as construções e partilhamentos dos códigos e dos segredos desse mundo esportivo.

³⁴ A revista Bravo!, agosto/02-ano5-nº59, apresenta uma matéria, intitulada “A fúria dos homens ocos”, por Marco Frenette, em que discute alguns aspectos da popularização dessa modalidade através da programação da televisão.

Tratei de ir atrás da cultura dos lutadores, pois ela, a cultura é:

como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional, esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo (RODRIGUES, 1983, p.11).

Então, ao circular nesses espaços de ringues e tatames, estava buscando o *locus*:” no qual a cultura e a variabilidade cultural possam ser mais levadas em conta do que concebidas como capricho ou preconceito” (GEERTZ, 1989, p. 27) e, dessa forma, também a aproximação e o conhecimento sobre o *modus operandi* desses atletas. Era preciso, então, valorizar a ”idéia de que a diversidade de costumes no tempo e no espaço não é simplesmente uma questão de indumentária ou aparências, de cenários e máscaras de comediantes” (GEERTZ, 1989, p.27), mas algo construído e partilhado nesses grupos.

Tinha comigo o entendimento que uma:

concepção social do corpo humano parte da idéia de que o corpo é um constructo sócio-cultural e de que os usos e a expressão corporal, os símbolos e os excedentes resultam do processo de socialização a que todos os seres estão submetidos (NORONHA, 1993, p. 278).

A prática dessa modalidade esportiva acontece em espaços onde o corpo situa-se no centro de uma cadeia cultural muito peculiar que envolve a construção de modos de ser lutador, com suas teias de significado próprio, sendo a cultura “essas teias e a

sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (GEERTZ, 1989, p.4).

É nesses mesmos espaços que ocorre a socialização desses atletas, seja nos treinamentos em equipes ou nas competições. Em redor do corpo guerreiro, gravitam inúmeros elementos culturais peculiares desses universos, que são socializados, desde as linguagens (gírias) e as indumentárias, por exemplo, até novos golpes e posições, que serão devidamente treinados e representam mais um recurso corporal a ser apresentado no momento da performance.

Assim, de acordo com Benedetti, “começa-se a entender o corpo como integrante ativo de uma cadeia cultural, bem como suas práticas e usos diferenciados nas particularidades de cada cultura” (2000, p.10).

Com essas premissas, apresento na continuação o que considero “descrições densas”, de acordo com Geertz (1989), dos ambientes pesquisados.

ACADEMIA SUL JIU-JITSU

O primeiro espaço observado para aproximar-me formalmente dos lutadores e da prática de *M.M.A.* foi a Academia Sul Jiu-Jitsu. Nessa academia, durante o período de pesquisa, funcionou também a Federação Gaúcha de Jiu-Jitsu. É a academia mais tradicional na cidade de Porto Alegre nessa arte marcial, sendo a mais antiga e a que tem maior número de praticantes, cujo proprietário é o senhor Walter Mattos. Nessa academia cobra-se uma mensalidade de R\$ 100,00³⁵ para aulas e treinos, e é visivelmente

³⁵ Segundo tabela de valores no mês de março/2004, acrescida de uma taxa de matrícula de R\$ 20,00 para alunos novos.

freqüentada por alunos das classes altas, informação facilmente confirmada pelo estacionamento da mesma, onde a grande maioria dos carros são importados, com predileção para os jipes urbanos (*Pajeros, Cheerokes, Suzikis*, entre outros modelos).

Possui, entre seus alunos alguns campeões mundiais, destacados no campeonato mundial ocorrido no Rio de Janeiro, em julho de 2004³⁶. Entre os professores “visitantes” dessa academia, encontram-se os faixa-preta José Mario Sperry, Murilo Bustamante e Rodrigo “Minotauro”, consagrados lutadores da *Brazilian Top Team*, equipe várias vezes campeã nos torneios *Pride*, no Japão e *Ultimate Fighting Championship*, nos Estados Unidos da América, referências mundiais de *M.M.A*. A academia é freqüentemente pauta de matérias de programas de rádio e televisão locais, quando o assunto é o jiu-jitsu. O programa *Patrola*, da Rede Brasil Sul de Televisão, RBS TV, constantemente grava lá programas quando o assunto refere-se a esta prática e seu público de jovens praticantes³⁷. No período da pesquisa, foram oferecidas por essa academia também aulas de *wrestling* e de *muay thay*, técnicas de lutas amplamente praticadas entre os atletas de *M.M.A*.

Situa-se na Rua Líbero Badaró, nº 267, foi fundada em 15 de março de 1994³⁸, pelos faixa-pretas dessa arte marcial, os professores José Mário Sperry e Walter Mattos. José Mário Sperry é atualmente lutador de *M.M.A*.³⁹, além de técnico, empresário e produtor de eventos de lutas. Walter Mattos foi presidente da Federação Gaúcha de

³⁶ Entre eles, o bi-campeão mundial no peso pena, Mário Reis.

³⁷ O programa *Tele Domingo*, da RBS TV, do dia 29/02/04 fez lá uma matéria sobre aulas de jiu-jitsu gratuitas para turmas de jovens carentes da Vila Bom Jesus.

³⁸ Informação obtida em www.suljiujitsu.com.br acessado em 19/01/04.

³⁹ Em 15/02/04, lutou no Japão, no evento *Pride Bushido* e gastou 11 segundos para aplicar um nocaute em seu adversário, o norte-americano Mike Batman. Em 31/12/03, novamente no Japão, no evento *Pride*, foi derrotado por Yuki Kondo, por decisão médica, devido a um corte em seu olho esquerdo, que provocou um grande sangramento. Ambas informações foram obtidas na revista *Nocaute* # 14, de março/04. Em abril de 2000, fundou no Rio de Janeiro a equipe *Brazilian Top Team*. Em 19 de setembro de 2003, foi o promotor do *I Brazil Super Fight*, primeiro evento de *M.M.A* realizado na cidade de Porto Alegre vendido no sistema *pay-per-view* da televisão a cabo. É atualmente empresário do atleta Rodrigo “Minotauro” Nogueira, peso pesado da citada equipe.

Jiu-Jitsu no ano de 2003.

Essa academia está instalada num prédio onde funcionava antigamente uma fábrica de móveis e que sofreu algumas modificações e adaptações para abrigar a academia. É também a que conta com maior número de alunos matriculados⁴⁰. A parte do treinamento esportivo ocupa os fundos do prédio. As reformas estruturais e da infra-estrutura (construção de banheiros, bar, novas paredes internas, tatame, etc...) ficaram a cargo de um atleta, atualmente faixa-marrom, que é engenheiro civil que projetou e executou todas as modificações. O prédio conta com uma parte central dotada de um pé direito muito alto, onde está o tatame de aproximadamente 10m X 15m, coberto com lona sintética amarela com as bordas em azul. O mesmo prédio abriga na parte da frente também uma academia de musculação, de pequeno porte, equipada com esteiras, bicicletas ergométricas e demais aparelhos destinados à prática da musculação, funcionando de forma independente com administrações diversas. Há uma passagem restrita entre os dois espaços através de uma porta, que está sempre fechada, e que dá acesso ao vestiário masculino. Poucos lutadores de jiu-jitsu fazem seu treinamento de musculação nessa academia, considerada por eles como uma academia pequena, com uma quantidade mínima de aparelhos, sendo usada basicamente por moradores da redondeza. Alguns lutadores de *M.M.A.* dessa academia realizam a preparação física, devidamente acompanhados de seus preparadores, nas academias *Pro Gym* e *Top Fitness*⁴¹. Eventualmente, os proprietários da academia de

⁴⁰ Em março de 2004, segundo dados da secretária da academia, havia em torno de 150 alunos regularmente matriculados.

⁴¹ A primeira localiza-se na Av. Florêncio Ygartua, n° 64, Moinhos de Vento, com mensalidade de R\$ 150,00 para horários livres na prática de musculação. Oferece também, horários individuais para a prática de boxe, ao custo de R\$ 50,00 a hora/aula com o atleta Édison “Drago”, atualmente da equipe *ProFight Combat Team*, valores em março de 2004. A academia *Top Fitness*, considerada a mais moderna de Porto Alegre, está situada na Av. Alegrete, n° 460, Bela Vista e cobra uma mensalidade de R\$ 160,00. Nessas academias o grande destaque fica por conta dos modernos equipamentos, todos importados. A *Top Fitness* possui, além das dependências normais de academias, duas grandes salas de musculação, sendo que uma com pesos das anilhas em libras, sendo considerada por todos os lutadores observados como a melhor academia para preparação física.

musculação vêm até o espaço do tatame observar o treino ou conversar com alguns dos lutadores. As duas academias dividem também o estacionamento em cima da calçada, com espaço para dez automóveis, com duas fileiras onde ficam cinco carros. A porta de entrada da academia de jiu-jitsu originalmente era uma entrada de garagem: eventualmente, à noite, algum carro do proprietário ficava estacionado dentro da academia, no corredor que dá acesso ao tatame. Na entrada, há o balcão da recepção feito de alvenaria com cobertura de madeira, em forma de L, onde funcionam as secretarias da Federação Gaúcha de Jiu-Jitsu e da própria academia. Sobre as mesas de escritório e sobre o computador, em duas compridas prateleiras de madeira presas na parede, também dispostas em L, estão acumulados uma grande quantidade de troféus de diversos tamanhos e formatos, inclusive de competições de *M.M.A.*, inúmeras medalhas, além de placas metálicas homenageando os mestres e também, cumprimentando a academia por participações vitoriosas em competições.



Foto 1 – Secretaria da Academia Sul Jiu-Jitsu, onde se nota a grande quantidade de troféus e medalhas conquistadas pelos alunos, com destaque para um cinturão de *M. M. A.*, no centro.

Estas distinções são as provas materiais do empenho dos atletas e fazem parte da história da academia, com premiações que vão desde campeonatos internos até mundiais. Também nessas prateleiras, encontram-se diversos potes de diferentes suplementos alimentares, de marcas variadas. Atrás desses potes, apoiado na parede, um grande painel fotográfico emoldurado, onde estão dois lutadores demonstrando um golpe.



Foto 2 – Suplementos alimentares, medalhas, troféus e cenas de luta na entrada da Academia Sul Jiu-Jitsu.

Neste mesmo lado da parede, abaixo das medalheiras, estão afixados mais quadros emoldurados, de tamanhos diferentes, onde aparecem atletas disputando competições e no quadro maior, uma foto de uma luta de *M.M.A.* do lutador José Mário, junto com uma reportagem. Também emoldurados estão as certificações da faixa-preta, assinadas pelo presidente da Confederação Brasileira de jiu-jitsu. Ao lado de um armário de metal dentro da secretaria, estão pendurados um alvará de recolhimento de tributos da Fazenda Estadual, quadros de fotos de lutadores da própria academia, faixa adesiva de propaganda da equipe *Brazilian Top Team* e um grande quadro branco, onde estão destacados os preços da academia, inclusive com o valor da multa para pagamentos fora do prazo. Nessa parede, estão colados muitos adesivos

do logotipo da academia com a figura do cachorro *Bull dog*, com a boca aberta, ostentando agressiva dentição e portando no pescoço, uma coleira com pontas de metal afiadas. Ao lado do balcão de informações, normalmente encontra-se uma arara de metal, móvel, onde estão penduradas roupas (camisetas, bermudas, moletons, bonés, quimonos) da própria academia.

Sobre o balcão, normalmente são encontrados *flyers* de festas noturnas em danceterias de Porto Alegre, propagandas de suplementos energéticos, de consultórios de fisioterapeutas, de agências de viagem e o jornal Zero Hora do dia. Na parede lateral, em frente ao balcão, há mais fotos em tamanho grande, emolduradas, onde as três maiores estão dispostas próximas. A primeira reúne quatro faixas pretas da academia, no centro do tatame, tendo ao fundo, um *banner* grande, pendurado na parede, onde está destacado a figura do *Bull dog*. As outras duas, são também fotos, ampliadas em tamanho pôster, de encontros de confraternização de entrega de faixas de final de ano: uma foi feita numa churrascaria típica de Porto Alegre, identificável pela decoração tradicional desses lugares, e a outra, no próprio tatame. Em ambas, aparecem muitos atletas, professores e os mestres, proprietários da academia. Todos se mostram sorridentes, trajando roupas sociais, num momento festivo do grande grupo.

Passando a porta do vestiário masculino, nessa mesma parede estão penduradas mais doze fotos emolduradas em tamanho pôster do lutador José Mário Sperry em torneios de *M.M.A.* disputados em países como a Austrália, Estados Unidos e Japão, bem como capas de revistas especializadas, onde aparece esse atleta.



Foto 3 - Corredor da academia, onde estão emolduradas matérias e capas de revistas com lutadores de *M.M.A.*, com destaque para o atleta Sperry.

A disposição dos elementos constituintes desse cenário, conforme os termos de Goffman (1989) não é por acaso, mas dá esclarecimentos sobre onde se está. Assim, por esses arranjos nesses cenários das academias, pode-se constatar que:

a academia constitui uma espécie de templo do culto pugilístico, pela presença, nas paredes, dos grandes lutadores do passado e contemporâneos aos quais os jogadores ainda não-maduros do ginásio votam um culto seletivo, mas tenaz. Os campeões demonstram, de fato, in vivo, as virtudes mais elevadas da profissão (coragem, força, destreza, tenacidade, inteligência, ferocidade) e encarnam as diversas formas de excelência pugilística. (WACQUANT, 2002, p.53)

Dessa forma, essa galeria da fama, disposta em outras paredes e verificada também nos outros espaços pesquisados, tem a função de indicar expoentes de sucesso na modalidade, do próprio grupo e na maioria das vezes, atuantes na prática. Há ainda afixado na parede, um *banner* de aproximadamente 1m por 1m onde está destacado o lutador Marcelo “Grilo”⁴² Alfaya, momentos antes de o juiz anunciá-lo como vencedor no *I Brazil Super Fight*, realizado em setembro de 2003 em Porto Alegre. Por sobre esse *banner*, foi afixado o logotipo da academia.

⁴² Esse lutador iniciou sua carreira no jiu-jitsu, vinculado a essa academia. Mudou-se para treinar e competir no Rio de Janeiro pela *Brazilian Top Team* em 2002, visando à profissionalização no *M.M.A.* Desde então, tem aparecido no cenário nacional e internacional com certa frequência. É considerado “prata da casa”. Lutou em 27 de fevereiro/04, na Suíça, quando venceu a Pierre Guillet, conforme reportagem na Revista Tatame#98, abril/2004.



Foto 4 - Banner do atleta “Prata da Casa” no evento *Brazil Super Fight*.

Essa quantidade de mensagens através dessas imagens só não foi verificada no centro de treinamento, descrito nesse capítulo, muito provavelmente porque desde sua abertura, em setembro de 2003, ainda está num processo de alterações no espaço físico, e as fotos de atletas e de competições não tiveram ainda a devida atenção para ocuparem painéis.

De qualquer maneira, com a exceção do centro de treinamento:

menos que o número de imagens, é mais a forma como elas estão arrumadas que dá toda força e significado a essa espécie de iconografia profana espontânea. É notável que cada “grupo” de pôsteres compreenda uma ou várias fotos de campeões no momento da ação, colocados no mais das vezes, por cima de anúncios de combates regionais. Esse “sintagma”, essa proximidade física, sugere uma associação, um laço quase genealógico entre os pugilistas (*lutadores*) locais, que combatem em troca de um dinheiro irrisório nas noitadas da região, e os supercampeões(...). Assim, dá-se concretamente a idéia de uma grande “cadeia do ser pugilístico” (*lutador*): haveria continuidade, desde o recruta anônimo do mais modesto dos clubes até a estrela internacional, treinada sob vigilância informática e médica de ponta e da qual somente o nome basta para fazer circular correntes de dólares (WACQUANT, 2002, p. 54).

Ao entrar no vestiário, encontra-se um recinto com dois bancos compridos de madeira com pintura descascada, armários de metal com divisórias sem chaves e um espelho de pé, bastante danificado, que fica apoiado numa cadeira plástica. Ao lado, há um mictório individual de parede, isolado de um vaso sanitário por uma divisória de madeira e um box com três chuveiros, cujas paredes e piso são de lajotas, diferente do vestiário cujo piso é cimento queimado já descascado.

Na frente do acesso ao vestiário, isolado da recepção por uma parede de tijolos, está o bar da academia, composto de um balcão comprido de madeira. Do lado do corredor que leva ao tatame estão colocados três conjuntos de mesas e cadeiras plásticas brancas, embaixo de pôsteres já comentados. O bar possui um *freezer* com porta de vidro, e outro com abertura horizontal, onde estão estocados energéticos de diversas marcas, refrescos a base de guaraná, água mineral, garrafas pequenas de suco de frutas e polpa de açaí acondicionada em recipientes plásticos com tampa. Ao lado, está a pia de inox com armário embutido embaixo, fogão e uma geladeira. Na parede sob a pia, estão afixadas placas plásticas grandes na cor amarelo, que servem como um cardápio das opções servidas ali, com os preços cobrados, com destaque para sucos de açaí e açaí na tigela, além de sanduíches feitos na hora, denominados como “marrento”⁴³, “tigrão”, “acompanhado”, “dominado”, variações com peito de frango ou peru e presunto magro. Há também descrições de almoços *light*, com massas e peito de frango grelhado, sem nomes especiais. Por sobre o balcão do bar, um mostruário de vidro oferece barras de cereal encontráveis no mercado e de outro tipo, artesanal, em pacotes de papel alumínio. Ao lado da pia, está a geladeira e sobre esta, um forno elétrico, usado para o preparo dos sanduíches quentes.

⁴³ “Marra” é um adjetivo bastante usado para designar alguém “mascarado”, falso, repulsivo e até não confiável. “Marrento”, então, seria um lutador a ser batido e desmascarado.



Foto 5 - Bar da academia onde carro chefe do cardápio é o açaí e suas variações: suco e na tigela.

Terminado esse corredor, chega-se à parte central do prédio, onde está o tatame ocupando uma grande área livre, numa posição de destaque. Na parede menor, há um quadro grande, forrado de feltro verde, onde estão afixadas, por meio de percevejos, muitas fotos de vários atletas em várias situações; em competições no tatame, no pódio, em concentrações, grupo de atletas na praia, atletas com acompanhantes mulheres na assistência de lutas, atletas em pontos turísticos de cidades como o Rio de Janeiro e Florianópolis. Também é destacada a presença de fotos de atletas ao lado de lutadores consagrados mundialmente, entre eles, José Mário Sperry, Ricardo Arona e Murilo Bustamante. Havia também um recorte de jornal já amarelado pelo tempo, onde à caneta, foram colocados nomes de atletas por sobre guerrilheiros do grupo terrorista *Al Qaeda*. A colocação de fotos pessoais nesse painel não sofre qualquer censura.

Coloquei uma foto onde apareço ao lado de Rodrigo “Minotauro” Nogueira na minha terceira semana de observação naquele espaço, no sentido de afirmar àquele grupo que, de certa forma, eu já apresentava uma familiaridade com os lutadores de *M.M.A*. No tatame, a lona amarela com borda azul foi esticada sob raspas de pneus, material

usualmente aproveitado por garantir algum conforto nas quedas e em outros golpes dessa prática. Com uma altura de aproximadamente dez centímetros e delimitado por ripas de madeira, esse tatame construído sobre esse material alternativo, substitui com eficiência os tradicionais tatames feitos de palha de arroz, mais rígidos, que são conhecidos na forma de colchonetes individuais. Em todas as quatro paredes que cercam o tatame, estão fixadas tábuas compridas por sobre tijolos, servindo de bancos, onde todos sentam para acompanhar a movimentação que ocorre durante os treinos. Como o pé direito da sala é muito alto, o sistema de iluminação é feito por seis canaletas de lâmpadas fluorescentes duplas, que ficam suspensas na estrutura do telhado por correntes metálicas. Há janelas laterais altas, com basculantes, que garantem uma claridade natural durante o dia. Na parede do fundo do tatame, está preso um grande *banner* com a mascote da academia e lê-se a seguinte inscrição: “Competir é bom, mas ganhar é melhor ainda. Venha treinar com os campeões” e logo abaixo, está o número do telefone da academia.



Foto 6 – Parede do fundo da sala do tatame, onde se destaca o *banner*.

Ao lado desse símbolo, está preso na parede um cabideiro comprido de madeira, com oito suportes para a colocação de quimonos. Em cima dessa peça, estão afixadas por meio de adesivos as palavras *Mestres* e *Instrutores*, mostrando a divisão das funções e o local correspondente para arejar a indumentária dos treinos.



Foto 7 - Treino de jiu-jitsu com atletas treinando *submission* (sem quimono, em segundo plano)

Na lateral do tatame, há uma sala, com porta chaveada, funcionando como depósito de roupas (camisetas da própria academia, de eventos de luta, da equipe carioca *Brazilian Top Team*, calções, bermudões com nomes de lutadores cariocas, sungas para a prática de *M.M.A.*, quimonos, mochilas) vendidas na própria recepção. Ao lado, há uma sala pequena, de aproximadamente 3m X 8m, utilizada para treinos, onde estão abandonados armários de metal já sem uso. Nessa sala, o piso é frio (lajotas) e estão empilhadas muitas peças de tatame em *e.v.a.*⁴⁴ em cor azul, que são encaixadas, formando um tatame usado nos treinos de boxe e boxe tailandês (*Muay Thai*) ou, eventualmente, para

⁴⁴ *E.v.a.* é um material sintético, emborrachado, com placas de espessura de 2 a 5 cm, com tamanhos variando entre 60cm e 80cm que se encaixam através de recortes no formato de dentes, formando módulos de tatame.

alguma dupla de atletas executar posições de jiu-jitsu. Também fica suspenso em uma viga de madeira, por meio de corda de nylon, um grande saco de areia, revestido por um material sintético, para treinos de chutes e de socos, que pode ser facilmente removido através de um encaixe metálico, permitindo maior movimentação no espaço. Na outra parede lateral ao tatame, existe um banheiro, normalmente usado somente pelos mestres (detentores da faixa-preta nessa arte marcial) e pelas alunas praticantes de jiu-jitsu⁴⁵, que não possuem um vestiário exclusivo. Esta particularidade encontra-se devidamente sinalizada num cartaz afixado na porta do banheiro.

ACADEMIA BOXER BRAZILIAN JIU-JITSU



Foto 8 - Banner da academia *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu*.

A Academia *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu* está localizada na Av. Coronel Massot, nº 167, Bairro Cristal. Em vinte e nove de abril de 2003, iniciei minhas observações e registros naquele espaço. É uma academia menor, mais modesta e popular, se for

⁴⁵ Durante o período de pesquisa, foi observada a presença de cerca de dez atletas do sexo feminino praticando jiu-jitsu.

comparada com a Academia Sul Jiu-Jitsu, com cerca de oitenta alunos regularmente matriculados para a prática de jiu-jitsu⁴⁶, e oferece na sua grade de atividades, aulas de *muay thai*, boxe particular e capoeira, com valores independentes e diferenciados.

O proprietário, mestre Fabiano Gonçalves Doca Montes, conhecido no círculo das lutas pela alcunha de *Boxer*, devido a sua iniciação esportiva ter se dado no campo do boxe, é faixa-preta em jiu-jitsu, professor particular de boxe, *personal trainer*, ex-lutador profissional e atualmente treinador de *M.M.A.* da *GARRA TEAM*. Construiu parte do seu currículo com treinos em São Paulo e nos Estados Unidos, onde tentou uma carreira internacional, sem maiores repercussões. Dedicou-se a treinar atletas de sua recém formada equipe de *M.M.A.*, sendo um deles morador na cidade de Bento Gonçalves que, em época de competições, vem regularmente duas vezes por semana para os treinos em Porto Alegre. A última atuação dessa equipe deu-se em três de julho de 2004, no *ProFight Fighting Championship*, em Porto Alegre, quando três atletas participaram do evento. O estacionamento na rua não desperta a atenção pelo pequeno número de veículos dos alunos e também por serem modelos populares. Normalmente os atletas de *M.M.A.* realizam seus treinamentos junto com os demais alunos da academia, durante as aulas de jiu-jitsu e de *muay thai*.

Durante o mês de maio de 2003, esse estabelecimento passou por uma reforma para a ampliação de seu tatame de treinamento. Acompanhei a etapa da construção do tatame novo a partir da destruição do antigo. Todo o serviço de pedreiro foi executado por um atleta, faixa-roxa de jiu-jitsu, que é pedreiro por profissão. O mesmo literalmente botou abaixo as paredes da sala antiga e edificou uma nova, com um tatame ocupando

⁴⁶ Conforme dados obtidos com a secretária em março de 2004. O custo da mensalidade de jiu-jitsu é de R\$ 90,00 e não há cobrança de taxa de matrícula.

duas vezes o espaço antigo. As demais dependências (recepção, bar, banheiro, vestiário) também foram reformadas pelo mesmo profissional. Na entrada da academia, está localizada a recepção, atrás de um balcão de alvenaria construído durante a citada reforma, onde fica a mesa da secretária. Em cima desse balcão, normalmente são encontrados *folders* de suplementos alimentares, de uma escola de natação do bairro e propaganda de uma loja especializada em quimono e sungas para lutadores. Ao lado, funciona o bar, com pia, forno de micro-ondas instalado numa prateleira de parede, geladeira e *freezer* vertical, com porta transparente, onde ficam estocados água mineral, energéticos, sucos de fruta engarrafados e polpa de açaí acondicionadas em utensílios plásticos com tampas.

Fixado na parede atrás da mesa e da cadeira da secretária, está localizado um quadro de vidro grande, com 1,5m por 1m, forrado com feltro azul marinho, fechado à chave, onde ficam penduradas medalhas e troféus dos atletas da academia.



Foto 9 - Quadro de medalhas e troféus de atletas da academia *Boxer*.

Na parede em frente da secretaria e do bar, estão mesas feitas de tijolos, fixadas na própria parede, com cobertura de madeira, rodeadas de bancos, no total de quatro

mesas. Nessa mesma parede, num painel, há fotografias do proprietário e de atletas da academia em lutas, em poses ao lado de atletas do eixo Rio-São Paulo-Curitiba, bem como quadros emoldurados dos lutadores da equipe, constituindo assim o que já chamei de galeria da fama, na descrição anterior.



Foto 10 - Corredor da academia com fotos de eventos de lutas e dos lutadores.

Estão espalhados nessa parede alguns cartazes de lutas todos devidamente emoldurados. Estão também emolduradas duas matérias jornalísticas feitas com o lutador Fabiano *Boxer*, pelo jornal Zero Hora, em fevereiro de 1997, quando o mesmo disputou uma competição de Vale Tudo, durante o Planeta Atlântida, na praia de mesmo nome, no litoral gaúcho. Há, ao lado destes quadros, mais um painel de fotos, onde aparece destacado esse mesmo atleta em diversas situações esportivas e familiares, inclusive ao lado de sua filha, na época criança com um ano, já ostentando um quimono infantil. Todo o espaço dessa academia está pintado em cor branca, inclusive a sala do tatame, que fica nos fundos.

Passando-se por estes espaços, há um corredor cuja porta dá acesso à sala do tatame, com um banheiro localizado antes da mesma. Na entrada, há uma estante

metálica com seis prateleiras, onde os atletas colocam seus pertences e está um som *micro-sistem* que, eventualmente, fica ligado durante os treinos de jiu-jitsu e de *M.M.A.* O espaço é grande, ocupa toda esta nova sala construída, com aproximadamente 9m X 9m, com um pilar de sustentação, resquício da antiga sala, no centro do tatame. No pilar são afixados extensores de elásticos, que são presos em duas paredes, formando assim um espaço de ringue, usado para os treinos específicos de *M.M.A.*, que ocorrem basicamente durante as aulas de jiu-jitsu, isolando assim essa parte do tatame para essa atividade. Este tatame também foi construído sobre raspas de pneus e com uma lona plástica azul, na parte central e lona plástica amarela, nas laterais, esticadas, ficando ao mesmo nível do corredor.

Estão aplicados sobre a lona azul os nomes de alguns patrocinadores da reforma da academia: Tchê Barbaridade, Lz Farmácias e Avelline Advogados. Nas paredes laterais há uma proteção de lona azul até a altura de 1m, partindo do solo, com algum estofamento, a fim de proteger os atletas de algum contato mais traumático com as paredes. Essa proteção reveste toda a sala. O restante das paredes está na cor branca e foram pintados os logotipos de mais patrocinadores: Tchê Barbaridade, LZ Farmácias, HD Sport Center, Aveline, Oliveira, Borges e Franco Advogados, Luiz Henrique Passon – Incorporadora e Construtura, Pizzas E, *American Pit Bull Gym* e Grupo Capoeirarte. Há ainda, numa parede onde estão localizadas três janelas, frases em agradecimentos especiais a apoiadores. São elas: “Investindo no nosso presente construindo o nosso futuro valeu Kadu!” e “*Thank you yellow cab number NYC 5838. Obrigado Guinho.*”⁴⁷

⁴⁷ Ambas as frases foram copiadas mantendo-se a forma original, sem cuidado com a pontuação.



Foto 11 – Visão parcial do espaço de treino da academia Boxer.

Na parede que fica nos fundos, está a identificação: *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu* e as seguintes palavras escritas uma abaixo da outra, nessa ordem: Honra, Moral, Lealdade, Respeito ao próximo. Na outra parede lateral, lê-se *Vovô Garoto Power Team-Boxer Brazilian Jiu-Jitsu – POA/RS*, escrito dentro de um círculo, onde está desenhada a figura de um velho, com uma grande barba branca, trajando um quimono.



Foto 12 - Treino de *M.M.A.* no tatame da academia Boxer, com destaque aos lemas escritos na parede.

Na viga central da sala, dando nome ao *dojo*⁴⁸, está escrito o nome Esaú Queiroz, o atleta-pedreiro. Os tênis, sapatos e sandálias dos atletas que estão treinando ficam amontoados por sobre o tatame. O espaço do tatame consta com cinco janelas, duas na parede contígua à porta da entrada, três na parede ao lado, feitas de estruturas de madeira com plástico esticado: devido ao sol e à chuva, este material já apresenta considerável desgaste. A iluminação é feita com oito lâmpadas fluorescentes, dispostas individualmente pela sala, presas ao telhado de zinco, sem forro, com pé direito baixo. Na viga principal de sustentação do telhado, bem no centro da sala, fica o encaixe para prender um saco de areia grande, de material sintético vermelho, que, quando não está sendo usado para treinos de chutes e socos, serve de travesseiro para muitos lutadores que ficam deitados ou encostados nele.



Foto 13 - Atleta exercitando-se no saco de areia.

Há também quimonos do mestre, espalhados pelos cantos da sala, bem como luvas de boxe, joelheiras, sacos de areia, cotoveleiras de neopreme jogadas no chão, indicando que, além do jiu-jitsu, outras práticas relacionadas à formação de atletas de *M.M.A.* têm seu espaço nessa academia.

⁴⁸ A palavra *dojo* refere-se a sala onde estão colocados os tatames.

ACADEMIA PROFIGHT SPORTS

O *ProFight Sports* – Centro de Treinamento, localizado na Av. Assis Brasil, 463, no Bairro Passo d'Areia, foi inaugurado em dezessete de setembro de 2003. É oriundo da Academia *ProFight Jiu-Jitsu*, do lutador profissional Luis Brito, que ficava localizada no Bairro Boa Vista. Esse atleta, além de faixa-preta em jiu-jitsu, é também o responsável pelo treinamento técnico da sua equipe, que contava com quatro atletas na categoria competitiva, no final da pesquisa. Estava também preparando mais cinco atletas para ingressarem no circuito de lutas profissionais que, por enquanto, formam uma espécie de equipe secundária. As dependências do centro de treinamento são novas: o imóvel alugado é uma construção recente. Na entrada da academia, há o balcão de informações, feito em alumínio escovado, onde estão localizados computador e material de escritório. Atrás da mesa da secretária, fica uma arara metálica com rodinhas, onde estão pendurados produtos com logotipo da academia, como camisetas, bermudas e sungas, que são vendidos pela própria secretária.



Foto 14 - Recepção da academia *Profight*, com camisetas à venda na arara atrás do balcão e sala de musculação ao fundo.

Normalmente, em cima do mesmo, estão distribuídos *flyers* de festas em danceterias locais, propagandas de restaurante da região, de lojas de suplementos alimentares e números antigos de revistas de lutas. Há uma roleta eletrônica no acesso à academia: só passa quem está com a tarja magnética e em dia com os pagamentos. Os preços são bem variados, porque, além da tabela específica para musculação, há diferenças de acordo com a modalidade de luta que se deseja frequentar. Encontrei nesse espaço a prática de *M.M.A.* oferecida como modalidade esportiva, ao custo de R\$ 200,00 mensais⁴⁹, disponível ao interessado a pagar essa importância.



Figura 1 - Folder do Centro de Treinamento, em que a prática de *M. M. A.* é oferecida como mais uma modalidade esportiva.

⁴⁹ Demais modalidades e preços: musculação R\$ 65,00, jiu-jitsu R\$ 100,00, boxe R\$ 70,00, muay-thai R\$ 70,00 e capoeira R\$ 65,00. Preços em março de 2004.

Antes da roleta, está a porta que conduz para o vestiário feminino. Entrando-se na academia, há a sala de musculação, com aparelhos novos, as paredes pintadas em amarelo claro e piso emborrachado preto.



Foto 15 - Equipamentos de musculação da academia.

No fundo da sala, na parede que limita o vestiário masculino, há um grande espelho, na frente do aparelho em que se trabalham membros superiores e costas. A aparelhagem, nova, ocupa a sala que mede, aproximadamente, 8m X 10m. São ao todo vinte aparelhos, onde é possível o trabalho de todos os principais grupos musculares do corpo e os mesmos ficam distribuídos pelos grupamentos musculares a serem trabalhados: assim, equipamentos para exercícios de pernas, ficam na entrada. Equipamentos para trabalhar braços, ficam perto da entrada do vestiário masculino, com os outros aparelhos também distribuídos pelo grupo muscular no espaço. Numa das paredes está um Atlas de anatomia, identificando os músculos e os exercícios correspondentes para trabalhá-los. Logo na entrada, há uma escada metálica pintada também em amarelo, que leva ao andar superior, onde estão as bicicletas ergométricas e esteiras numa sala com televisão.

Abaixo dessa escada, funciona um pequeno bar ostentando um balcão refrigerado, onde ficam armazenados diversos produtos. Entre eles, água mineral, bebidas isotônicas como *gatorade* em diversos sabores, refrigerantes *diet* e normais, e sucos de frutas em lata e bebidas à base de guaraná. Ainda embaixo da escada, está instalada uma torneira numa pia inox com uma cuba, usada para fazer vitaminas de frutas e misturas com suplementos. Sobre o balcão, há uma estufa elétrica, onde ficam à mostra diversos salgados como empadas e folheados e também diferentes barras de cereais.

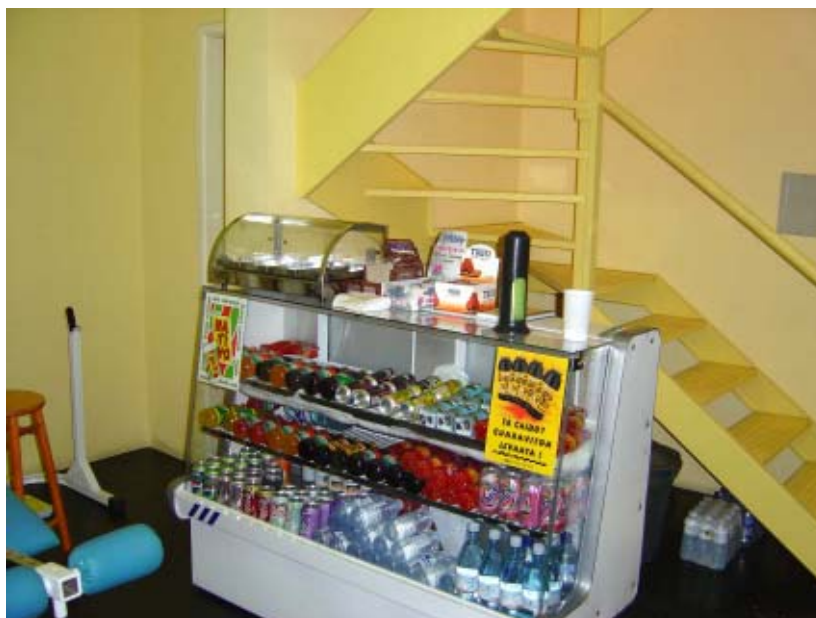


Foto 16 - Bar da academia, com a escada que leva a sala das bicicletas ergométrica.

Na sala, os pesos e as anilhas estão espalhados pelo chão: os avisos de desmontar os halteres e colocá-los no lugar correspondente na maioria das vezes não é atendido. Há uma porta que leva ao espaço do tatame, onde também está localizado o ringue. Na entrada dessa sala, existe uma escada metálica em caracol, que leva ao escritório dos proprietários da academia, onde existe mais um computador e conjunto de mesas e cadeiras, com um banheiro privativo. É nessa sala que ficam os diversos troféus e medalhas da equipe, por enquanto pendurados nas paredes, sem qualquer ordem ou preocupação com a visibilidade dos mesmos. Há alguns troféus de tamanhos maiores que estão dispostos pelo chão.

O ringue tem as dimensões de 4m X 4,60m, e fica elevado a uma altura de 70cm. Foi construído sobre uma estrutura de madeira e aproveitando essa altura foi construído um depósito abaixo do ringue, com duas pequenas aberturas que servem para guardar materiais: em um são armazenados material de treino, como quimonos, sacos de areia para treinos de boxe, luvas e joelheiras. No outro depósito, está o material de limpeza: baldes plásticos, produtos sanitários, esfregões, esponjas etc... Essas aberturas normalmente passam despercebidas porque foi colocado um banco comprido de madeira com seis lugares em frente a elas. Uma escada de três degraus, feita em metal, dá acesso ao ringue, obrigando a pessoa a esgueirar-se por entre as cordas até alcançá-lo. O piso do ringue é revestido por placas de e.v.a com cinco centímetros de altura, na cor verde, em módulos encaixados através de recortes imitando dentes. Cinco cordas (cabo de aço revestido por borracha) unem os pilares de ferro fixados nos quatro cantos, com uma distância de 30 centímetros entre elas.



Foto 17 - Ringue com 4m x 4,60m e altura de 60cm, onde ocorrem os treinos de *M.M.A.*, boxe e *muay thai*.

No chão do ringue, espalhados perto da parede, normalmente ficam pares de luvas de boxe, protetores de genitália, tornozeleiras, cotoveleiras, joelheiras, protetores

de canela, todos em material neoprene, e aparelhos de manopla⁵⁰.



Foto 18 - Material de treino como luvas, manoplas e joelheiras, espalhados no ringue.

A iluminação se dá através de duas lâmpadas de mercúrio, suspensas sobre o ringue. Um dos *corners* está pintado de azul; o oposto, de vermelho, seguindo as cores usadas oficialmente nos torneios japoneses. Dois suportes com ganchos estão pendurados na estrutura metálica do telhado através de cordas de *nylon*, para sacos de areia, usados em treinos de boxe e boxe tailandês que ocorrem dentro do ringue. Na parede do fundo, há duas janelas basculantes, que garantem claridade e circulação de ar mínimas ao espaço. Ao lado do ringue, foi montado o tatame, também com estrutura de *e.v.a* também com cinco centímetros de altura, com placas verdes na parte central, sendo as bordas de cor amarela. Para melhor aproveitamento do espaço, esse mesmo revestimento também está fixado na parede, no sentido vertical, para impedir que, durante algum treino com maior movimentação, os atletas choquem-se com a mesma, numa proteção que alcança a altura de 80 centímetros.

⁵⁰ Manoplas são instrumentos de formas diversas e servem para proteção, revestidos de couro sintético, resistentes, usados para treinamentos de golpes, sendo acolchoados por dentro. Assim, a manopla de mão serve para o atleta exercitar seus golpes de soco batendo nela. A manopla de coxa, protege a coxa que é atingida pelo chute do atleta que está treinando a potência de seus golpes.

Contornando o espaço do tatame, há na parede um apoio de madeira que prende essas placas de e.v.a de sentido vertical. Sobre este madeiramento, é comum serem encontradas garrafas de água mineral, embalagens plásticas individuais de suplementos, de protetores bucais, de relógios, celulares, anéis, correntes de pescoço, carteiras e pequenas toalhas dos atletas. O tatame tem aproximadamente 6m X 9m e está limitado por três paredes, todas pintadas de amarelo, como a sala da musculação.



Foto 19 – Detalhe do tatame *ProFight*, com atividade de jiu-jitsu, onde também ocorrem treinos de *wrestling*, *muay thai* e *M.M.A.*

Na outra extremidade, na parte que está próxima ao ringue, dois grandes sacos de areia atravessados no chão, usados para treinos de boxe, delimitam onde termina a área do treino. A iluminação no tatame é feita com quatro lâmpadas de mercúrio e sobre o ringue, estão colocadas mais duas dessas mesmas lâmpadas. Na parede que liga o ringue ao tatame, está afixado um grande espelho, que mede 1,80m X 2,00m usado principalmente como recurso didático para correção de golpes. Normalmente, os atletas deixam seus pertences, bolsas, sacolas, mochilas junto ao espelho, jogados no chão, desconsiderando os avisos na parede para não se deixar nada naquele espaço. Nessa mesma parede, estão afixados dois distintivos da Equipe *ProFight Jiu-Jitsu* Luís

Brito, em tamanho grande. Trata-se de uma águia marrom, estilizada, com as asas abertas contra um fundo vermelho, de formato circular com aproximadamente 70 centímetros de circunferência.



Foto 20 - Logotipo da Academia Profight Sports

A descrição detalhada destes espaços de lutas justifica-se porque neles são construídos os corpos dos lutadores. Ou seja, é nestes ambientes que são realizados diversos investimentos nos corpos dos lutadores, como as preparações físicas e técnicas para as disputas que resultam numa musculatura arduamente trabalhada, essencial para proteger o corpo do lutador dos golpes do oponente e, também, para invocar uma superioridade corporal, usada como intimidação ao opositor.

O relato de um dos sujeitos deste trabalho, referindo-se ao contato visual com o adversário, quando ambos já estão posicionados no ringue, momentos antes de ser iniciado o combate, traduz essa idéia:

“-Eu olho só uma vez para o cara, prá reconhecer. Se eu vejo que ele é maior, muito maior do que eu (em relação ao tamanho do corpo, ao volume dos músculos) eu

baixo a cabeça e procuro não ficar encarando, mas não fico com medo não. Mas se eu vejo que ele é do meu porte, do meu tamanho, ou menor do que eu, daí sim, eu encaro. Eu fixo na cara dele e fico encarando. Eu fuzilo ele com o olhar. Sabe como é, tem que agir no psicológico dele também. Ele tem que sentir que eu sou mais forte do que ele, pra eu já entrar com moral na hora do pau". (Fala de U., registrada em 20/01/04, na Academia ProFight Sports.)

É, portanto, nesses espaços que se dão os investimentos pessoal e coletivo, porque tanto a prática, quanto o aprendizado de quaisquer técnicas de lutas se dá unicamente no grupo e precisa do mesmo para poder ser comparado, medido e evoluído. Assim, de acordo com Wacquant nas suas análises sobre o "ofício do boxe", pode-se entender também a prática de *M.M.A.*, a luta, como:

...um esporte individual, certamente um dos mais individuais de todos, de vez que põe fisicamente em jogo – e em perigo – apenas o corpo do lutador, cuja aprendizagem adequada, contudo, é acentuadamente coletiva, sobretudo porque supõe a crença no jogo que, como todo jogo de linguagem, segundo Ludwig Wittgenstein, só nasce e perdura no e pelo grupo que ela define, por sua vez, segundo um processo circular (2002, p.34).

O atleta precisa do seu corpo e dos corpos de seus companheiros de treinos para a aprendizagem e a evolução das técnicas, dos golpes, dos movimentos que compõem o seu repertório de ações a serem requisitadas numa apresentação. O elo entre os outros membros de sua equipe é sempre valorizado e incentivado. Em alguns treinos observados, após sessões de exercícios físicos mais extenuantes e cuja fala final do mestre ou professor tinha sido elogiosa em relação à continuidade e à qualidade do trabalho proposto, o grupo, a equipe reunia-se no centro do tatame e, de mãos dadas, gritava o nome da academia, numa comunhão de ideais, forças, resistências e objetivos: *construírem-se mutuamente como lutadores.*

Esses locais de treinos, carregados de significados e difusores da identidade social dos lutadores, propaga a sua cultura. Ou seja, nesses ambientes de lutas há todo o aparato cultural-social-funcional necessário para a formatação do lutador. É nos contínuos treinos e nas variadas sessões de preparação física, que ocorrem nas academias de lutas, que vai-se formatando o corpo e o espírito do guerreiro: o refinamento da força física é mesclado com o desenvolvimento das técnicas de lutas e a construção dos planos, das estratégias a serem aplicadas nos confrontos.

Nesse sentido, as academias observadas, tanto quanto o *gym*, descrito por Wacquant, configuram-se como:

também, uma escola de moralidade, no sentido durkheimiano, isto é, uma máquina de fabricar o espírito de disciplina, a ligação como o grupo, o respeito ao outro, assim como a si mesmo, e a autonomia da vontade, todos indispensáveis à eclosão da vocação pugilística (2002, p.32).

A observação a seguir, feita na Academia Sul Jiu-Jitsu em vinte e seis de fevereiro de 2003, corrobora com essa interpretação. Nesse dia, o mestre F. ficou controlando a execução de abdominais e quem estava sem a faixa devidamente presa à cintura, foi obrigado a doar oitenta flexões (apoio) para o grupo. Na hora do exercício do punho, aquecimento, um atleta que se moveu obrigou o grupo todo a reiniciar do zero, recebendo xingamentos dos que estavam no círculo. O mestre deu relhada (faixada) em dois atletas que estavam matando os exercícios, mas dessa vez, não foi muito forte e nem tão barulhenta. Ficou com a sua faixa na mão, rondando o círculo, testando a firmeza dos atletas:

“-Vamos segurar, quero ver raça!”.

Deslocava-se no círculo, ameaçando:

“-Onde estão os machos da academia? Quero ver segurarem a posição. Se cair um, todo mundo começa tudo do zero novamente! Raça, força aí, galera! Se não segurarem um minuto, começa tudo do zero”.

Ou seja, é perante o seu grupo de companheiros de equipe que os lutadores são testados continuamente nas academias, física e mentalmente. O subir ao ringue exige o preparo físico e mental desenvolvido a partir das situações de treinos junto à equipe.

Por isso, a:

”cultura” do boxeador (e do lutador de M.M.A.) não é feita de uma soma finita de informações discretas, de noções transmissíveis pela palavra e por modelos normativos que existiriam independentemente de sua operacionalização, mas de um complexo difuso de posições e de gestos que, continuamente (re)produzidos pelo e no próprio funcionamento do gym (e das academias), só existem, por assim dizer, em atos e no traço que esses deixam nos (e sobre os) corpos (WACQUANT, 2002, p.78).

É nesses espaços de treinos e de socializações que ocorrem as diversas trocas simbólicas entre os sujeitos. E também, outras trocas nem tão simbólicas: trocas de golpes como socos, joelhadas, chutes, pisadas etc...entre os praticantes e com o mesmo objetivo: construir uma carreira vitoriosa nessa profissão – lutador - e ser devidamente recompensado pelos esforços e investimentos despendidos. Mas também essas academias são espaços e lugares de cumplicidade, de valorização, de admiração e de apoio entre os lutadores, que reforçam os laços dessa confraria viril. Num desses espaços, no painel de avisos, havia uma série de mensagens escritas com pincel

atômico, numa folha de cartolina, endereçadas ao lutador daquele grupo, que iria enfrentar um adversário, cujo apelido é “Macaco”, uma espécie peculiar de um painel desejando boa sorte. Copiei no dia dezessete de dezembro de 2003 as seguintes frases, mantendo a escrita original, e as mesmas foram mostradas ao atleta na véspera de sua viagem rumo à cidade onde, três dias depois, faria a sua apresentação: *“Quem gosta de macaco é a xita, meu irmão. Mete a porrada nele! A.”*, *“Monkey is the dead. Do amigo e acessor T”*. *“Garra, coragem, determinação. C.”*, *“Valeu, campeão. Mete a porrada nesse mane. Sorte e força amigo”*, *“Se procurar uma mão disposta a te ajudar, tu a encontraras no final do teu braço”*, *“O papo é reto! Tamo junto. Detona esse chimpanzé. Abraço irmão.”*, *“Sentir piedade de um ser humano (macaco) é conduzi-lo a destruição. Mete a porrada”*, *“Tamos juntos, olho no olho. Porrada nele”*, *“Os loucos não pensam agem O pensamento é como sonho já realidade é ação. Muita ação e sucesso”*, *“Convicção, persistência e muita porrada”*, *“Derruba esse macaco do galho. Porrada nele”*, *“Deus prometeu a vitória mas não dispensou a luta”*.

Essa maneira de se construir um lutador está completamente impregnada nesses ambientes físicos e é extremamente peculiar, tal como descreve Wacquant (2002, p. 32), pois:

o gym (a academia de luta) é essa forja em que se modela o pugilista (o lutador), a oficina em que se fabrica esse corpo-arma e armadura que ele se apressa por lançar em confronto no ringue, o cadinho em que são polidas as habilidades técnicas e os saberes estratégicos, cuja delicada união faz o lutador acabado.

Sente-se nas academias de lutas, além do cheiro característico e forte do suor dos lutadores, que impregna quimonos, sungas, camisetas e tatames, também a

excitação provocada por treinos ou disputas, quando os atletas confrontam-se fisicamente, numa disputa de técnica, de força, de resistência e de estratégia.

Para tornar-se um atleta de *M.M.A.* o lutador precisa construir em si, no corpo e na mente, os diversos signos de pertencimento a essa categoria esportiva-cultural. A aquisição dessas características culturais peculiares dá-se no grupo de atletas, no convívio e nas práticas entre eles, que ocorre prioritariamente nas rotinas de treinos e disputas. É justamente nesses locais de construção e aquisição da cultura dos lutadores que se seguem as instruções dos mestres⁵¹, buscando a perfeição dos movimentos e das técnicas empregadas no confronto, bem como são compartilhados os esforços e as regras para os treinos e combates. Desta forma, mergulhados nesses “espaços de lutas”, esses praticantes socializam-se e difundem desde novas posições e golpes a serem usados no ringue, bem como suas indumentárias e até as formas de comunicação (gírias), incluindo diferenciadas formas de aperto de mão – com destaque aos cuidados corporais que igualmente compartilham. Essa socialização implica o que Malysse denomina de “personagem corporal modal”, termo que utiliza para:

explicar as semelhanças na aparência dos membros de um corpus social, e para mostrar que os aparatos de mimese corporal e os processos sociais de imitação da norma que constituem as modas do corpo e do vestuário, preparam nos bastidores, o fato de quem se parece fisicamente se reúne socialmente ao incorporar sinais visíveis de pertencimento a um corpus social, valorizando assim uma estética e uma ética específicas do corpo. O corpo é, portanto, traduzido em sinais (masculino/feminino, músculo, bronzeado, roupas) antes de ser posto em cena (2002, p. 116).

⁵¹ Nos três espaços observados, os treinadores das equipes eram todos praticantes de jiu-jitsu, faixa-preta, razão pela qual eram chamados de Mestres pelos atletas.

A construção dessa cultura de lutadores é feita prioritariamente no corpo do guerreiro, que dos treinos para as competições vai agregando elementos, incluindo seu preparo físico obtido no treinamento com a coletividade, desse universo cultural e: “é através da aquisição e da circulação dessa cultura diferenciada que são estabelecidos os vínculos entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um” (GEERTZ, 1989, p.37).

Segundo Löïc Wacquant (2002) todos esses espaços são compostos dos mesmos elementos num tal grau de semelhança que chegam a se confundir. Percebe-se essa semelhança também nos locais observados nesta pesquisa, em virtude dos arranjos que compõem o cenário dos treinos, já que os três espaços observados possuíam elementos em comum: espaço reservado para a exposição das medalhas e troféus conquistados pelos atletas, espaço para a galeria da fama, com fotos destacadas dos lutadores locais e alguns ídolos do esporte, bar interno, entre outras semelhanças.

Esses ambientes servem para formatar o corpo e a mente do lutador, para produzir essa categoria de sujeitos identificada com as lutas, chamados entre si de guerreiros, irmão, casca-grossa, que valorizam sobremaneira suas valências físicas como força e resistência, aliadas às técnicas e às estratégias de luta para enfrentarem os desafios de um ringue. Cada confronto, seja no treinamento ou na competição, exige dos atletas muito empenho físico e mental: trocar porrada, chutes e outros golpes menos identificáveis com um *brother* (numa situação de treino) ou, com um adversário (no momento da apresentação) igualmente disposto a provar sua superioridade tem, além do desgaste físico evidente, um envolvimento emocional que se observa nos bastidores dessas competições.

O corpo para os lutadores é entendido dentro dessa forma de cultura bastante peculiar; mais do que um substrato físico, é parte central dos processos de construção cultural que ocorrem nesses lugares, sendo cultura aqui entendida como a rede de significados e relações onde esse mesmo corpo é produzido, contemplado e posto à prova.

Para Sabino (2000), que dirigiu seu estudo para as academias de musculação, estas, bem como os espaços onde ocorrem os treinos dos lutadores, são locais onde: “o corpo é o critério básico de reconhecimento e classificação, o que possibilita o fundamento de uma reciprocidade calcada em uma concepção de mundo centrada no indivíduo” (p. 64).

É por intermédio de seus corpos que os lutadores se identificam e se destacam, é neles que são construídas as vitórias e as derrotas dessa prática. É por meio de seus empenhos corporais que são assimiladas novas técnicas e golpes de lutas, na preparação para as disputas no ringue. Então: “o corpo é o centro do universo simbólico desse grupo. As relações sociais ficam dependentes da forma ostentada pelo corpo”. (SABINO, 2000, p. 64).

As relações dentro dos ambientes de lutas são construídas a partir da preparação e das atuações dos corpos de lutadores. É através do corpo, que nesses locais é um elemento de linguagem, que são estabelecidos diversos parâmetros das hierarquias dos atletas (corpo forte, corpo técnico, corpo “casca-grossa”), bem como os resultados das performances (corpo que deu show, corpo derrotado), revelando que o:

corpo é o *locus*, o território, de uma inscrição, onde se dá uma comunicação. Comunicação esta que segue regras, códigos e linguagens sistematicamente determinadas. Uma cicatriz, uma tatuagem, como elementos que precedem ao código escrito, fazem do corpo a própria página do vivido (NORONHA, 1993, p.281.).

Dessa forma, o corpo marcadamente masculino encontrado nesses ambientes de treinos e de competições abriga um repertório cultural, incluindo os usos e as construções pelas quais passa no envolvimento com o *M.M.A.* A cultura dos lutadores, ou seja, o processo de construção corporal ao qual se submetem para subir ao ringue só acontece dentro desses espaços privilegiados, culminando na formatação de um modo específico de construção e de uso para esse corpo útil, elemento central dessa teia cultural.

Retomando outra vez a obra de Wacquant que, apesar de ter pesquisado a “produção de corpos e de almas” dos boxeadores americanos, é adequada para melhor entender os processos pelos quais passam outros lutadores. Dessa forma, a prática de *M.M.A.*, como o boxe:

As particularidades desse universo esportivo aparecem principalmente nas preparações e nos cotidianos cuidados corporais exigidos dos atletas. Os investimentos físicos, a árdua disciplina cobrada dos competidores e o desejo de profissionalização num mercado disputado e exíguo tornam esses sujeitos diferenciados, uma vez que o desejo constante do aprimoramento físico e técnico tem suas contrapartidas.

Nesse sentido, na minha jornada no trabalho de campo, percebi que se aproximar desses *brothers* é, também, perceber os esforços que fazem para tornarem-se guerreiros, afinal, como lembra Foucault: “O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de

longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, mas marcas também de seu orgulho; seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia” (1986, p.125).

Assim pude descobrir, ao longo de meus investimentos nos ambientes das lutas o quanto esses soldados, esses guerreiros, empenham-se numa guerra peculiar dentro desses espaços: preparar o instrumento de trabalho, ganhando resistência física e força muscular e, paralelamente a isso, incorporar novas e variadas técnicas de luta para construir-se lutador, perseguindo a vitória no ringue. Essa disputa extremamente física, mas também intelectual porque é pensada em nível de estratégias para serem utilizadas durante o combate, na quase totalidade das vezes, é encarada com o profissionalismo que deveria revestir qualquer competição esportiva. O adversário, quase sempre, é merecedor de respeito e encarado também como um profissional da luta. Como afirma o atleta L. M. da *ProFight Sport*, em dezesseis de outubro/03:

“- Eu sei que o cara tá lá no ringue para descer a porrada em mim, me levar pro chão e descer o pau. É o trabalho dele, eu entendo porque também é o meu trabalho. É isso, no final de tudo, a luta pra mim é um trabalho, é o que eu sei fazer e é o que o cara também faz. Então, na hora da porrada, é encarar como profissional, respeitar o cara porque ele tem seu valor de subir lá e mostrar a cara, agüentar a pressão. O cara tem seu valor, eu também tenho. Tanto é assim, que quando termina, eu faço questão de cumprimentar o cara e o técnico dele, mostrando respeito. Ele passou o que eu também passei, sei como é duro treinar para a luta. Então, como é que eu não vou dar valor a esse guerreiro? E ele tem que me respeitar assim também. Na hora da porrada, é entre dois profissionais. Terminou, o juiz acabou a luta, é respeito, meu irmão”.

Normalmente a troca de golpes e a tensão presente nesses confrontos não extrapolam os limites do ringue, reafirmando assim o grau de profissionalização perseguido por esses atletas. Presenciei o profissionalismo entre atletas quando em vinte e quatro de maio de 2003, estive presente no *ProFight Combat Show*, em Porto Alegre e atrás de mim, sentou-se um sujeito com idade entre 50/55 anos. Estava sozinho e chamava atenção por estar sentado próximo a jovens torcedores, a grande maioria

com idade de até vinte cinco anos. Em seguida, aproximou-se dele um dos lutadores que recém tinha lutado e conquistado a vitória. O atleta ainda estava bastante suado e iria trocar de roupa no vestiário, nas imediações onde estávamos sentados. O cidadão e o atleta abraçaram-se alegremente, efusivamente. O lutador chamou-o de pai. Deduzi que o pai tinha vindo ver o filho competir. Os amigos do lutador também cumprimentaram o senhor, demonstrando bastante intimidade com ele, tratando-o amistosamente.

Eu tentava me concentrar na movimentação no palco da próxima luta, mas eles conversavam alto atrás de mim, comemorando o resultado da luta. Estavam excitados com a vitória do amigo. Não demorou muito, o lutador que havia perdido a luta passou por ali, dirigindo-se aos vestiários. Tinha sangue escorrendo de sua testa, já misturado com o suor do corpo. Provavelmente estaria indo limpar-se no banheiro. Novamente, os dois atletas se abraçaram. Já haviam-se abraçado no ringue, após ser anunciado o resultado. Conversaram sobre as lesões decorrentes do confronto e o vitorioso mostrou preocupação com o corte aberto na testa do outro, que ainda sangrava. Corte que ele mesmo havia feito, minutos atrás, dentro do ringue, através de um golpe mais efetivo. Não pude escutar maiores detalhes da conversa entre eles, pois minha audição ficava prejudicada pelos ruídos em volta e não queria virar-me para denunciar meu interesse no assunto. O primeiro apresentou o pai ao atleta derrotado, e os três ficaram conversando sobre o resultado da luta, como quem conversa sobre um jogo de futebol, ou qualquer outra banalidade. Não parecia, de modo algum, que, até alguns minutos atrás, aqueles dois atletas tinham-se engalfinhado num confronto de “porradas” no mesmo ringue, onde já se iniciava outro combate.

Tal registro pode levar a concluir que, entre os lutadores profissionais, a violência deve ficar restrita aos limites do ringue sob a supervisão de um juiz, uma das formas

tácitas de diferenciar o *M.M.A.* de uma simples “briga de rua” (outras formas seriam a preparação dos atletas, a produção envolvida nas disputas, as regras estipuladas para cada combate, o limite de tempo, a presença de juiz etc...). No entanto, nem sempre é isso que acontece: uma das revistas consultadas descreve um confronto em que um dos atletas, “possuído”, continuou a bater no adversário durante vinte segundos, após a luta já ter sido encerrada, parecendo não ouvir o comando do juiz, que tentava, em vão, detê-lo e interromper o combate⁵².

Um dos atletas observado durante sua preparação para competições de *M.M.A.* narrou-me que ele havia resolvido uma desavença pessoal e antiga com atleta de outra agremiação, num “encontro particular”, na própria academia onde o desafeto atuava como professor. Esse mesmo fato me foi narrado em outros ambientes por outros interlocutores, sem maiores alterações, o que me leva a acreditar na sua veracidade. No dia em que resolveu “ver quem cantava de galo”, passou na sua academia e fez-se acompanhar de um outro lutador, igualmente graduado e bastante encorpado, como apoio, no caso de outros atletas quererem “tomar as dores” pelo mestre. A dupla chegou à academia sabendo de antemão que o desafeto estaria dando aula: interrompeu a atividade e, literalmente, trancou-se com ele no ringue, tendo como platéia, a turma, atônita, de alunos de seu desafeto. Mesmo pego de surpresa, o desafiado aceitou o “convite”. Tal qual um duelo, iriam através de suas técnicas e de seus preparos físicos, esclarecer uma desavença anterior, que acreditavam não houvesse outra maneira, já que cada vez que se encontravam em espaços públicos, envolviam muitas pessoas nessa briga particular.

⁵² Luta entre o brasileiro Francisco Bueno e o norte-americano Jason Godsey em Aracaju-SE, ocorrida em 10/01/2000, conforme a revista *Tatame*, nº 40, ano 5.

O último encontro teria sido numa praia em Santa Catarina, onde os mesmos protagonizaram, segundo vários depoimentos de outros atletas presentes ao evento físico, um quebra-quebra espetacular, daqueles que voam cadeiras e mesas sobre os demais ocupantes do espaço, que desconheciam os motivos daquela briga. Até a intervenção policial se fez presente, não sem antes os dois diretamente envolvidos terem evadido do local. Assim, “civilizadamente”, sem envolver quaisquer outras pessoas e no ringue da academia, fechado para público leigo e contando somente com a assistência de outros atletas, estipularam as regras do confronto e executaram a linguagem dos punhos, dos pés, dos chutes, dos socos, das imobilizações, das quedas...a mesma linguagem ensinada, praticada e cobrada dentro desses espaços, executando na prática o repertório das técnicas corporais difundidas e aplicadas nos treinos, como uma real verificação da eficácia de seus golpes. Após aproximadamente dez minutos de atuação, de trocação, o desafiante concluiu sua missão: na luta dentro das regras, dentro do local de trabalho, demonstrou que sua técnica foi mais eficiente e derrotou seu opositor, diante de seu grupo de alunos. Esse episódio ultrapassou a própria situação e virou uma espécie de “lenda” nesse meio cultural-esportivo da cidade de Porto Alegre.

Em outra oportunidade, conheci um atleta de jiu-jitsu que estava passando uma temporada em Porto Alegre, aquartelado dentro de uma das academias pesquisadas. Esse sujeito, professor da sua arte marcial numa cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul, foi protagonista de uma briga na rua, com outro praticante de jiu-jitsu, vinculado a uma agremiação concorrente a sua. Já eram desafetos antigos e, num encontro casual em plena via pública, deram demonstrações de suas capacidades físicas, usando várias técnicas de lutas misturadas (*M.M.A.*) para tentar pôr um ponto final nessa rixa, um tentando derrotar o outro. Essa briga de rua juntou um grande

número de curiosos enquanto trocavam golpes contundentes, inclusive com a intromissão de alguns alunos seus, que, segundo ele, contrariando suas ordens, atingiram, em alguns momentos, o opositor. Ao final do combate, em que deixou seu adversário estirado na calçada, recebeu desse o desafio para um novo encontro, dessa vez, sem a interferência de terceiros e sem limite de tempo. Numa competição de jiu-jitsu posterior ao ocorrido, foi repreendido pelo mestre de seu desafeto, inclusive com ameaças de ter sua academia invadida pelo grupo de seu rival, o que significaria sua desmoralização total. Acertou sumariamente as regras do novo combate e tratou de vir reciclar-se e treinar na academia de jiu-jitsu em Porto Alegre onde faz seus exames de faixa para subir de graduação.

Sem dinheiro para bancar custos com hospedagem e alimentação, estava literalmente morando nas dependências da academia, ganhando alimentação (uma quentinha diária) de outro atleta, cuja família possui um bar. O café da manhã que havia sido negociado com outro lutador, filho do proprietário de uma padaria nas imediações da academia, não foi patrocinado. Passava os dias dentro da academia e treinava todas as modalidades oferecidas, inclusive participava da preparação física destinada aos atletas de M.M.A. da equipe, disposto, após essa luta, a buscar profissionalização nessa prática, já que segundo seus relatos:

“ - Aula de jiu-jitsu dá muito pouca grana, ainda mais em cidade pequena, onde todo mundo acha que a arte marcial é só pancadaria. O negócio é subir no ringue com uma bolsa de apostas, com dinheiro envolvido e ganhar uma grana. Pretendo então fazer umas quatro lutas de vale-tudo (M.M.A.), construir meu nome de lutador e daí, abandonar o vale-tudo e me dedicar só a minha arte marcial (jiu-jitsu) e explorar essas lutas, como minha propaganda, dizer pros meus alunos que eu subi no ringue e não mutuquei⁵³. Daí, eu acho que vou ter mais alunos na minha academia, vou dar mais

⁵³ Mutuca é uma espécie de galo, imprestável para a luta, ou seja, que foge da luta. Essa gíria circula nas academias de jiu-jitsu para designar os medrosos, os covardes. Mutucar seria então o verbo empregado para dizer que o sujeito fugiu da luta, mais uma gíria dos “ambientes de lutas”.

aulas e vou ganhar mais grana. Então, o vale-tudo vai ser importante para eu ser mais conhecido, sair nas revistas e ter mais alunos. É isso que eu quero, sair nas revistas, ficar conhecido e viver de dar aulas prá um monte de aluno". (Depoimento do atleta L.V., na Academia ProFight Sports, em 03/04/04).

Por sugestão de seu mestre em Porto Alegre, o confronto seria realizado em Porto Alegre, no ringue da própria academia que lhe serviu de quartel, quando ele e seu opositor já estivessem devidamente preparados, num evento a portas fechadas, só envolvendo os interessados e seus mestres.

Pelos exemplos acima, pode-se notar que, em ambos os casos, os atletas escolheram academias para encerrarem disputas pessoais: após brigas de rua, buscaram o estabelecimento de regras, de condutas, de uma ética do lutador e conceberam o combate dentro do próprio local de trabalho. Em outras palavras, submeteram-se às regras de uma etiqueta particular para conduzirem-se numa situação idêntica a que encontram num confronto esportivo dessa prática. Assim, numa espécie de acordo de cavalheiros, tiraram as suas ações – socar, chutar, derrubar, agredir, resistir, agüentar - da marginalidade associada a um confronto na rua e as revestiram de uma importância solene, qual seja, serem praticadas no ringue da academia, na presença de seus mestres e outros praticantes, numa demonstração, para eles inequívoca, da profissionalização de seus atos.

Várias vezes durante a pesquisa, ouvi essa denominação sagrada para designar os tatames e o ringue. Não são poucos os atletas que iniciam ou terminam seus treinos nesses lugares fazendo o sinal da cruz. Também em outra categoria, em que o corpo igualmente é o instrumento de trabalho, como os atores, o palco é considerado dessa mesma forma pelos iniciados nas artes cênicas, o local do contato com os deuses da representação. Segundo Wacquant (2002, p.53): "Na disposição e na decoração, a

academia constitui uma espécie de templo do culto pugilístico”. No caso desse acerto de contas realizado dentro do local de trabalho e de investimentos, o santuário isolou os problemas da rua e acolheu os lutadores para uma medição de suas valências e habilidades físicas.

A maioria dos atletas observados, segundo suas próprias opiniões e de acordo com o já percebido por Wacquant (2002, p. 114): “não aprecia as brigas”, pois esses acontecimentos de rua envolvendo lutadores acarretam diversas manifestações negativas às suas práticas corporais, dificultando a legitimação como prática esportiva e a obtenção de patrocínios. Mas o evitar brigas na rua apresenta uma certa flexibilidade:

”- Em último caso, a gente sai pro pau na rua mesmo, já que ninguém vai apanhar e ficar quieto. Eu não provoço, mas não vou apanhar de graça, ah, isso não mesmo. Eu quando vou a festa, não mexo com as mulher dos outros e não quero que mexam com a minha. Neguinho bobou, passou a mão, tá atrás de confusão. Então, se for na minha cara, vou ter que dar uns cascudos prá o cara pensar duas vezes antes de se meter de galo com mulher dos outros “. (Depoimento do atleta H. na Boxer Brazilian Jiu-Jitsu, 05/07/03).

Pode-se dizer que essas situações ocorridas na rua estão mais diretamente ligadas a atletas com menos tempo de prática, ainda em processo de treinos, sem nenhuma competição disputada. Quanto ao envolvimento com a rua, pode ser um estágio a ser superado, de acordo com o seguinte depoimento:

“-Eu não brigo mais na rua. Já aprontei um monte, já fiz e me meti em confusão. Aqui dentro, até hoje, sou um cara bem visado; muitos caras não conseguem entender que eu mudei. Quando eu era novo aqui, até aprontava na rua, metia a porrada mesmo. Mas, foi passando o tempo, os mestres foram falando que se eu me metesse em mais confusão, iria cair fora daqui, então, realmente eu não brigo mais na rua. Minha história agora é treinar para subir no ringue, lá sim, é lugar de dar porrada, de soltar o braço. E lá eu ainda vou ganhar uma grana. Então, prá quê brigar na rua? Tu não acha? Eu lutei toda minha adolescência e agora tô pensando em ganhar uma grana com isso”. (Depoimento de E. registrado na Academia Sul Jiu-Jitsu, 14/07/03).

Atletas com mais currículo, mais experientes e que já tenham subido ao ringue, evitam a rua como palco de suas qualidades físicas e técnicas. Agindo assim, estão salvaguardando suas qualidades atléticas, suas integridades físicas e profissionalizando suas condutas:

“-Lugar de luta é no ringue, lá é o lugar de mostrar o profissional que tu é. Os que brigam na rua, não são atletas, são arruaceiros, são uns covardes. Profissional que é profissional nunca briga na rua, não cai em “robada”, guarda seu nome para o ringue”. (Depoimento do atleta B. na Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu, em 05/09/03).

Entre o final de março e o começo de abril de 2004, jovens de classe média alta do Rio de Janeiro, envolveram-se numa série de confusões com a participação dos *pit boys*, todas terminando em ocorrências policiais, quase diárias⁵⁴. Entre alguns dos envolvidos, estavam praticantes de jiu-jitsu, o que motivou a alguns atletas de *M.M.A.* a promoverem a Passeata da Paz⁵⁵, ocorrida na Barra da Tijuca, naquela cidade, no dia dois de abril de 2004, com a presença de atletas renomados, como Wanderlei Silva e Rodrigo “Minotauro” entre outros, tentando dissociar os profissionais da luta de arruaceiros. No final dos anos noventa, professores de jiu-jitsu ficaram estigmatizados como incentivadores de violência, após uma série de confrontos envolvendo academias rivais ter ganhado destaque na mídia nacional. Assim foi criado o estereótipo do jovem classe média, musculoso, arruaceiro e preconceituoso, os *pit boys*, imagem que desagrada aos atletas praticantes de jiu-jitsu e de *M.M.A.* e que eles não gostariam de estar vinculados a eles. As palavras de um dos atletas-sujeitos desta pesquisa abordam exatamente essa situação:

“- Teu trabalho vai ser muito importante prá nós, porque pode ajudar a quebrar o preconceito que fizeram da gente achando que todo mundo das lutas é pit bull ou pit

⁵⁴ Informação encontrada no Caderno Cotidiano, da Folha de São Paulo de 11/04/04.

⁵⁵ Segundo o site www.tatame.com.br consultado no dia 03/04/04 cerca de 400 pessoas, muitas delas atletas de jiu-jitsu e de *M.M.A.* prestigiaram a caminhada, a maioria vestindo roupas brancas.

boy. Eu não vou te dizer que não tem 'porra loca', cara que briga na rua a torto e a direito, por qualquer motivo. Isso tem, e não é só aqui na academia, tem no colégio, tem no clube, tem no futebol e não é só cara lutador que age assim. Tem cara que fica um mês nas academias, é só faixa branca, não sabe nada, mas quando se mete em confusão, diz que é lutador de jiu-jitsu e nem tá mais treinando. É que dizer que é do jiu-jitsu dá ibope, traz fama pra essas pintas, traz fama de brigão mesmo. E ele nem vai mais na academia. Mas o cara que é profissional, o que cara que dá aula e vive disso, esse cara não quer se meter em confusão, e não vai brigar na rua, a não ser em último caso. O cara que é treinado prá isso, que faz isso o ganha pão, evita a todo custo confusão de rua. Eu sempre falo pros meus atletas para nunca brigarem, pra conversarem e resolverem as paradas no diálogo, na conversa, no "deixa pra lá". E tem outra coisa, se eu souber que o cara brigou na rua, de graça, só pra se mostrar, daí ele tá ferrado comigo, leva gancho, leva punição e dependendo do caso, até vai expulso aqui da academia. Já fiz isso uma vez e tá todo mundo alertado. Porque o cara que briga (na rua) nunca é identificado com o nome dele, ele sozinho. Ele é o cara do jiu-jitsu de tal academia, o aluno do tal professor e eu acabo queimando meu filme de graça, sem ter feito nada. E daí, quanto mais notícia negativa no jornal, menos gente querendo vir pra academia. Aluno meu não briga na rua, e se brigar vai ter que me convencer que é por um ótimo motivo, brigou porque senão ia apanhar. Então, é legal que tu esteja aqui, do lado de dentro, vendo a mentalidade da gente e vendo o que a gente ensina nas academias. Tu sabe que tudo que é lutador é sempre olhado com preconceito, tu fala lutador, a galera já pensa que tu já andou preso e tudo, que tu vive em gangue, metido em confusão de briga na rua. Não pensam na gente como profissional, tá longe disso. Teu trabalho vai ajudar a gente ser entendido como atleta, como profissional, diminuir esse preconceito. Eu, por exemplo, quando vou nas paradas da noite, quando conheço uma menina nova, eu sempre digo que eu sou empresário de academia, que tenho uma academia de musculação. Eu nunca falo, no primeiro encontro, que sou lutador, porque senão já viu, né, as gatas correm. Depois, nos próximos encontros é que eu dou a real". (Depoimento de L.. na Academia ProFight Sports, em 03/10/03)

Foi nessas academias que escutei desses atletas o desejo de construir uma carreira vitoriosa nos ringues, baseada nos esforços físicos, como, por exemplo, quando conversei com A., que tinha dezesseis anos em fevereiro de 2003, treinava "chão" e queria treinar boxe para ir para o ringue. Na época, ainda não tinha terminado o 1º grau, pois havia rodado dois anos. Segundo ele: "no M.M.A. é que está o dinheiro". Quando tinha mentalidade "mais fraca", ele "procurava bolo" nas ruas. Agora, desde que começou a treinar jiu-jitsu, não tem se metido em confusão, até porque os mestres da academia exigem que não se meta em brigas na rua. Disse-me que depois que começou a treinar, há mais de um ano, só se meteu em duas brigas. Então, estava

treinando para entrar “na porrada” e ganhar dinheiro assim.

As academias dessa prática corporal são também um espaço adequado de inclusão social, já que a possibilidade de fazer carreira em cima de um ringue, e com ela, ser um profissional da porrada é bastante recorrente:

“-Cara, eu só sei fazer isso: lutar, lutar, lutar. É pra isso que eu treino e é isso que eu quero ser: um lutador mesmo, que vive só do que ganha nos ringues. E eu quero grande: ir lutar no Japão. Porquê não? É pra isso que eu tô aqui, pra treinar porrada, pra dar e receber porrada, não interessa. Eu sei que é difícil, mas não tem outra coisa que eu saiba fazer bem na vida: só penso em ganhar dinheiro na luta”. (Depoimento de H. da Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu, 28/11/03).

No empenho de se construir como um lutador e também na composição de seu caráter, destaca-se a figura do mestre, ou seja, aquele que dirige os treinos, de certa forma projetando o profissional da luta. As instruções gritadas do córner de um ringue durante uma competição ou num tatame de treinamentos demonstram o quanto o mestre ou o treinador determina a movimentação executada por esses praticantes.

Também é através da rotina de treinamentos proposta pelo mestre/treinador que o atleta começa a pensar como um lutador, e no jargão das academias, fica com a “cabeça de lutador”. O seguinte depoimento aponta nesse sentido:

“- Aqui dentro (da academia) tem que aprender a ser homem, tem que respeitar o mestre e os companheiros de treinos. Se tiver que bater, bate. Se tiver que apanhar, apanha. Aqui (na academia) é treino, é pegado, é difícil, mas é treino. Lá fora, na rua, eu não quero saber de cara batendo nos “playboy”, nos “boyzinhos”. Quer brigar, sair na porrada mesmo, dar porrada às ganha, traz para cá, fecha as portas e desce o pau. Mas desce o pau mesmo. Mas faz aqui dentro. Aqui é o lugar da porrada, de baixar o cacete, de cantar de galo. Sentar o pau é aqui. Agora, brigar na rua, de turma, envolver um monte de gente, não tá com nada, não prova nada. Homem que é homem senta o pau é na academia. Na rua, é um frouxo.” (Registro da fala de W., feito na Academia Sul Jiu-Jitsu, 31/01/03).

Essa fala de um mestre de jiu-jitsu parece contribuir na identificação do regramento a que estão submetidos os corpos dos lutadores. Parece-me que se pretende, através da disciplina, sujeitar esses lutadores aos ensinamentos dos mestres, ao que se poderia chamar da filosofia das lutas: a profissão de lutador é construída com regramento, com esforço, com sacrifício e cabe ao mestre (treinador, mentor da estratégia da luta, diretor da atuação) lapidar essas e outras qualidades nos atletas. Nos locais pesquisados para este trabalho, os treinadores invariavelmente eram mestres em alguma arte marcial, a maioria faixa-preta em jiu-jitsu. Quanto às atribuições dos mestres, a fala de um deles é por si só eloqüente:

“- Mestre ou professor só tem um objetivo, que é mostrar o ‘caminho’, só esse é o objetivo. Não vamos carregar nunca ninguém no colo, só vamos mostrar o caminho, nada além disso. A gente tá aqui pra auxiliar os companheiros no caminho. Quem quiser ser lutador, deve correr atrás, mas com as pernas de vocês, a gente tá lá na frente, mostrando esse caminho. Isso tem a ver com a maneira de entrar no tatame, de enfrentar um desafio, que é tentar fazer da melhor maneira possível, e para isso, treinar, se esforçar e ter ‘raça’. E o gaúcho é conhecido por ter ‘raça’. Vocês precisam ter determinação que é o que leva aos objetivos e nunca devem dar passo maior que a perna. O objetivo aqui é que vocês façam as coisas da melhor maneira possível e não pensem em aniquilar o oponente, tem que tratar o cara com respeito também”. (Registro de uma fala do Mestre F. P. na Academia Sul Jiu-Jitsu, em 21/01/03).

A hierarquização é notável, pois sempre é o mestre, aquele detentor do maior capital simbólico, de acordo com Bourdieu (1990), quem dará a última palavra sobre qualquer assunto. Aliás, é ele somente que pode gritar ou falar palavrão dentro desses espaços. Quem desrespeitar essa regra, paga com o próprio corpo, executando séries de exercício na frente de todo o coletivo. É ele quem pode repreender, elogiar, motivar, corrigir ou criticar o atleta na frente de todos e esperar uma resposta imediata: a sua intervenção. O diálogo entre o mestre F.P. e o aluno G., registrado na Academia Sul Jiu-Jitsu, em vinte e quatro de fevereiro de dois mil e três é ilustrativo dessa situação:

”- O quê tu tá fazendo de pés descalços?”

“-Molhou meus tênis”.

“-Não quero saber. Não quero saber!” (Repetiu ríspido e alto).

“-Te arruma. Acaba com essa “Disneylândia”. Bota o tênis e a camiseta. Não quero saber se a tua camiseta molhou. Tirou a camiseta prá mostrar que tá bombadinho”.

Cabe ao mestre despertar o interesse entre os atletas, ditando o ritmo necessário para o corpo do atleta superar o cansaço, o sono, o medo, a falta de alimentação e a suplementação adequadas para continuar executando golpes, posições e defesas frente ao opositor. Na situação de treino, o mestre-treinador tem que envidar esforços no sentido de materializar um adversário e as ações físicas desse e projetar no corpo de seu pupilo uma estratégia vitoriosa de luta. Em cima do ringue, na competição, precisa também administrar a adrenalina, o nervosismo, a inexperiência (ou mesmo a experiência) de seu atleta, no combate real com um adversário treinado para o mesmo intuito: uma performance expressiva, um nocaute contundente, uma consagração. Ou uma derrota “em pé” :

“-Ele lutou bem. Bem demais para uma estréia. Acho que até poderia ter ganhado, mas não dá para entender o que se passa na cabeças dos juízes. Perdeu por pontos, mas “perdeu de pé”, em nenhum momento fugiu da luta. Tava lá, batendo, levando golpes mas não fugiu. E acertou bastante golpes também. Eu acho que ele poderia ter ganhado, mas fez uma boa luta. Eu tô contente com essa luta.”(Depoimento do mestre L.M. da ProFight Sports em 08/10/03, referindo-se a derrota de um atleta).

Dentro das academias e do processo da construção dos lutadores, os mestres detêm, na maioria das vezes, nos próprios corpos, o capital corporal que os destaca e os eleva como autoridades a serem seguidas. Em alguns casos excepcionais, o mestre ou treinador pode aventurar-se como técnico no mundo do M.M.A. sem ter feito qualquer luta dentro destas regras específicas, mas necessariamente precisa dominar incontestavelmente outros estilos de luta e ter grau máximo – a faixa preta – de conhecimento e muita experiência na sua prática corporal e alguma desenvoltura mínima

nos outros estilos de luta. Dessa forma, caso seus pupilos não logrem vitórias, sua falta de prática e a inexistência de um currículo vitorioso dentro do ringue de *M.M.A.* serão grandes empecilhos para o seu reconhecimento como um treinador conceituado ou confiável. Nos três grupos de atletas observados, dos três espaços distintos, todos os mestres já tinham sido ou continuavam sendo lutadores, o que lhes dava respeito e uma hierarquia inquestionável sobre os treinamentos e as condutas durante os eventos.

Assim, é prioritariamente pelas mãos, vozes e cabeças de corpos já testados em *M.M.A.* que os corpos aprendizes serão conduzidos aos ritos de iniciação, aprimoramento e de competição, etapas em que esses corpos serão submetidos a processos corporais e culturais distintos e diferenciados, cujo ápice será o corpo preparado para a apresentação, para a performance, para o show, para o trabalho – como é dito dentro das academias por alguns dos treinadores observados - ou seja, para a luta. Dessa forma:

Aprender a boxear (a lutar) é modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas uma máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se, inovando-se no interior de um registro fixo e relativamente limitado de movimento em função do adversário e do momento. A imbricação mútua das disposições corporais e mentais atinge um tal grau mesmo que a vontade, o moral, a determinação, a concentração e o controle das emoções transmutam-se em reflexos que dão sete vidas ao corpo (WACQUANT, 2002, 116).

É nas academias, sob os cuidados dos mestres, que são praticados exercícios de força, de resistência física, de absorção de golpes e onde se demonstra a garra, a raça, a capacidade de superação do lutador diante de uma situação adversa no

confronto. É nos treinamentos, junto a sua equipe, e atendendo ao treinador, que o atleta testa as suas valências físicas desenvolvidas nesse próprio grupo: dá e recebe golpes com o próprio corpo, nos corpos de seus pares, demonstrando a garra e a raça para obter a vitória num combate, em que enfrentará um adversário real.

Quanto à motivação que o mestre-treinador dá ao grupo nesses locais de preparação e nas lutas, suas palavras (ordens) são incontestáveis. Por ter, normalmente, uma experiência de vida maior nesses ambientes de lutas, inclusive com resultados positivos, suas determinações, baseadas nos próprios calos de seu corpo e nas suas histórias de ringue, são seguidas à exaustão, literalmente. Ele, o mestre-treinador-técnico, tem que conseguir aproveitar a descarga de adrenalina, driblar o nervosismo, a fadiga, o medo e ver brechas e oportunidades que ninguém vê na condução da performance de seu pupilo, a partir do treinamento. Sua atuação no preparo de um atleta é sempre destacada e muito importante, pois através de sua autoridade física e técnica consegue impulsionar e orientar os atos de seus atletas num combate. Ou pelo menos faz essa tentativa: há momentos em que o cansaço, a dor originada de golpes recebidos e a adrenalina do confronto simplesmente interrompem a comunicação córner-lutador. O guerreiro já não escuta mais a voz de seu treinador, isto é, escuta mas já não reage mais a ela. Em pé, ou já no chão, continua combatendo, mas visivelmente desorientado e já sem comando, luta no “automático”, como esses atletas referem-se a essa situação:

“- Tem uma hora que tu apaga, perde o controle de tudo, até do teu corpo. É a dor, é o cansaço, é tudo junto, o barulho da torcida, o que ficam gritando na tua volta, pra ti fazer e tu não sabe mais o que tem que fazer. O corpo parece que nem dói mais, tu não comanda mais ele, nem nada, até a tua respiração parece que fugiu de ti. É como se tu estivesse fora dali, é sensação engraçada, é como se fosse um ‘barato’ estranho. Tu vê que o cara vai te acertar um golpe, sei lá, um soco, tu vê aquela mão vindo na tua cara, tu qué desviar, mas teu corpo já não responde e daí, parece que o soco vai entrando devagarinho,

devagarinho, na hora, tu não sente nada, nem dor...depois é que a dor vem, mas vem de tudo o que é lado. Tu nem escuta mais nem nada, nem adianta o cara (técnico) pedir golpes, postura, o 'caralho a quatro', só vejo que ele tá lá, gritando comigo, mas não sei o que ele tá dizendo. Mas ele (técnico) tá fazendo a parte dele e eu tô tentando fazer a minha. (Depoimento de L., atleta da Academia ProFight Sports, em 14/10/03).

O mestre-treinador dirige a atuação de seu elenco de guerreiros, a partir dos treinos e durante todo o processo de construção do corpo lutador, culminando no show, no ringue, quando é a referência para as ações e pensamentos do atleta, pois ele

pode concorrer, grosso modo, para o disciplinamento das paixões ou para estimular o comportamento deliberadamente agressivo dos lutadores. É expressão corrente nesse circuito que o professor é que 'faz' o aluno, isto é, o perfil do lutador seria debitado à orientação dada pelo treinador (mestre) (CECCHETTO, 2004, p.151).

Uma das funções do mestre é aproximar o lutador da real situação a ser enfrentada no ringue, durante um confronto, para evitar surpresas que possam impedir a vitória. Ele evoca a personagem do adversário, o último obstáculo a ser vencido antes da consagração, já que o processo de preparação do corpo física e tecnicamente, no momento em que se está no ringue, já deve ter sido concluído. O mestre é o general que comanda o soldado, obrigando-o a marchar para vitória; o diretor que dirige o ator na busca de sua melhor atuação, de sua melhor performance. No caso da prática de *M.M.A.*, a demonstração pública deve procurar ser sempre a mais contundente e inequívoca e, todos os atletas observados, almejam nocautear ao adversário, prova irrefutável da eficácia de seus golpes e da acertada estratégia de luta.

O mestre é a autoridade reconhecida pelo grupo, que valoriza a sua trajetória entre as cordas do ringue e cujas ações estão pautadas sob a sua direção:

“É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social. No ato imitador que segue, encontram-se todo o elemento psicológico e o elemento biológico. (MAUSS, 1974, p. 215)

O mestre é, nessa prática, o que Mauss (1974) chama de “autoridade social”, aquele que conquistou no próprio corpo o respeito (e, na maioria das vezes, a admiração) dos outros praticantes:

“- Eu tô treinando pra lutar como o Luisão, ele é que é foda. O mestrão vai lá, na luta, sobe no ringue e faz o que tem que fazer. Tu viu a última luta dele? Pois é, eu achei que foi errado os caras (juizes) não darem prá ele a vitória. Todo mundo viu que ele merecia ganhar. Ele tava inteiro no final da luta. O outro, tava um bagaço, todo arrebitado. Eu tenho a fita, se tu quiser ver. Lá (na fita) tá bem claro quem deveria ter ganhado. E, se todo mundo aí de fora já respeitava ele, depois dessa luta, ele ganhou mais moral ainda. O cara é galo. (Depoimento do atleta A. na Academia ProFight Sports, em 28/01/04).

Assim, devido a sua experiência acumulada, o mestre é:

aquele que detém não apenas o capital simbólico tornado matéria em forma de grande quantidade de músculos, mas também determinado tipo de saber que poderia ser denominado ‘capital de competência’, adquirido ao longo de alguns anos de prática que permitiram que seu nível esportivo fosse elevado (WASER apud SABINO, 2000, p. 86).

Também nesses ambientes de lutas há espaços para momentos de fé, com a condução do mestre. Um dos grupos de atletas observados, logo após o treino, rotineiramente reunia-se no centro do ringue e ficavam ajoelhados, de mãos dadas, num pequeno círculo, de olhos fechados. Então, o mestre pedia, em voz baixa, que cada um fizesse uma oração para si e outra para a equipe, rezando com fé. O mesmo

mestre que aloprava, que barbarizava, que uma das principais missões é criar durante os treinos as reais situações de combate a serem enfrentadas no ringue, é versátil a ponto de modular sua voz e, pausadamente, reforçar os laços de confiança, de fé e de respeito entre os seus atletas. Nesses momentos intimistas não eram interrompidas as atividades rotineiras da academia, continuando treino de jiu-jitsu a poucos metros desse grupo. Após alguns momentos em silêncio, então os atletas abriam os olhos, abraçavam-se e tratavam de trocar de roupas. O mestre, além de exigir esforços físicos dos seus guerreiros, também os guiava na busca de um conforto espiritual.

Outra passagem reforça os momentos de fé desses atletas em situação de competição, conforme o verificado com um lutador, que também é o treinador e cabeça de sua equipe, numa disputa em outra cidade. No dia da competição, na parte da manhã, perguntou-me se eu iria com ele até uma igreja, localizada nas imediações do hotel onde estávamos hospedados. Fiz-me presente nesse momento espiritual: dentro da igreja, alternava-se ajoelhando e sentando, sempre com as mãos em prece, executando silenciosamente suas orações. Observei sua movimentação, sentado num banco próximo a ele. Não teria motivos para ser associado ao mesmo homem que, horas mais tarde, subiu num ringue e apostou sua crença na força de seus chutes e socos. Perdeu sua luta, mas, provavelmente não perdeu sua crença. Fé e disciplina podem ser identificados também como elementos que compõem o ritual de construção de um lutador, dentro das academias.

É nos espaços de treinos que os corpos podem ser transformados, aperfeiçoados – física e tecnicamente – com a economia do físico e da eficácia dos movimentos através dos exercícios rotineiros. Para tanto, é necessária a imposição de uma certa disciplina no sentido “foucaultiano”, isto é, de forma a permitir o controle minucioso das

operações do corpo. Quanto à disciplina cobrada e estimulada nesses atletas, houve coincidência desta pesquisa com o programa *Big Brother Brazil 4*, da Rede Globo de Televisão, que teve a participação do atleta de M.M.A., o lutador gaúcho Marcelo Dourado. Todas as vezes que ouvi opiniões a respeito da conduta desse lutador, como conversas surgidas dentro das academias, elas criticavam o fato de o mesmo, constantemente, aparecer bebendo cerveja e fumando cigarros, demonstrando, com essas atitudes, um desregramento, um distanciamento do que eles entendiam e que praticavam como representação social de um atleta dessa modalidade. A grande maioria dos atletas consultados sobre essas particularidades (fumar e beber) de Dourado inclusive dizia que agindo dessa maneira, tão indisciplinadamente, o mesmo só estaria contribuindo para o senso comum continuar sendo preconceituoso em relação aos lutadores:

“- Eu sou lutador de verdade, não perco meu tempo vendo o programa, ainda mais que o outro (Marcelo Dourado) só aparece bebendo até cair e fumando sem parar. De que maneira dá pra acreditar num cara desses? Eu tenho que treinar, sempre, todo o dia, é sagrado. Imagina se eu vou tomar porre e ficar como ele ficou, bêbado, de cair. Esse cara tá queimando o nosso filme”. (Depoimento do atleta G. da ProFight Sports, 05/03/04).

Outro depoimento confirma o caráter de devoção e disciplina exigido para esses atletas e, segundo eles, contrário às atitudes de Marcelo:

“- O cara tá lá, mostrando tudo o que um lutador não deve ser. Eu fico de cara. Ele já tá arranjado na vida, é só não bobear que ele ganha uma grana preta por tá lá, na telinha da Globo. Não vai precisar lutar mais, vai ganhar uma grana como “celebridade” e se for esperto, continua na academia dele e vive da imagem. Agora, que ele tá sendo um zero para a divulgação da imagem do lutador, isso ele tá. Ele chegou a dizer que quando saísse da casa, ia voltar para Porto Alegre e fazer as coisas que ele já fazia: tomar trago com os amigos e brigar na rua!!!! Eu fico de cara: a gente aqui treinando, dando duro e vem um mané desses dizer que vai brigar na rua!!!!!! Pó, tu já viu a gente fumando aqui dentro? Pois é, mas é só tu ligar a tv no programa que tá lá, ele, o Dourado, com um cigarro na mão. Porra, o que quê esse cara tem na cabeça? Desde

quando lutador de verdade briga na rua e fuma?(Depoimento do atleta U. da ProFight Sports, 01/03/04).

Enfim, é nos ambientes de luta que os atletas constroem a disciplina necessária para os treinamentos e para as disputas. Também é nesses espaços que se socializam as novidades, seja de um novo suplemento alimentar, uma nova posição de golpes, uma nova marca de luvas, um novo modelo de protetor de orelhas, uma revista especializada em lutas ou as fotos de alguma competição em que um atleta do grupo tenha participado, material a ser devidamente manuseado e comentado por todos os presentes.

Nas atividades das academias, os atletas reúnem-se com os seus pares para os treinamentos, para as reuniões sobre próximos eventos, para discutirem vídeos de lutas de atletas consagrados ou para analisarem as atuações próprias e de seus pares em disputas já acontecidas. Nesses momentos, “um esporte tem mais chance de ocupar as conversas quanto mais ele se aproxime de um esporte de combate e faça apelo para as qualidades viris” (WACQUANT, 2002, p.56).

Em várias oportunidades, pude constatar *in loco* essa hierarquização temática dentro das academias. Numa delas, em seis de janeiro de dois mil e três, após as festas de final de ano, no reencontro dos atletas, o assunto ficou dividido em três temas: praia, mulheres e lutas. Num dado momento, todos os presentes, em torno de quinze atletas, faziam comentários sobre a última vitória do Minotauro. Ou seja, o assunto que maior polarização atingiu foi exatamente a performance de um ícone deste esporte.

É através da circulação dessas informações nas mídias especializadas, revistas e programas que cobrem somente competições da prática de *M.M.A.*, que esses atletas se interessam e são levados a pensar e a discutir as lutas dentro de uma linguagem de

espetáculos, rompendo a barreira do preconceito que ronda essa prática e, uma vez que aparece na programação da televisão, pode ser diferenciada de ser só uma briga, já que os atletas para ocuparem o lugar central do ringue, dominam técnicas e executam estratégias durante o confronto, que os leigos não conseguem identificar. Os atletas que aparecem nos programas esportivos da televisão, e em outras formas de mídia, sempre são alvos dos comentários dos demais praticantes: eles estão na posição de destaque para os demais e seus feitos são sempre valorizados, ou criticados, em caso de derrotas.

Nas minhas andanças por esses ambientes de lutas, pude observar que, com exceção dos dias posteriores aos jogos da dupla Gre-Nal, quando invariavelmente esse era o assunto em pauta durante determinado tempo, a temática das conversas não se desviava de resultados de lutas, retrospectos de lutadores, suas próprias participações em competições de final de semana, novas aquisições amorosas, esforços dos últimos treinamentos e as lesões daí resultantes. Essas conversas obedeciam ao que Wacquant já chamou de “conversas ritualizadas”, que desde a ordem dos interlocutores até o teor de suas proposições reproduzem a estrutura de funcionamento das academias, complexa e hierarquizada (2002, p.57). A temática das conversas nesses espaços não se afasta, de uma forma direta ou indireta, das tentativas de vitórias que os atletas perseguem com a preparação e o treinamento de seus corpos.

Assim, é nesses ambientes de treinamento que os atletas socializam novos golpes e posições, cuja apropriação será de vital importância dentro do ringue. E é também nesses espaços que o corpo e a cabeça do lutador preparam-se para os desafios dessa prática esportiva. Mas também essas academias são espaços e lugares de cumplicidade, de valorização e de apoio entre os lutadores, que reforçam os laços dessa confraria viril.

3. A CONSTRUÇÃO DO CORPO LUTADOR

O que caracteriza o objeto de arte é o fato de ele ser intocável. Uma vez concluída, a obra nunca mais é retocada. Ela pode sofrer alguma restauração, mas esta não deve sobretudo modificá-la. Poderíamos dizer, em um sentido tradicional, que o corpo é o oposto de um objeto de arte, pois está em perpétua metamorfose. Trabalhar o corpo, 'esculpi-lo', é compará-lo a um objeto de arte, mas não é tomá-lo como tal (JEUDY, 2002, p.19).

Dentro da prática de *M.M.A.*, o corpo lutador ocupa as principais atenções, sejam dos atletas, treinadores, preparadores físicos, juízes, patrocinadores e da assistência, porque é nele, no corpo que se apresenta no ringue, que estão centrados os vários investimentos realizados nos ambientes das academias e competições. Os corpos, treinados e investidos para a realização dessas performances, são paulatinamente construídos ao longo das diferentes etapas de uma cadeia esportiva-cultural, que busca torná-los resistentes, hábeis, eficientes, almejando garantir, assim, condições mínimas para participar de um confronto, objetivo último desses processos esportivos e culturais.

O corpo desses atletas é construtor e é construído nesse universo cultural, abordado ao longo desse texto, pois, de acordo com Bourdieu (2001), é o *locus* de nosso aprendizado.

Com os avanços da Antropologia, cada vez mais está se distanciando o corpo de conceitos e dogmas físico-biológicos de domínio da Medicina e o abrigo em termos de significações e valores culturais (BENEDETTI, 2000, p.10).

Assim, dentro dessa cultura das lutas, as etapas de “fabricação de corpos guerreiros” são variadas e complementares, onde se destacam, por exemplo, a preparação (física-técnica-tática) para a luta, que se dá através das rotinas de treinamentos e resulta na aquisição de uma musculatura treinada; a utilização de suplementos alimentares e, na grande maioria dos casos, o uso de anabolizantes. Acrescenta-se também a essa cultura do lutador, o uso de elementos específicos de indumentária e de acessórios, tais como o protetor bucal, entre outros. A preparação do corpo desses sujeitos para a prática de *M.M.A.*, bem como os efeitos localizados nesse instrumento de trabalho compõem os processos rituais corporificados por esses atletas.

Nas minhas andanças nos ambientes dessa cultura tão específica, nos encontros com os personagens centrais dessas performances corporais, pude observar diferentes rotinas e práticas voltadas para a construção do corpo lutador, cujas singularidades são apresentadas neste texto, a partir de três itens denominados de: “A preparação física e técnica”; “O silêncio dos não inocentes” e “Músculos performáticos”.

As etapas e os procedimentos de preparação do lutador foram entendidos sob a perspectiva de processos esportivos-culturais aos quais esses sujeitos submetem os seus “instrumentos de trabalho” e percebidos como a busca do aperfeiçoamento corporal necessário a quem almeja viver do corpo.

Assim, se “o corpo é, ele próprio, um processo” (SANT’ANNA, 1995, p.12), este capítulo aborda vários deles presenciados durante minhas aproximações dos corpos lutadores.

3.1 Preparação física e técnica.

Ninguém, na verdade, até o presente, determinou o que pode o corpo, isto é, a experiência não ensinou a ninguém, até o presente, o que, considerado apenas como corporal pelas leis da Natureza, o corpo pode fazer e o que não pode fazer, a não ser que seja determinado pela alma. Espinosa

Como parte essencial do processo de construção de um corpo lutador de *M.M.A.*, os atletas que desejam subir ao ringue devem dominar um repertório de técnicas corporais oriundas de diversos estilos de lutas, buscando assim, incorporarem um manancial de posições e golpes distintos, imprescindíveis para uma disputa aparentemente física. No entanto, conforme o citado no capítulo anterior, lutar também é uma disputa de estratégias, de raciocínios, entre competidores treinados para executarem as suas ações de maneira mais eficaz possível. Os treinamentos observados incluíam técnicas de boxe, *muay thai*, *wrestling* e jiu-jitsu, além da preparação física, e entre os diferentes espaços observados, quase não havia diferenças nas rotinas de treinos dessas práticas.

A Academia *ProFight Sports* mantinha no seu quadro de avisos na sala do tatame a seguinte prescrição das atividades, destinada aos membros daquela equipe de *M.M.A.*:

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
MANHÃ <i>Muay Thai</i> Bloqueios Esgrima Joelhadas	MANHÃ Boxe Técnicas Aparelhos Manoplas	MANHÃ <i>Muay Thai</i> Luvas	MANHÃ Boxe Esc. Combate Luvas Manoplas	MANHÃ <i>Muay Thai</i> Bloqueio Esgrima Joelhadas
TARDE Prep. Física	TARDE Prep. Física EQUIPE	TARDE Prep. Física	TARDE Prep. Física EQUIPE	TARDE Prep. Física
NOITE Jiu-Jitsu	NOITE <i>Wrestling</i>	NOITE <i>Submission</i>	NOITE <i>Wrestling</i>	NOITE Jiu-Jitsu

Os outros espaços não apresentavam o detalhamento por escrito das atividades de treinos, mas os atletas exercitavam-se regularmente em horários estipulados entre eles e agendados com os mestres, numa rotina semanal.

Pelas diversas atividades, percebe-se que ao corpo guerreiro são destinados diferentes estímulos e técnicas complementares. Assim, a parte da trocação, isto é, dos golpes desferidos pelos punhos no boxe, é complementada pela técnica de *muay thai*, onde além de chutes, pode-se usar joelhadas, cotoveladas e caneladas.

As regras nas quais acontecem as disputas de *M.M.A.* possibilitam que o combate prossiga com um dos atletas no chão. Este, então, estará provavelmente na mira dos golpes referidos acima, bem como de outros, entre os quais, o pisão, quando se procura acertar o corpo do oponente com a sola dos pés, sendo bastante visado o rosto de quem está deitado, tentando se defender.

Para um competidor derrubar o outro, são válidas técnicas que permitam esta ação. Dessa forma, os atletas têm-se dedicado a praticarem o *wrestling*, ou seja, as técnicas de luta greco-romana *free style*, que atacando qualquer parte do corpo do oponente (tronco, pernas, quadril) visam levá-lo ao solo. Estas técnicas específicas para as quedas, ou seja, para a derrubada do oponente, são também aprimoradas e diversificadas quando são usados os golpes de jiu-jitsu e de judô para esse fim.

Quando ambos os competidores estiverem no chão, as técnicas de jiu-jitsu têm-se mostrado efetivas na definição de um combate, principalmente porque são aplicadas nas diversas articulações do corpo do adversário e, quando bem executadas, dificilmente um atleta consegue resistir a elas, sem comprometer sua integridade física.

Os diversos tipos de treinamentos a que os atletas submetem seus corpos objetivam condicioná-los ao ataque e a reagirem diante das diversas situações ofensivas representadas pelo oponente. Uma grande variedade de golpes, de posições, de saídas, de ataques, de posturas ofensivas e defensivas deve fazer parte do capital corporal do lutador, do “conhecimento incorporado”, (HASTRUP, 1995) e sem o conhecimento mínimo de golpes representativos das diversas técnicas, dificilmente um lutador poderá ser efetivo na sua ação do ringue e almejar a vitória.

Como a própria denominação em inglês indica, *MIXED MARTIAL ARTS*, e as próprias regras dos confrontos possibilitam a mistura de diferentes técnicas de lutas, com suas variações de golpes e movimentos, o processo pedagógico dessa prática esportiva implica a aproximação, o conhecimento e a apropriação corporal de diferentes estilos e modalidades de lutas. Assim, é premissa básica tentar dominar um repertório corporal de técnicas de luta que incluem jiu-jitsu, boxe, boxe tailandês (*muay thai*) e luta greco-romana, com cuidados redobrados quanto à preparação física, para garantir ao corpo habilitado nessas técnicas, além da força, a resistência necessária para enfrentar um confronto, na maioria das vezes, bastante desgastante⁵⁶.

Além da parte física, o lado psicológico dos atletas também é motivo de preocupação, já que tanto a vitória quanto a derrota envolvem emoções fortes. Há, ainda, um cuidado especial e um investimento pessoal na alimentação, uma vez esse é um assunto constantemente pautado nas conversas entre esses sujeitos, apesar de nenhum dos atletas observados contar com a assessoria de nutricionista. As práticas

⁵⁶ O tempo de duração de cada luta depende da organização do evento, variando a duração dos *rounds* e tais detalhes são tornados públicos na reunião que antecede os combates, onde são esclarecidas todas as dúvidas referentes à duração e às regras. Normalmente são três *rounds*, sendo o primeiro com maior tempo. Como referência, os torneios *Meca* têm o primeiro *round* com dez minutos e os dois seguintes duram cinco minutos, totalizando vinte minutos de luta, com intervalos de dois minutos entre eles.

de *M.M.A.* são desenvolvidas preferencialmente entre jovens e adultos brancos do sexo masculino. Durante o período de pesquisa, só constatei um sujeito negro treinando e competindo em Porto Alegre. Nesses mesmos espaços, nunca houve a presença feminina envolvida diretamente no treinamento ou em competição da modalidade. Tudo indica que podem ser aprofundados estudos sobre questões de raça e gênero nesse universo esportivo⁵⁷.

A excelência das técnicas de luta é cotidianamente construída e posta à prova, bem como o condicionamento físico dos atletas. Eles submetem-se a treinos rigorosos e extenuantes, baseados em um grande número de repetições de exercícios, pois “o treinamento é uma disciplina intensiva e fatigante” (WACQUANT, 2002, p. 79). Inúmeras vezes, pude testemunhar, nos ambientes da prática de *M.M.A.*, o empenho corporal que faz parte da preparação e das próprias lutas. Assim, treinamentos e competições das artes marciais combinadas, observadas para este estudo, revelaram o quanto de aplicação e de desgaste é cobrado dos sujeitos dessa prática.

Dessa forma, os esforços físicos também são bastante perceptíveis num treinamento de *wrestling*, ou luta greco-romana, cujas técnicas são desenvolvidas objetivando derrubar o adversário e encostar suas escápulas concomitantemente no chão, e o sistema de pontuação inclui, entre outras possibilidades, posições de ataques nas pernas e colocação de determinadas partes do corpo do adversário no solo, como por exemplo, os joelhos. Escolhi essa modalidade, dentre as outras acompanhadas, para retratar uma sessão de treinamento, por ser a que mais curiosidades me despertava, principalmente pelo currículo

⁵⁷ Conforme o já citado na página três deste texto, o *X Meca World Vale Tudo*, realizado em Curitiba-PR em dezembro/03 apresentou a inovação de uma luta feminina.

do treinador⁵⁸. No dia quinze de abril de 2004, acompanhei um treino de *wrestling* na Academia *ProFight Sports*, que teve seu início com uma corrida pelo tatame, com o treinador, sem executar e de posse do cronômetro, dando o ritmo da movimentação e comandando a seqüência dos exercícios. Os atletas corriam em fila e, obedecendo às ordens dadas, iam acrescentando os movimentos ordenados. Foram feitas numa seqüência, rotações de ombro para frente e para trás, alternando os braços, corridas com mãos na nuca, mãos encostando-se ao chão e alternando-se, e em saltos. Após, foram solicitados e executados rolamentos para frente, a partir do início do tatame e a volta se dava com rolamentos para trás, duas passagens para todos. Então, todos se deslocaram pelo tatame executando “estrelinhas” e o treinador exigia mais empenho nas execuções, valorizando quem executava o movimento com mais perfeição. Voltaram a correr pelo tatame, dessa vez, cada atleta levando um companheiro literalmente atravessado nas suas costas, como um peso morto. Cada um correu cinco voltas e depois foram invertidas as posições. Ainda em duplas, um segurava as pernas do outro, imitando um carrinho de mão, que ia deslocando-se pelo tatame, usando a musculatura dos braços para isso.



Foto 21 - Atletas aquecem no treino de wrestling, executando o carrinho de mão, observados pelo treinador que está ao centro.

⁵⁸ Os treinos eram feitos sob a orientação de Floriano Spies, atleta olímpico em Seul/1988, na modalidade de luta livre – categoria *free style*.

Revezaram-se na posição. O aquecimento continuou com apoio invertido feito simultaneamente pelos atletas.



Foto 22 - Os atletas executam simultaneamente a flexão de cotovelo, no que chamam de apoio invertido.

Os atletas deitaram-se e começaram a trabalhar a musculatura do pescoço. Primeiro fizeram cinquenta repetições numa seqüência de queixo no peito, orelha no ombro e queixo no ombro, e todos contavam as dezenas. Depois, apoiaram a testa no chão, quadril elevado e pernas estendidas, caminhando para frente e para trás.



Foto 23 - O exercício consiste em forçar a musculatura do pescoço, encostando o queixo no peito, com deslocamento das pernas para frente e para trás.

Foram separados em duplas, com o critério de pesos aproximados, um ficando em quatro apoios e o outro, sentava-se sobre a região cervical e dorsal. O que estava sentado sobre o corpo do companheiro fazia abdominais e forçava a região cervical do outro atleta. Cada um fez vinte repetições do exercício.



Foto 24 - Dois trabalhos: em cima, abdominal; em baixo, reforço da musculatura cervical.

Então, começaram os trabalhos da musculatura lombar, realizando pontes, onde erguiam as costas do chão e os pontos de apoio se restringiam aos pés e a cabeça.



Foto 25 - Primeira parte: ponte simples para sustentar a posição.

Ficaram aquecendo assim a musculatura durante um tempo. Depois, ao comando do treinador e mantendo o ponto da cabeça fixo no chão, viravam-se de frente e de costas, em movimentos rápidos, controlando o corpo para não perderem o apoio da cabeça e não usar outro ponto do corpo, além dos pés, para a alternância de posição.



Foto 26 - O exercício consistia em girar rapidamente o próprio corpo sobre o eixo da cabeça.

Executavam um movimento de girar rapidamente sobre o próprio eixo da cabeça, sendo corrigidos e incentivados pelo treinador. Após alguns minutos dessa movimentação, todos fizeram “dois centímetros”, quando em decúbito dorsal, apóiam-se somente na cabeça e nos pés, aproximando as costas do chão, numa altura próxima a dois centímetros do solo, permanecendo imóveis durante dois minutos. Então, relaxaram trinta segundos e repetiram essa série mais duas vezes.



Foto 27 - “Dois Centímetros” : manter o corpo próximo do chão, contraindo a musculatura anterior e posterior.

O treinador certificava-se do esforço da musculatura, colocando um pé sobre o abdômen dos atletas. O mesmo passou a orientar alongamentos do pescoço, quando todos ficaram sentados sobre os calcanhares. Alongaram lateralmente o pescoço, uma vez para cada lado, com auxílio dos braços. Deixaram pesando os braços sobre a cabeça e relaxaram, tentando encostar o queixo no peito e por fim, executaram giros com a cabeça, lentamente, nos dois sentidos.

Continuando com a preparação corporal, começaram as partes da técnica da luta, em duplas, cada um fazendo vinte entradas de *double leg*⁵⁹ no companheiro. No exercício, agarram-se as duas pernas do adversário, encaixando a cabeça ao lado da costela, em baixo do cotovelo de quem será derrubado. Com a força das pernas, ergue-se o companheiro e projeta-o ao solo. As duplas começaram a execução e iam sendo corrigidos detalhes pelo treinador, que parava e demonstrava a execução correta dos movimentos para quem estivesse fazendo de maneira inadequada.

⁵⁹ É uma entrada de ataque, que como o nome diz, são agarradas as duas pernas do adversário, na altura das coxas, tentando derrubá-lo com essa movimentação.

Após as duplas já terem se revezado, sugeriu mais dez entradas para todos, em que eles devessem enganar, fingir o oponente e indicou, por exemplo, que uma mão vai em direção à cabeça do adversário, para distraí-lo e o ataque se concentra nas duas pernas, com a finta sendo um recurso para ser mais efetiva a surpresa do golpe. O treino foi interrompido para que todos pudessem beber água e recomeçou com um exercício, e o treinador explicou que a prioridade do treinamento seria para o atleta da academia que já estava com uma luta de *M.M.A.* marcada. O mesmo colocou-se no centro do tatame e os demais ficaram numa fila, revezando-se no ataque. Então, o que estivesse no primeiro lugar da fila, partia para o ataque, tentando cinturar o lutador, isto é, prendê-lo pela cintura e através do uso de técnica e força, projetá-lo ao solo. Este teria que resistir às investidas e seu objetivo era não deixar ser derrubado pelos companheiros.

Quando isso acontecesse, o lutador levantava e imediatamente o próximo da fila faria suas tentativas de derrubá-lo. Cada um dispunha de um minuto para tentar a queda, usando os golpes conhecidos e já treinados de *wrestling*. O treinador ficava ao lado, com o cronômetro, incentivando para que o lutador não deixasse ser derrubado e cobrando golpes mais bem executados de quem tinha a tarefa de derrubar. Os primeiros dez ataques foram sem descanso para o lutador, totalizando dez minutos de combate, mesmo tempo do primeiro *round* de sua futura luta. Então, o treinador concedeu dois minutos de descanso para o lutador e novamente recomeçou a atividade, incentivando a todos para que se preocupassem com a execução da técnica em detrimento da força física, incentivando ao lutador para que conseguisse se manter de pé e cobrando agilidade de todos. Cobrava sempre dos atletas que estavam no revezamento para serem extremamente agressivos, pois assim estariam ajudando no treinamento do lutador.



Foto 28 - Uma das etapas do treinamento de wrestling é imobilizar o adversário no chão.

Após mais um tempo nessa movimentação, declarou-se satisfeito com o rendimento de todos e encerrou a parte das técnicas de luta e passou a orientar os alongamentos. Estes começaram com todos deitados de costas no chão, abraçando alternadamente as pernas, mãos por baixo do joelho. Sentados, alongaram os posteriores das pernas, tentando alcançar a ponta dos pés estando as pernas unidas. Depois, com as pernas na posição de borboleta, trataram de alongar a musculatura do pescoço, com as mãos em forma de prece, forçando a hiperextensão.



Foto 29 - Alongamento do pescoço em posição de borboleta.

Depois, pernas afastadas, alcançar a ponta dos pés. Ficaram agachados, alongando a musculatura lombar, enquanto o treinador fazia considerações gerais sobre o resultado do treinamento e projetava os trabalhos das próximas seis semanas, dando prioridade para o treinamento do lutador que iria competir no torneio *Meca*.

Os treinos de diversas modalidades de lutas, jiu-jitsu, *muay thai*, *wrestling*, com as técnicas de boxe, são conhecidos entre os praticantes como *cross-training*. São as oportunidades deles buscarem uma especialização nas diferentes modalidades esportivas, ou pelo menos, tentarem incorporar procedimentos e golpes básicos desses estilos diversos, cuja aquisição corporal será fundamental no momento da competição. Entre os atletas observados, todos praticavam essas diferentes modalidades, na rotina da preparação para os desafios do ringue.

As diversas etapas de treinamento (preparação física, treinos das diferentes técnicas, treinos de ataque e de defesa, simulação de combate, treinos de bloqueio) pretendem fazer com que o corpo dos atletas suporte todo o desgaste físico e emocional presente nas práticas e ainda seja performático, já que deve expor publicamente seu preparo corporal e suas habilidades devem revelar-se eficazes, se quiser construir uma carreira vitoriosa. Estas devem ser efetivas, a ponto de conseguir derrotar o adversário, por nocaute, impedimento médico ou desistência. Em caso de término do tempo regulamentar, quando juízes decidem o vencedor, deve convencê-los de sua superioridade, merecendo assim os créditos da vitória.

Ao contrário do constatado por Wacquant (2002) na sua etnografia com os lutadores na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, sobre o caráter extremamente repetitivo dos treinos imposto aos seguidores do boxe, os treinamentos observados

com atletas de *M.M.A.* apresentavam muitas variações, uma vez que, no mínimo quatro técnicas diferenciadas de lutas de contato compõem o repertório corporal dos praticantes. O domínio de cada técnica implica o conhecimento de muitos golpes e posturas e a combinação entre elas, o *Mixed Martial Arts* abre um leque de capital simbólico (BOURDIEU, 1990) gigantesco. Dessa forma, no treinamento, sempre são trabalhados novos golpes e variações, acrescentando novidades e complexidades aos movimentos. Há atletas que treinam ainda outras modalidades de lutas de contato como karate, *full-contact*, boxe chinês, judô e capoeira, porém, nos grupos acompanhados, essas modalidades alternativas não eram praticadas.

Além da parte técnica das modalidades, orientada por professores ou mestres das modalidades, a preparação física a cargo de profissionais da área tem se mostrado bastante diversificada, no sentido de evitar uma rotina desgastante para os praticantes.

A preocupação com a construção física do lutador foi constantemente observada durante a execução da pesquisa. O treinador-lutador L. realizou a preparação física para uma luta, que foi realizada em vinte de dezembro de 2003, numa das mais bem aparelhadas academias de musculação de Porto Alegre com a supervisão de um *personal trainer*, especializado em condicionamento físico e que está investindo na preparação dos lutadores, identificando aí um nicho de mercado profissional⁶⁰. Uma das funções dos preparadores físicos é trabalhar o condicionamento cardiorespiratório dos atletas e reforçar as musculaturas que poderão ser mais exigidas no confronto, tanto executando quanto recebendo golpes. Acompanhei, por diversas vezes, o trabalho

⁶⁰ O professor de educação física Jean Bueno goza de bastante prestígio no mercado local dos lutadores. É faixa roxa em jiu-jitsu e no seu currículo como *personal trainer* conta com os títulos de campeão mundial do atleta Fernando Paradedá, que treina jiu-jitsu na Academia Sul Jiu-Jitsu e compete pela equipe *Brazilian Top Team*, do Rio de Janeiro. No período desta pesquisa, estava direcionando seu trabalho na preparação de atletas gaúchos visando competições de *M.M.A.*, e treinava também o lutador Rafael Cestari, cuja última luta foi no Sul Combat, em 29/11/03.

do professor Rafael Alejarra desenvolvido com os atletas da *ProFight Combat Team* e também com atletas da Academia Sul Jiu-Jitsu, nas academias *ProFight Sports* e *Pro Gyn*. Os atletas da Academia *Boxer*, durante a duração da pesquisa de campo, não contaram com o trabalho específico de um preparador físico. Em busca de uma maior aproximação ao universo dos lutadores, em doze de fevereiro de 2004, participei como aluno do Seminário de Preparação Física de Lutadores, ministrado pelo Prof. Paulo Caruso, na Academia *ProFight Sport*. No dia posterior, presenciei a parte prática do seminário, quando orientou a parte física do treinamento de um atleta que estava em preparação para lutas de *M.M.A.*

No encontro, destinado a professores de educação física, acadêmicos, lutadores e treinadores, pude perceber as bases científicas aplicadas no condicionamento físico dos atletas, revelando uma profissionalização desconhecida a quem não tem familiaridade com essa prática, como por exemplo, a utilização da Dermatoglia, como recurso no treinamento dos lutadores. Esse método consiste, sumariamente, em diagnosticar, através das impressões digitais (I.D.), um perfil de possíveis valências físicas como força, velocidade, resistência muscular entre outras e, através da classificação das I.D., segundo os aspectos qualitativos e quantitativos, identificar o potencial genético dos atletas e, dessa forma, trabalhar em cima do que, geneticamente, o lutador tem como deficiências e pontos favoráveis, já sabendo de antemão quais as qualidades físicas com maiores chances de serem desenvolvidas pelo atleta. Partindo das necessidades físicas dos lutadores (resistência muscular e cardio-respiratória, força e habilidades), Caruso aplica princípios científicos de treinamento (individualidade biológica, adaptação, sobrecarga, continuidade, especificidades dos objetivos, micro e macro-ciclos) em dois tipos de cronograma de trabalho: manutenção do condicionamento físico (quando o atleta não tem nenhuma luta marcada e faz o trabalho

de “polimento”: adquirir e manter a condição física) e período competitivo (quando o atleta já tem definida a data de sua luta e, nas seis semanas anteriores ao confronto, faz um trabalho dirigido e voltado unicamente a esse compromisso).

Dentro dessas situações distintas, planeja e executa uma média de três a cinco sessões semanais de preparação física, revelando a especialização do treinamento baseado nos princípios científicos, aplicados a atletas de ponta de qualquer modalidade competitiva, programando o avanço das capacidades físicas.

Assim, num quadro em que viver exclusivamente em função de treinamentos e de competições de *M.M.A.*, com remuneração para tanto, ainda está longe da grande maioria dos praticantes, cabe aos preparadores físicos executarem seus trabalhos, sempre tendo em vista a participação dos atletas nas próximas competições, buscando também uma diversidade de métodos de trabalho e de novos exercícios, no sentido de evitar a simples repetição das atividades físicas, desestimulante para os lutadores. O trabalho desses profissionais também envolve acompanhar as adaptações e a recuperação dos atletas ante as cargas do treino, exigindo sensibilidade para perceber problemas (físicos ou emocionais) de seus atletas, fatores prejudiciais para qualquer desempenho esportivo.

Nas observações que fiz junto ao trabalho do preparador físico Rafael Alejarra, que elabora suas prescrições de treino de acordo com orientações e consultoria do professor Paulo Caruso, nunca houve repetição da atividade realizada no encontro anterior, tal era a variedade de materiais, estímulos e situações por ele proposta. Trazia, para os encontros de preparação física com os lutadores, materiais inusitados como extensores de borracha acoplados em munhequeiras, materiais usados em fisioterapia,



Foto 30 - Material usado pelo preparador nas suas atividades com os atletas, com destaque para bola de areia de 8 kg e presilhas para cintura.

pesos e bastões de madeira presos a anilhas, buscando aproximar a preparação dos corpos guerreiros às situações que serão enfrentadas no ringue.

Fazia sempre uma explanação anterior ao trabalho físico, aproximando a atividade proposta de uma real situação de confronto no ringue, para que os lutadores entendessem e valorizassem a preparação, buscando a perfeição na execução dos movimentos propostos por ele.

Também demonstrava sensibilidade ao perguntar como haviam reagido ao treinamento anterior e, se fosse o caso, alterava a preparação no sentido de evitar uma fadiga desnecessária e contraproducente⁶¹.

Por diversas vezes, acompanhei a aplicação do trabalho de condicionamento físico nos atletas, tanto em grupo quanto em sessões individuais. Num desses encontros, em dezessete de março de 2004, na Academia *Pro Gyn*, acompanhei o trabalho

⁶¹ O *over training*, situação que ocorre quando o atleta excedeu suas capacidades físicas no treino, era comumente lembrado em sua preparação como algo a ser evitado conjuntamente entre atletas e preparador, através das conversas e avaliações propostas antes e após as sessões de condicionamento físico.

realizado por um lutador já com uma competição agendada, na rotina de trabalho corporal visando a essa data. O preparador explicou que dividiria o treino em duas partes, com trabalhos de exercícios isométricos e de musculação e, finalizando, com alongamentos. O primeiro exercício tratava-se de arremessar uma bola, *Medicine Bol*, de 8kg, uma vez em cada braço, sempre partindo em cima do ombro, para trabalhar a força na execução de socos.

Então, propôs exercícios de contração isométrica de todo o corpo, visando prioritariamente ao esforço na região lombar e abdominal, com o atleta permanecendo imóvel durante a execução.



Foto 31 - Preparação física: trabalhos isométrico da musculatura anterior e posterior, mantendo o corpo estático.

Após, o atleta retornou para o exercício de lançar a bola, sempre sendo corrigido na execução, e depois, um exercício para o trabalho dos antebraços e punhos, fundamentais nas “pegadas” do jiu-jitsu, que consistia em subir uma anilha de 5 kg, fixada na ponta de uma corda presa num bastão que estava nas mãos do atleta.



Foto 32 - O exercício consiste em fazer subir e descer o peso preso na corda através da flexão e extensão do punho, para trabalhar a força nas empunhaduras.

Na seqüência, mais exercícios de contração isométrica, com torção de quadril, exigindo a musculatura lombar e abdominal para manter o corpo nos três apoios e com tensão nas regiões citadas, durante o tempo de dois minutos, depois trocando a mão que estava no chão.



Foto 33 - O preparador acompanha, de olho no cronômetro, a execução do exercício: permanecer estático e depois trocar o lado.

Toda essa mesma seqüência teve mais duas repetições, sem intervalos de descanso entre elas, seguindo as instruções, correções e motivações do preparador. Depois, conduziu o atleta até a sala reservada para a musculação, onde fez uso de alguns aparelhos. Primeiramente, com o uso de pesos, trabalhou os membros superiores, simulando um estrangulamento usual e eficiente no jiu-jitsu.



Foto 34 – Lutador exercitando a musculatura do antebraço e braço, responsáveis pela “guilhotina” , golpe muito usado nas finalizações das lutas.

Na continuação, exercícios para a flexão de coxas e joelhos simultaneamente, para desenvolver a força nas pernas, responsável pela efetividade de chutes e pisões.



Foto 35 - Supervisionado pelo preparador físico, o atleta realiza flexão e extensão de pernas.

O último exercício na sala de musculação foi o de extensão dos quadríceps femorais.



Foto 36 - Nesta rotina de treinamento, o último exercício era a extensão dos quadríceps, musculatura bastante exigida nos chutes, sob a supervisão do preparador.

Ao final dessa série, pediu que o atleta contasse os batimentos cardíacos e registrou o número numa planilha de treinos.

Então, a preparação física continuou com séries de alongamentos, em outra sala.



Foto 37 - Última parte do treino: alongamentos.

Depois, cruzou as pernas do lutador, visando ao alongamento da parte interna da coxa.



Foto 38 - Alongando as musculaturas posteriores e internas das coxas.

E como última posição no chão, fez o alongamento cruzando peitoral e pernas, trabalhando ambos os lados.



Foto 39 - Alongamento cruzado de peitorais e musculaturas da coxa, com o auxílio do preparador.

De pé, no espaldar, o próprio atleta soltou seu peso, alongando a musculatura lateral. De cócoras, o atleta alongou a região lombar, com o preparador auxiliando no alongamento.



Foto 40 - O preparador força o alongamento, usando seu próprio peso.

Então a série foi completada com alongamentos da musculatura do pescoço, quando o atleta sentou-se e sua cabeça foi manipulada pelo preparador.



Foto 41 - Um dos cuidados da preparação é com o alongamento das musculaturas exigidas nos treinos e nas competições. A musculatura do pescoço recebe atenção especial.

O trabalho de condicionamento físico também pode ser aplicado num grupo de atletas, onde todos são responsáveis diretos pela execução correta das atividades e pela motivação dos companheiros de equipe, preparando-se conjuntamente para os “desafios” do ringue.

No dia dezoito de março de 2004, observei a condução de um treinamento feito coletivamente, tendo como cenário a Academia *ProFight Sports*, num sistema de circuito. Um dos atletas começou no ringue, com um artefato de borrachas de fisioterapia, amarrado em seu corpo e, uma vez preso por esses apetrechos, deveria manter a tensão nas borrachas e ainda executar movimentos de socar, manter a guarda alta, chutar, dar caneladas e outros golpes comuns ao boxe tailandês, durante três minutos, tempo em que a voz do preparador, exigindo empenho, garra e a perfeita execução dos movimentos, era a sua trilha sonora. Dessa forma, o sujeito realizava um trabalho isométrico de força, vencendo a resistência da borracha. O preparador, de posse do cronômetro, avisava quanto tempo ainda restava, cobrando sempre uma movimentação incessante do atleta, com atitude de guerreiro.



Foto 42 - Como parte da preparação, o atleta fica “amarrado” por intermédio de borrachas, sendo exigido que o mesmo se movimente à frente, atacando com socos e chutes, vencendo a resistência das borrachas.

Em outra sessão de trabalho físico, dessa vez numa sala especialmente equipada para o trabalho de condicionamento físico de lutadores, inclusive com ringue, o citado preparador novamente usou o recurso das borrachas de fisioterapia para o trabalho de força e coordenação dos movimentos do atleta. Amarrou na cintura do mesmo três borrachas, duas sendo fixadas em pesos colocados no chão da própria sala e ficou segurando uma. Ao seu comando, de posse do cronômetro, o lutador tinha que levantar um saco de areia, de 20 kg do chão, e avançar ou deslocar-se lateralmente, vencendo a resistência do material, obedecendo imediatamente às instruções.



Foto 43-Consultando o cronômetro, o preparador ordena que o atleta agarre o saco de areia na sua frente e corra para sua esquerda ou direita, ou avance, numa movimentação intensa, num trabalho de força explosiva, resistência e coordenação.

Através das observações com a preparação física, acompanhei e percebi na prática que há um planejamento do trabalho de condicionamento a ser executado pelos lutadores. O preparador acompanhado nessas situações tinha pastas com o detalhamento dos treinos em períodos de macro (doze semanas, buscando a manutenção do preparo físico) e micro-ciclos (período de seis semanas, onde prescreve o trabalho para atingir o ápice de rendimento ao final do período, coincidindo com a

data da luta), com anotações sobre os tempos, cargas, série de repetições, as frequências cardíacas e os rendimentos dos atletas, buscando otimizar o trabalho realizado e criando parâmetros para as próximas atividades. Também priorizava as musculaturas mais exigidas nos combates com trabalhos específicos.



Foto 44 - Trabalho específico para musculatura de punho e ante-braço: além do próprio peso, o atleta suporta uma anilha de 30kg.

O condicionamento cardiorespiratório, indispensável para obter o “gás” exigido num combate era normalmente trabalhado em corridas na esteira ou na via pública com duração de trinta minutos, monitorando os esforços dos atletas através de marcadores de frequência cardíaca⁶². Assim, determinava que corresse na faixa de 80% de suas capacidades aeróbicas. Se os atletas não tivessem lutas já confirmadas e agendadas, o trabalho executado visava à manutenção ou ao alcance de condicionamento físico, dependendo das condições individuais do lutador, sem qualquer sobrecarga nesse período.

⁶² Para acompanhamento de resistência aeróbica, o preparador dispunha de dois relógios POLAR, que são medidores de frequência cardíaca.

Porém, se já houvesse luta agendada e confirmada, o preparador planejava o trabalho a ser realizado no período de seis semanas antecedentes à competição. Nesse intervalo de tempo, as duas primeiras semanas seriam usadas para adaptação, num ritmo superior ao do condicionamento que já viesse sendo trabalhado, com uma média de três a cinco encontros semanais, com o objetivo de condicionar o atleta entre 70 e 80% de suas capacidades físicas e respiratórias. Nas três semanas seguintes, um ritmo mais forte, mais puxado, com trabalhos buscando progressivamente atingir os 100% das capacidades do lutador, ou seja, ao longo das três semanas, ir gradualmente aumentando o condicionamento do atleta, até chegar ao trabalho com exigências e respostas físicas máximas ao final do período, através de encontros regulares de quatro a seis vezes nas semanas. E na última semana antes do confronto, prescrevia apenas atividades leves, de baixo impacto, procurando descansar o corpo já devidamente trabalhado, com atividades aeróbicas (corrida na esteira) executadas diariamente, para ajudar na remoção do ácido láctico produzido no processo de preparação para a luta. Normalmente após a preparação física, os sujeitos consumiam vitaminas de banana⁶³, acrescida de suplementos energéticos, como forma de repor as energias e preparar o corpo para os próximos treinos.

Esse cronograma de preparação física é executado conjuntamente ao treinamento das técnicas de lutas, trabalho realizado observando-se também as mesmas intensidades, pois o corpo tem que estar condicionado fisicamente e habilitado tecnicamente para o confronto. Então, ao final dessas seis semanas, no processo de preparação para a luta, o corpo guerreiro passou por períodos diversos de treinamento e de condicionamento, visando tornar-se um “casca-grossa”, qualidade muito valorizada

⁶³ A banana, além de ser uma fruta barata segundo os lutadores, é rica em potássio, elemento imprescindível para evitar o acúmulo de ácido láctico e as doloridas câimbras.

nesses ambientes, uma vez que sugere uma couraça muscular útil, esculpida para proteger o sujeito dos golpes do adversário. Diferentemente do que foi analisado por Cecchetto (2004, p.143), que pesquisou academias de jiu-jitsu no Rio de Janeiro, onde “casca-grossa” é um termo que “refere-se ao lutador experiente, ícone da superioridade técnica e de compromisso com a ética competitiva baseada em regras”, no círculo do *M.M.A.*, esse termo é usado para identificar os sujeitos que não se entregam nos combates, que são raça, que não fogem da luta, mesmo estando em condições completamente desfavoráveis. Não há relação direta com o domínio das técnicas para a luta e, tampouco, com a ética da competição e sim, com a postura de não se render nunca no combate, não desistir nos momentos ruins de uma luta, mesmo que pague com o próprio corpo essa obstinação.

Nos processos de preparação para as lutas, o corpo guerreiro torna-se forte e resistente, trabalhando sua musculatura para desferir ou suportar as porradas a serem esperadas de seu opositor. Para além disso, precisa estar com seu instrumento de trabalho habilitado e condicionado a usar o repertório de golpes das diversas modalidades de lutas, treinadas conjuntamente de uma maneira eficaz, buscando sempre a supremacia de sua atuação. Por fim, é necessário que este corpo seja ainda inteligente, para mediante as ações do inimigo no “diálogo” com sua própria desenvoltura no ringue, manter ou alterar a sua estratégia de combate, explorando os pontos fracos do oponente, ocultando as próprias deficiências e fragilidades, visando torná-lo um corpo vencedor ao final da disputa.

Os treinamentos físicos, técnicos e táticos (estratégias a serem aplicadas durante a luta, tais como: usar predominantemente na competição os pontos fortes de suas técnicas, explorando as deficiências do adversário; outra estratégia seria levar a luta

para o chão, quando se sabe que o adversário não tem grandes conhecimentos de jiu-jitsu; cansar o adversário deixando-o fazer mais movimentação, fugir da trocação de golpes quando o adversário tem aí seus pontos fortes, evitar ficar no raio de ação dos golpes do oponente, entre outras prescrições) são aplicados nos corpos dos lutadores à medida que são trabalhados “movimentos do corpo que só podem ser apreendidos completamente em ato e que se inscrevem na fronteira do que é dizível e inteligível intelectualmente” (WACQUANT, 2002, p.78). Entretanto, o pensar, o raciocinar não está excluído da rotina de treinamentos e o lutador precisa requisitar seu cérebro para conduzir-se no ringue. Essa percepção aparece muito explicitamente durante os treinos. A seguinte ordem proferida numa atividade de treinamento ratifica essa idéia:

“- Pensa no que tu tem que fazer! É só lembrar o que a gente treinou. Tá lembrado agora? Pois é, é só isso, não inventa nada! É só pensar no que tu já treinou e sabe fazer. Não tem mistério”. (Observação feita num treino na Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu, em 06/09/03, do treinador B. para o atleta T. M. de sua equipe.)

Em outra situação de treinamento, pude perceber o esforço mental que é exigido do atleta como parte do treinamento e requisito fundamental para sua conduta no ringue:

“- Eu quero que vocês lutem com a cabeça! Não é no automático não, tem que pensar no movimento, tem que pensar na estratégia, tem que pensar antes de executar a movimentação. Lutador tem que pensar antes e fazer o golpe depois. Vocês tão querendo fazer tudo no automático. Assim não dá certo! Lutador que dá porrada ‘cego’, no ‘escuro’, tá cheio por aí, mas eu quero trabalhar com gente ‘inteligente’, que pensa antes e escolhe sempre o melhor golpe.” (Fala do treinador F. para a equipe ProFight Combat Team no treino do dia 20/04/04)

O condicionamento físico construído e testado nos treinos e nas competições também implica um condicionamento mental perseguido por atletas e treinadores, principalmente quando eles afirmam que lutam com a cabeça, definindo e aplicando uma estratégia intelectual, previamente elaborada:

“- Eu treino para levar a luta pro chão, onde eu sou melhor, por causa do jiu-jitsu, né? Então é isso, minha estratégia é derrubar o cara, ficar por cima e tentar finalizar. É assim que eu penso na luta”. (Depoimento de U., da ProFight Sports, em 11/10/03).

A cabeça do lutador também é mencionada entre suas atenções e preocupações como parte fundamental da preparação para a luta. O corpo lutador precisa de uma cabeça de lutador para conduzir-se durante os treinamentos e apresentar-se no ringue:

“- A cabeça ajuda muito. Se a gente trabalhar o ‘psicológico’ do lutador e ele ter auto-confiança, então, a ‘coisa’ vai pra frente. Tem neguinho que tá sempre reclamando de dor, de lesão. Esse aí não vai dar pro pau não. Só pensa negativo, só pensa que não está bom. Na primeira porrada que tomar no ringue, vai pedir água, vai pedir arrego. Pra esse tem que trabalhar bastante o ‘psicológico’, tem que toda hora ficar dizendo para o cara: “esquece a dor, pensa na superação, vai firme, não pensa em desistir”. Esse aí tem o ‘psicológico fraco’ e a gente (professor ou mestre) tem que ficar puxando ele prá cima. Tem outros caras que não, que tem uma ‘cabeça’ que ajuda, que pensa prá frente, e estão sempre buscando a superação, querendo treinar mais e sempre dão o melhor nos treinos e que querem vencer e não se assustam com sangue e com levar porrada. Esses aí já tão com o ‘psicológico’ bem trabalhado, esses são atletas mesmo. (Depoimento de F., treinador da ProFight Combat Team, em 06/04/04.)

Além dessas falas, colhidas nos ambientes de treinos e de competições com esses sujeitos, também presenciei treinamentos visando à preparação para futuros confrontos de *M.M.A.*, quando o trabalho com o psicológico deles era explicitamente praticado, numa versão peculiar de auto-ajuda entre as cordas do ringue. Como, por exemplo, na noite de quatro de maio de 2004, num treinamento da equipe da Academia *ProFight Sports*, em que a parte final da atividade, a volta à calma, foi toda dirigida para o trabalho psicológico, com o treinador sugerindo passagens e situações de treino e da própria vida dos atletas, nas quais os mesmos tinham que concentrar seus pensamentos seguindo as indicações dadas, numa versão esportiva da superação dos limites.

Com as luzes da área de treinamento propositalmente apagadas e os atletas deitados sobre o tatame, o treinador iniciou sua fala dizendo que o mais importante é a cabeça do lutador, que não adianta o esforço do treino se a cabeça não estiver boa, pois é ela que comanda tudo e que tem que ser muito trabalhada, no sentido de buscar sempre a superação e pensar sempre positivo, seja durante os treinos, seja numa situação de luta, quando se está “debaixo do mau tempo”, com o adversário desferindo golpes violentos e sobre os olhares de um ginásio lotado, com torcedores pedindo “sangue e porrada em cima do nosso couro”. Conforme ia aprofundando os detalhes dessa situação hipotética e desfavorável, lembrava aos atletas que sempre, em qualquer situação, a cabeça é quem comanda o corpo; ela é quem faz o lutador desistir ou se empenhar para virar um jogo desfavorável. Então, pediu para o lutador mais experiente do grupo, que é lutador profissional, explicar como é ter sangue frio e pensar nos momentos ruins de um combate, já que tinha no seu currículo tanto vitórias quanto derrotas. Todos continuavam deitados, de olhos fechados, na sala escura.

O lutador começou sua narrativa pedindo que todos imaginassem que estavam entrando no ringue para enfrentar o adversário mais difícil para cada um. Logo no começo da luta, o hipotético opositor já estava em vantagem, desferindo golpes perigosos e que estavam entrando no lutador. Pediu que todos continuassem imaginando que havia terminado o primeiro *round* e que cada um estivesse sentindo naquele momento o corpo todo “arrebentado”, devido a uma superioridade do oponente, traduzida nos seus golpes quase indefensáveis. No momento do córner, há sempre muita gente falando, lembrou ele:

“- Tem que isolar todos os sons e só se concentrar numa pessoa e escutar só ela, aquela que a gente sabe que pode nos ajudar, fazer com que a gente veja a luta de outra forma e comece a reagir, tentando virar o jogo. É difícil se concentrar nesse

momento, a respiração tá ofegante, o corpo tá cansado e tá doendo, a adrenalina tá a mil e a gente tá quase sem gás. Mas a gente precisa acreditar na superação, precisa acreditar que vai mudar a luta e ir pra cima do adversário, e é a cabeça da gente que muda a história da luta”.

Ainda na sua narrativa, já durante o segundo *round* da luta na mentalização de todos, o mesmo sujeito pediu que continuassem imaginando uma situação adversa, com o adversário vindo para cima o tempo todo, acertando socos, joelhadas, fazendo “estrago” na sua defesa. De acordo com suas próprias palavras:

” – Eu tô perdendo a luta. Só tenho duas saídas: me entregar ou tentar reverter. Pego toda a minha energia e uso o coração com a minha vontade de fazer o melhor, pois a minha cabeça quer que eu lute até o final e eu sei que ela vai me ajudar para eu dar o meu melhor de mim no tempo que falta na luta. Vou pensando positivo e sei que meus golpes tão entrando, já sinto o adversário com medo de mim, ele tá começando a sentir o peso das minhas porradas e a minha força. Ele tá começando a cansar, ele tá ficando sem ‘gás’ e então, eu tenho que ir pra cima dele com tudo. E eu sei que eu consegui virar a luta no coração e tô indo com tudo para cima dele. E agindo assim, eu mostro pra mim mesmo que eu sou ‘guerreiro’, que eu tenho meu valor e que não desisti da luta, mesmo quando tava tomando o maior ‘pau’, mesmo quando eu tava perdendo a luta.”

Continuou na sua preleção sobre o poder da mente no corpo lutador, baseado nas suas experiências no ringue:

“- Ninguém tem obrigação de nada, só não podem se entregar, desistir. A obrigação é ir até o final, superar os limites, ter raça, obedecer ao que a cabeça manda e se ela quiser, a gente agüenta sempre as maiores porradas, a gente continua no ringue debaixo do ‘pau-pereira”⁶⁴, porque ela tá dizendo prá gente que dá prá reagir e virar o jogo. A gente tem que pensar assim, é a gente que condiciona a ‘cabeça’, os pensamentos e cria as condições psicológicas para a superação, para a reação. Eu tenho compromisso com o meu treinamento, com fazer o melhor de mim na hora do ringue. Foda-se o adversário, naquela hora eu só posso pensar no que eu treinei e que a minha ‘cabeça’ quer que eu continue, que eu ganhe a luta. É isso que eu também quero e eu vou obedecer minha ‘cabeça’. Tô aqui preparando meu espírito pra isso, porque meu corpo já tá preparado. Então, tenho que pensar como um vencedor e lutar como um vencedor. A gente condiciona o corpo nos treinos, mas a ‘cabeça’ tem que condicionar todos os dia, a gente tem que pensar como vencedor. Se não for assim, a gente acaba desistindo. A ‘cabeça’ tem que ‘tá’ mais preparada que o corpo. É esse o segredo”.

⁶⁴ Pau-pereira é gíria que os lutadores utilizam para descrever momentos ruins, difíceis, “sinônimo” de “pedreira”.

Após sua fala, os atletas ficaram ainda um tempo em silêncio deitados pelo tatame e só depois as luzes foram acesas. Todos foram cumprimentar o treinador e o lutador pelas palavras proferidas durante o trabalho psicológico feito com o grupo e comentaram a importância do mesmo ser repetido como parte da preparação para as próximas lutas.

Wacquant aponta uma particularidade do boxe e que julgo apropriada para ajudar a pensar a prática de *M.M.A.*, pois essa também é:

uma atividade que parece estar situada na fronteira entre natureza e cultura, no próprio limite da prática, e que, no entanto, exige uma gestão quase racional do corpo e do tempo, de fato extraordinariamente complexa, senão elaborada, cuja transmissão efetua-se de modo prático, sem passar pela mediação de uma teoria, com base em uma pedagogia completamente implícita e pouco codificada (2002, p.34).

A “pedagogia” que ensina ao lutador como se portar no ringue é a mesma que submete seu corpo aos esforços do condicionamento físico, que o habilita a desferir inúmeros golpes ofensivos e também a suportar todas as investidas do oponente, que usa igualmente o próprio corpo como o elemento gerador de suas ações no ringue. Não se faz um campeão de *M.M.A.* através de teorias, sem a necessária comprovação da prática, embora edições especiais de algumas revistas especializadas têm sido lançadas como “catálogos de golpes e posições” usadas nos combates⁶⁵. Tais materiais serviriam como apoio pedagógico, não substituindo a prática dos treinos nas equipes. Em função de tantas especificidades para se construir um lutador, é necessário que esta formação ocorra entre os que detêm maior capital corporal relacionado a essa

⁶⁵ Exemplos são as edições especiais da revista Tatame, PERSONAL LUTA LIVRE & SUBMISSION- Técnicas de Finalização, lançada em fevereiro de 2004 e PERSONAL TROCAÇÃO, lançada em abril de 2004.

prática, nos espaços onde ocorrem as interações entre mestres-treinadores-lutadores-aspirantes. É reconhecida a valorização dos mestres e da equipe, na medida em que são elementos que podem, através de suas vivências corporais e histórias de ringue, construir junto ao atleta, um corpo preparado às exigências de um confronto de *M.M.A.*

Os processos de formação do lutador são complexos e complementares, sendo que:

o ato de inculcar as disposições que formam o boxista (*o lutador*) relaciona-se, essencialmente, a um processo de educação do corpo, a uma socialização particular da fisiologia(...)visando a transmitir de modo prático, por incorporação direta, um controle prático dos esquemas fundamentais (corporais, emocionais, visuais e mentais) (WACQUANT, 2002, p. 79).

Os treinamentos, os ensaios das “coreografias corporais” das lutas são fundamentais nas carreiras dos lutadores. Nessas atividades são trabalhadas as diversas valências físicas e mentais diretamente envolvidas na construção dos lutadores e o controle emocional que o subir ao ringue exige. Assim, o treinamento também passa por “montagens fisio-psico-sociológicas de várias séries de atos”, conforme observou Mauss a respeito dos atos que compõem as “técnicas corporais” (1974,p.231).

Segundo esse mesmo autor: “a educação fundamental de todas essas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego” (1974,p.232). Então, por isso, o corpo que se quer lutador ou guerreiro deve vivenciar as diversas técnicas que formam o seu acervo de golpes e as atitudes mentais a serem exploradas e demonstradas no confronto, num cotidiano de estoicismo, tão perseguido e valorizado nesses ambientes. Esses golpes têm de ser frutos de “técnicas tradicionais e eficazes” (MAUSS, 1974,p.217), principalmente porque essa eficácia é constantemente posta à prova nos treinamentos e

nas demonstrações públicas. A vitória ou a derrota, num confronto de M.M.A., além da resistência e da força físicas, está intimamente relacionada à eficácia dos golpes apresentados pelo atleta nas diversas técnicas de lutas. A adaptação do corpo lutador a essas técnicas é: “perseguida em uma série de atos montados, e montados no indivíduo não simplesmente por ele mesmo, mas por toda a sua educação, por toda a sociedade da qual ele faz parte, no lugar que ele nela ocupa” (MAUSS, 1974, p. 218), reforçando o caráter cultural e social dos ambientes de lutas.

Um dos objetivos do treinamento é o refinamento da força bruta, eliminando esforços físicos desnecessários e o gasto energético correspondente, resultando em técnicas mais apuradas e eficazes. A fala do mestre F, faixa-preta de jiu-jitsu na Academia Sul Jiu-Jitsu, presenciada em cinco de fevereiro de 2003, quando o mesmo cobrava mais atenção quanto ao uso de força desnecessária, evidencia a afirmação:

“-Tu tá fazendo força que não precisa, cara. Assim, tu vai morrer logo, lembra que jiu-jitsu quer dizer ‘arte suave’, não força bruta, não é o que tu tá fazendo agora. Tu escolhe, ou luta com técnica e vai até o final, ou faz força, se cansa e ‘morre’ mais cedo. Mas tem que pensar no que tem que fazer, e é prá isso o treino aqui, prá pensar antes e não deixar faltar o gás”.

Essa fala reafirma a idéia já apontada na obra de Mauss (1974) quando identifica no corpo “o primeiro e mais natural objeto técnico” (p.217), que num confronto no ringue, além de preparado fisicamente para isso, também deve estar habilitado tecnicamente para a disputa e mostrar a eficácia de sua atuação.

Acompanhando por diversas vezes inúmeros treinamentos, percebi quão é valorizado e perseguido o uso racional do corpo na execução mais técnica possível dos golpes e posições, com melhor eficácia dos movimentos, evitando gasto

desnecessário de energia, preciosa para um lutador manter-se em atividade no ringue durante confrontos variáveis em *rounds* de cinco a dez minutos, tempo durante o qual estará sujeito a desferir e absorver golpes, entre outras ações físicas e mentais igualmente desgastantes:

“-Bater cansa muito, tu nem imagina quanto. É por isso que tem lutas que um cara apanha, apanha mesmo e fica só tentando se defender. Daí, quando o que estava atacando acaba cansando, o neguinho que apanhou vem com tudo para cima, e consegue reverter a luta, ganhando por nocaute ou muitas vezes, essa recuperação impressiona os juízes e ele acaba ganhando por pontos”. (Depoimento de L, treinador e atleta da ProFight Combat Team, em 03/03/04.)

O corpo guerreiro também é treinado para absorver os golpes, por vezes traumáticos, desferidos pelo seu opositor. A própria musculatura desses atletas deve desempenhar, quando trabalhada para isso, o papel de “armadura muscular”, ficando condicionada para receber os impactos resultantes das investidas do adversário. Os músculos trabalhados servem para proteger o corpo dos vários possíveis golpes desferidos pelo opositor: funcionam como uma armadura localizada na própria carne para a proteção e o salvo-conduto do atleta durante uma luta. Como já observou Gastaldo: “Longas séries de exercícios são comuns nos treinos (...). Seu objetivo é, além de conferir resistência física aos praticantes, prepará-los para controlar a dor resultante deste grande esforço muscular” (1995, p. 68).

O corpo guerreiro é o local para onde convergem todas as ações do opositor e que tem que ser resguardado e protegido durante a contenda. Trata-se então de, nos treinamentos, além de corrigir as técnicas a serem aplicadas durante o combate, criar no próprio corpo, através do reforço muscular, uma barreira, uma defesa contra os golpes desferidos pelo opositor. Busca-se criar nos próprios grupamentos musculares a defesa contra os ataques do adversário:

Os exercícios abdominais são imprescindíveis para um lutador: o abdômen é uma região extremamente vulnerável a ataques do adversário. Sem uma musculatura rija protegendo o fígado, o estômago e o baço, basta um único golpe bem colocado no abdômen para tirar do combate um lutador. Os exercícios abdominais, assim, enrijecem os músculos serráteis ventrais, formando uma espécie de "escudo" que protege os órgãos internos de traumatismos decorrentes do combate (GASTALDO, 1995, p. 73.).

É também através de treinamentos específicos, beirando a realidade física de um confronto no ringue e, por vezes, ultrapassando-a, que o corpo habitua-se a desferir, receber e absorver impactos traumáticos (chutes, pisões, socos, cotoveladas, joelhadas e variações desses golpes) e não esmorecer frente ao opositor. A preparação física, também, tem que atuar na massa muscular, preparando e condicionando-a para a absorção dos golpes desferidos pelo adversário, sendo que essa "sessão de pancadaria" faz parte do treinamento de quem deseja subir ao ringue e é parte fundamental da preparação para a luta.

Testemunhei vários treinamentos com esse objetivo, qual seja, fazer o lutador suportar com seu corpo e sua mente momentos desfavoráveis de um combate, em que está à mercê da agressividade do oponente. Assim, essa etapa do treinamento é valorizada e construída nesses cenários culturais com esses sujeitos, buscando-se sempre a superação e a determinação dos atletas submetidos aos golpes, reais, que ocorrem nos treinos:

"-Não é pra aliviar não, tem que ser porrada mesmo. Na hora do 'pau-pereira', neguinho não vai dar mole não. Então, tem que apanhar aqui (no treino) prá não se assustar na hora da luta". ('Comando' do treinador L., da Academia ProFight Sports, no dia 26/11/03, numa sessão em que orientava um dos atletas para bater 'na real', como parte do 'processo de aprendizado' de quem vai subir ao ringue).

A necessidade de trabalhar situações limites (físicos, psicológicos) de forma a

acostumar o lutador a toda a pressão que, por certo, suportará nas disputas de *M.M.A.*, também foi observada em outra situação quando o treinador B., da Academia *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu*, cobrava mais agressividade e realismo nos golpes trocados entre os atletas, durante um treino no dia onze de novembro de 2003:

“- Porra, não tão ouvindo? Tô falando que tem que bater mesmo, descer a mão, se tiver que machucar, machuca mesmo. O treino é isso, galera, tem que funcionar, vocês tão aqui pra ajudar ao T. Se ficarem dando mole, aliviando, como é que vcs acham que ele vai se acostumar a levar porrada e reagir? Não tem mágica. O cara apanha no treino, se acostuma a tomar pau e é obrigado a reagir ou o cara só apanha na luta e na hora que entrar golpe, o neguinho vai pedir água. Tamo aqui pra treinar. É hora de bater, então tem que bater mesmo. E quem não quiser bater, tá no esporte errado!”

Em outros treinos, ao contrário, havia um trabalho dirigido somente a parte ofensiva dos atletas, sem se preocupar com as respostas do adversário. Como parte do treinamento observado na Academia *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu*, os atletas deitavam-se sobre o saco de areia usado para treinamento de boxe, simulando o opositor, como parte da preparação técnica para a luta. Uma vez em “meia-guarda” ou na “montada”⁶⁶, ficavam batendo de diversas formas o competidor estático, preferencialmente atingindo a região onde seria a cabeça, numa movimentação incessante e explosiva, sob a correção e o incentivo do mestre, que de posse do cronômetro, gritava pedindo sempre mais golpes e diversas variações, e que fossem cada vez mais contundentes, não deixando os atletas diminuir o ritmo agressivo e nem o impacto dos golpes desferidos. Ou, de acordo com as palavras do próprio treinador, não deixava os lutadores “aliviar a pressão”. Nesse treinamento específico, usando o recurso do saco de areia inerte no chão, mesmo sem ter que se preocupar com ações do oponente, os esforços feitos

⁶⁶ Posições de jiu-jitsu, em que se está apoiado lateralmente sobre o corpo do adversário (meia-guarda) ou se está sentado sobre o tórax do mesmo (montada), em condições de aplicar severos golpes como socos e cotoveladas, ou tentar chaves de articulação bastante comuns nessa modalidade esportiva.

por eles para agredirem o adversário, imóvel, eram visíveis, confirmando a declaração do outro atleta, que esclarecia que o “bater” é uma atividade muito cansativa. Assim, quanto o treinador gritava TEMPO, todos se jogavam no chão e permaneciam tão inertes quanto o adversário.

A mesma utilidade do saco de areia de boxe, colocado no chão, como alvo de golpes desferidos com os punhos também foi observado numa atividade de preparação física, no dia vinte e oito de abril de 2004, em que o atleta L., da *ProFight Combat Team*, tinha que ficar dois minutos deitado sobre o equipamento, atacando-o incessantemente, de várias formas possíveis, sendo essa atividade parte do circuito de exercícios propostos pelo preparador físico para aquele dia.



Foto 45 - Atleta exercita seus socos em saco de areia. Na situação de uma luta, é o adversário que comprova esse poder ofensivo.

A preocupação em partir para cima, em atacar, em tomar a iniciativa do combate, em intimidar o adversário, em impressionar os árbitros e a assistência com uma postura tão agressiva e, na contrapartida, saber administrar o quanto de desgaste físico e emocional essas ações acarretam, está presente na rotina dos atletas.

Tão logo iniciei minha pesquisa na Academia *ProFight Sports*, tive a certeza de quão verossímil devem ser os treinamentos para servir de preparação aos desafios do ringue. Enquanto eu conversava com o professor no tatame, nas minhas costas, no ringue, havia começado uma luta entre dois atletas que já estavam aquecendo quando eu cheguei. Tentava me concentrar na conversa com o professor, que se mostrava solícito às minhas perguntas sobre quantas lutas ele já tinha no currículo. A barulheira no ringue era tanta que acabei virando a cabeça para olhar o que acontecia: os dois atletas já estavam caídos no chão, um sobre o outro, descendo a porrada literalmente. Não entendi se era treino ou se já era mesmo uma luta, mas não tive dúvidas quanto à veracidade dos golpes executados. O barulho das luvas de couro batendo no “couro” do lutador já tinha certa familiaridade para mim. Como era uma das minhas primeiras incursões nessa academia, não tinha parâmetros para avaliar o que estava acontecendo e não conhecia os “atores” que estavam em cena. Passado meu estranhamento inicial, retomei o diálogo com meu interlocutor.

Mas, minha atenção ficava desviada para o ringue, onde ocorria a atividade. E nem podia ser diferente, tal era a realidade do confronto. Os que estavam em volta no ringue, quatro atletas, pediam, aos gritos, que o que estava batendo não parasse a movimentação, não batesse fraco, e, ao mesmo tempo, orientavam o que estava por baixo para segurar os braços do opositor e tentar diminuir o poder ofensivo do outro atleta. Tal movimentação e gritaria levaram ainda uns preciosos instantes (minutos?) até que alguém gritou: TEMPO! Essa foi a senha para interromper todo aquele frenesi corporal, parte importante do processo de construção do lutador. Meu “estranhamento” ante o ocorrido pode ser traduzido pelas palavras de Wacquant, pois

aquilo que, aos olhos do neófito, tem todas as chances de passar por uma orgia selvagem de brutalidade gratuita e sem limite, é, de fato, um plano regular e minuciosamente codificado de trocas que, por serem violentas, nem por isso deixam de ser constantemente controladas, e cuja realização supõe uma colaboração prática e constante entre os dois oponentes, na construção e na manutenção de um equilíbrio conflituoso dinâmico (2002, p. 106).

Com o tempo, percebi que toda essa movimentação era treino de bloqueio, uma atividade corriqueira dentro da prática de *M.M.A.*, em que o atleta que está por baixo trata de tentar impedir ou neutralizar o poder ofensivo de seu adversário, numa veracidade que

esforça-se por reproduzir as condições de combate(...). Sem a prática regular no ringue, em situação, o resto da preparação não teria de fato muito sentido, porque a mistura de qualidades que o combate exige só pode ser avaliada entre as cordas (WACQUANT, 2002, p.97).



Foto 46-No treino de bloqueio, o atleta de baixo procura de todas as formas segurar o ímpeto do seu adversário, na recriação de uma situação esperada na competição.

Percebi, então, que, quanto mais real for a situação de treino, melhor preparado fica o lutador, pois os atletas:

têm consciência de que seu desempenho no ringue depende diretamente de sua preparação na academia, eles exercitam-se com ardor, de modo a ficar no auge da forma física e de controle técnico no momento de passar entre as cordas e, assim, cortar a ansiedade (WACQUANT,2002, p.86).

Conforme vim a perceber acompanhando diversos treinos, a movimentação, a trocação de golpes entre esses sujeitos é real e tem que ser assim mesmo, pois o treino de defesa (bloqueio) é uma situação limite, em que o adversário (integrante da equipe) está por cima do lutador, este com as costas no chão, tentando frear o ímpeto golpeador (preferencialmente socos, mas nessa posição são possíveis outros golpes como cotoveladas e até mesmo joelhadas visando acertar o tronco ou a cabeça) do oponente.

Dessa forma, “a preparação pode se revelar tão intensa e desafiadora que, perto dela, a luta irá parecer fácil: aliás, vários boxeadores acham que o treinamento é o aspecto mais penoso de seu ofício” (WACQUANT, 2002, p. 86).

Entre os praticantes de *M.M.A.* é idéia presente que: “é no treino que se ganha a luta”. Então, quanto mais esforços (físicos, psicológicos, emocionais) forem exigidos e treinados nas simulações que ocorrem dentro das academias, atingindo a veracidade de um confronto, mais preparado vai tornando-se o lutador para a competição. Várias vezes ouvi nos locais de treinamento “o mantra”: “treino duro, luta fácil”, uma espécie de compensação pelas agruras do treinamento e de vaticínio para a luta no ringue. Dentro dessa premissa, o treinamento é pensado em submeter o corpo a tão variados graus de exigências e a tantos desgastes, que a luta, a competição, deverá parecer “simples” e encarada como uma atividade “menor”, apresentando menos dificuldades que a rotina de treinos. Então, afora o fato de subir ao ringue, com a presença de

platéia e a conseqüente adrenalina que acompanha qualquer competidor, a luta não deverá oferecer maiores dificuldades e surpresas que as encontradas nos processos de treinamentos, momentos decisivos na preparação dos praticantes.

Conforme fui aprofundando minhas incursões observatórias nesses “cenários culturais”, tive ampliada minha percepção quanto ao preparo e ao uso do corpo por parte dos atletas. Assim, meus diálogos com eles sempre se mostraram altamente reveladores, permitindo-me a superação do estranhamento ante uma lógica característica deste universo cultural:

“- De quimono (ou seja, do jiu-jitsu) para o vale-tudo é só aprender a apanhar”.

Essa frase, ouvida num intervalo de um treino que eu estava observando, imediatamente motivou minha indagação:

“- E como se aprende a apanhar?”

“- Apanhando menos”.

A resposta, a princípio simples, abriu-me portas para a percepção das várias especificidades contidas nessa prática esportiva e me impulsionou na busca da tradução mais objetiva dessa afirmativa. Não desisti.

“- Como assim”?

“- Se o treino é pesado, vai ter medo de quê? Depois que o cara descobrir que soco não mata, o resto é brincadeira”. (Atleta U. durante uma sessão de treinamento presenciada na Academia ProFight Sports, em 07/10/03).

Exemplos como estes evidenciam quão específico é o processo para a construção do corpo e da cabeça do lutador. Enfim, tornar-se um lutador

é apropriar-se, por impregnação progressiva, de um conjunto de mecanismos corporais e de esquemas mentais tão estreitamente imbricados que eles apagam a distinção entre o físico e o espiritual, entre o que emerge das capacidades atléticas e o que diz respeito às faculdades morais e à vontade. O boxeador (lutador) é uma engrenagem viva de corpo e de espírito que despreza a fronteira entre razão e paixão, que explode a oposição entre a ação e a representação (WACQUANT, 2002, p. 34).

No entanto não é apenas aprendendo a apanhar, a bater e a resistir que se constrói um lutador. A preparação de seu corpo passa, também, pela inserção de tecnologia e na cientificização dos treinos. Em diferentes situações pude perceber que a preparação do corpo guerreiro para a prática de *M.M.A.* está tornando possível a ampliação de um mercado de trabalho para profissionais especializados neste campo. No Brasil, destaca-se, entre outros⁶⁷, o trabalho do preparador físico Paulo Caruso⁶⁸, carioca, faixa-preta de jiu-jitsu, que prescreve e acompanha treinos e competições de vários atletas. Presença constante nas diversas competições nacionais ou estrangeiras, atuando como “segundo”⁶⁹ de seus atletas, ele escreve artigos sobre condicionamento dos atletas de *M.M.A.* para as revistas e sites especializados.

A primeira oportunidade de tomar contato com seus métodos de preparação física ocorreu no *X Meca World Vale-Tudo*, realizado na cidade de Curitiba, em dezembro de 2003. No evento, para o qual preparou fisicamente o atleta Carlos Baruck, da então recém criada equipe *Brasil Dojô*, sediada na cidade do Rio de Janeiro, Paulo Caruso,

⁶⁷ O preparador físico Martin Rooney assina a coluna *Get Fit*, na revista *Gracie Magazine*, da Editora Gracie Ltda, e trabalha com atletas cariocas. Em São Paulo, o trabalho de Márcio Pimentel é bastante requisitado pelas diversas equipes de *M.M.A.*

⁶⁸ Em consulta no dia 19/01/04, no endereço <http://www.portaldovaletudo.com.br/preparacaofisica.htm>, esse professor de educação física, faixa-preta de jiu-jitsu 5º grau, pós-graduado em Treinamento Desportivo de Alto Nível, pela Universidade Gama Filho, mestrando em Ciência da Motricidade Humana – PROCIMIH-UCB-RJ, teve publicado um trabalho intitulado “Identificação dos perfis dermatoglífico e somatotípico de lutadores de vale tudo da cidade do Rio de Janeiro”. Também assina a coluna *Preparação Física* no site www.portaldovaletudo.com.br.

⁶⁹ Segundo, ou segundos, é a denominação da equipe de apoio (treinador, técnico, preparador físico) que entra junto com o atleta no ringue, ficando no córner do lutador durante a competição, dando-lhe orientações durante a luta.

em sociedade com outro preparador, Rick Kowarick, fez demonstrações de um aparelho importado da Holanda, com o qual estão treinando diversos atletas profissionais de *M.M.A.*, que vivem exclusivamente de suas atuações nos ringues. A inserção de tecnologia pode ser observada, portanto, como um diferenciador nos processos de construção do corpo lutador.

Essa máquina, *Power Plate*⁷⁰, consta de uma placa-base e uma barra de apoio onde são feitos todos os exercícios, alongamentos e massagens para qualquer modalidade esportiva. Através da vibração mecânica gerada por essa placa, o atleta consegue recrutar uma maior quantidade de unidades motoras e fibras musculares, em menor tempo, o que caracteriza o treinamento com esta aparelhagem. Vários atletas que competiram no evento puderam experimentar fisicamente os resultados de um treino com esse recurso tecnológico, através de demonstrações realizadas no hotel onde estavam hospedados. Os citados preparadores transportaram o equipamento para o ginásio onde ocorreu o evento, e lá realizaram todo o aquecimento e o posterior relaxamento do lutador Baruck com a máquina, o que gerou comentários animadores dos lutadores que puderam experimentar a inovação.

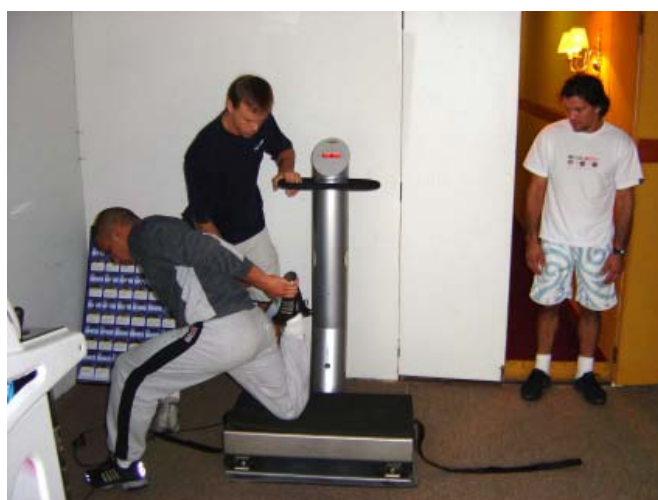


Foto 47 - O lutador Baruck realiza seus alongamentos na máquina *Power Plate* sob a supervisão dos preparadores físicos Kowarick (c) e Caruso (d).

⁷⁰ Outras informações sobre esse equipamento estão disponíveis em www.power-plate.com.

Além dos treinos físicos nas academias, incluindo aí as práticas das lutas e a preparação física, como premissas básicas a serem desenvolvidas na carreira de qualquer atleta que aspira a tornar-se lutador, há uma sofisticação possível quando se pensa em executar a parte física do treinamento com o auxílio dessa nova máquina, acrescentando uma tecnologia até então impensável para essa modalidade esportiva. De certa forma, essa nova possibilidade de treinar um lutador, de se construir com recursos tecnológicos e modernos esse mesmo corpo reflete um crescente investimento ali aplicado, marcando a sua identidade. Em Louro (2001), é oportuno encontrar reflexões a respeito das preocupações contemporâneas com os corpos:

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidade e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (p. 14).

Os lutadores entendem que somente os corpos construídos, resistentes, fortes, guerreiros e casca-grossa, hábeis, que dominam com maestria as diferentes formas de trocar em cima, golpear e defender, de levar para o chão e que desenvolvem técnicas eficazes de absorver golpes, resistindo com o próprio corpo às investidas do oponente, é que podem aspirar ao sucesso no circuito competitivo e restrito do *M.M.A.* A possibilidade de sucesso profissional, de destaque social e de sobrevivência em alguns casos, justifica a árdua rotina de treinamentos e aplicações pelas quais passam esses sujeitos na adequação dos corpos a essas práticas.

Para tornarem-se lutadores, os músculos dos atletas são devidamente trabalhados e constantemente exigidos durante os vários treinos a que são submetidos. Sejam nos exercícios de musculação ou nas técnicas de lutas, invariavelmente, o corpo que deseja subir ao ringue submete-se a várias formas de esforço físico, que atuam diretamente na sua musculatura, que maior e mais trabalhada é “aceita de antemão como incontestavelmente mais poderosa num confronto direto” (LYRA e GARCIA, 2002, p.31). Tanto empenho físico, por sua vez: “remete diretamente a uma visão de mundo radicada, entre outros aspectos, na virilidade e na honra, no vigor e na força do corpo e da imagem, na determinação e abnegação” (SABINO, 2000, p. 69).

A preocupação dos lutadores para reforçar grupos musculares que serão mais exigidos nas disputas de *M.M.A.* foi constantemente observada ao longo do processo de pesquisa e seguidamente cobrada na preparação física. Os exercícios abdominais, cuja preocupação já aparece na obra de Gastaldo (1995), tinham repetições e variações (supra, infra, oblíquo) cotidianamente exigidas na parte do aquecimento físico das técnicas de lutas, com séries que, normalmente, passavam de trezentas execuções. Algumas vezes, os abdominais ganhavam um grau de dificuldade extra, quando o treinador dispunha-se a caminhar por sobre a barriga dos atletas, enquanto executavam e contavam em voz alta a série, conforme presenciei várias vezes no período de observações.

Também a musculatura do pescoço (*externo-cleido-mastoideo*) era constantemente exigida, porque é bastante visada nos estrangulamentos e nos triângulos, golpes do repertório do jiu-jitsu, que levam um lutador a desistir da luta, se não desmaiar antes, quando bem encaixados. Então, era sempre trabalhado o reforço dessa musculatura. Os atletas permaneciam deitados e movimentavam em várias

direções e sentidos essa musculatura, obedecendo aos comandos do mestre para uma seqüência já previamente determinada e de conhecimento de todos. A lógica dos trabalhos musculares era aplicada a todos os outros grupos também visados em combates: quanto maior a resistência e força desses músculos, adquiridas nessas sessões de repetições, maior a proteção natural quanto a golpes e posições perigosas, corporificadas pelos adversários.

Assim, esses reforços musculares são fundamentais para pretensões vitoriosas nas regras de *M.M.A.* e há um objetivo lógico na preocupação com a musculatura:

“- Galera, tem que trabalhar direito esse pescoço, não tem que ficar matando e nem fazendo pela metade. Na hora que o cara começar o estrangulamento, se o pescoço tiver fraco, vocês vão apagar. Eu tô dizendo, é real. Então, podem perder a luta por uma bobagem. O lance é ter um pescoço ‘duro’, para agüentar o golpe e tratar de se livrar dessa posição. Mas para raciocinar tudo o que tem que fazer, vocês tem que tá bem acordado. Se o pescoço tiver mole, aí vocês vão dormir bem rapidinho e nem vão saber como perderam. Então, nada de ficar matando aqui na hora de fazer. E todo mundo tem que fazer junto e contar junto, bem alto”. (Fala de V. G. conduzindo um aquecimento na Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu, em 07/05/03).

A musculatura rígida, trabalhada com afinco, por vezes, aditivada proporciona uma defesa natural contra os golpes e as investidas do oponente. O corpo lutador, o corpo guerreiro e casca-grossa tem que ser utilitário o suficiente para, uma vez no ringue, suportar toda sorte de constrangimentos físicos, regrados, mas que podem comprometer sua integridade física. Enfrentar um oponente e tomar porrada no próprio corpo constituem as regras desse “jogo”:

“- Na hora do ‘pau-pereira, meu irmão, é cada um por si, tipo salve-se quem puder. O cara tem que tá treinado, é claro, tem que saber dar golpes, se defender e saber resistir porque pode ter azar e ser atingido logo no começo da luta, aí, parece que já começa na desvantagem, no prejuízo mesmo...é ruim quando tu começa a luta debaixo do mau tempo, já levando porrada, tu ainda nem se acostumou com a ‘adrenalina’, com a situação no ringue, com encarar o adversário e já tá tomando porrada...daí é ruim, meu

irmão...tem que ter muito sangue frio, conseguir se controlar e não se apavorar quando tu tá levando soco, chute, porrada mesmo, às ganha...tem que ter resistência e não se apavorar e tentar virar o jogo, tentar sair da posição ruim e daí, sim, dar um bote no cara, partir com tudo para cima do cara e fazer a tua luta, dar as tuas porradas. Não pode ter medo, mas eu acho que quem tá em cima do ringue, já não tem medo mesmo. E, levar porrada é que nem dar porrada, depende do momento. (Depoimento do atleta U. da Academia ProFight Sports em 17/02/04).

Por isso, um corpo trabalhado e ágil tem a sua utilidade no ringue: partir para o ataque ao adversário e agüentar o ímpeto golpeador desse.

Outro assunto levantado durante o trabalho de campo e que diz respeito aos lutadores em preparação para as competições é quanto ao período de abstinência sexual que eles praticam. A maioria dos sujeitos ouvidos declarou adotar esse procedimento, abstenção de sexo, durante a semana que antecede a luta, a fim de, segundo eles, não gastar energia, preciosa no ringue, no momento de combate. Mesmo não havendo na literatura especializada algum indicativo que justifique esse prazo, de acordo com esses atletas, esse período parece ser o ideal.

Por todas essas situações, pode-se perceber que, para o sujeito tornar-se um lutador, é necessário

modificar insensivelmente seu esquema corporal, sua relação com seu corpo e o uso que dele fazemos habitualmente, de maneira a interiorizar uma série de disposições inseparavelmente mentais e físicas, que, ao longo do tempo, fazem do organismo uma máquina de dar e receber socos, mas uma máquina inteligente, criativa e capaz de auto-regular-se (WACQUANT, 2002, p. 151).

Para além da preparação física, tática e técnica, faz parte da produção do corpo lutador a capacidade de suportar a dor e as lesões ocasionadas tanto em treinos quanto

em competições. Qualquer praticante de atividade física está sujeito a sofrer lesões, em maior ou menor grau de comprometimento, devido aos esforços que seu corpo realiza no envolvimento com o esporte. Assim, esses sujeitos estão sempre pagando com o próprio corpo o preço desse envolvimento: “a resistência à dor faz parte dessa construção do etos de lutador experiente, que exhibe como pequenos troféus as marcas no corpo, adquiridas nas lutas dentro e fora das academias”(CECHETTO, 2004, p.153).

Em diversos momentos das minhas andanças por esses ambientes culturais, acompanhei treinos serem suspensos quando um dos praticantes, após o recebimento de uma ação mais eficiente, por exemplo, uma pedalada desferida por seu companheiro de equipe, teve seu rosto banhado em sangue a partir de uma lesão na sua cartilagem nasal. Ou, em outros casos igualmente comuns, devido a cortes no supercílio e na testa, oriundos de golpes recebidos de luvas de boxe. A presença do sangue, unindo corpos de atletas já lubrificadas pelo suor do esforço físico que executam durante um treinamento, aproxima o ritual do treino ao do momento da performance, já que no ringue, ele também é um elemento da linguagem corporal dos atletas. Então, durante a situação de treino:

vemos que a prática do combate oscila entre o “tem que bater” e o “não pode sangrar”, um limite estreito, mas que os praticantes reconhecem e mantêm-se inseridos nele. Entre todos os participantes entrevistados, existe um consenso sobre a idéia de que eventuais lesões decorrentes da luta “fazem parte”, assim como a resistência à dor, “assimilar o golpe”, é uma virtude necessária a um bom lutador (GASTALDO, 1995, pg. 167).

No caso específico de sangramento durante o treinamento, há uma diferença em relação ao que foi observado por Gastaldo (1995) entre os praticantes de *full-contact*

de Porto Alegre e os atletas de *M.M.A.* na mesma cidade. Como na competição, em que o adversário tentará aplicar golpes traumáticos e contundentes no lutador, com grande probabilidade de haver cortes e machucados que originem sangramento. Então no treino, a dinâmica “*tem que bater e pode sangrar*” obtida à custa da veracidade dos golpes e de empenho na atividade, é valorizada e demonstra que o treinamento está sendo efetivo, já que reproduz situações (lesões com sangue) decorrentes de acontecimentos (golpes reais e contundentes) que ocorrem na competição. Normalmente, os treinos são interrompidos para que o atleta lesionado possa tratar-se imediatamente ou apenas constatar que o ferimento é superficial, nada que pedaços de gelo sob o machucado não resolvam e, dependendo da gravidade da lesão, retomam a movimentação. O atleta que fica lesionado sabe que na hora do pau-pereira, como eles se referem ao confronto no ringue, seu adversário aplicará golpes com igual ou maior ímpeto e então, entende que o companheiro de treino o está preparando para o combate real, também se arriscando a ser lesionado. Como ambos são da mesma equipe e estavam treinando, ajudando-se mutuamente, ficam dissipadas quaisquer dúvidas em relação a uma intenção maldosa.

Pela agressividade dos confrontos, o sangue é elemento corriqueiro e faz parte da linguagem visual do “espetáculo vale-tudo”. Os golpes contundentes e eficazes na tarefa de agredir, a feracidade de alguns praticantes, as próprias regras permitindo infinidade de golpes traumáticos, a pressão da competição, a adrenalina extra de estar num ringue, a perseguição da vitória e a conseqüente valorização de cachê, a construção de um currículo vencedor, as reações das torcidas e os técnicos incentivando a violência regrada, bem como a própria história de vida do combatente, entre outros elementos, são alguns dos motivos justificáveis e suficientes para o duelo dos corpos nos ringues acontecer fora do que se entende como um esporte saudável. Na competição de *M.M.A.*,

os meios para se chegar à vitória são justamente os golpes mais efetivos e eficazes, no sentido que representam maiores riscos à integridade física do adversário. Assim, é pertinente referir que faz parte do treinamento e da vida desses atletas a presença e a influência de saberes oriundos das ciências médicas. Ou, em casos extremos, a ausência de tratamento adequado, o que compromete a carreira do atleta. A prática de *M.M.A.* é um confronto esportivo em que o objetivo é derrotar o adversário, seja por nocaute, por superioridade técnica e física a critério dos árbitros, e, até mesmo, por incapacidade física, situação em que a palavra final será sempre a do médico em plantão durante o desenrolar das competições.

O médico, nesses confrontos, é sempre a autoridade máxima: a ele cabe o poder de interromper qualquer luta desde que seu juízo, acerca da integridade física de um competidor, assim o determine. Ele decide sobre a continuidade ou não do combate: nem o juiz tampouco o próprio lutador que for declarado incapaz, podem reverter sua decisão. Seu pronunciamento pode ser contestado e duramente criticado por atletas, treinadores e platéia, mas é, invariavelmente, cumprido. Por decisão médica, muitos combates são interrompidos e encerrados, mesmo que o praticante e seu treinador resistam em aceitar o veredicto.

Cabe mencionar que tanto o juiz quanto a autoridade médica exercem suas funções com luvas descartáveis, evitando assim qualquer contato com o sangue dos atletas. O juiz central, que fica no ringue acompanhando de perto toda a movimentação, normalmente coloca as suas mãos diretamente no corpo dos lutadores para separar ambos, no momento que estão no chão e a luta está travada, quase sem movimentação. Quando os lutadores estão muito perto das cordas do ringue, ele tem o mesmo procedimento, separando e mandando os lutadores se posicionarem no centro,

situações em que as luvas o protegem do contato com o eventual sangue derramado na performance.

Portanto, o sangue jorrando de ferimentos, de lesões ou de cortes ocorridos em treinos ou nos confrontos, normalmente está presente em quase todos os combates e é um importante elemento de excitação entre os lutadores e a platéia⁷¹.

“-Na hora, eu nem senti o golpe, nem nada, só vi algumas gotas de sangue caindo, mas nem pensei que eram de mim. Não sabia de onde é que tava saindo (o sangue). Então, o juiz veio pra cima de mim e me mandou pro canto, pro médico me examinar. Eu queria continuar, mas ele (o médico) disse que o corte era grande e o juiz terminou a luta. Acabei levando sete pontos.” (Depoimento de A., atleta da Academia ProFight Sports, 13/04/04).

A presença do sangue no corpo dos combatentes pode estimular estratégias da atuação no ringue, canalizando ações ofensivas:

“- Quando eu vi o sangue escorrendo na cara do M., de um corte na testa, daí sim é que eu fui pra cima, pra bater ali mesmo... tava sangrando bastante e achei que mais umas porradas iam fazer um baita do estrago. Mas o bixo é forte mesmo e não se entregou”. (Depoimento de L., atleta da Academia ProFight Sports, em 05/01/04).

O treinamento dos praticantes, por mais intenso e rigoroso que possa ser no sentido de proteger e resguardar a integridade física do lutador, não consegue garantir uma “imunidade total” aos intentos do adversário, que dessa forma, ao atingir o oponente, pode também sangrá-lo. Quando a quantidade de sangue não é expressiva, o duelo segue normal, sem qualquer interrupção. Porém, se o volume de sangue que emerge dos ferimentos mostra-se elevado, o combate é interrompido para que, diante

⁷¹ A matéria “A fúria dos homens ocios”, da Revista Bravo (2002), é introduzida por uma chamada, sob a fotografia em que o atleta Vitor Belfort aparece atacando um adversário no *octagon* americano, que diz: “os combates de vale-tudo são o espetáculo por excelência de uma civilização sedenta de sangue”.

do médico de plantão, a lesão possa ser avaliada, implicando a continuação ou a suspensão da luta, sendo declarado incapacitado para continuar lutando o atleta golpeado e o outro, o vencedor.

Durante os próprios tempos de intervalo, os técnicos e seus auxiliares tratam de limpar o sangue que escorre nos corpos dos lutadores e tentam estancá-lo, através de toalhas estrategicamente colocadas no córner. Na falta dessas, ou quando as mesmas já não estão em condições de absorver o suor, quanto mais o sangue do corpo do guerreiro, as próprias camisetas da equipe de apoio são despidas e cumprem essa função higienista, com rapidez e presteza. Também nos momentos de intervalos entre os *rounds*, variáveis de dois a três minutos de acordo com a competição, sempre alguém do serviço de apoio da estrutura do evento tem a missão de limpar o piso branco do ringue dos resquícios corporais, suor e sangue, derramados pelos competidores. De posse de um balde e de uma vassoura, com o auxílio de um pano grosso, esse servidor trata de apagar, ou pelo menos minimizar, as marcas visíveis de tanta devoção corporal, de tal forma que a continuação da mesma luta ou a próxima encontre o palco o mais imaculadamente branco possível. Assim, se o sangue está presente entre os atletas que lutam, suas marcas são constantemente diluídas, tanto nos corpos quanto nos ringues, tentando diminuir o impacto visual que proporcionam.

Para além dessas situações em que podemos visibilizar o sangue, o suor, o confronto, a construção do corpo lutador vivencia também experiências que residem nas sombras, como por exemplo, o uso de substâncias químicas capazes de potencializar suas performances.

3.2 Os silêncios dos não inocentes

Algumas das alterações fisiológicas que podem ser observadas nos corpos dos lutadores acontecem pela ingestão de suplementos alimentares para recuperação do desgaste muscular com maior rapidez e para possibilitar maior “gás” no treino, mais energia e disposição para enfrentar horas diárias de diversos treinos, rotina cotidiana para quem almeja viver de manifestações tão ligadas à presença física. O consumo dessas substâncias é uma prática bastante comum entre os atletas. Inúmeras vezes presenciei, imediatamente após o treino, os lutadores preparando com água a sua porção diária de suplementação, ainda dentro do tatame ou nas proximidades do ringue, que era misturada dentro de recipientes plásticos individuais encontráveis nas mochilas como material usual dos treinos. Eram freqüentes as dúvidas sobre quais suplementos devessem ser ingeridos, as periodicidades dos mesmos, a maneira correta da ingestão e qual o tempo de duração dos benefícios da absorção.

As próprias lojas especializadas nesse comércio mantêm, informalmente, uma consultoria, prestada pelo balconista de plantão, sobre as melhores fórmulas, os melhores resultados e os melhores preços⁷². Normalmente, há sempre alguém do grupo de atletas que já usa há mais tempo a suplementação alimentar e age como um consultor/orientador quanto às marcas e às quantidades necessárias para contribuir na recuperação física após um treino estafante e deixar o corpo preparado para o próximo compromisso, seja treino ou a própria preparação física. Esse atleta, informalmente, fica reconhecido como autoridade quanto às prescrições da suplementação e, constantemente, é consultado sobre a variedade existente no mercado

⁷² Em Porto Alegre, destacam-se as lojas *Empório Diet*, no Bairro Moinhos de Vento e *Muscle Shopp*, localizada no Bairro Bom Fim. Ambas são patrocinadoras de atletas de *M.M.A.* e divulgam seus produtos em academias de luta e musculação e nos eventos por intermédio de *banners* e *folders*

e as principais diferenças entre os produtos ofertados, bem como os preços médios de cada produto e os locais onde se conseguem descontos nas compras.

Não por acaso, dentro dos três espaços de lutas observados, havia propagandas tanto de lojas especializadas em produtos específicos para a dieta de atletas, quanto de determinados suplementos, mostrando a familiaridade e o hábito de consumo dessas substâncias por parte dos lutadores. Entre os produtos mais consumidos, estão as diversas fórmulas de proteínas, creatinas e carboidratos, variando principalmente em função das marcas e dos preços praticados no mercado⁷³.

Quanto ao uso de anabolizantes, assumir o consumo não é consenso entre eles e esse assunto não é encarado de maneira despreocupada, tratando-se de uma prática bastante velada, uma vez que são produtos proibidos. Por isso, circulam dentro das academias, longe dos olhos dos não iniciados, e estão relacionados também à força física, que

no contexto das lutas, é o bem mais prezado, já que, através dela, a vitória, o capital simbólico, é conquistada. Esse capital corporal é passível de ser convertido em capital econômico nos campeonatos. Os atletas usam droga para ficar altamente musculosos, aumentar peso e adquirir força. As modernas tecnologias para modificar o corpo e apressar a maturação dos músculos são muito difundidas, embora raramente mencionadas. O uso de esteróides anabolizantes apresenta-se como parte desse processo de 'intumescimento' da forma, mudando a aparência e o estilo corporal (CECCHETTO, 2004, p. 158).

⁷³ Entre os suplementos com maior circulação nos espaços de treinos, durante o período desse estudo, destacam-se a ALBUMINA, da Integral Médica; o PROTEINATO DE CÁLCIO, da NutreLatina; MALTODEXTRINA, da Athletica, a CREATINA MICRONIZADA HPLC, da Probiótica, a *WHEY PROTEIN*, da Labrada e o GLUTA SIZE, da WorldSize, entre inúmeros produtos oferecidos no mercado.

Após um treino de chão na Academia ProFight, em que foram exigidos bastantes golpes de defesa e ataque de jiu-jitsu com muito desgaste físico, os atletas estavam extenuados e suados. Enquanto alguns iam tomar banho no vestiário, reservadamente indaguei junto a um lutador sobre o consumo de anabolizantes. Estava sozinho com ele no tatame e o mesmo destoava dos demais pelo tamanho de sua musculatura e por ter a “aparência de lutador”: “orelhas e faces deformadas, partes do corpo com músculos hipertrofiados, inchaço pela ingestão de drogas, lacerações deixadas pelos embates” (CECCHETTO, 2004, p.157). Também já tinha ouvido, por diversas vezes, comentários dos outros atletas em tons jocosos, citando-o como usuário referência e assumido dessas substâncias.

Como já tinha conversado com ele em várias oportunidades sobre vários assuntos relativos às lutas, inclusive sobre sua carreira e ele já tinha me perguntado sobre meu “trabalho para a faculdade”, achava que já tinha certo vínculo e resolvi nomeá-lo “informante privilegiado” para a questão. De pronto respondeu que tomava “bombas” havia muito tempo e que “todos” tomavam, mas que “ficavam se fazendo” e não assumiam. Explicou-me como conseguia tais produtos em versões nacionais, mediante receitas médicas, por tratarem-se de medicamentos controlados pela “tarja preta”, portanto, sem o livre comércio em balcões de farmácias, e, também por intermédio de “muambeiros do Paraguai”, para os produtos importados. Então, sem a menor cerimônia e sem eu ter feito qualquer pergunta, começou a dizer-me os nomes dos lutadores da academia e das outras, que também eram “consumidores”. Porém, reiterava sempre:

“-Todo mundo usa, mas ninguém assume. Pode pôr aí, eu tô dizendo. Quero ver alguém negar na minha frente”.

Inclusive se descreveu como “atravessador” para conseguir algumas doses quando algum lutador estava com dificuldades na obtenção dos “produtos”. Depois disso, perguntou-me por que eu queria saber disso e eu confirmei meu interesse por ser mais uma possibilidade de alteração corporal dos lutadores e que esta era uma das questões do meu estudo. Imediatamente, sugeriu-me não colocar nada sobre isso no trabalho, uma vez que agindo assim, eu estaria “comprometendo os atletas” (sic). Tranquilei-o quanto à identificação dos usuários e disse que se eu estava dentro das academias, estudando as práticas e os comportamentos comuns dos lutadores na preparação corporal para os combates, essa informação seria fundamental para a fidedignidade do meu levantamento. Concordou e comprometeu-se em me entregar a bula do anabolizante “do momento” no próximo treino. Para minha decepção, quando o encontrei novamente e lembrei-o da combinação, tinha mudado de opinião quanto a me revelar o nome dos produtos que circulavam entre os atletas de *M.M.A.* porque de acordo com suas palavras:

“- Todo mundo toma, todo mundo usa, mas não quero queimar meu filme e pode botar aí que ninguém quer assumir isso”.

Reservadamente, já tinha ouvido comentários entre alguns atletas a respeito de marcas e da necessidade de períodos de abstenção após algum tempo de uso dessas substâncias, bem como a existência de drogas injetáveis e outras, absorvidas por via oral. Revelaram assim algum conhecimento mínimo quanto aos vários efeitos colaterais do seu uso prolongado.⁷⁴ Em novas oportunidades, tentei levantar a questão com outros lutadores, mas, novamente, as respostas foram

⁷⁴ A Revista Veja, edição 1661, de 09/08/00 na matéria Dose para cavalo, p. 78, informa ser crescente entre os lutadores de jiu-jitsu o consumo do produto Potenay, remédio indicado para cavalos com anemia. Este anabolizante, cuja fórmula contém anfetaminas, foi ingerido pelo atleta Jean Mendonça de Mesquita, de 23 anos, durante uma competição de jiu-jitsu e o provavelmente o grande responsável pela morte do atleta devido a um infarto fulminante durante uma luta, mote da matéria.

desencorajadoras e evasivas. Por ser o consumo de anabolizantes uma prática proibida por questões de saúde, por mais que a forma física exagerada (músculos desproporcionais em tamanho e volume, rigidez muscular, inchaço corporal e uma movimentação bastante lenta nos exercícios) fosse indicadora do uso desses produtos, não raro, os lutadores insistiam em negar o uso de anabolizantes para a aquisição destacada de musculatura. Mesmo entre brincadeiras, a possibilidade da ingestão desses produtos era sempre descartada:

“- Eu não tomo nada, só puxo ferro mesmo”.

Ou:

“- Eu tô inchado é de treinar puxado mesmo, a minha genética é muito boa”.

Essas frases, além de outras com o sentido de não assumir uma prática existente nesses ambientes, proferidas com o mesmo tom de dissuasão, mostram receio da associação da prática de *M.M.A.* com o consumo de substâncias proibidas, mas revelam a preocupação em construir e ostentar músculos trabalhados, grandes, na maioria dos casos resultantes tanto da aplicação corporal, quanto da ingestão dessas substâncias, mesmo negando essa possibilidade.

Quase ao final desse estudo, quando já tinha me aproximado mais desses atletas e pensava que já gozava de certo “prestígio” entre eles, contatei outro possível informante e o mesmo também assumiu a prática do consumo dos anabolizantes entre os lutadores. Dispôs-se a fornecer uma lista dos principais produtos consumidos pelos atletas de seu grupo, mas sabia que os das outras academias também consumiam basicamente os mesmos produtos, por haver somente um revendedor que abastecia

esse mercado informal em Porto Alegre. Citou-me então *Anabol*⁷⁵, *Deca-durabolin*⁷⁶, *Durateston*⁷⁷, *Hemogenin*⁷⁸ e *Winstrol*⁷⁹ como anabolizantes mais recorrentes entre os lutadores. Explicou-me que os principais efeitos dessas fórmulas seriam o aumento de energia, aumento da massa muscular e a diminuição do tempo de recuperação do corpo durante as lesões e que, normalmente, essas substâncias não são consumidas isoladamente, pois têm atuações e resultados diversos. Então, no período pré-competitivo, o atleta faz uso de várias dessas fórmulas numa espécie de coquetel, de acordo com seus objetivos imediatos. Ainda, segundo ele, o produto *Deca-durabolin* contém cortisona em sua fórmula, e serve basicamente para aliviar a dor das lesões e possibilitar manter o ritmo de treinos, anestesiando os comprometimentos físicos-estruturais doloridos dos corpos desses atletas, sendo o “pão nosso de cada dia”, de acordo com suas palavras.

Revelou-me que o grande atrativo do consumo dessas fórmulas químicas seria a não interrupção de treinamentos por causa de dores físicas, fruto da aplicação e dos desgastes corporais diários nos tatames e ringues. Todo o atleta competitivo, seja de qual modalidade for, convive em maior ou menor grau com lesão e dor. E como na

⁷⁵ ANABOL (Metandrostenolona) é um dos esteróides orais mais populares, causando significativos ganhos de força e volume muscular em poucas semanas de uso. É apresentado em comprimidos de 5mg e é produzido por vários laboratórios.

⁷⁶ DECA-DURABOLIN (Decanoato de Nandrolona) em sua forma original é moderadamente androgênica, com boas propriedades anabólicas, sendo utilizada para ganho de massa muscular e pré-competição. É muito usada como esteróide de base para todo o ciclo anabolizante, por evitar inflamações e dores devido ao treinamento pesado. Apresentação em ampolas de 25mg ou 50mg. É produzido no Brasil pela Organon.

⁷⁷ DURATESTON é um esteróide resultado da combinação de 4 compostos de testosterona. É injetável e sua intenção é de misturar estes diferentes produtos para uma ação imediata após a aplicação e mantê-la por um longo período. É excelente droga pra ganho de força e peso e é usado no tratamento da falta do hormônio masculino testosterona e é indicado, por exemplo, após a castração. Apresentação em ampolas de 250mg. Fabricado no Brasil pela Organon.

⁷⁸ HEMOGENIN (Oximetolona) é o esteróide oral que ocasiona um ganho de força e volume muscular, porém é altamente agressivo ao fígado, sendo associado ao surgimento de tumores. É apresentado em caixa com 10 comprimidos de 50 mg cada. Fabricado pela Syntex.

⁷⁹ WINSTROL (Stanozolol) é indicado para ganhos rápidos de força e volume muscular. É apresentado em caixa com 30 comprimidos ou com 3 ampolas.

prática de *M.M.A.* os riscos físicos são constantes e fazem parte do jogo, conforme os lutadores se referem às lesões, penso que não há como preparar um atleta competitivo sem utilizar essa ingestão química proibida. Essa opinião é compartilhada entre os preparadores físicos e por todos os atletas observados, porque, invariavelmente, eles sofrem lesões sejam em treinos ou em disputas.

É uma das regras desse jogo: acostumar o corpo com as lesões decorrentes de treinos, não interrompê-los e não deixar que a dor seja impedimento de subir ao ringue e “fazer o trabalho”. Para tanto, esses produtos anestesiavam essas dores, reforçam a já exigida musculatura criando uma “blindagem”, protegem as desgastadas articulações impedindo novas lesões e, dessa forma, habilitam os corpos para cumprirem as exigências de treinamentos e de preparação física. Ou, se não tanto, pelo menos, atenuam os impedimentos físicos e aceleram a recuperação de lesões já conhecidas. É uma forma, recorrente, de “criar calos” e outros mecanismos de defesa para a proteger e tratar do instrumento de trabalho. O mesmo atleta justificou assim essa prática dissimulada, embora presente nesses ambientes da luta. Mencionou também produtos de uso veterinário para atenuar as dores advindas de lesões. Esses, mais baratos, parecem ter circulação mais restrita nas academias de lutas e apresentam efeitos colaterais mais graves se destinados ao consumo humano⁸⁰.

Em um dos treinos posteriores a nossa conversa sobre os anabolizantes, revelou-me o seu fornecedor oficial, que de pronto declarou ser a ingestão dessas substâncias uma das práticas mais corriqueiras entre os lutadores, algo como: “fazer abdominal,

⁸⁰ “O ataque começou pelos pulmões. Rins e fígado foram golpeados em seguida. O nocaute veio às 14h30min desta quinta-feira. O coração de Jackson Vieira de Souva (21) perdeu a luta contra o anabolizante Nandralona, usado para a engorda de gado. Internado há uma semana no Hospital de Base em Brasília, o praticante de musculação morreu por insuficiência múltipla de órgãos”. *Correio Brasileiro*, 10/09/04, sobre a internação de sete jovens, alunos da mesma academia de musculação, após terem se aplicado doses desse anabolizante veterinário.

tem que ser todo dia”, usando as suas próprias palavras. Pediu-me o anonimato de seu nome e declarou-se como o “grande abastecedor” desse mercado informal em Porto Alegre, atendendo a grande maioria de lutadores competitivos da cidade, inclusive os fisiculturistas. Quando perguntei onde conseguia tais produtos, seu semblante mostrou-se preocupado e traduziu-se no seguinte diálogo:

“- Tá, mas tu quer saber prá que isso? É prá ti comprar? Tu quer passar pra alguém?”

Ante minhas negativas e explicações sobre a real motivação de minhas indagações a uma questão tão delicada, continuou a esclarecer como funciona esse “comércio”:

“-É o seguinte: tem duas maneiras de conseguir, depende de qual produto o cara quer. Se for importado, eu tenho amigos que viajam e trazem pra mim, tipo todo mês eu tenho gente chegando de fora e me trazendo as encomendas. Assim que tá comigo, eu ligo pro cara e combino a entrega. Não dá erro e tenho os clientes certos das bombas. Não preciso nem ir atrás e tiro uma grana legal assim. É tipo uma tele-entrega, entendeu?”

Ao mesmo tempo em que me revelava essas facetas clandestinas do ofício dos lutadores, mostrava-se preocupado em dividir seus segredos profissionais com um não iniciado, um estranho:

“- Cara, tudo isso é proibido, isso é contrabando mesmo. Vê lá o que tu vai fazer com isso que tô te dizendo. Não vai sujar o meu lado, entendeu?”

Após minha frase de convencimento (*“- Isso é só meu trabalho na faculdade, e depois, todo mundo sabe que os caras tomam bomba mesmo!*) e certa dose de insistência, continuou suas revelações:

“- Cara, o lance da receita é o seguinte. Quando é remédio, não tem jeito, tem que

conseguir receita médica pra comprar na farmácia. Eu consigo também, tenho um esquema, mas não adianta me perguntar porque isso eu não vou te dizer. Também tenho que ter meus segredos, tá me entendendo? Tem outras pintas envolvidas nessa parada. O certo é que se os caras querem comprar as bombas, eles me ligam e eu só combino a data da entrega e o quanto eles têm que pagar. Funciona assim. Antes tinha outro cara aqui na cidade que também conseguia bomba prá galera, mas ele voltou prá São Paulo. Eu sou o mais antigo e o mais confiável. Nunca deu bolo com ninguém. Tô nisso há anos. Tiro uma grana legal nesse lance. Todo mundo que tá nesse lance, compra comigo". (Depoimento do 'fornecedor' no dia 16/02/04).

Ao abordar esse assunto, a circulação dos anabolizantes nesse meio esportivo, cabe ressaltar que, diferentemente de outras competições, no Brasil, não há exame *anti-dopping* para a prática de *M.M.A.*, o que de certa forma, garante uma "autorização" para o uso desses produtos durante as fases de preparação e de competição, ocorrendo uma expansão do uso dessas substâncias, uma forma de consumo de drogas (CECCHETTO, 2004).

Uma das maiores justificativas quanto à ingestão desses produtos seria quanto aos efeitos de analgesia, necessários devido às várias lesões acumuladas nos corpos dos praticantes, aliviando sintomas agudos e crônicos de dor, frutos de treinos agressivos e de combates ansiosamente aguardados. Para suportar o nível de dor resultante de desgastes físicos contínuos, sem interromper uma programação estipulada de treinamentos e de preparação física visando a uma nova disputa, os atletas recorrem a essas drogas, como forma de manter sua agenda de treinos. Durante os efeitos dessas fórmulas, o corpo está "aliviado", preparando-se para a performance.

Outras razões para a ingestão desses produtos são o fato de eles prevenirem lesões, atuando diretamente nas articulações mais exigidas e, na maioria das vezes, já comprometidas com processos infecciosos. Também ajudam numa recuperação mais rápida e eficaz após treinos extenuantes, possibilitando que os atletas mantenham

um nível elevado de atividade física, principalmente nas semanas antecedentes aos combates. Dessa forma, o corpo recupera-se mais rápido de um treino e consegue render sempre mais no treino seguinte, já que também deverá estar anestesiado de qualquer dor causada por problemas físicos anteriores e já conhecidos. Então, o aditivar-se, o bombar-se fazem parte da construção do corpo lutador e esse procedimento já foi objeto de estudo por parte de outro pesquisador em trabalho sobre o consumo de anabolizantes nas academias de musculação do Rio de Janeiro:

Esse processo é respaldado em uma ética ascética em que a disciplina constante se define na frequência diária às academias, nas dietas alimentares e até mesmo no consumo ilegal de drogas (anabolizantes ou “bombas”, como são chamadas) (SABINO, 2000, p. 65).

Quanto ao uso para finalidade estética dos anabolizantes no sentido de aumentar a massa muscular dos atletas e garantir-lhes um corpo sarado e em forma, essa não parece ser a preocupação entre os praticantes de *M.M.A.* Quando levantava essa possibilidade, invariavelmente todos a descartavam, como se o uso com essa finalidade denegrisse, de alguma forma, a representação social do lutador. Ou, como se a preocupação estética com o resultado dessa ingestão fosse descabida no seu cotidiano de preparação para as lutas:

“- Olha, cara, eu tomo mesmo é pra me dar um gás e me aliviar das dores. Treinar com dor não dá certo: tu fica sempre com medo de te machucar mais do que tu já está e daí tu não arrisca nada no treino, fica tudo meia-boca. Só que na hora que tu sobe no ringue, neguinho não quer nem saber se tu tava com dor nos treinos ou se tá com dor na hora. Ali, meu irmão, é “pau-pereira mesmo, é “pega-prá-capá’. Eu tomo sempre quando tô treinando, mesmo que não tenha luta marcada, eu vou tomando para recuperar melhor dos treinos. Mas eu tomo tipo ‘homeopatia’, sabe como é, doses pequenas, pra não detonar muito o meu corpo. Ai, quando já tá chegando perto da luta, eu aumento, mas nada que seja demais. Ah, irmão, e tem outra. Eu até posso não tomar, tentar treinar e lutar “limpo”. Mas e o cara que vou pegar no ringue? Tu acha que

ele não tá tomando bomba também? Claro que tá! Então, eu não acho que ele já tem que ter essa vantagem, de tá treinando e tomando bomba. Eu tomo também. É “natural”, todo lutador toma. Eu não vou ser o trouxa que não vai tomar. (Depoimento do atleta U. da Academia ProFight Sports, 01/03/04).

Quando um atleta já identificado no grupo pelo consumo de anabolizantes insistia em negar tal prática, os demais lutadores desconsideravam suas negativas e partiam para o deboche declarado, criando piadas em cima da negação do uso dessas substâncias e tal negação virava motivo de chacota. Durante um dos treinos por mim observados, em doze de novembro de 2003, entrou no tatame um atleta de jiu-jitsu, que não estava treinando há bastante tempo. Ao vê-lo, o treinador cumprimentou-o com a seguinte brincadeira:

“- E aí, bixão! Por onde tem andado?”

Em seguida, ao aproximar-se do atleta para cumprimentá-lo, observou o volume de seu corpo, onde se destacava o tamanho dos braços e peitorais. Ato contínuo, deu uma risada e disse para todos os que estavam treinando:

“- Não precisa nem me dizer, que só pelo cheiro já sei o que tu tá tomando!”.

O atleta ainda tentou argumentar alguma coisa, mas foi vítima de piadas e comentários dos outros praticantes:

“- Tu não era assim”, “nossa, como tu cresceu!”, “tá ficando forte!”, “teu Nescau tá forte, hein!”.

O treinador ainda repetiu o comentário antes de retomar suas atividades anteriores. A preocupação com a forma física e sua utilidade num confronto demonstra que:

O músculo vai ser o protagonista do espetáculo contemporâneo, exigindo detalhadas formas de gerenciamento do próprio corpo para obtenção/ampliação da robustez, velocidade e resistência. Para atender essas exigências no esporte de alto nível, não basta apenas a exclusiva submissão aos exercícios físicos, pois estes não conseguem as respostas rápidas desejadas; nem tão pouco apostar na engenharia genética, que ainda é uma promessa; resta, então, o investimento nas substâncias químicas, que acabam ocupando um lugar estratégico na produção das anatomias de consumo (FRAGA, 2000, p.138).

Os corpos dos lutadores, essas anatomias são constantemente consumidas: tanto nas rotinas de treinamentos e de preparação física, quanto na competição, há comprometimentos e desgastes físicos, emocionais e psicológicos. A carreira dos esportistas, centrada unicamente nas suas habilidades corporais, nas técnicas e estratégias de lutas, cobra desse mesmo corpo a necessária aplicação para lançar-se num combate. E essa mesma anatomia de consumo também será consumida e desgastada pelas ações e estratégias do opositor, na própria dinâmica do combate. Nos ringues de *M.M.A.*, os corpos vão estabelecer seus “diálogos” através de golpes originados e destinados a musculaturas trabalhadas, por vezes avantajadas e resistentes e, por isso expressivas: revelam a aplicação e o gerenciamento do lutador sobre o capital corporal construído ao longo de seu envolvimento com esse mundo esportivo.

E complementando a idéia de Fraga, 2000, vejo a prática de *M.M.A.* como espetáculo contemporâneo essencialmente cinético, centrado no dinamismo das ações dos corpos lutadores, nos rendimentos das musculaturas, nas suas movimentações, habilidades e resistências. O caráter cinético dessas apresentações também é relacionado à necessária desenvoltura dos atletas ante os oponentes, iguais depositários de um repertório de ações e estratégias físicas, na grande maioria das vezes extremamente ofensivas, dirigidas a consumirem os corpos antagônicos, suas mentes e suas energias. Assim, para garantir uma performance construída cotidianamente

através da submissão do corpo a uma rotina de exercícios físicos, o corpo lutador lança mão de produtos químicos proibidos, com a intenção de aditivar o instrumento de trabalho, para obter um melhor rendimento na arena.

Para esses atletas, é idéia recorrente que o consumo dessas substâncias “faz parte” da rotina de construção do corpo lutador. Os corpos de alguns praticantes parecem mais adaptados a tantos esforços. Num treino de *wrestling* na Academia *ProFight Sports*, na noite de seis de março de 2004, durante uma ‘*fight*’⁸¹, um dos atletas gritou de dor, mencionando a palavra ombro. Foi tão alto o seu grito, que todos que estavam no tatame pararam para ver do que se tratava. Ele disse que seu ombro estava “fora de lugar”, informação que se constatava visualmente, já que o mesmo encontrava-se mais baixo em relação ao outro. Imediatamente, o treinador perguntou se ele sabia como “consertar” ou “botar no lugar”. Todos ficaram em silêncio, mas o único aparentemente apreensivo no local era eu. Ele respondeu que sim, e mediante uma manipulação do ombro afetado, executada com a outra mão, numa intervenção rápida, silenciosa e precisa disse que já tinha “ido para o lugar”. Fez ainda algumas movimentações como rotações na articulação, apalpou por alguns instantes a mesma e disse ao treinador que já estava “bala”, negando-se a parar de treinar. Reiniciou a atividade, mostrando uma familiaridade com a situação e uma sapiência corporal que lhe permitiu agir instantaneamente. Todos retomaram o treinamento.

Presenciei outras situações em que treinos foram interrompidos quando um atleta acusava dores fortes (as demonstrações de desconforto com a dor iam desde gemidos, gritos, até contorções do corpo, demonstrando uma escala de suportabilidade da

⁸¹ Nos treinos de *wrestling*, orientados pelo atleta olímpico de luta greco-romana Floriano Spies, a atividade da luta era sempre comandada pela denominação inglesa *FIGHT*.

mesma), conforme tivesse alguma parte de seu corpo atingida por golpes de seu companheiro de treino, ou até mesmo vítima de um infortúnio pessoal. Em algumas vezes, numa situação mais grave, o queixoso deixava o ambiente e saía, acompanhado por algum colega de treino, em busca de um serviço médico de urgência, gerando preocupação entre os treinadores e membros de sua equipe, traduzidos por relatos pessoais de situações semelhantes e os prováveis tratamentos terapêuticos indicados para a lesão ocorrida. Identifico nesses casos o que já fora percebido por Gastaldo (1995, p.171):

O desprezo à dor transparece nos discursos dos praticantes, que referem-se a narizes e dentes quebrados, hematomas e hemorragias de modo natural, sem manifestar nenhum desagrado por isso. Pelo contrário, a maneira como os praticantes se referem às lesões decorrentes do combate parece conter uma ponta de orgulho, as cicatrizes tendo o seu tanto de 'condecorações de batalha.

Os lutadores preparam-se para conviver com a dor, habituando-se a ela, tentando diminuí-la e criando um limiar de tolerância próprio: o corpo convive e é condicionado para atuar com dor nos treinos e nas competições. Também lançam mão de alguns paliativos para que o treinamento e a própria competição não sejam prejudicados por essa adversidade. É comum entre eles o consumo de analgésicos, comprados livremente em farmácias, mais fáceis e baratos de conseguir do que os já citados anabolizantes, para neutralizarem os sintomas de dor, como por exemplo, os remédios CATAFLAN e VOLTAREN⁸². Um dos sujeitos observados contou-me que antes de uma competição, devido a um problema crônico em seu ombro, não teve outra

⁸² Ambos são produzidos pelo laboratório NOVARTIS BRASIL e são apresentados na forma de comprimidos de 50mg ou injeção. São destinados basicamente ao uso em processos inflamatórios e em estados dolorosos pós-operatórios. Informação disponível em www.novartisbrasil.com.br, consultado em 13/03/04.

alternativa, senão aplicar-se sozinho doses extras de VOLTAREN, para suportar a dor e conseguir fazer sua luta.

O VIOXX⁸³, outro analgésico bastante utilizado pelos lutadores, era alardeado como “milagroso”, pois conseguia fazê-los esquecer recentes sinais de dor e de lesões já antigas. Como a compra desses medicamentos não exige receita médica, os mesmos eram consumidos livremente antes e durante os treinos⁸⁴.

Mesmo em situações de treino das mais corriqueiras, o atleta num nível elevado de desconforto físico ocasionado por alguma dor interrompia a atividade e tratava de aliviar-se: usando pomadas anestésicas⁸⁵ ou o recurso de uma bolsa de gel, num formato menor, guardada nos *freezers* dos bares nas próprias academias, que imediatamente era colocado sobre a região afetada. Também são usados, na preparação corporal para treinos, ou antes de competições, *spray* analgésico⁸⁶, infestando com cheiro característico e forte, os vestiários e os próprios tatames de treinos, passados de mãos em mãos, para que todos se beneficiem do alívio provocado pelo medicamento. Outras tentativas são feitas no sentido de diminuir os sintomas doloridos, além do uso de medicação específica para combater esses sintomas, como a aplicação de ataduras caseiras, uso de cotoveleiras e joelheiras de tecido ou de neoprene, entre outras práticas, tentando neutralizar e minimizar as dores já instaladas no instrumento de trabalho.

⁸³ É um medicamento indicado para o tratamento agudo e crônico dos sinais e sintomas da osteoartrite, da artrite reumática e para alívio da dor, conforme a bula. É produto dos laboratórios MERCK SHARP & DOHME.

⁸⁴ De acordo com a Revista Isto é, n°1827, de 13/10/04, o antiinflamatório VIOX, cujo princípio ativo é o Rofecoxibe, foi retirado do mercado nacional no começo do mês, em virtude da informação do fabricante sobre os riscos de problemas cardiovasculares que o medicamento pode causar nos usuários.

⁸⁵ Circulavam livremente nas academias e nas competições pomadas a base de cânfora, reconhecidas como analgésicas.

⁸⁶ Foi muito comum o uso do Fluído Ibase como *spray* analgésico, usado regularmente antes dos treinos e das competições. Entretanto, cremes como Gelol, e outros analgésicos menos conhecidos, também são usados livremente pelos atletas.

Lesões, machucados e sintomas doloridos comprometem toda uma programação dos treinos, obrigatórios a quem visa a um combate futuro, colocando o atleta em desvantagem física e emocional diante de seu adversário, este sempre imaginado em condições físicas perfeitas.

Quando algum lutador se lesiona, circulam nas academias muitos conselhos sobre remédios, recomendações de serviços médicos de emergência em traumatologia-ortopedia e prosaicas sugestões de como recuperar seu corpo rapidamente, para não perder o condicionamento conseguido, como por exemplo, o uso de pomadas antiinflamatórias e analgésicas, encontradas em qualquer farmácia, junto com a aplicação de compressas de salmoura e de arnica, para reverter o processo inflamatório e acelerar o retorno às práticas, sugestões dadas e seguidas à risca nas academias.

É habitual também o uso de ataduras de gaze ou em tecido elástico tanto para proteger as articulações de dedos, das mãos e punhos, como para enfaixar joelhos, pés, tornozelos e até ombros doloridos, buscando o alívio de dores já existentes e uma proteção contra futuras adversidades físicas.

Também pude presenciar o uso de pomadas analgésicas de efeito rápido usadas antes dos treinos e competições, aplicadas diretamente em pontos do corpo com lesões crônicas, buscando um alívio imediato para dores persistentes. Muitas vezes, o próprio técnico passava esse bálsamo no corpo do atleta, demonstrando total intimidade com a existência de fragilidades e dores de seu pupilo. Ouvi, durante o período de observações nas academias, vários atletas trocando nomes e telefones de médicos ortopedistas e de fisioterapeutas, cujos atendimentos recomendavam aos seus companheiros.

Tendinites, inflamações e outras lesões com variáveis graus de seriedade também são companheiras de tatame e ringue dos lutadores: uma das grandes preocupações no período que antecede uma competição é o lutador cumprir sua agenda de treinamento que é variável entre oito e seis semanas, já em ritmo mais pesado e árduo, sem ganhar mais lesões. Ou seja, treinar cuidando para não se machucar, além do habitual e do suportável, poupando-se ao máximo para o próximo treino e para o dia da demonstração pública da sua performance. Competir “somente” com as lesões às quais já está habituado a conviver e que não alteram sua rotina de treinos, sem prejuízo de seu rendimento, torna-se a maior aspiração do atleta.

A sentença “tenho que me cuidar para não lutar machucado” e suas variações com o mesmo sentido (“tenho que lutar só com as dores que eu já conheço e não ganhar nenhum problema novo”) é recorrente e corriqueira entre os que estão treinando, visando às lutas já agendadas. Sabem que uma “nova” lesão adquirida nas semanas que antecedem o combate atrapalhará os treinos, comprometendo com isso sua performance e talvez até o resultado do combate. E uma derrota significa dificuldade para conseguir uma nova agenda de luta e uma próxima apresentação, manchando um currículo que está sempre se construindo. Por isso, o atleta tem que aproveitar, e muito, qualquer oportunidade de subir ao ringue, destinando ao corpo cuidados redobrados quanto aos riscos de lesões e a outras enfermidades que possam comprometer seu rendimento.

No período de observações, acompanhei a preparação de um professor de *muay thai* em sua segunda luta de *M.M.A.* realizada em vinte e nove de novembro de 2003, no evento *SUL COMBAT*, em São Leopoldo. O atleta seguia a rotina de treinamento prescrita e acompanhada de seu treinador, faixa preta de jiu-jitsu, e treinava socos de

boxe quase sem utilizar a mão esquerda, seriamente comprometida devido a lesões anteriores, que nunca foram devidamente tratadas. Também treinava jiu-jitsu e tinha muita dificuldade em executar a pegada com a mão machucada. Tais lesões foram fruto de seus treinos e de sua rotina profissional de aulas práticas para seus alunos, maneira pela qual sobrevive. Mesmo seriamente prejudicado, devido à dor crônica na sua mão, achava importante treinar forte, com garra como forma de valorizar seu treinador e sua equipe:

O pertencimento ao gym é a marca tangível da aceitação em uma confraria viril que permite que a pessoa se destaque do anonimato da massa e, portanto, atraia a admiração e a aprovação da sociedade local (WACQUANT, 2002, p. 33).

Num de seus últimos treinos, a uma semana de sua luta, após ouvir novamente sua queixa sobre a dor incessante na mão esquerda, o treinador abriu a mochila e lhe entregou uma caixa de comprimidos⁸⁷ para combater esse problema. Dessa forma, além de investir na qualificação técnica e física do lutador, o treinador ainda desempenhou as funções de médico, já que lhe indicou e subsidiou medicação. Acompanhei seu último treino antes da pesagem e ao final do mesmo, o treinador recomendou descanso absoluto e lhe perguntou se estava tomando a medicação para as dores da mão. Marcaram um último treino leve, um “rola⁸⁸”, para a manhã do dia da pesagem, não sem antes o treinador recomendar alimentos à base de carboidratos, farináceos, para ser sua refeição no dia da apresentação, desempenhando funções de nutricionista. Também há nesse exemplo o investimento e o cuidado do treinador

⁸⁷ Na ocasião, o treinador deu uma caixa de VIOXX para o atleta, conseguida como amostra grátis.

⁸⁸ “Rola”, na linguagem das academias, é traduzido como um treino de jiu-jitsu.

com seu atleta e a obstinação deste em retribuir, superando as adversidades físicas e suas dores recorrentes.

Acompanhei também a rotina de outra equipe, em que também um dos atletas treinava na base do sacrifício pessoal, já que morava e dava aulas de boxe chinês, fazendo dessa atividade sua principal forma de sobrevivência, numa cidade situada a aproximadamente a cento e trinta quilômetros de Porto Alegre, sede da sua equipe e local de seus treinamentos. Esse atleta enfrentava esta viagem ida e volta no mínimo uma vez por semana durante o período do treinamento específico para a luta, e apresentava uma distensão na virilha há algum tempo. Não se dispunha a interromper o treinamento para realizar um tratamento correto visando solucionar seu problema físico, pois isso significaria o cancelamento de sua luta. Ele insistia em demonstrar sua obstinação e mantinha sua preparação para a noite da competição, padecendo no próprio corpo com essa determinação.

As práticas médicas oficiais e, muitas vezes, conforme minhas observações, suas adaptações e variações pessoais, passadas de treinador para treinador, treinador para atleta e de atleta para atleta, dizem respeito aos cuidados necessários para os lutadores evitarem surpresas dolorosas durante e após um treino específico, no período de recuperação ou nas preparações para as lutas. Em todas as academias observadas nesse período, sempre havia um produto a base de gel conforme já citado anteriormente, acondicionado em sacos plásticos e que ficava no freezer ou na geladeira dos bares das academias, que substituíam o popular saco de gelo colocado sobre machucados, envolvendo principalmente articulações, como forma de diminuir o edema e evitar um posterior inchaço devido ao rompimento de vasos sanguíneos daquela região. Na grande maioria das vezes em que vi o uso desse recurso paliativo, o treino prosseguia e o

atleta lesionado ficava fora do tatame ou do ringue, com ar desolado ou, algumas vezes, expressando muita dor, manipulando o artefato sobre a parte dolorida de seu corpo, lamentando ficar fora da atividade. Raramente abandonava a academia antes do término do treino e a cada novo praticante que entrava no espaço, explicava detalhadamente a posição ou a manobra que resultou no seu involuntário descanso. Outras vezes, atletas portando muletas, talas ou botas de gesso se faziam presentes no treino e não se cansavam de reconstituir a situação em que foram lesionados e diziam-se dispostos a alterar o período prescrito pelo médico para o afastamento das atividades físicas visando à recuperação, sempre para menor quantidade de dias, já que, segundo eles, o próprio corpo, embora lesionado, estava “pedindo treinos”.

Dessa forma, mediante a presença física, reforçavam o vínculo e o pertencimento ao grupo da academia, reafirmando a confiança nos treinadores e professores e orientando de fora do ringue os companheiros de treinos, como forma de auxiliar na preparação deles.

Dentro desses ambientes de lutas, é questão de sobrevivência a capacidade do corpo recuperar-se de suas lesões no menor prazo possível e ter suas mazelas amenizadas, não interrompendo os treinamentos devido às dores resultantes da aplicação nos tatames e ringues e das sessões de preparação física. Da mesma maneira que a dor faz parte da rotina de treinos, sendo considerada natural entre os lutadores, seu antídoto necessariamente também se faz presente durante todo o processo de preparação do corpo para as lutas.

Mas existe uma preocupação quanto a um padrão estético identificado no “personagem lutador”, que é perceptível nos espaços de academias de artes marciais

e de lutas, e que funciona como uma referência de uma identidade masculina esculpida no próprio corpo (LOURO, 2001).

A musculatura constantemente trabalhada e exigida durante a preparação física e os treinos específicos das técnicas de lutas faz parte da linguagem corporal desses atletas: é o passaporte para essa confraria de virilidade, de força física e de técnicas de luta. Das três academias pesquisadas nesse trabalho, duas possuíam sala de musculação, sendo que numa delas, o espaço da prática da musculação era contíguo ao tatame e ringue, possibilitando que tantos lutadores quanto demais usuários da academia se misturassem. Nas Academias *Boxer Brazilian Jiu-Jitsu* e *ProFight Sports*, havia espelhos dentro do espaço destinado ao tatame e ringue, que tanto ajudavam nos treinamentos dos lutadores corrigindo erros e buscando a perfeita execução de movimentos, sob os olhares de mestres e de aprendizes, serviam para contemplação dos ganhos musculares após a rotina dos treinamentos, com alguns atletas medindo e avaliando-se corporalmente entre os pares. Partes desses corpos como bíceps, tríceps, abdominais e peitorais eram constantemente exibidas e comparadas nos espelhos: a identidade corporal desse grupo esportivo é construída e também apreciada no coletivo.

Presenciei, como demonstração de brincadeira, alguns desses sujeitos fazendo uma “competição” para ver quem apresentava a musculatura abdominal mais marcada, com os gomos dessa musculatura extremamente desenvolvidos. Em outras oportunidades, também eram comparados os volumes de bíceps, coxas e peitorais entre esses atletas. Na academia carioca *Brazilian Top Team*, localizada na cidade do Rio de Janeiro, na Lagoa Rodrigo de Freitas e visitada para esse estudo durante a semana de vinte e um a vinte e cinco de julho de 2003, também há aproximações físicas entre os espaços de lutas e de musculação, embora tais espaços sejam

administrados independentemente. Nessa academia, os ginásios de ringue e de tatame são separados por uma bem aparelhada sala de musculação, onde os lutadores complementam seus treinos sob a orientação de *personal trainers*.

Os cuidados com o reforço da musculatura, indispensável tanto para gerar ações contundentes quanto para absorver golpes traumáticos em treinos e competições, justificam o empenho desses atletas nas sessões de preparação física, incluindo a musculação, como parte obrigatória de seu “trabalho de casa”, conforme se referia a essa atividade o lutador J., da Academia *ProFight*. Nesse sentido é possível pensar que:

Os praticantes de musculação (*e os lutadores*) procuram materializar em seus próprios corpos as representações com as quais se identificam. A musculatura delineada ou hipertrofiada vai ser o ponto de convergência de um processo de afirmação e diferenciação de identidades, onde o investimento no próprio corpo passa a responder às exigências de cada grupamento social (FRAGA, 2000, p. 144).

À semelhança de um praticante de musculação, os lutadores de *M.M.A.* aplicam nos próprios músculos os elementos da linguagem corporal que os distinguem dos demais esportistas: através do músculo trabalhado e aditivado, ganha-se força física, resistência muscular e é construído o corpo do lutador.

Corpo esse a ser exibido em performances públicas, onde o músculo, para ser considerado “espetacular”, tem a sua eficácia medida e avaliada nos confrontos.

3.3 Músculos performáticos

Conforme já referido, o *Mixed Martial Arts* utiliza-se do aprimoramento da força física e o conseqüente ganho muscular para construir corporalmente seus praticantes, criando assim, a identidade corporal percebida e reproduzida entre os lutadores.

A criação de um padrão corporal que remeta a uma identidade, já foi percebida em outros trabalhos, como por exemplo, a pesquisa de César Sabino, que investigou a construção de corpos masculinos em academias de musculação na cidade do Rio de Janeiro, mas que julgo pertinente mencionar quando se pensa nos espaços de prática de técnicas de luta, como academias de artes marciais e de lutas:

Nas relações sociais realizadas nas academias de ginástica e musculação, a forma física constitui item fundamental de interação social, existindo rigorosas normas estéticas nas quais os indivíduos tentam, ininterruptamente, enquadrar corpos. O padrão corporal constitutivo dessas formas consiste em ressaltar determinados tecidos corporais, desenvolvendo músculos e enrijecendo-os (...) tornando forte e ampla a musculatura sob uma percentagem cada vez menor de gordura (SABINO, 2000, p.63).

Dessa forma, dentro dos espaços destinados às práticas de lutas ou de treinamento em musculação, encontramos corpos masculinos depositários e transmissores de uma construção corporal com significados culturais e identificatórios para atletas aí atuantes. Os corpos dos lutadores normalmente são musculosos, demonstrando investimentos no treinamento físico das diversas modalidades necessárias para a prática da luta, bem como cuidados com a suplementação alimentar e, na grande maioria dos casos, devido à ingestão de anabolizantes, conforme já tratado anteriormente.

O corpo malhado, sarado, forte, ágil, eficaz e, sobretudo, vitorioso, é uma possibilidade concreta de aceitação e admiração entre os outros praticantes; ele é um passaporte para combates no ringue, para agendar futuras lutas necessárias para a consolidação de uma carreira profissional baseada nessa performance eminentemente corporal. Essa couraça muscular, esse revestimento de músculos, serve também para intimidação dos adversários e para deleite dos torcedores e patrocinadores, antes mesmo do encontro na arena. No ritual da pesagem, quando o atleta confirma em que categoria de peso executará sua luta, ele fica frente a frente com o seu opositor, numa atitude corporal intimidatória, iniciando uma performance, que terá desdobramentos no ringue, pois é o momento da “exibição do corpo, encarado como uma ‘máquina de guerra’ para impor medo, respeito e admiração, além de assegurar a provável destruição do adversário, caso necessário” (CECCHETTO, 2004, p.157).

Com punhos fechados à frente do rosto, ficam tão próximos que suas mãos quase se tocam, encarando-se mutuamente, com semblantes agressivos, não raro fazendo caretas entre si, numa provocação comum entre os lutadores de boxe, cujas fotos servem também para a divulgação dessas contendas.



Foto 48 - A musculatura, trabalhada, é usada para intimidar o oponente, numa performance que continuará no ringue. Pesagem do ProFight Fighting Championship.

A confrontação visual dos contendores antes da luta é a performance visual e estática, que antecede a performance cinética a ser travada no ringue. Imóveis, os atletas expressam, através de seus músculos, as qualidades dos guerreiros: força, fibra, coragem, destemor... É o momento de exibir peitoral, bíceps e tríceps, entre outros músculos destacados, como parte de sua armadura corporal, mostrando o resultado do processo laborioso de construção de um físico blindado, que na luta vai ser posto à prova contra esse mesmo opositor:

A aquisição de músculos torna-se então uma espécie de inscrição corporal, uma marca social e cultural impressa no corpo, como por exemplo, uma tatuagem. Assim, a corpolatria escreve diretamente seus costumes e modelos na carne daqueles que se dedicam a ela, os corpólatras são convidados a escolher seu corpo (MALYSSE, 2002, p.110).

Tanto os treinos quanto os combates são performances físicas realizadas com e nos corpos dos lutadores. O uso da musculatura técnica e performática é a linguagem comum dessas atividades e por esses personagens, é o esteio dessa prática esportiva e, ao mesmo tempo, o corpo para o lutador é o templo de sua devoção, alvo final de seus empreendimentos físicos, psicológicos, nutricionais e emotivos. E, concomitantemente, também o corpo do outro guerreiro, do adversário recebe também tantas preocupações visuais, físicas, emocionais e técnicas: é o alvo a ser destruído, o obstáculo a ser superado.

Ainda sobre as construções corporais dos praticantes de musculação, recorro a Jean-Jacques Courtine que, ao estudar o fenômeno dos body-builders nos Estados Unidos, afirma ser o músculo um: “elemento central da cultura do corpo (...) é uma potência anatômica que se exhibe como um espetáculo permanente, obsessivo, universal” (COURTINE, 1995, p.82).

Cabe ressaltar que o autor está se referindo à idolatria do músculo na cultura americana, legitimamente ligado à construção de um corpo masculino, viril, constantemente posto à prova nos olhares dos próprios *body-builders* e dos não praticantes deste processo de virilização. Courtine estuda estas construções corporais nos Estados Unidos, mas ocorre o mesmo fenômeno em nosso país, já diagnosticado por César Sabino, entre outros pesquisadores.

Para Courtine: “O músculo não vive em gueto” (1995, p.83). Tal característica, a de formação de grupo, de tribo, de família também acompanha os praticantes de M.M.A. e torna-se bastante peculiar nesse grupamento social. O músculo aproxima os iguais, tem valor inequívoco para eles, já que a sua aquisição e o seu refinamento nas técnicas de luta depende também do esforço conjunto de outros atletas e essas construções corporais também se dão no coletivo⁸⁹. Esse mesmo músculo tem que ser eficaz: deve ser treinado tanto para bater no adversário, quanto suportar os golpes e investidas de que será alvo, em treinos e no ringue. Também é um símbolo visível da prática a que devotam tantos esforços.

Conforme pude observar, os lutadores de *M.M.A.* têm o entendimento de família ao referirem-se à sua equipe. Inúmeras vezes ouvi referências à “família de lutadores”, “aqui (na academia) é a minha casa” ou “tua família é a tua equipe” como forma de se referirem ao vínculo nos grupos, às equipes, no sentido de assim difundirem o companheirismo, os mesmos valores, práticas, posturas e outras atitudes igualitárias entre eles. O substantivo masculino “irmão” é uma forma de tratamento recorrente entre os lutadores, bem como o correspondente em inglês, *brother*. Assim, já que a família dos

⁸⁹ Todos os atletas observados também faziam parte de equipes de competição das academias a que estavam vinculados, treinando e competindo pelo coletivo de seus pares.

lutadores não é concebida através de laços sangüíneos, o pertencimento pode aparecer na aproximação corporal bastante significativa entre eles. O músculo trabalhado, e na maioria das vezes tatuado, supre as funções do grupo sangüíneo como elemento de ligação e pertencimento à mesma família.



Foto 49 - Uma das equipes observadas exibe a musculatura trabalhada nos treinos.

Ainda sobre grupos dedicados a práticas tão específicas como o *body-bulding* e lutas, como fenômenos de construção corporal e socialização entre iguais, percebemos que este investimento no corpo “não é um simples espetáculo: ele é sustentado por uma indústria, um mercado, um conjunto de práticas de massa” (COURTINE, 1995, p. 84). Então, os lutadores também movem um mercado, fartamente detalhado nas revistas especializadas na prática de lutas, em que são oferecidos produtos diversos, como camisetas, quimonos, luvas para boxe, sungas para *M.M.A.* e *submission*, suplementos alimentares, protetores de orelhas e bucais, livros de técnicas entre outros produtos difundidos e consumidos por eles. As próprias academias da prática de *M.M.A.* oferecem alguns desses produtos, principalmente camisetas, quimonos e sungas, todos com propagandas das equipes, que são comercializadas livremente nas recepções desses espaços, conforme já citado no capítulo anterior.

Para além dessas performances musculares, o corpo guerreiro também é alvo de preocupações estéticas: como um adereço aplicado ao próprio corpo, muitos lutadores ostentam tatuagens sobre os músculos trabalhados, identificando personagens que circulam nesses espaços de treinos e de sociabilidades, pois: “a tatuagem se apresenta ao mesmo tempo como uma inscrição intimista sobre o corpo e uma manifestação pública” (JEUDY, 2002, p.89). De acordo com a fala de um atleta:

“- Eu fiz uma (tatuagem) nas costas porque eu acho maneiro. E acho que tudo o que é lutador faz, a maioria faz, é só olhar aqui na academia. E depois tem outra, as ‘mina’ se amarram em ver cara ‘grandão’, ‘sarado’ com tatuagem. (Depoimento do atleta E., Academia Sul Jiu-Jitsu em 10/02/03).

Tatuar-se é um importante procedimento para integrar essa confraria de virilidade, da qual os lutadores fazem parte. Nesse sentido torna-se esclarecedor o depoimento a seguir:

“- Eu tatuei nas costas o símbolo da academia. Quis fazer uma surpresa pro mestre. E eu gostei do desenho, ficou bom, ficou maneiro mesmo. Assim, eu posso dizer que levo nas costas a academia e os nequinhos tem que me aturar (risos). (Depoimento do atleta U. da Academia ProFight Sports, em 14/10/03).



Foto 50 - Atleta mostra sua tatuagem nas costas, com destaque ao símbolo da sua academia no lado direito.

São essas inscrições na própria pele, desenhos “tribais” e símbolos diversos que servem também para a identificação dos lutadores.



Foto 51 - A própria tatuagem indica o processo de construção corporal (cultural), que ocorre nesses espaços de treinos, pelos quais passam os praticantes de M.M.A..

Durante minhas observações, não raro os atletas indicavam-me um lutador por essas peculiaridades estéticas:

“Aquele que tem uma tatuagem colorida de dragão grande nas costas”.

Ou:

“-Tem que falar com o P., o que tem um dragão tatuado na barriga”.

Ainda:

“- Se tiver um monte de careca de costas, tu vai achar ele. Ele tatuou o próprio nome nas costas, não tem erro”.

De certa forma, os depoimentos acima, retratando as academias observadas,

indicam que é possível uma identificação através desses símbolos diferenciados, talvez uma maneira de, ao mesmo tempo reforçar uma identidade do grupo (“tudo o que é lutador faz...”) e realçar a individualidade, pois nesses casos, os lutadores são reconhecidos por suas tatuagens particulares (“Ele tatuou o próprio nome nas costas”). Assim, a tatuagem adorna e é exibida nos corpos, sendo: “ao mesmo tempo, um sinal de identidade e um sinal de pertença” (JEUDY, 2002, p.93) . Durante a pesquisa, pude observar que a grande maioria dos atletas têm tatuagens pelo corpo, notadamente no tórax, não por acaso, a parte do corpo que está constantemente desnuda nos recintos das academias. A pele que recobre o músculo trabalhado ganha, por meio da tatuagem, um acabamento que serve também para reforçar ícones masculinos, como dragões, cães *pit bulls*, espadas entre outros motivos.



Foto 52 - Atleta exhibe o corpo “blindado” com destaque para a tatuagem no braço esquerdo.

Esse acabamento estético na própria pele distingue e identifica o lutador entre os seus companheiros de ringue.



Foto 53-Diferentes tatuagens recobrem os “corpos lutadores”.

Além das tatuagens, outras são as marcas corporais que compõem o capital cultural dos lutadores, o que me fez compreender que é nos corpos que se marcam os sinais de tamanho investimento.

No trabalho de campo, percebi que o corpo dos lutadores é ininterruptamente exigido e sua integridade física é sempre posta à prova, seja na prática pedagógica dos lutadores-professores-treinadores resultando no próprio aprendizado, ou, principalmente, na competição, na qual os lutadores empenham-se ao máximo para ganharem títulos, dinheiro, notoriedade e projeção profissional e social, conseguida mediante empenho físico-tático e desgastes corporal e emocional. É nesse corpo que encontramos a própria cultura dos lutadores e as características especiais dessa prática que é centrada nele: “uma prática da qual o corpo é ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo”, conforme já teorizado por Wacquant (2002, p.33), e pertinente quando se pensa na luta como um ofício corporal.

No *X Meca World Vale Tudo*, ocorrido em Curitiba, na noite do dia vinte de dezembro de 2003, um lutador, enquanto aquecia no vestiário para a sua apresentação, disse-me que aquela adrenalina nos minutos antes de entrar em cena “não tinha igual”. Quando perguntei se sentia medo antes de entrar no ringue, disse que todo lutador sente medo, e isso os ajuda a estarem alerta e “ligados” no que pode ocorrer quando soar o gongo do início do combate.

Enquanto me respondia, seu corpo atestava a excitação que acompanha os lutadores enquanto esperam a entrada para a luta: não parou de se movimentar enquanto conversava. Deu pequenos saltos, mexia pernas e braços alternadamente, corria no mesmo lugar, batia com os próprios punhos no corpo e alternava respirações rápidas com profundas. Disse-me que depois que acaba a luta, ele levava um tempo grande para perceber o resultado e não lembrava quase nada de sua atuação durante o confronto. Mesmo depois, vendo a fita de vídeo de suas lutas, não lembrava da grande maioria dos golpes desferidos ou recebidos, como se a adrenalina neutralizasse sua memória.

Outros lutadores questionados sobre o que pensam nos momentos antes de iniciar o confronto, também confessaram passar um “turbilhão de emoções” nas suas cabeças quando estão se dirigindo para o ringue: “medo”, “excitação nervosa”, “desejo que tudo acabe muito rápido”, “desconforto com a situação de iniciar a luta”, “sentimento de que o tempo não passa até soar o gongo”, “a visão de um filme onde fica se lembrando da própria vida e de pessoas de que se gosta”, foram algumas das revelações obtidas com eles durante várias conversas em que abordei os instantes que antecedem a luta. Um lutador contou-me que se distrai muito quando escuta a sua música sendo tocada, depois de anunciado o seu nome. No caminho até o ringue, fica cantando mentalmente

sua trilha sonora e vai desferindo socos no espaço, procurando respirar profundamente. Em uma de suas últimas lutas, estava tão “desligado” que, quando a *girl card*⁹⁰ entrou em cena portando a placa indicativa de primeiro *round*, ficou admirando e cobiçando a moça por alguns instantes, até deparar-se com o olhar intimidador do seu oponente, que já estava no córner, pronto para a luta. Foi o suficiente para dar-se conta de que estava em pleno ringue e que, após soar o gongo, iria cair na “porrada”:

“- Sabe como é, a carne é fraca e eu achei bem gostosa aquela mulher, desfilando ali na minha frente, e eu fiquei amarradão mesmo. Mas foi só o tempo de eu dar de cara com os olhos do M. (o adversário daquela noite, que já estava posicionado no ringue) me ‘caçando’, que eu caí na real e esqueci da gostosona.” (Depoimento de L, atleta da ProFight Combat Team, em 08/03/04)

Como condição de uma prática esportiva centrada no uso “espetacular” do corpo, atingindo diretamente ao oponente, todos os atletas que pude acompanhar, sem exceção, relataram-me preocupações quanto a lesões já existentes nas articulações dos ombros, dos joelhos, dos punhos entre várias outras. Também a musculatura lombar era freqüentemente citada como problemática e dolorida, tal o nível de exigência desse grupo muscular. Foi comum durante o período de pesquisa de campo observar corpos com hematomas, rostos e lábios inchados, olho roxo, cortes no supercílio, entre outras alterações corporais construídas durante treinos ou resultados de disputas em competições.

Em inúmeras oportunidades, ao freqüentar os “ambientes culturais” de ensaio e preparação dos atletas, deparei-me com mãos enfaixadas, pernas com talas, lutadores

⁹⁰ Moças geralmente muito bonitas e atraentes, com roupas sensuais como saias curtas e *tops*, que entram em cena com cartazes indicando o número do *round* e também para entregar prêmios como troféus ou medalhas, levando o público masculino ao delírio. A ex-*big brother* Brasil, a modelo argentina Antonela Avellaneda, ou Ton-Ton, foi *girl card* numa competição de *muay thai*, o torneio *STORM SAMURAI*, onde também ocorrem lutas de *M.M.A.* e que foi disputado em Curitiba, segundo a revista *Tatame* # 96-fevereiro/04.

andando apoiados em muletas, tipóias impedindo grandes gestos com os braços. Escrevi propositalmente “grandes” gestos, porque os praticantes sempre davam um jeito de burlar as recomendações médicas e, mesmo com as contra-indicações fartamente sinalizadas no próprio corpo, como no exemplo da tipóia, achavam uma posição ou um golpe que pudessem demonstrar no tatame ou no ringue, apesar de alguma debilidade física.

Conforme o registro em meu diário de campo em dezessete de janeiro de 2003, na academia Sul Jiu-Jitsu, uma sexta feira, um lutador que estava com atadura e parou a luta por causa da dor, sentou-se ao meu lado. Aproveitei a deixa e perguntei o que havia acontecido com a sua mão, que estava enfaixada. Disse-me que, no treino anterior, havia deslocado o polegar. Não foi ao médico: colocou gelo, imobilizou por conta com atadura caseira e menos de 24h já tinha voltado a treinar. Fiquei incrédulo, mas mantive minha “indiferença”. Revelou-me que iria a uma clínica de traumatologia quando terminasse o treino, mas gostaria de que, na próxima segunda, já pudesse estar treinando.

No dia vinte de janeiro, o mesmo sujeito já estava no tatame, dessa vez com um curativo maior. Perguntei se o médico havia liberado para o treino e ele disse que sim. Mas estava claro, pelo tom com que ele me deu a resposta, que médico algum iria liberar para fazer qualquer exercício com o dedo quebrado, ainda mais uma modalidade de luta. Retornou ao treino e tratou de esquecer, pelo menos para quem estava de fora observando, qualquer impedimento físico.

No início, minha curiosidade sobre os machucados, os hematomas, o olho roxo impulsionava-me a questionar o porquê, ou melhor dito, de que forma havia sido construída

tal “alteração corporal”. As respostas, invariavelmente, não se desviavam de: “Foi num treino, aqui na academia. “Fulano” me acertou um golpe”. Ou: “Me machuquei durante um rola”. Ainda:

“- Isso não foi nada, já tô acostumado mesmo e o pessoal lá de casa nem pergunta mais. No trabalho é que uns caras tiram onda comigo. Fazer o quê, não é mesmo? No futebol, a gente leva canelada. Aqui, a gente leva soco na cara. É assim que funciona, é a lei dessa selva”. (Fragmento de uma conversa na Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu com o atleta J, em 16/10/03).

Outra passagem em meu diário de campo ilustra bem essa indiferença aos hematomas conseguidos em cima do ringue, o se habituar ao que parecia ao pesquisador estranho e extremamente agressivo. Tinha ido a Curitiba para acompanhar uma competição lá realizada em vinte de dezembro de 2003 e quando cheguei ao restaurante do hotel, para minha surpresa, já havia muitos lutadores tomando café, apesar de ser bastante cedo (06h) e ter estado com grande parte deles no saguão do hotel até as 04h, horário em que chegamos do ginásio do Paraná Tênis Clube, onde tinha ocorrido o *X Meca*.

Na mesa ao lado da minha, estava sentada a equipe do atleta Jorge “Macaco” Patino, inclusive sua mulher. O rosto do lutador estava absolutamente deformado, de tão inchado que estava! O que chamava mais a minha atenção eram os grandes hematomas bastante roxos abaixo dos olhos, mas também ostentava curativos na testa, resultados dos pontos cirúrgicos que havia tomado no hospital, após o confronto. Em outra mesa, a lutadora Carmem “Casca-Grossa”⁹¹, fazia, aos gritos e gargalhando, propaganda de uma pomada milagrosa, segundo ela, que havia trazido de seu estado, Pará, e “consertaria a cara do Macaco”. Outros atletas em outras mesas também

⁹¹ Derrotada na primeira luta feminina ocorrida nesse torneio.

conversavam alto e brincavam, lançando piadas indecifráveis para mim. O clima geral era de confraternização. “Macaco” contava histórias engraçadas de suas viagens e de outras lutas. Riam e divertiam-se com essas narrativas amplamente encenadas.

É bastante comum entre os praticantes de *M.M.A.* as deformações nas cartilagens das orelhas, que popularmente são chamadas de “repolhudas”, tal a desfiguração causada pelos constantes esforços, principalmente na prática de jiu-jitsu e *wrestling*. O atrito freqüente e a força feita com a cabeça no tatame, cotidianamente, é responsável por essa deformação anatômica, que também serve como mais uma alteração corporal presente nos lutadores, criada exclusivamente pela prática da atividade de luta. Há atletas que usam protetores de orelhas, espécie de capacetes acolchoados, que protegem e conservam a anatomia original do pavilhão auricular. Muitos treinam e competem no jiu-jitsu usando esse equipamento, mas é um investimento pessoal e as academias observadas não o possuíam para uso coletivo.

Entretanto, os que treinam sem essa proteção, devido ao tempo ou à intensidade da prática, estão sujeitos a essa “marca” corporal, que é bastante comum entre os atletas, denunciando os que têm mais experiência nas lutas de chão. O próprio lutador trata da sua orelha quando há o rompimento dos vasos sangüíneos e o derrame provoca uma deformidade dolorosa nessa parte do corpo. Ou outro atleta, já experiente e com a orelha já devidamente reconstruída, faz o procedimento padrão: através de uma seringa descartável, introduzida diretamente na parte lesionada, retira-se o sangue excedente e responsável pela alteração, fazendo com que a orelha murche, construindo um novo formato, identificável a distância:

“- O cara que tem orelha repolhuda é batata: é lutador! Não tem erro, nem precisa perguntar, pode ser de jiu-jitsu, pode ser até do judô, mas o cara é lutador”. (Depoimento do atleta A. da Academia Boxer Brazilian Jiu-Jitsu, em 03/05/03.

Presenciei um treino em dez de março de 2004 na Academia *ProFight Sports* em que um atleta ficou com sua orelha bastante inchada devido ao rompimento dos vasos sanguíneos durante um rola. O volume do sangue formou uma bola na orelha, onde não se podia fazer distinção entre as dobras ali existentes tamanha foi a deformidade causada pelo atrito no chão. O atleta parou seu treino e foi até o banheiro contemplar sua nova aquisição anatômica. Não teve coragem para fazer a punção sozinho na academia e também ninguém se prontificou a fazer pelo tamanho que estava e pelas reclamações que ele fazia da dor causada pela lesão. O tamanho da alteração corporal era digno de comentários entre eles mesmos, acostumados com essas situações. Ficou gemendo de dor e por diversas vezes manuseou a orelha deformada, tentando aliviar seu sofrimento. Os outros sujeitos o aconselharam a procurar a emergência do Hospital Municipal de Pronto Socorro, onde segundo eles, poderia fazer o procedimento correto sem necessidade de nenhum gasto. Dias depois, encontrei esse atleta e a nova orelha já estava sendo exercitada no tatame, porque o mesmo já tinha voltado ao seu ritmo normal de treinamento, desprezando o uso do protetor para tal fim. Já estava desinchada e seu *design* era o “padrão” dos tatames.



Foto 54 – Detalhes de orelhas “repolhudas”, em diferentes estágios de *design*, “conquistadas” após dedicação e esforços nas rotinas de academias.

Depois, entre as várias conversas informais, foi-me confidenciado que a aquisição de tal distintivo era um dos grandes sonhos desse lutador:

“- Nem te conto, mas ter orelha repolhuda era um dos sonhos do T.

Causava-me estranhamento o que estava ouvindo. Tinha que me certificar.

“- Como assim, “um dos sonhos”?

“-É isso mesmo, um dos sonhos. Nos meus treinos, ele já tinha dito que o sonho dele era ter uma orelha que nem a minha. Tanto fez que conseguiu a tal orelha. Só que a dele ficou muito maior, a minha tá quase normal, só de perto que tu nota que é de lutador. Mas eu mesmo fiz a punção na hora, não deixei passar tanto tempo quanto ele, por isso a minha tá até discreta. A dele não, de longe tu vê que é repolhuda. Mas ele queria assim mesmo, chamar a atenção”.

A orelha repolhuda, espécie de distinção corporal, além de exibir uma diferenciação em quem a ostenta, afinal, remete à categoria dos lutadores os adjetivos a ela normalmente associados (homens fortes, corajosos, destemidos, brigões etc...) também pode ser usada para fins estéticos, visando despertar interesse no sexo oposto, afinal:

“- Tá cheio de menininha que se amarra na minha orelha. Comentam que é bonita, que é show e que é atraente. Eu fico só escutando, mas no fundo sei que tem gatas que se liga em lutador mesmo e a orelha é como um ‘anzol’ para elas”. (Diálogo com o atleta U., da Academia ProFight, em 18/03/04).

Essa alteração corporal pode ser vista, também, como uma condecoração, uma medalha destinada a premiar a aplicação e a devoção nos treinamentos, ostentada de forma a mostrar o valor do atleta através da “fixação de uma marca inequívoca de lutador experiente” (CECCHETTO, 2004, p. 156). Outras alterações também são construídas e valorizadas nesses espaços de socialização. No *Combat Sul*, evento de lutas realizado em vinte e nove de novembro de 2003, na cidade de São Leopoldo, um

atleta de jiu-jitsu treinou dois meses para fazer a sua estréia como lutador de *M.M.A.* Foi o único representante da sua academia em Porto Alegre a participar do evento, o que mobilizou um grande número de torcedores, já que representava uma agremiação tradicional de Porto Alegre. Seu combate durou três *rounds* de cinco minutos com dois minutos de intervalo entre eles. Ou, dito de outra forma: seu corpo (bem como o do seu oponente) foi submetido ao esforço físico total de quinze minutos, descansando a cada cinco minutos, num duelo com um opositor que se mostrou igualmente preparado para o combate. A disputa foi bastante acirrada, para o deleite da assistência, tanto que só foi aclamado o vencedor após o tempo regulamentar, seguindo votos dos juízes.

Os dois atletas travaram a disputa mais eletrizante da noite, segundo os comentários da torcida, bastante ruidosa especialmente nessa luta, opinião compartilhada por outros lutadores envolvidos no evento, ouvidos no encerramento da noite de lutas. Incansavelmente, trocaram vários golpes traumáticos – chutes, socos, caneladas, cotoveladas, cinturadas, derrubadas - alternando as vantagens de um e do outro, numa movimentação que motivava cada vez mais a assistência, bastante agitada e pedindo golpes mais eficazes: “sangue”, “porrada”, “acaba com ele”. Ambos saíram machucados do ringue, com muitos cortes abertos, especialmente, nos rostos, deixando no ringue muitas marcas de sangue derramado durante a performance, oriundo de diversos ferimentos construídos ao longo da entrega carnal a que se submeteram.

O resultado de tanta aplicação foi visível ao final do tempo regulamentar: os dois atletas estavam com as feições alteradas, decorrentes da série de pancadas mútuas. Devido à quantidade de cortes em seu rosto, obtidos basicamente pelos golpes de boxe tailandês (joelhadas, cotoveladas, socos, chutes) desferidos pelo oponente, o atleta de Porto Alegre, vitorioso, imediatamente recebeu atendimento ao lado do ringue,

na maca que ali estava para o apoio médico. Enquanto acontecia o confronto posterior ao seu, o médico de plantão suturava o rosto desse atleta a poucos metros da arena, onde um novo duelo era travado, com novos personagens. O show não podia parar, o novo combate já ocupava as atenções de todos. Deitado ao lado do ringue, onde havia corporificado minutos atrás sua técnica, força e superação, o mesmo corpo performático revelava o quanto tinha custado aquela vitória. A Medicina tratou de estancar o sangue e recompor suas feições, já que seu rosto, como de certo todo seu corpo, foi bastante machucado durante a sua atuação.



Foto 55 - A maca, estrategicamente colocada ao lado do ringue, garantiu o pronto atendimento aos atletas lesionados nos combates.

Na saída do ginásio, após o final das lutas, já devidamente suturado para fechar os cortes, esse atleta apresentava as novas cicatrizes cobertas com gaze cirúrgica em todo o rosto, bastante inchado, que apenas não lhe escondiam seus olhos. Nesse caso: “a cicatriz se esconde como um sinal indelével de uma degradação física” (JEUDY, 2002, p. 85), pois o lutador pagou na própria carne o seu empenho no combate. Essa alteração construída no esforço da luta também foi percebida em outro trabalho envolvendo lutadores e pode ser interpretada para além do desgaste corporal na cultura dos lutadores:

A cicatriz demonstra de modo incontestável que ele “agiu como homem” na circunstância onde ela foi adquirida: ele aceitou o desafio de enfrentar outro homem, entrou no ringue e lutou (GASTALDO, 1995, p. 172).

Então, ao final do evento, recebeu a solidariedade de seus companheiros de treinos e de seus torcedores, que não cansavam de cumprimentá-lo pela vitória e elogiar seu desempenho na luta. O desfilar com o olho roxo e portar no corpo os sinais visíveis de seu empenho no combate, nesse caso, significou para seus semelhantes que o lutador teve vários méritos, entre eles o de bravura, raça, garra, sendo um legítimo “guerreiro”⁹², um autêntico casca-grossa, reconhecendo seu empenho na performance, além de ter se sagrado vitorioso no sangrento combate, honrando o nome de sua equipe, motivo de satisfação entre seus pares.

Em outra oportunidade, em dois de abril de 2004 na Academia *ProFight Sports*, outro lutador, em treinamento para uma competição de *M.M.A.*, recebeu socos desferidos diretamente no seu rosto. O estrago deu-se acima do supercílio, e o corte foi causado pelo relevo da luva de boxe usada pelo seu oponente. Imediatamente, o treino foi interrompido e pela grande quantidade de sangue vertido, foi providencial o deslocamento do mesmo para o setor de emergência do Hospital Municipal de Porto Alegre. Lá, depois de constatado o tamanho do corte, seu rosto foi alterado com dez pontos cirúrgicos, que lhe afastaram dos treinamentos durante cinco dias. Nesse período, continuou freqüentando a academia e não se furtava de narrar em detalhes as condições em que havia sido golpeado.

⁹² No dia 01/12/03, no endereço www.tatame.com.br/index1.htm, na coluna dos internautas, havia duas mensagens citando nominalmente o lutador. A primeira, de um colega de academia, destacava-o como um “verdadeiro guerreiro”; a outra mensagem, assinada pela academia de jiu-jitsu à qual o lutador é vinculado, parabenizava o atleta por “muita técnica, raça, determinação”.

Na mesma academia, dez dias após a passagem acima, observei outro treino que transcorria com bastantes variações de golpes e posições. Enquanto um lutador estava deitado, o outro de pé, preparava-se para um ataque na lateral, para ficar na posição de “100kg” e daí tentar partir para a finalização numa chave de braço ou em estrangulamento. No meio dessa movimentação, o lutador que estava atacando, isto é, o que estava por cima, teve seu dedo anelar deslocado, resultando numa angulação muito maior do que a comum. Assim que percebeu a alteração, ele deu um grito de dor, e o treino foi parado pela curiosidade despertada por seu grito. Ato contínuo, como o dedo estava “fora de lugar”, o próprio lutador apertou-o e fez voltar para o “lugar certo”.

Tal procedimento foi rápido e quase que me passa despercebido. O sujeito demonstrou muita técnica, rapidez e perícia nesse procedimento, tamanha foi a eficiência de sua intervenção. O treinador perguntou se ele queria parar o “rola” e ele, de pronto, respondeu que não, que o dedo já estava “no lugar” e voltou, imediatamente, ao treino, buscando a posição que havia interrompido quando sentiu o problema. Não ouvi no tatame qualquer comentário posterior sobre a “alteração momentânea”, indicando ser comum esse tipo de lesão e a sua correção.

Tais alterações são olhadas e suportadas com naturalidade entre os lutadores e seus pares. Com a convivência entre lutadores, percebi que, nesse universo, eram tão somente marcas resultantes do próprio treinamento ou da disputa, visíveis e palpáveis sinais de uma aplicação e dedicação, traduzindo um empenho corporal ou, em alguns casos, a superioridade do oponente.

Outra anotação na mesma academia *ProFight Sports*, feita em cinco de maio de 2004, sobre as marcas corporais de um combate confirma o caráter de faz parte desse

jogo e o estranhamento que causam nos não praticantes. Um dos lutadores apresentava um hematoma, na parte de trás da perna, da altura da coxa até quase o tornozelo. Era feio mesmo de se olhar. O estrago tinha sido bastante grande. Toda aquela parte do corpo estava ainda roxa, isso que já havia passado seis dias da luta, mas os vergões eram assustadores. Perguntei ao atleta se ainda doía. Respondeu-me que não e que perdeu o combate por ter aberto um corte no supercílio direito, que lhe rendeu um volume de sangue indesejável, motivo de o juiz decretar que ele estava “sem condições de prosseguir” e encerrar a luta. Recebeu antes do golpe que ocasionou a interrupção da luta:

” - Dois ou três chutes na perna, não me lembro bem”.

Continuou explicando que, como estava aquecido não sentiu nada e somente no domingo (a luta ocorreu no sábado à noite), é que a perna começou a ficar “roxa e muito feia”, segundo suas próprias palavras. Foi num hospital público, quando saiu do ginásio para levar seis pontos no supercílio, mas como não estava sentindo nada na perna, não teve qualquer preocupação extra. Os outros atletas comentaram que eu deveria ter visto a perna dele antes, que daí sim eu iria me assustar:

“- Agora, já tá bem melhor, quase não se nota se tu comparar ao que tava antes”.

Mas, segundo o próprio lutador, o negócio era treinar e treinar. Cumpria à risca essa frase; não perdeu nenhum treino durante o seu processo de recuperar o corpo de golpes tão contundentes.

Conforme o observado, as principais motivações desses atletas estão relacionadas ao aprimoramento constante do instrumento de trabalho. Entretanto, ao mesmo tempo que investe na sua preparação nas rotinas de treinos e atividades físicas, o atleta

desgasta o seu capital corporal, pois cada treino, cada competição, além da preocupação psicológica com os resultados, tem um comprometimento físico e mental consideráveis. Afora isso, a possibilidade sempre presente de lesões sérias, definitivamente, potencializam os perigos dessas carreiras. Esses sujeitos corporificam, cotidianamente, o paradoxo de “usar o seu corpo sem gastá-lo”, (WACQUANT, 2002, p.150), enquanto aguardam, em prontidão, os desafios do ringue.

4 - ENTRE O RINGUE E O PALCO: O CORPO EM CENA

“Performance é aquilo que não foi nomeado, que carece de uma tradição, mesmo recente, que ainda não tem lugar nas instituições.” *Jocken Gerz*

“É interessante apontar, a priori, que essa palavra [performance] inevitavelmente tem duas conotações: a de uma presença física e a de um espetáculo, no sentido de algo para ser visto (spetaculum). (GLUSBURG, 2003, p.43)”.

“The closest thing to acting is bullfighting or boxing. It’s a matter of adjusting to the other man’s blows. You’re so busy adjusting it’s difficult to think of anything else”⁹³. *Anthony Quinn*.

Este capítulo descreve os elementos da linguagem de espetáculos que são verificáveis nos eventos de *M.M.A.*, explicitando as dimensões que aproximam as lutas de manifestações cênicas. Dessa forma, são analisados os elementos comumente associados a um espetáculo tais como a preparação corporal do sujeito que faz a performance, o texto, o improviso, o cenário, o figurino, a iluminação, a direção de cena, os acessórios cênicos com os seus correspondentes no universo das lutas. Conforme já explicitado anteriormente, ao iniciar a pesquisa, percebi que essas lutas poderiam ser apreciadas como uma possibilidade esportiva centrada na performance corporal dos lutadores, já que as lutas, sumariamente, são : “uma apresentação artística (esportiva) ao vivo para um público, na qual a utilização das habilidades corporais do artista é exigência fundamental” (TEIXEIRA,1996, p.9). A partir da minha presença em Curitiba, na platéia do Meca World

⁹³ “A coisa mais próxima à atuação é a luta livre ou o boxe. É uma questão de ajustar-se aos golpes do outro. Você está tão concentrado na atividade que é difícil pensar em qualquer outra coisa”.

Vale Tudo, percebi que outros elementos da linguagem do espetáculo também formatavam essas práticas esportivas, aproximando as arenas das lutas dos palcos de espetáculos. Então, estar na platéia de um torneio esportivo *Meca* e o impacto que essa primeira experiência acarretou, marcou minha aproximação real com o mundo das lutas e revelou o estranhamento “natural”⁹⁴ que esses sujeitos e suas práticas causam nos não iniciados. Ao mesmo tempo, nessas disputas físicas, o uso de recursos cênicos como a sonoplastia e iluminação, eram muito familiares, devido a minha formação em Artes Cênicas.

Naquela ocasião, tive a oportunidade de conversar com Antônio Rodrigo Nogueira. O “Minotauro”, como é conhecido nesses palcos, já é destaque da mídia especializada nas lutas em função das suas atuações impecáveis nos torneios *Pride* do Japão. Suas performances técnicas e eficazes no *M.M.A.* mundial lhe abriram espaços na mídia nacional, como as entrevistas concedidas à Marília Gabriela no canal GNT em dezembro de 2002 e a Jô Soares no programa de 06 de maio de 2003.

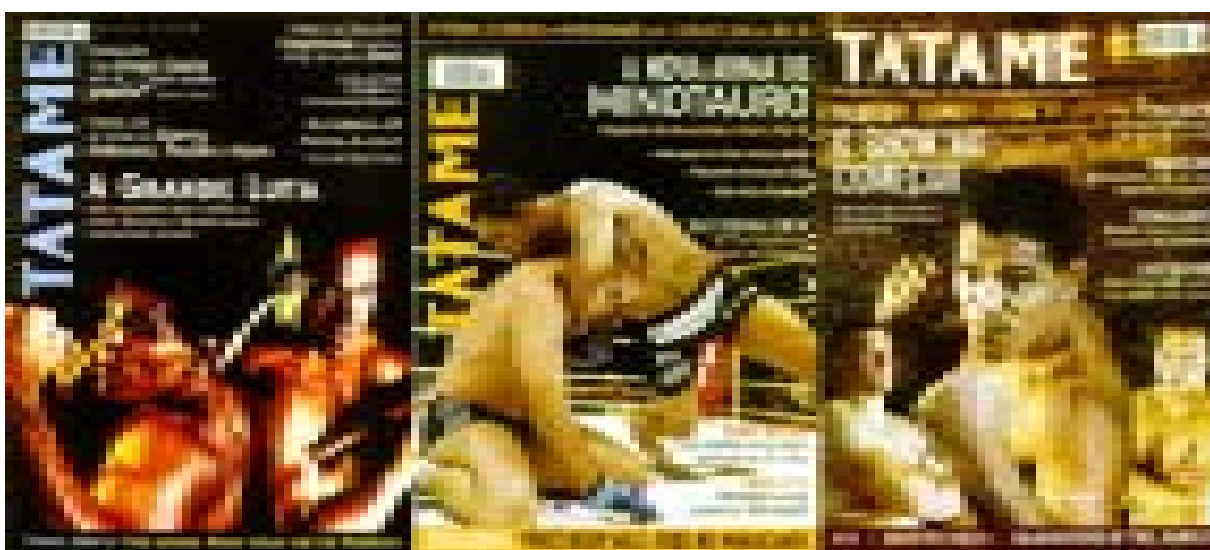


Foto 56 - Capas da revista Tatame, em que aparece destacado o lutador “Minotauro”.

⁹⁴ Compartilho a idéia de que somos todos construções sociais e culturais. Dessa forma, não há nada de “natural”, sem a mediação da cultura, quando se trata de seres humanos.

No Japão, conforme a mesma revista, ele é um ídolo de multidões, já foi capa dos principais jornais e revistas japonesas e as tevês locais transmitem ao vivo do aeroporto a sua chegada, para acentuar o clima de expectativa sobre o *Pride*, o mais importante campeonato de *M.M.A.* do mundo. Na matéria, cujo título é “O Fenômeno do Ringue”, é comparada a sua adoração por lá como a que os brasileiros têm em relação a um outro “Fenômeno” do mundo esportivo, o jogador Ronaldinho, atualmente jogando no futebol espanhol. O talento e a técnica refinada do atleta exibida nos ringues japoneses impressiona os fanáticos torcedores daquele país, que pagam até U\$ 1.500,00 (mil e quinhentos dólares) para presenciarem as performances vitoriosas do brasileiro:

*“- Quando subo no ringue, esqueço os problemas e sei que tenho a responsabilidade de proporcionar um grande **espetáculo** para o público que paga caro para me ver. Não há nada que me faça desistir de lutar”*(Isto é, n° 1737 2003, p.68).

Esse foi o início das minhas averiguações sobre o que aproximava uma disputa essencialmente física, a primeira vista, dos elementos de espetáculo, a ponto do citado lutador dirigir-se assim a sua atividade. Minhas indagações e curiosidades me levaram, a partir desse evento, a uma aproximação maior com esse universo esportivo para perceber de que maneira o caráter espetacular estava presente nas disputas. Então, buscando identificar esses elementos, pesquisei diversas competições, ou melhor, espetáculos esportivos, onde as habilidades corporais dos lutadores estão no centro das arenas, construindo as performances desses atletas. Elenco alguns deles para evidenciar os elementos da linguagem do espetáculo que compõem as apresentações desses lutadores.

Estive em São Paulo, em dezessete de maio de 2003, para assistir às finais do *Abu Dhabi Combat Club World Submission Wrestling Championship – ADCC*, evento

popularmente traduzido como campeonato mundial de luta agarrada, com a participação de vários atletas profissionais de *M.M.A.* A estrutura montada no ginásio do Ibirapuera, com três arenas de combate, telões exibindo as lutas, uma iluminação teatral dando acabamento às ações dos lutadores, a presença de *d.j.*⁹⁵ criando uma trilha sonora, foram claros indícios de que as lutas apresentam, de forma cada vez mais evidente, uma formatação de evento que ultrapassa as características esportivas, agregando recursos de outras práticas culturais, como espetáculos de teatro e música, por exemplo.



Foto 57- Arenas de luta do ADCC /2003 em São Paulo, onde diversos lutadores de *M. M. A.* competem devido a expressiva premiação em dinheiro. A iluminação feérica, os telões mostrando as cenas dos combates e a música eletrônica são elementos cada vez mais comuns nessas disputas.

Presenciei, aqui em Porto Alegre no dia vinte e quatro de maio de 2003, no ginásio do Petrópolis Tênis Clube, o “*sensacional confronto de lutadores de diferentes Artes Marciais, nas regras do Mixed Martial Arts*”, conforme o cartaz de divulgação do evento, realizado pela Federação Rio-Grandense de Pugilismo, através do departamento de

⁹⁵ *Disc Jockey*, traduzidos popularmente como *dee jays*, que executam basicamente, música eletrônica durante o intervalo das lutas, bem ao gosto da platéia e dos lutadores.

Mixed Martial Arts. Tal noite de lutas, com sete combates programados, foi uma promoção da *Profight Produções*. A grande maioria dos lutadores era de academias de jiu-jitsu da cidade, mas estavam presentes competindo também atletas de Santa Catarina e do Rio de Janeiro, esses vinculados à equipe *Brazilian Top Team*.

No Rio de Janeiro, em vinte e três de julho de 2003, acompanhei o *KNOCK – MIX MARTIAL ARTS*, com disputas de *M.M.A.* e *Muay Thai*, em que estavam em jogo títulos brasileiros dessa modalidade.

KNOCK
MUAY THAI - MIX MARTIAL ARTS

Hebraica
Rua das Laranjeiras nº346

Dia 23
de Julho

Quarta-feira
Horário 21:00hs

MIX MARTIAL ARTS

Evangelista Cyborg Champions Factory, Budokan	Gladiador Brazilian top team
Cabelinho Brazilian top team	Rodrigo Ruas Equipe Ruas
Claudionor Fontinele Champions Factory	Aluisio Barros 'dado' Equipe Ruas
Sandro Bala Champions Factory	Paulo Boiko Brazilian top team
Angelo Sergio Boxe Thai	Ricardo Petrúccio Equipe Ruas
Jhoni Eduardo Boxe Thai	Marcio Cobra Clam

MUAY THAI

Disputa de Título Brasileiro

Eduardo Maiorino Champions Factory	Everton Gigante Shotokan Team
Emerson Nunes Champions Factory	Diego Braga Equipe Ruas
Mike tyson Champions Factory	Marcus Vinicius Boxe Thai
Saulo Ribeiro Champions Factory	Fabio Indio Shotokan Cabo Erio
Clovis Mileu Champions Factory	Rodrigo das Neves Clam

Apoio: HDB, COB, MMA, ADCC

Vendas Antecipadas: Lojas Bibi Sucos (Barra / Leblon / Ipanema) - Lojas Ciclone (Rio Sul / Barra Shopping)
Academia Champions Factory (Rua Barato Ribeiro, 181 - Lj 1) - Posto Itaipava (em frente ao clube Piraque Lagos)
Informações: 9765-1809 / 9994-8685 / 9989-6001

Figura 2 - Cartaz do KNOCK, apresentando a programação do evento.

Porto Alegre também sediou em dezanove de setembro de 2003, o *I BRAZIL SUPER FIGHT*, realização dos faixas-pretas de jiu-jitsu José Mario Sperry e Walter Mattos, com a produção da Ibiza, tradicional casa noturna do litoral gaúcho.

SERVIÇOS

Prefira o Taxi
Evite problemas para estacionar seu carro. Ponto de Taxi em frente ao Tesourinha no momento da saída.

Tele-entrega (somente para Porto Alegre)
Receba seus ingressos em casa solicitando-os pelo número 3286-2323. Taxa de entrega R\$ 5,00.

Internet (www.brazilsuperfight.com.br)

O EVENTO

Som e luz
Projeto especial de efeitos realizado pela Zero dB Sonorização e Imagens.

Imagens
Assista as lutas por diversos ângulos. Closes, replays e informações nos 6 telões do evento sob o comando da Lumière Vídeo Comunicação.

Segurança
Atenas
A Atenas Segurança, empresa especializada em segurança de grandes eventos, fará a segurança do evento com serviço de revista e filmagem, garantindo um espetáculo tranquilo ao público presente.

Atenas
Além da Brigada Militar e do EPTC, a Atenas Segurança estará orientando e proporcionando segurança nas áreas externas ao redor do Ginásio Tesourinha.

Patrocínio:

Bradesco

EXCLUSIVE Import car

BINGO ROMA

Bradesco Apresenta:

BRAZIL SUPER FIGHT

FIGHTING CHAMPIONSHIPS

PROGRAMA PRINCIPAL

Porto Alegre, 19 de setembro de 2003.

Figura 3 - Programa do *Brazil Super Fight*, com destaque para estrutura de som, luz e telões espalhados no ginásio.

Em novembro do mesmo ano, foi a vez de São Leopoldo sediar o *I Sul Combat*, com disputas envolvendo atletas gaúchos, catarinenses, paulistas e cariocas, no ginásio municipal da cidade.



Figura 4 - Cartaz do *Sul Combat*, que reuniu gaúchos, catarinenses, paulistas e cariocas nas regras de *M. M. A.*

Em vinte de dezembro de 2003, acompanhei em Curitiba, no ginásio do Paraná Clube, a décima edição do Torneio *Meca World Vale-Tudo*.

Como última competição de *M.M.A.* a que assisti para subsidiar essa escrita, acompanhei as lutas do *ProFight Fighting Championship*, realizado em Porto Alegre em três de julho de 2004.



Figura 5 - Cartaz do evento *PROFIGHT F. C.* anunciado como “Sensacional Show de Lutas”.

Paralelo a esses eventos nas regras de *M.M.A.*, no período de pesquisa e observações, também acompanhei competições de jiu-jitsu, *submission*, boxe amador e de *muay thai*, em que participavam os sujeitos da pesquisa, como parte do treinamento para futuras disputas no ringue.

Em cada uma dessas competições, o caráter “espetacular” das disputas foi tornando-se mais evidente. Em todas elas, havia elementos comumente usados nas encenações teatrais, shows e espetáculos musicais, como a sonoplastia, a iluminação cênica, o uso de telões espalhados nos ginásios, entre outros. Nessas competições, sempre havia um cuidado especial com uma iluminação diferenciada para as entradas dos lutadores, que se deslocam até o ringue no meio da “fumaça cênica”, produzida por intermédio de máquinas à base de glicerina, recurso destinado para a composição de cenas em palcos e para a apresentação de astros extremamente populares da música. Também durante a entrada em cena desses atletas, há o acompanhamento

de trilhas sonoras, individuais e escolhidas por cada lutador, variando em estilo musical⁹⁶, reforçando o caráter “espetacular” da entrada em cena. Os mesmos estão acompanhados de uma equipe, que faz as vezes de uma companhia de teatro, uma verdadeira *entourage* de três auxiliares, entre técnico, massagista e preparador físico. E ao final das lutas, há uma grande concentração de fãs interessados em fotografar os lutadores, os performáticos que se apresentam nesses palcos-ringues, conseguir autógrafos, camisetas e toalhas suadas como *souvenirs*, o que lhes garante um reconhecimento e distinção especial junto ao público que frequenta estes espaços. As aproximações entre as lutas e os elementos de espetáculos são, portanto, pontos relevantes para a discussão proposta por esta investigação na medida em que discuto o caráter espetacular das lutas de *M.M.A.* e, por conseqüência, dos rituais dos corpos que se exibem.

4.1 Entre o *black out*⁹⁷ e o *knock out*

Depois das preparações a que os atletas de *M.M.A.* submetem seus corpos nos processos culturais/esportivos, a fim de habilitarem-se a enfrentar os oponentes no ringue, a continuação de seus esforços é justamente a apresentação pública de seus investimentos, tanto em níveis corporais, quanto emocionais e psicológicos, conforme já foi tratado no capítulo anterior. Essas dinâmicas de treino, preparações, cuidados físicos e apresentação, também ocorrem em outras áreas, além dos esportes, com suas particularidades. A dança é um exemplo de muitos investimentos no corpo e na

⁹⁶ A trilha sonora usada nas entradas dos lutadores é variável e indica os gostos pessoais de cada atleta. Nesses eventos, já presenciei lutadores que entraram ao som da cantata “*O Fortuna*”, da obra *Carmina Burana*, de Carl Orff (1895-1982), mas a grande maioria prefere o *rap* (que vem da abreviação de *rhythm and poetry*, ritmo e poesia em inglês, de acordo com www.nokiatrend.com.br/4_1_1.asp?secao=38id=186).

⁹⁷ “Do original *Black Out*, literalmente estar envolvido na escuridão. Usa-se o termo em linguagem teatral significando o apagar das luzes do palco, quer numa mudança de cena, quer no final do ato ou da peça. Usa-se também a forma abreviada, *blecaute* (VASCONCELLOS, 1987).

técnica, buscando um resultado a ser contemplado por uma platéia. No caso do teatro, os atores igualmente se ocupam da preparação de seus corpos para criarem seus personagens, pois tanto na arte dramática como na luta, o corpo é instrumento fundamental do trabalho. Então, eles exercitam-se vocal e corporalmente, trabalham a dramaturgia, improvisam e ensaiam cenas criando emoções e, finalmente, apresentam-se, contando para isso, com uma assistência.

Os cuidados com o corpo, as rotinas de ensaios ou de treinos e as posteriores demonstrações públicas desses investimentos aproximam bailarinos, atores e lutadores, pois é através dele que são construídas as “coreografias”, as “cenas”, as “práticas”. É esse corpo que vai ser colocado em cena, seja no palco ou nos ringues-palcos, para enfrentar diferentes desafios. Assim, existe uma aproximação inequívoca quanto à preparação e ao uso do corpo, tanto para a luta quanto para a cena, pois o lutador “é um homem que trabalha em público com o seu corpo, oferecendo-o publicamente” (GROTOWISKI, 1992, p.28), no confronto direto com seu adversário, sob as atenções da assistência. O subir ao ringue, o apresentar-se, o lutar é o momento em que o atleta põe à prova o seu corpo trabalhado (suas técnicas de luta, as valências físicas e seu perfil psicológico) na disputa contra o oponente, quando está em jogo também o protagonismo do combate.

Uma atuação vitoriosa é construída em detrimento de outra, fracassada. O casca-grossa terá, então, a possibilidade de avaliar-se e de ser avaliado perante a comunidade envolvida com essa prática. É nesse encontro entre dois lutadores, seguindo roteiros físicos e mentais previamente elaborados e já treinados, com grande margem para improvisações nas ações, que os atletas “dialogam” através dos corpos, “dão os seus

textos”, “atuam”, “se exibem”, enfim, lutam, num espetáculo peculiar construído na troca de golpes contundentes, entre corpos habilitados para o nível de exigência física dessa prática. É nesses momentos de “trocação”, de “pau-pereira”, que são criadas as “coreografias” das lutas, quando os golpes de um lutador suscitam movimentos e gestos no adversário. A gestualidade do lutador (socos, chutes, empurrões), sincronizada com as respostas físicas do adversário, monta as “coreografias” do duelo no ringue, em cenas mudas de espetáculos extremamente cinéticos.



Foto 58 - Sob o olhar atento do árbitro central, atletas constroem uma “coreografia” com usos de técnica, força e improviso das ações, durante as construções das cenas da luta. *BRAZIL SUPER FIGHT*, realizado em Porto Alegre. Foto: Adriana Franciosi-Agência RBS.

Dessa forma, as disputas nas regras da *M.M.A.* podem ser percebidas como uma modalidade espetacular de esporte, pois é “espetáculo tudo o que se oferece ao olhar” (PAVIS, 2003, p.41).

Essa prática, como de resto outras práticas sociais, está relacionada com universos culturais onde se movem os atores sociais dessa modalidade. Então:

a prática espetacular se estende a todo um ambiente cultural que é preciso evocar brevemente, já que não podemos reconstituí-lo. A cultura nem sempre está lá onde se espera: na exterioridade, no visível, no imensurável; ela se expressa igualmente em uma técnica corporal (MAUSS), uma maneira de pensar ou de narrar, que na dimensão menos espetacular, do auditivo, do ritmo, do áptico, em suma, naquilo que a antropóloga dinamarquesa K. Hastrup chama de incorporated knowledge (conhecimento incorporado) (PAVIS, 2003, p.263).

E é justamente o “conhecimento incorporado” das técnicas diferentes de lutas que vai ser apresentado nas competições: é esse corpo que está em cena, no foco das atenções, na disputa no ringue, que tem que provar o quão performático ele é, através do “espetáculo” das suas ações. O “conhecimento incorporado” é fundamental na carreira dos lutadores, já que garante sobrevivência e futuras atuações nesse campo esportivo. É esse corpo, o seu instrumento de trabalho, ou ainda, segundo Bourdieu (1990) seu “capital simbólico”, onde há o investimento de técnicas, de treinamentos, de conhecimentos, para as construções de cenas no ringue. A disputa de *M.M.A.* é apresentada como uma competição corporal e cinética, e o resultado está diretamente condicionado à performance corporal exibida pelo atleta.

Para tanto, lutadores dedicam-se a preparar com esmero apurado o seu instrumento de trabalho, pois é evidente que dependem do uso do corpo para suas carreiras: exercitam-se, aprimoram-se corporalmente, treinam ou ensaiam golpes, posições, posturas, cenas, numa rotina obrigatória a quem deseja enfrentar os desafios do ringue. Assim, o lutador luta, usando a sua **corporeidade**, que é:

a maneira como as energias potenciais se corporificam, é a transformação dessas energias em músculo, ou seja, em variações diversas de tensão. Essa transformação de energias potenciais em músculo é o que origina a ação física. Por corporeidade, entendo a maneira como o corpo age e faz, como ele intervém no espaço e no tempo, o seu dinamismo. A corporeidade é mais do que a pura fisicidade de uma ação (BURNIER, 2001, p. 55).

As ações físicas treinadas, ensaiadas anteriormente e apresentadas no confronto, como bater, derrubar, socar, esmagar, pisar, chutar, empurrar etc... são fundamentais, pois, através delas, o lutador exterioriza sua estratégia no corpo oponente. Elas são demonstrações da corporeidade do atleta quando se encontra no ringue-palco, portanto no espaço destinado à sua intervenção, atuando no tempo de duração do *round*, ou até quando durar a luta, se essa sofrer interrupção antes.

Assim, uma vez em cena, o lutador: "se caracteriza por suas sensações cinestésicas, sua consciência do eixo e do peso do corpo, do esquema corporal, do lugar de seus parceiros no espaço-tempo" (PAVIS, 2003, p. 49). E dá o seu recado, o seu texto, ao seu opositor, no diálogo construído com base na movimentação física proporcionada pelas técnicas de lutas, criando um diálogo na base de seus golpes eficientes a ponto de decidirem a competição.

O lutador se expressa, comunica-se com o seu oponente através da "linguagem das porradas", por intermédio de suas ações físicas, resultado de suas técnicas "incorporadas". É com elas que o atleta, ao soar do gongo, vai enfrentar o seu oponente, sob a mediação de um árbitro. O lutador recebe um troféu, uma medalha ou até mesmo um cinturão, pela eficácia de seus golpes, quando vitorioso, condição fundamental para garantir novos desafios e convites para próximas disputas. O momento de estar em cena, no ringue, é então, sempre uma oportunidade inédita para revelar os resultados de sua preparação.

A preparação corporal do lutador, fundamental para o "show" da luta, também é construída pela: "experiência prática, as sensações corpóreo-musculares impressas no corpo, as dores físicas decorrentes de "rasgar o corpo" de um determinado exercício" (BURNIER, 2001, p.65).

Para analisar a performance dos lutadores, que pretendem dotar o instrumento de trabalho de músculos e de resistências, tornando-o hábil e ágil, temos a correspondência nos atores que se orientam pela Antropologia Teatral de Barba no conceito de “corpo dilatado”.

Um corpo-em-vida é mais que um corpo que vive. Um corpo-em-vida dilata a presença do ator (*lutador*) e a percepção do espectador. O corpo dilatado é acima de tudo um corpo incandescente, no sentido científico do termo: as partículas que o compõem o comportamento cotidiano foram excitadas e produzem mais energia, sofreram um incremento de movimento, separaram-se mais, atraem-se e opõem-se com mais força, num espaço mais amplo ou reduzido (BARBA, 1995, p.54).

O competidor de *M.M.A.* depende da presença física e mental para o exercício da apresentação, entre as cordas do ringue, com a condição da efetividade das suas ações quando em cena, usando seu corpo e seu intelecto para lograr êxito entre as cordas, já que uma derrota ou uma atuação não convincente, praticamente inviabilizam sua participação em futuras competições.

Além disso, a prática da luta, precisa da presença física da platéia ou da torcida, desse corpo-espectador que ocupa também o seu lugar em volta do ringue. Sem platéia, não há o acontecimento cênico; sem assistência ou torcida, a prática de *M.M.A.* perde o caráter “espetacular” que acompanha os eventos.

Na prática do *M.M.A.*, à semelhança de uma encenação ou de uma performance teatral, também há a construção de uma cena: dois atletas irão dialogar no ringue-palco, que é o cenário montado para a disputa, delimitando com suas cordas e *corners* a área onde ocorre a ação esportiva (e por vezes, dramática, já que as vitórias de uns

transformam-se na derrota de outros). Toda a ação cênica tem por motivador um conflito, implícito ou explícito, que irá desencadear ações e reações entre as personagens, até que o mesmo seja resolvido. No caso da luta, o conflito, o cerne de toda a estrutura dramática é a disputa pela supremacia das ações que se dará pelo embate corporal e mental entre dois guerreiros, dispostos a marcar no corpo do outro a sua superioridade.

A competição no ringue também segue um “texto dramático”, um *script*, um roteiro, sucinto e que pode ser traduzido pelas regras que definem de que modo devem-se portar esses atletas quando estiverem competindo. As “coreografias das porradas” são criadas e executadas de acordo com o “texto” das regras. A “fala” dos lutadores na criação das “cenas mudas”⁹⁸, nessas “passagens coreográficas”, seguindo o “texto” das regras é a linguagem das “porradas”, dos socos e dos chutes, movimentos corporais treinados, que comunicam à platéia e, principalmente, ao adversário, as reais intenções do lutador. As regras são previamente divulgadas⁹⁹, por uma espécie de “banca”, composta por, pelo menos, um lutador experiente, que esclarece as dúvidas dos atletas e seus treinadores, tornando legítimas e balizadas as performances dos corpos guerreiros na busca da vitória¹⁰⁰.

⁹⁸ Nas disputas de *M.M.A.* os lutadores não falam, porém, seus corpos ‘falam’, através dos sons de socos e chutes desferidos. Dentro do ringue, porém, o árbitro central fala toda vez que precisa interromper o combate, advertir um lutador ou em situações imprevistas. Ao mesmo tempo, os corners dos lutadores ficam gritando incessantemente pedindo golpes ou mostrando posições, que supostamente, possam dar alguma vantagem ao lutador. Muitas vezes, até essa condução do córner torna-se performática, tamanho são esforços vocais e corporais empreendidos para passar orientações ao atleta.

⁹⁹ Os eventos de *M.M.A.* sempre realizam uma coletiva de imprensa, 24h antes da competição, quando as regras são apresentadas aos competidores e técnicos pela organização do evento.

¹⁰⁰ Há, entretanto, disputas em que devido a situações extraordinárias, a luta é declarada sem vencedores, como foi o caso da luta entre Fabiano “Pega Leve” e Assuério Silva, no *Meca XI World Vale Tudo*, realizado na cidade de Teresópolis-RJ, agosto/03, quando ambos atletas caíram fora do ringue e ficaram impossibilitados de prosseguir competindo. Novo confronto foi realizado em Manaus-AM, no *Jungle Fight II*, em maio/04 e Assuério sagrou-se vitorioso ao aplicar um golpe de jiu-jitsu no oponente, finalizando o confronto, de acordo com a revista *Tatame* #100, de junho/04.



Foto 59 - Atleta lê as regras do *ProFight Fighting Championship*, realizado em 03/07/94, em Porto Alegre, com a comissão organizadora, a “banca”, na mesa ao fundo, fazendo o detalhamento das mesmas.

É esse texto em forma de artigos e parágrafos que determina as movimentações e as condutas dos atletas durante as competições. Esclarece quais são os acessórios possíveis a serem usados nas competições, como luvas abertas, protetores de boca e de genitais, quimono, joelheiras, cotoveleiras, caneleiras, tornozeleiras e calçado esportivo¹⁰¹, que de certa forma, condicionam a atuação dos lutadores. O mesmo texto é abrangente: proíbe alguns cuidados corporais¹⁰² e determina até o limite máximo do peso que o atleta pode apresentar na pesagem dos competidores¹⁰³. Esse roteiro dá indicações claras e precisas sobre as maneiras pelas quais um lutador pode alcançar a vitória (por finalização, nocaute técnico, desistência). Também adverte aos

¹⁰¹ “Artigo 6º. – Quando o lutador estiver usando algum tipo de calçado, o árbitro deverá verificar se o mesmo imporá algum tipo de perigo ao oponente. Parágrafo único: Neste caso, o lutador só poderá fazer uso de chutes se obtiver a aprovação do árbitro”. REGULAMENTO DESPORTIVO do *PROFIGHT FIGHTING CHAMPIONSHIP* - JULHO/04.

¹⁰² “Artigo 4º. - A aplicação de qualquer tipo de óleo, unguento, spray, vaselina, creme sobre qualquer parte do corpo do lutador é proibido antes e durante a luta. Parágrafo único: Se alguma dessas substâncias for encontrada, poderá haver a desclassificação do lutador”. *BRAZIL SUPER FIGHT* – Regras Oficiais. SETEMBRO/03.

¹⁰³ “Artigo 14º.-Divisão de peso será da seguinte maneira:a)peso médio até 92,9kg b)peso pesado: lutadores com peso igual ou superior a 93kg”. *BRAZIL SUPER FIGHT* – Regras Oficiais. SETEMBRO/03.

competidores quanto a ações consideradas ilegais¹⁰⁴, que podem acarretar advertências e posteriores desqualificações. Ou seja, determina as atuações desses corpos lutadores na arena, no tempo que duram essas demonstrações espetaculares e espetacularizadas.

Também o espaço onde ocorrem as ações da disputa, chamado de Área de Competição, é detalhado nas regras oficiais¹⁰⁵. Assim, o espaço cênico da luta, ou seja, o ringue, a arena, possui medidas que variam entre 5mx5m a 6mX6m, delimitada pelos córners e pelas cordas. É nesse cenário, que os lutadores se exibem para as platéias, tendo na retaguarda seus treinadores, na disputa que caracteriza essa modalidade esportiva. Nas competições observadas, sempre havia o córner azul e o vermelho, mesma diferenciação usada para os vestiários, como forma de separar e identificar os contendores.



Foto 60- Área cênica, onde ocorrem as disputas, com a assistência sentada em volta, como no teatro de arena. Foto do ringue do *ProFight Fighting Championship*, realizado em Porto Alegre, em 03/07/04, onde se notam os corners vermelho e azul.

¹⁰⁴ “Artigo 10º. – As seguintes ações são consideradas ilegais: a)morder;b)tentar perfurar os olhos ou outra região do corpo do adversário;c)usar cabeçadas;d)atacar a região genital propositalmente;e)puxar o cabelo;f)tentar estrangular ou interromper a passagem de ar com os dedos ou com as mãos;g)golpear a parte de trás da cabeça, a espinha ou a medula com os dedos ou as mãos;h)qualquer tipo de golpe na garganta;i)arranhar ou beliscar a pele;...*BRAZIL SUPER FIGHT* – Regras Oficiais. SETEMBRO/03.

¹⁰⁵ “Artigo 7º. – É toda área que compoñha o **palco** da competição, composta de direção dos trabalhos, arbitragem, cronometria, fiscais, segurança e uma comissão disciplinar. Regras do *BRAZIL SUPER FIGHT*. SETEMBRO/03.

Normalmente, os lutadores apresentam-se no ringue com “figurino” bastante peculiar, que incluiu sungas e bermudões, em que se destacam o nome dos patrocinadores e apoiadores, que de alguma forma, colaboraram na preparação e na apresentação do atleta. Com essas indumentárias, garantem uma liberdade maior para as posições, posturas e golpes que desenvolvem na disputa. Porém, de acordo com as regras, os mesmos poderão lutar de quimono, opção de alguns lutadores de jiu-jitsu e de judô, sendo que o mesmo deverá ser obrigatoriamente inspecionado pelo árbitro antes da luta. Como acessórios para o uso em cena, são disponibilizadas pela organização do evento luvas abertas, isto é, em que os dedos ficam livres, para a maior efetividade nas posições de luta do jiu-jitsu.



Foto 61 - Luvas de M.M.A. com a particularidade de serem “abertas”, deixando os dedos livres, o que garante mobilidade para as empunhadores do jiu-jitsu.

Alguns acessórios, visando salvaguardar a integridade física dos atletas deverão, obrigatoriamente, ser usados, de acordo com o “texto” das disputas. Assim, o uso de protetores de boca e de genitália, próprio de cada competidor, está previsto no roteiro que é a base das performances. Já outros acessórios para a cena como joelheiras,

faixas de gaze, cotoveleiras, caneleiras, tornozeleiras, todos individuais, também podem ser usados, desde que antes da luta, o árbitro faça uma verificação para constatar as condições de uso desses acessórios, garantindo que os mesmos não causem um prejuízo imediato ao adversário.



Foto 62 - Protetor bucal, transparente, que protege a dentição e as gengivas dos golpes dos adversários. É o mesmo usado em competições de boxe.



Foto 63 - Protetor de genitália, acolchoado, que é usado por baixo da sunga ou da bermuda do lutador.



Foto 64 - Faixas para as mãos e faixas de gaze usadas por alguns atletas para proteger as articulações de punho.

O caráter espetacular desses eventos também aparece no uso da iluminação e de trilha sonora nas competições, em que esses dois recursos teatrais são bastante destacados. A cada aparição do lutador, as demais luzes são apagadas e uma iluminação dirigida é focada no atleta que está entrando, dirigindo-se para o ringue. Seu percurso é bastante iluminado e quando sobe ao ringue, há todo um aparato de iluminação que o destaca no centro do espaço da disputa. Também são bastante usados os recursos de fumaça cênica, deixando uma atmosfera difusa, acentuando ainda mais o caráter espetacular da apresentação do guerreiro, que vai avançado em direção à arena com a sua trilha sonora previamente escolhida. As músicas de entrada de cada lutador são absolutamente pessoais, mas é bastante comum o ritmo *rap*.

Segundo os próprios lutadores, as músicas de entrada ajudam a ficarem “mais ligados”, mais centrados na batalha que vão tratar no ringue, servindo como uma espécie de cartão de apresentação da agressividade do lutador. Nesse caso, também servem para intimidar, antecipadamente, os adversários e fazer uma prévia exibição para a platéia. Em alguns eventos internacionais, os atletas se apresentam ao público com

fantasias e algumas vezes até com coreografias, que pontuam seu deslocamento até a área das lutas. Mas também há eventos em que, antes das lutas, há uma apresentação geral, em que todos os lutadores ficam enfileirados, devidamente iluminados, ao som de uma trilha sonora do próprio evento. Durante as lutas, não é executada nenhuma trilha mecânica e a própria disputa, com as movimentações dos atletas e a troca de golpes entre eles, garante um ritmo ouvido por todos os presentes no ginásio.



Foto 65 - No meio do ginásio escuro, a única luz revela à assistência os lutadores que irão subir ao ringue, no show do M.M.A. no *Brazil Super Fight*, na apresentação coletiva, em que se escuta a trilha sonora do evento. Depois da apresentação, o “show” prosseguirá no ringue. Foto Adriana Franciosi - Agência RBS.

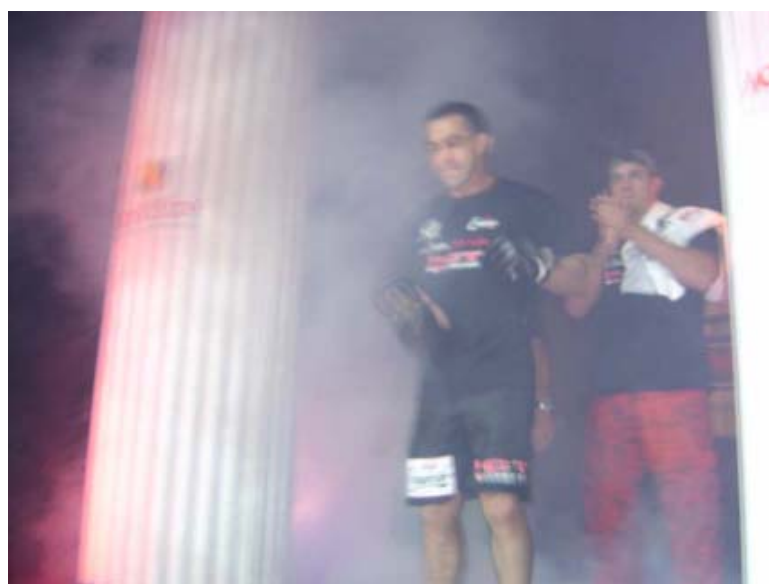


Foto 66 - No meio de uma cortina de fumaça, o lutador surge para a assistência, no Meca X, em Curitiba, ao som de sua trilha sonora.

Além da disputa de *M.M.A.* seguir as indicações das regras, texto que norteia toda a disputa, que tem como paralelo as encenações criadas a partir de uma dramaturgia, a mistura de artes marciais com as técnicas de boxe na competição que ocorre no ringue é uma modalidade de espetáculo dinâmico, construído pelo diálogo dos corpos lutadores, na movimentação que ocorre durante os rounds. Cada lutador, incorporado do conhecimento técnico das modalidades de lutas, tem o seu próprio estilo quando está no ringue. É, de certa forma, a sua “interpretação” para essas diferentes técnicas de luta, sendo “dirigido” pelo técnico e sua “atuação”, construída com o embate com o outro “ator”, é apreciada pela assistência. Esse “diálogo” travado pelas ações entre os lutadores, o “corpo-a-corpo coreográfico” que se constrói por meio de socos, chutes, caneladas, imobilizações, entre inúmeras possibilidades corporais possíveis na apresentação validadas pelas regras, pelo texto condutor dessas ações, é construído tendo o improviso desse jogo como base, em uma aproximação com o trabalho de um ator que centraliza nos usos de seu corpo a essência da sua performance. Por mais treinado nas técnicas, física e mentalmente preparado para a disputa, o lutador condiciona sua atuação, a sua performance, à movimentação do oponente, a como o outro vai se portar e agir-reagir, física e mentalmente no confronto, na interação entre eles sem transgredir as regras.

Ou seja, a dinâmica da luta é sempre uma troca de golpes e posições, situações criadas no instante, naquele momento do jogo, fazendo das contendidas, mesmo que os combatentes já tenham se enfrentado anteriormente, uma oportunidade inédita de se avaliarem e de se entregarem totalmente ao combate, tal a imprevisibilidade dessas movimentações. A performance de um lutador condiciona e determina a do oponente, já que é construída no improviso da interação entre eles. O desenrolar de um confronto acontece de acordo com esses “diálogos no ringue”, quando os praticantes constroem

com seus próprios corpos os códigos reconhecíveis da linguagem das porradas, dos chutes, dos estrangulamentos. É nessa lógica de ação e reação física e mental, de toma lá e dá cá entre esses corpos treinados, na agilidade das respostas que o corpo dá às investidas do opositor, quando cada golpe implica atitudes física e mental do opositor, com a imprevisibilidade presente nessas interações, sob os olhares da assistência, que ocorre o “show” do *M.M.A.*

Dessa forma, o improviso, ou o imprevisível, como os lutadores se referem ao confronto no ringue, aproxima a performance dos lutadores da atuação de artistas que se expressam e se mostram através dessa forma de linguagem. Seus golpes, suas estratégias na luta só têm sentido e existem simultaneamente com as movimentações criadas pelos opositores, nesse contínuo atacar-defender que é estabelecido no ringue, assim que o sinal do gongo dá início à luta. Como ambos disputam o protagonismo da cena e todas as conseqüências dessa situação - o título de campeão do evento, o cinturão destinado aos melhores das categorias, o cachê maior pela vitória, o destaque por parte da imprensa especializada, o reconhecimento imediato da assistência e de empresários, entre outras prerrogativas destinadas aos vitoriosos - é condição desse jogo que sejam usados todos os recursos permitidos e de conhecimento prévio na busca da vitória.

E é também essa condição de improvisar os golpes, mudar as estratégias mentalmente já concebidas, de acordo com as situações que vão sendo apresentadas no momento da cena, em que o jogo esportivo é construído na ação e reação entre os lutadores, que aproxima a atuação de um lutador à de um artista performático, já que ambos têm na improvisação de suas ações uma das características principais de seus trabalhos.

O lutador, por mais experiente e caledado em disputas que seja, sabe que, no momento da luta, sob o julgamento de todos os envolvidos na prática do *M.M.A.*, sob os efeitos da tensão nervosa e da descarga de adrenalina no seu corpo e na construção da cena imprevisível, no legítimo pau-pereira, por mais treinado ou ensaiado que esteja o seu papel (para usar um termo cênico), suas ações têm que estar diretamente conectadas às desconhecidas respostas do oponente. Como ambos estão no ringue-palco disputando a supremacia das ações físicas e mentais, as performances apresentadas, essas demonstrações públicas construídas durante os momentos da disputa, não toleram equívocos quanto à sua eficácia.

O desfecho de uma disputa, a cena final, é de antemão conhecida: a arena apontará apenas um vitorioso, em detrimento do oponente¹⁰⁶. O combate entre dois adversários dispostos a, dentro dos limites de suas condições físicas (e por vezes, fora desses), do ringue e das regras previamente divulgadas, testarem-se física e mentalmente, protagonizando um duelo travado nesse cenário, ocupa as atenções totais dos envolvidos na prática do *M.M.A.* A competição no ringue é essa disputa pelo protagonismo final das cenas repletas de golpes e de muita movimentação entre os praticantes, no diálogo corporal improvisado entre os dois pretendentes à vitória, em que o jogo se estabelece entre eles na base das “porradas”.

¹⁰⁶ Nas regras desses eventos, há a possibilidade de uma luta terminar SEM DECISÃO, quando ambos os atletas são desqualificados por atitudes ilegais, ou quando o árbitro e/ou organizadores do evento decidem parar a luta por causa de algum acidente, ou ainda, quando algum acidente ocorrer no 1º *round*, impossibilitando ambos lutadores de continuar o combate, situação em que o mesmo será considerado sem decisão. Essa situação presente no regulamento das competições está descrita no artigo 11, letra d, do *PROFIGHT FIGHTING CHAMPIONSHIP*, evento realizado em Porto Alegre, no dia 03/07/04.



Foto 67 - O imprevisto das ações físicas entre os atletas no ringue é uma constante, na disputa entre técnicas e forças. Na foto, um lutador tenta derrubar o outro, que fica amparado nas cordas do ringue, ambos em desequilíbrio. *Brazil Super Fight*. Foto Adriana Franciosi- Agência RBS.



Foto 68 - Por mais treinado que estejam, os corpos lutadores sempre passam por situações imprevisíveis. Cena de um 'desequilíbrio' durante o *Brazil Super Fight*. Foto Adriana Franciosi - Agência RBS.

E, portanto, é através da medição de força e de técnicas que será conhecido um vencedor. Rodeando esses corpos lutadores, debruçados no ringue, os *staffs* (treinadores, técnicos, preparadores físicos) gritam orientações e ordens que esperam sejam cumpridas pelos pupilos. Normalmente, o treinador acompanha todo o processo

de preparação do lutador, desde seus primeiros treinos até a luta no ringue, momento em que, como um diretor de ator, “dirige” a “atuação” dos atletas, inclusive aproveitando o intervalo do round, para fazer ajustes na apresentação do atleta. Tenta extrair do lutador as melhores posições, as melhores iniciativas para o ataque ou a defesa, sempre buscando a melhor atuação no intuito imediato da vitória. Incentivam através de gritos a agressividade dos atletas:

“- Chuta na cara, que o cara não agüenta.”(Fragmento de uma ‘direção’ feita no evento Sul Combat, em 29/11/04, do treinador L. para o atleta L.M.)

Ou:

“- Bate com vontade nesse filho-da-puta! Espanca esse desgraçado! (Parte da ‘instrução’ dada a um lutador no evento Brazil Super Fight, em 20/09/03.

É sob a tensão de uma disputa essencialmente corporal, com a respiração confundindo-se com a do adversário, com seu suor mesclando-se ao do outro, sob a manifestação ruidosa da platéia, que é exigido do lutador que escute as orientações de sua equipe e as execute de maneira mais rápida e eficaz possível, sob o risco de ser derrotado. É cobrado também desse corpo e dessa mente, afora todas as exigências imprescindíveis para o duelo com o opositor, que ele seja atencioso nas recomendações surgidas no seu córner e que as corporalize, de forma a fazer com que seu corpo responda com eficácia a esses comandos. Isto é, que seja também um eficiente cumpridor de recomendações, ouvidas sob o calor do combate. Nos intervalos entre os rounds, o técnico também dá um alento ao normalmente exaurido lutador: junto com as orientações técnicas para a continuação do combate, massageia o corpo dolorido e serve água.



Foto 69 - No intervalo, o treinador traça a estratégia para o próximo round da luta, corrigindo os possíveis erros e orientando para golpes e posições mais agressivas, com a intenção de tornar o seu atleta um vencedor. Evento *ProFight Fighting Championship*.

As demonstrações de corpos treinados e habilitados nos confrontos são os momentos culminantes na carreira dos desportistas, porque podem indicar consagrações ou atuações pírias nos ringues, de acordo com o apresentado nas disputas. No mercado nacional ainda incipiente em relação a torneios e eventos regulares de *M.M.A.*¹⁰⁷, várias competições são realizadas com uma única edição e não se repetem, não tendo qualquer continuidade, dificultando o estabelecimento de um calendário nacional regular. Como normalmente a produção de uma noite de lutas de *M.M.A.* envolve muitos custos¹⁰⁸ e alcança quantias elevadas, fica inviável a realização de competições sem patrocínios ou apoios, contando apenas com os recursos oriundos da bilheteria¹⁰⁹ como forma de custeio.

¹⁰⁷ O torneio *Meca World Vale Tudo* teve sua primeira edição em 27/05/2000 e em 05/06/2004 foi realizada sua 11ª edição, tornando-se o evento nacional mais tradicional na prática do *M.M.A.* Ou visto de outro modo, em quatro anos de existência, contabilizou onze eventos.

¹⁰⁸ São contabilizadas as despesas com transporte aéreo dos lutadores, hospedagem, alimentação, premiação, aluguel do espaço onde será montado o ringue, aluguel do mesmo, infra-estrutura do espetáculo com aparelhagem de som e de iluminação, divulgação, segurança, serviços médicos e outros encargos relativos à locomoção dos atletas de fora da cidade que recebe o evento.

¹⁰⁹ A título de ilustração, os torneios *Meca World Vale Tudo* oferecem valores de ingresso diferentes, nas modalidades de arquibancadas (R\$15,00) e cadeiras de pista (R\$25,00), valores de junho/04.

Por ser uma modalidade controversa, em que os vários argumentos contra a prática de *M.M.A.* reportam ao fato da ocorrência de golpes traumáticos entre os desportistas, ao surgimento de lesões com sangue, ao preconceito arraigado da inexistência de regras segundo os olhares leigos¹¹⁰, entra-se numa discussão se essa prática seria ou não uma modalidade propriamente esportiva. Tal discussão revela ainda dificuldade em se analisar o uso das técnicas de boxe e artes marciais conjuntas como um segmento esportivo, para o qual os atletas preparam-se cotidianamente, desconhecendo o profissionalismo que envolve essa modalidade e o legítimo direito ao uso do corpo por esses sujeitos, em práticas esportivas que lhes digam direito. De outra parte, o poder público pouco ou nenhum apoio oferece aos produtores dos eventos, bem como aos atletas, desestimulando os poucos empresários que ainda investem nessa modalidade e afastando novos apoiadores.

As únicas exceções quanto à efemeridade das competições nacionais são os torneios *Meca World Vale Tudo* que, atualmente, junto com os eventos *Jungle Fight*¹¹¹, constituem-se em “trampolins” para as cobiçadas disputas internacionais. Essas, por sua vez, reúnem atletas de diversas nacionalidades, como japoneses, americanos, ingleses e brasileiros, e são necessárias excelentes atuações ou performances espetaculares, além de um empresário habilidoso, para que os lutadores tenham possibilidades de entrar no *card* de uma dessas competições. Uma vez incluído num evento internacional, o lutador sabe que não poderá perder a oportunidade de mostrar

¹¹⁰ A popular denominação VALE TUDO, que apareceu na década de 50, era aplicada em confrontos sem regras e sem limites de tempo, por isso, a apropriada denominação. A partir da década de 90, o *M.M.A* estabelece regras claras quanto a não validade de cotoveladas ou socos na nuca, entre outras proibições. Essas regras, assim como outras relativas às posturas dos lutadores e dos treinadores, além de permissões de outros golpes são publicamente reveladas e esclarecidas nas coletivas de imprensa, onde os lutadores são apresentados e são estipuladas as regras dos combates.

¹¹¹ Esses eventos tiveram já três edições: em setembro/03, em maio e outubro/04, todas realizadas na cidade de Manaus/AM.

sua técnica, sua raça, sua fibra e seu talento, sob o risco de, se não apresentar uma atuação convincente, uma performance surpreendente, provavelmente terá encerrado sua carreira internacional.

Mais do que uma vitória “apagada”, o mercado internacional, principalmente o japonês, prioriza e valoriza atuações performáticas, lutadores que dêem “show” de técnicas, resistências e habilidades, que sejam os “astros” do ringue. O incentivo para uma atuação performática e arrebatadora, para um empenho no confronto, para uma luta limpa, sem amarração, também é valorizado pelos produtores nacionais¹¹².

As disputas internacionais, com os respectivos cachês em milhares de dólares para os atletas consagrados, são as grandes possibilidades de construção de uma carreira altamente rentável e a profissionalização ambicionada para quem habilita o corpo nessas práticas.

Portanto, para os lutadores é questão de sobrevivência nesse meio esportivo acumular vitórias e performances surpreendentes e emocionantes nas disputas, como forma de garantir, assim, a participação nos próximos eventos. Uma derrota, ou uma atuação sem brilho, sem destaque, praticamente exclui o lutador de novas disputas, devido ao grande número de atletas que estão tentando se lançar num circuito pretensamente profissional dos eventos de *M.M.A.* no Brasil, bem como a não existência de eventos regulares da prática. Então, as poucas competições existentes no calendário nacional têm o peso extra de projetar ou encerrar carreiras, de acordo com a

¹¹² “Quem lutar como guerreiro (isto é, não fugindo da luta, não travando o combate) e proporcionar bons confrontos, vai voltar no próximo (evento), independente de vitória ou derrota!”. Texto atribuído ao lutador e empresário Wallid Ismael, produtor dos eventos *Jungle Fight*, de acordo com a revista *Tatame* # 100, junho/04.

desenvoltura do atleta no ringue. Se sua atuação for pálida, sem grandes golpes ou grandes arroubos na luta e sem uma presença que empolgue a torcida, os juízes, os empresários e os demais envolvidos nas disputas, dificilmente o lutador receberá convites para outros eventos.

Entretanto, se conseguir mostrar seu “talento”, sua força, sua técnica, suas habilidades fazendo uma “boa luta”¹¹³, mesmo sendo derrotado, poderá obter contratos para futuras apresentações. O “talento” de um lutador significa que ele habilitou seu corpo nos diferentes estilos de luta, o condicionou fisicamente e sua atuação no ringue mostra os resultados desses processos físico/culturais já descritos no capítulo anterior. O “talento” para os lutadores é algo a ser construído, treinado e obtido à custa de esforços físicos e mentais, imprescindíveis aos que se aventuram nessa atividade. E uma “boa luta” é a possibilidade de o lutador mostrar sua desenvoltura entre os estilos praticados no *M.M.A* e os domínios das técnicas, revelando suas resistências físicas e mentais durante o combate e sua versatilidade em conduzir-se no ringue, merecendo elogios pela sua performance. Nem sempre uma “boa luta” traduz-se em vitória; uma derrota quando o lutador procura intensamente o combate e nunca foge do oponente, mesmo estando em desvantagem física ou técnica, buscando a superação, lutando com “moral” e com “alma” é também enquadrada nessa subjetiva categoria. A disputa pelo protagonismo da cena é presente na arte da luta.

O sucesso é uma alquimia entre o uso do corpo, mesclando técnica e resistências física e mental às pressões de um combate, e o uso da inteligência, traduzido na sua

¹¹³ O atleta L., da equipe *ProFight Combat Sports*, foi derrotado no *X Meca*, segundo a decisão dos juízes. Entretanto, travou uma disputa ‘eletrizante’, de acordo com a cobertura do evento. Sua atuação lhe rendeu uma nova participação no *XI Meca*.

estratégia mental para o confronto e sua capacidade de adequação corporal e mental às imprevisíveis situações que ocorrem no ringue. Espera-se de um guerreiro que nunca desista do combate, mostrando fibra e raça, que agüente na própria carne as investidas, o ímpeto agressivo e a feracidade de seu contendor. Que enfrente com o próprio corpo e com sua mente os desafios de um ringue, que reconhece só um vencedor. Enfim, de um lutador não se espera nunca uma postura derrotada, mesmo na derrota. E, se essa lhe for destinada, que pague com os esforços do próprio corpo, literalmente, o fato de não ter alcançado a vitória.

O acontecimento de “dar o sangue” na perseguição do êxito na disputa é reconhecido entre os pares e pela comunidade envolvida como prova do empenho corporal e mental feito pelo atleta. Não são raras as situações de confronto onde o sangue, fruto das lesões ocorridas no combate, acaba-se misturando ao suor dos lutadores, banhando com uma tonalidade diferente os contornos corporais. E o surgimento de sangue no desenrolar do conflito corporal é um dos componentes de emoção e de excitação, tanto para os diretamente envolvidos, como para a assistência, na busca de performances espetaculares. Esse ingrediente da “linguagem corporal das porradas”, uma vez exteriorizado no confronto, canaliza o foco da atenção dos atletas, do árbitro, dos treinadores e da platéia, podendo lhe ser atribuído várias interpretações. Pode revelar uma fragilidade do corpo atingido e, concomitantemente, uma eficácia do agressor, deixando em alerta ambos. O que sofreu o revés preocupar-se-á em proteger com mais afinco a região atingida, para que o volume de sangue vertido e o tamanho do machucado não aumentem, situações que impressionam negativamente tanto os juízes quanto à assistência. Quem está agredindo tem, por intermédio desse componente visual da “coreografia” travada no ringue, uma resposta efetiva à eficácia de suas ações mentais e físicas e, procurará minar o local já atingido

e vulnerável, canalizando ali a maioria de seus ataques.

O volume de sangue resultante de golpes mais contundentes também pode mobilizar o árbitro da luta a solicitar uma interrupção para que a autoridade médica presente faça uma avaliação da gravidade da lesão e, se for o caso de impossibilidade de o atleta continuar no confronto, é declarado vencedor o outro. O fato de manchar o corpo de seu oponente e deixar vestígios no piso do ringue dos esforços de uma batalha visualmente carnal, talvez atenuar a “mancha” de uma derrota sofrida no currículo do lutador. Ou, é uma prova visual e irrefutável da entrega corporal do atleta ao combate, fruto de seu empenho e de sua devoção ao ofício.

Além dos competidores, a arena das lutas é também o local de atuação do árbitro central, que fica no foco das atenções, e cujas atribuições são as de interromper a luta, em situações de acidentes ou lesões, ou quando um dos combatentes desiste do confronto, apontando, imediatamente, seu opositor como o vitorioso. Esse árbitro também tem a missão de incentivar a movimentação e a troca de golpes entre os atletas, interrompendo e recomeçando a luta sempre que a mesma se apresente menos efetiva ou mais travada, quando por exemplo, os dois competidores encontram-se no chão, demonstrando pouco poder ofensivo, sem nenhum dos atletas levando vantagem na posição. Ou seja, ele, o árbitro central é quem dá as “didascálias”¹¹⁴, as instruções para o andamento da luta, orientando os competidores, conduz a cena da luta indicando posições, punindo atitudes desleais, aplicando as regras estipuladas do combate. Cada vez que o árbitro interrompe o confronto, pedindo para os atletas levantarem-se ou serem mais ofensivos na luta, o mesmo indica movimentações e atitudes esperadas

¹¹⁴ “Didascálias ou rubricas são as instruções dadas pelo texto que auxiliam na condução da cena, indicando a movimentação das personagens”(VASCONCELLOS, 1985, p. 20).

dos competidores. Também fiscaliza o uso de golpes considerados ilegais, podendo advertir e até desclassificar o atleta faltoso.

Todos os elementos analisados neste capítulo reafirmam minha concepção inicial de que, na atualidade, as competições de *M.M.A.* apresentam-se com um formato de espetáculo, com muitos elementos da linguagem espetacular, às vezes muito próximo do teatro, conforme já foi descrito e que, dessa forma, podem ser interpretadas como práticas esportivas culturais com sentidos e valores, tanto como para os que as admiram, quanto para os que as praticam.

THE END – QUANDO O FIM NÃO SIGNIFICA O FINAL DE UMA CAMINHADA.

“Pode ser verdade que o estranho seja algo que é secretamente familiar...” Freud.

Após realizar essa etnografia sobre a prática de *M.M.A.* em academias de lutas em Porto Alegre, acredito ter revelado aspectos importantes a respeito dessa modalidade esportiva, bem como sobre os investimentos realizados no corpo daquele que está se preparando para subir ao ringue e “dar show”. Assim, construí este texto, mergulhando nos ambientes de lutas, impregnando-me dessa cultura peculiar, dividindo, com esses sujeitos, espaços de treinos, mesas de bar, bancos de vestiários, euforias de vitórias e explicações para derrotas. Ouvi desses sujeitos suas narrativas e discursos não só a respeito dessas lutas, mas por vezes, extrapolando o papel de pesquisador, escutei lamúrias, lamentações e desabaços. Partilhei expectativas e frustrações quanto uma carreira incerta e curta.

Os treinamentos exigentes e desafiadores nem sempre eram recompensados: na maioria das vezes, os eventos eram cancelados sem qualquer preocupação com esses sujeitos. Outras vezes, as disputas eram transferidas sem qualquer previsão de novas datas. E, quando ocorriam as competições, o cachê recebido sequer cobria despesas mínimas com tantos investimentos realizados que possibilitaram a apresentação do lutador: preparação física, alimentação, suplementação, medicamentos... Dessa forma, aos olhos do pesquisador, tanto empenho e dedicação

na preparação para as lutas pareciam insensatos, já que por si só não garantiam a presença nas competições e as mesmas sequer retribuíam financeiramente os esforços dos praticantes. Ainda por cima, o círculo profissional dessa prática esportiva revela duas realidades: há lutadores renomados e famosos internacionalmente, que somente realizam apresentações no exterior, que recebem cachês estratosféricos para os padrões nacionais. E a outra realidade é um exército de atletas, desconhecidos das mídias e do grande público, ávidos por reconhecimento, remuneração e *status*, que aventuram-se em pequenos eventos, única forma de, além de ganharem experiência (condição fundamental para uma carreira bem sucedida nessa área) podem possibilitar uma vitrine e atrair empresários internacionais.

Assim, entre anseios, dúvidas, incertezas, preocupações minhas e de meus informantes privilegiados, ia formulando muitas perguntas e inquietações que pudessem traduzir soluções para o que convenciamos chamar de problema de pesquisa. Dessa forma, através das minhas observações, das vozes (e também dos silêncios) dos meus interlocutores, meu desafio foi escrever “uma parcela do que vivi, mas também criar, recriando a realidade vivida, num outro lugar e sem a intenção de fazer desta narrativa o próprio real, e sim narrar a narração” (NORONHA, 1993, p.31).

Circulei nesses espaços, presenciando cenas, vivendo momentos de treinos e de competições, colhendo impressões, opiniões, aproximando-me de sujeitos que têm no uso diferenciado de seus corpos, a fonte de seu capital simbólico. Não pretendi contar a história desses sujeitos e nem narrar as minhas verdades sobre o vivido e presenciado, mas dar a conhecer passagens que, acredito, possam lançar outros olhares e outras interpretações sobre essa prática esportiva.

Pude perceber, junto a esses sujeitos, as especificidades e as diversas técnicas que compõem o repertório corporal de quem pretende enfrentar no ringue um adversário também preparado, na disputa das ações pela supremacia do combate. E o quanto é extenuante e, por vezes, traumático, tanto a aquisição quanto à demonstração dessas técnicas. Minhas incursões etnográficas me responderam o quanto é exigido corporalmente (e mentalmente) de um atleta, durante a sua preparação para a disputa no ringue, bem como, levaram-me a compartilhar segredos acerca dessa mesma preparação e dos rituais que antecedem aos confrontos.

O campo de pesquisa me proporcionou verificar que as lutas de *M.M.A.* são construídas a partir das performances corporais dos guerreiros, mas que, cada vez mais, estão se utilizando outros elementos de espetáculos, exigindo uma produção extraordinária, como as estruturas montadas nos eventos internacionais, acompanhados em programas da televisão a cabo.

Também tive a chance de perceber o quanto essa prática tem de renúncias (sexuais, alimentares), de esforço, de disciplina (treinos regulares, preparação física) e de contratempos (lesões, lutas adiadas, eventos cancelados) no cotidiano de quem pretende, usando o corpo dessa forma, galgar o respeito entre seus pares e conseguir a profissionalização de seus atos. Ainda constatei o quanto profissional deve ser o lutador, visto que, inevitavelmente, a prática de *M.M.A.*, enquanto modalidade esportiva, exige dedicação, disciplina e investimento. Não é, portanto, um “brigador de rua”, ou qualquer outra denominação que o senso comum possa usar ao se referir a quem escolhe o ringue para mostrar suas habilidades, incorporadas através de processos que descrevi, acredito, detalhadamente, ao longo da minha escrita.

Assim, trilhei uma caminhada, por vezes sofrida e lenta, que está “traduzida” nessa pesquisa, sabendo que “o pesquisador vive sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – o ‘possível’ para ele” (GOLDENBERG, 1997, p.13). Dentro das minhas possibilidades – emocionais, intelectuais, sociais – abandono a pesquisa, já tendo abandonado antes esses sujeitos, seus *habitus* e o *modus operandi*, esperando ter revelado facetas desse universo esportivo e possibilitado novos interesses, dúvidas e interpretações sobre o uso espetacular do corpo, a partir do que, dentro dos meus limites pessoais e respeitando os limites desses sujeitos, consegui perceber e agora torno público.

Escrever essa dissertação em muitos momentos me fez lembrar a direção artística de um espetáculo, experiência que passei ao longo de minha formação: escolher um texto de um autor de que a gente goste, ou um tema de pesquisa que nos seja tocante; selecionar intérpretes, que nada mais são do que informantes privilegiados. Os diários de campo, registros de nossas impressões, também são usados pelo diretor no detalhamento de seus ensaios, na criação das marcações, no desenho das cenas, já que possibilitam *insights* à medida que vamos nos aprofundando no campo de pesquisa ou no texto teatral. Então, partir para construir as cenas, ou escrever os capítulos, processos que exigem leituras e experiências anteriores, uma revisão de literatura. Aos poucos, ir juntando os diversos elementos que montam a cena, ou completam a escrita: imagens, notas de roda-pé, acessórios, fotos, falas, figurinos, citações, anexos, cenários, iluminação, até que o trabalho esteja concluído (e a gente se dá conta somente depois, que tanto no teatro, como na escrita, que ele nunca está pronto, pode sempre ter outros acabamentos, outras conclusões, a cada ensaio ou leitura). Então, preparar a apresentação, como quem prepara uma estréia. Convidar amigos para compartilharem nossa emoção, nossos esforços. Dividir com a platéia o resultado de nossa caminhada:

“botar na roda” o espetáculo ou a dissertação. Estar aberto às idéias de outros sobre nosso trabalho, sejam eles críticos teatrais, amigos ou professores da banca.

Assim, abandono a pesquisa, no sentido de me tornar relaxado, livre das tensões que uma produção desse porte implica. Mas, entendo também, que ela não está terminada, pois pode ser retomada, contestada, partilhada ou complementada a partir de outras autorias, outras visões, ou, até mesmo, de outros corpos.

Por fim, esse é o instante que VALE TUDO para “abandonar” a pesquisa, inclusive apropriar-se das palavras de outrem:

Ao iniciarmos uma pesquisa nos anima a idéia de encontrarmos respostas e soluções. Entusiasmo a possibilidade de que, se trabalharmos de forma intensa e correta, possamos produzir material que seja útil ao menos para aplacar as nossas dúvidas do cotidiano. Talvez, no íntimo, de forma meio oculta, esteja a idéia de que repentinamente podemos esbarrar numa revelação, numa verdade. E como por fim ela se mostra impossível, restamos o consolo de sempre, o conforto das palavras (LAURITO, 2003, p. 196).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Sônia Machado. **O Papel do Corpo no Corpo do Ator**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator – Dicionário de Antropologia Teatral**. Campinas; Editora da Unicamp, 1995.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita – O Corpo e o Gênero das Travestis**. Porto Alegre, 2000. 137 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/UFRGS.

BIACHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana (orgs). **A Bússola do Escrever**. Florianópolis: Cortez Editora, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

_____. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. Conferência do Prêmio Goffman: A Dominação Masculina Revisitada. In: LINS, Danier (org). **A Dominação Masculina Revisitada**. Campinas: Papyrus, p. 11-28, 1999.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O Poder Simbólico**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAUNSTEIN, Florence & PÉPIN, Jean-François. **O Lugar do Corpo na Cultura Ocidental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

BURNIER, Luís Otávio. **A Arte do Ator – Da técnica à representação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de Masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Mamãe, tô forte?** Exposição realizada na 24ª Reunião da A.B.A., Recife, 12 a 15 de junho de 2004.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna – Introdução às Teorias do Teatro Contemporâneo**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise de Bernuzzi (org.) **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 81-114, 1995.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FRAGA, Alex B. Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina. In: **Educação e Realidade**, v. 25, nº2. Porto Alegre, p. 135-150, 2000.

GASTALDO, Édison Luis. Kickboxers – **Esportes de Combate e Identidade Masculina**. Porto Alegre, 1995. 185 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/UFRGS.

_____. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: FACHEL, Ondina (org.). **Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 207-226.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: 2003, Editora Perspectiva, 2003.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar – Como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

HASTRUP, Kirsten. **Incorporated Knowledge**. Claremont: Mime Journal, 1995.

JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo Como Objeto de Arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LAURITO, Anna Rita. **Escrita no Corpo: Ponderações por um viés psicanalítico**. São Paulo, 2003. 215 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação/USP.

LEE, Bruce. **O Tao do Jeet Kune Do**. São Paulo: Conrad Editora, 2003.

LOPES, André Luiz Lacerda. **A Capoeiragem no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O Corpo Educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, p. 79-138, 2002.

MAUSS, Marcel. **Antropologia e Sociologia**. Volumes II. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto (orgs). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física – Alternativas Metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NOLASCO, Sócrates (org). **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NORONHA, Marcio Pizzarro. **Máscara e Metamorfose - Representações Sociais Sobre o Corpo Masculino em Halterofilistas e Bailarinos**. Florianópolis, 1993. 387 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC.

PAIVA, Luciana Laureano. **Corpos Amputados e Suas Próteses – A intervenção técnica (re)inventando formas de ser e de habitar o corpo na contemporaneidade**. Porto Alegre, 2004. 207 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS.

PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

_____. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

PELIGRO, Kid. **The Gracie Way – An Illustrated History of the World's Greatest Martial Arts Family**. Montpeleir: Invisible Citie Press, 2003.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

POCIELLO, Christian. Os Desafios da Leveza: As práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise de Bernuzzi (org.) **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 115-120, 1995.

PRÓCHNO, Caio César Souza Camargo. **Corpo do Ator – Metamorfoses e Simulacros**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999.

RAMOS, Marcelo Silva. Um Olhar Sobre o Masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, p. 41-60, 2000.

RIVIÈRE, Claude. **Os Ritos Profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achaíamé, 1983.

SABINO, César. Musculação: Expansão e Manutenção. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, p. 61-104, 2000.

_____. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, p. 139-188, 2002.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. London: British Library, 1988.

TEIXEIRA, João Gabriel (org.) **Performáticos, Performance e Sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de Teatro**. Porto Alegre: LPM Editores, 1987.

WACQUANT, Lóic. 1998. Os Três Corpos do Lutador Profissional. In: LINS, Daniel (org.) **A Dominação Masculina Revisitada**. Campinas: Papyrus, p. 73-96, 1998.

_____. **Corpo e Alma – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

REVISTAS

Revista Isto é, nº 1737, de 15/01/03.

Revista Época, nº 266, de 25/11/02.

Revistas Veja, edições nºs 1516, de 08/10/97 - 1602, de 16/06/99 - 1661, de 09/08/00 - 1673, de 01/11/00 - 1750, de 08/05/02.

Revista Playboy, edição de fevereiro de 2001

Revista Tatame nºs: 55, 61, 64, 77, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103.

Revistas Gracie Magazine nºs 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91.

Revistas Gracie Nocaute nºs 01, 03, 06, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21.

Revista Bravo, edição de agosto 2002.

Jornal do Brasil, edição de 29/09/02 – caderno de esportes – p.3.

Jornal O Sul, edição de 20/12/02, p. 29.

O Estado de São Paulo, edição de 17/05/03 – caderno de esportes – p.4.

O Estado de São Paulo, edição de 19/05/03 – caderno de esportes – p. 6.

Gazeta do Povo – Paraná, edição de 10/11/02 – caderno de esportes, p.6.

SITES DA INTERNET:

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/veja/080502/p_067.html>, acessado em 13/11/02.

Disponível em: <<http://www.portaldovaletudo.com.br/perfilwanderlei.htm>>, acessado em 23/11/02.

Disponível em: <<http://www.minotaurovaletudo.com/ultimas.htm>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <<http://www.np.brainternp.com.br/templates/psts/noticia>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <<http://hyperfight.hpg.ig.com.br/Lutadores/lutadores.html>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <<http://www.tatame.com.br/entrevistas/entrevistas02.asp>>, acessado em 15/11/02.

Disponível em: <<http://www.pridebr.hpg.ig.com.br/fc/menu.htm>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <<http://www.sherdog.com/fightfinder/displayfighter.cfm?fighterid=1440>>, acessado em 26/10/02.

Disponível em: <<http://intermega.globo.com/dynamitenordeste/ENTREVISTAS%20principal.htm>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/magatown.magafrases.htm>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <http://www.wadokan.hpg.ig.com.br/jiu_jitsu.htm>, acessado em 16/11/02.

Disponível em: <<http://www.hyperfight.hpg.ig.com.br/historiadovt.html>>, acessado em 15/11/02.

Disponível em: <<http://www.hyperfight.hpg.ig.com.br/estilos.html>>, acessado em 22/11/02.

Disponível em: <<http://www.profight.com.br/historia.htm> >, acessado em 10/05/03.

Disponível em: <<http://www.suljiu-jitsu.com.br/historia> >, acessado em 04/01/03.

Disponível em: <<http://www.vale-tudo.hypermat.net/historia.html> >, acessado em 06/03/03.

Disponível em: <<http://www.confederacaobrasileiradevaletudo.com.br/news.htm>>, acessado em 05/10/03.

Disponível em: <<http://www.minotauro.net/news.html>>, acessado em 04/02/03.

Disponível em: <<http://tatame.com.br>>, acessado semanalmente de janeiro/2003 até novembro/2004.

Disponível em: <<http://graciemag.com>>, acessado mensalmente de junho/2003 até novembro/2004.

Disponível em: <<http://revistanocaute.com>>, acessado mensalmente de abril/2003 até novembro/2004.

ANEXOS

PIVOT PHARMACEUTICALS
Vioxx®
(Rofecoxib, MSD)

INDICATIONS AND USAGE

Vioxx® (rofecoxib) is indicated for the relief of signs and symptoms of osteoarthritis, rheumatoid arthritis, and primary dysmenorrhea.

Warnings

Cardiac

See full prescribing information for Vioxx for a complete list of warnings.

Vioxx is contraindicated in patients with a history of myocardial infarction or stroke, or who have been treated with aspirin or other salicylates, or who are taking or have recently taken a nonsteroidal anti-inflammatory drug (NSAID) or aspirin, or who are taking or have recently taken a selective serotonin reuptake inhibitor (SSRI) or serotonin reuptake inhibitor (SRI).

Contraindications

Vioxx is contraindicated in patients with a history of myocardial infarction or stroke, or who have been treated with aspirin or other salicylates, or who are taking or have recently taken a nonsteroidal anti-inflammatory drug (NSAID) or aspirin, or who are taking or have recently taken a selective serotonin reuptake inhibitor (SSRI) or serotonin reuptake inhibitor (SRI).

Contraindications (continued)

Vioxx is contraindicated in patients with a history of myocardial infarction or stroke, or who have been treated with aspirin or other salicylates, or who are taking or have recently taken a nonsteroidal anti-inflammatory drug (NSAID) or aspirin, or who are taking or have recently taken a selective serotonin reuptake inhibitor (SSRI) or serotonin reuptake inhibitor (SRI).

Warnings (continued)

Respiratory

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

See full prescribing information for Vioxx for a complete list of warnings.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Vioxx may cause or worsen asthma, including fatal cases, especially in patients with a history of asthma. Vioxx may also cause or worsen bronchospasm. Vioxx may also cause or worsen nasal polyps. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis. Vioxx may also cause or worsen sinusitis. Vioxx may also cause or worsen rhinitis.

Durateston[®]

Preparado de Propionato de Testosterona
 Análogo de Testosterona
 Análogo de Testosterona
 Propionato de Testosterona



Forma farmacológica e apresentação

Solução injetável para administração intramuscular. Cartucho com 1 ampola de 1ml

USO ADULTO E INFANTE.

Composição

Cada ampola contém:

Propionato de testosterona

Preparado de testosterona

Preparado de testosterona

Preparado de testosterona

Preparado de testosterona

Preparado de testosterona

10 mg
 10 mg
 10 mg
 10 mg
 10 mg

Indicações para a prática

Ativa especial de rendimento

Atividade a curto no tratamento da falta de função masculina testicular.

Atividade de armazenamento e ação de reserva

Reservar para uso em situações de emergência (como 10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia) e ação de reserva (10 a 20 mg de Durateston por dia) para uso em situações de emergência (como 10 a 20 mg de Durateston por dia).

Atividade de administração

Reservar para uso em situações de emergência (como 10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia) e ação de reserva (10 a 20 mg de Durateston por dia) para uso em situações de emergência (como 10 a 20 mg de Durateston por dia).

Efeitos adversos

Em homens, o tratamento com Durateston (como 10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia) pode levar ao aparecimento de efeitos de administração (como 10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia) e efeitos de reserva (10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia). Para evitar efeitos de administração (como 10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia) e efeitos de reserva (10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia).

—TUDO INDICADO DEVE SER MANTIDO FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS—

Contra-indicações

Existem que se apresentarem ou em suspeita de câncer de próstata ou testis.

—TUDO INDICADO DEVE SER MANTIDO FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS—

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Características

Durateston é um preparado farmacológico para administração intramuscular, contendo quatro ampolas (10 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia).

Composto de testosterona (como 10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia) e efeitos de reserva (10 a 20 mg de Durateston por dia, 10 a 20 mg de Durateston por dia).

Para obter mais informações sobre Durateston, consulte o médico ou farmacêutico responsável pelo tratamento. Durateston é um medicamento que contém a substância ativa testosterona e seus derivados.



BRAZIL SUPER FIGHT

FIGHTING CHAMPIONSHIPS

LUTAS

LUTADORES

GALERIA

BSF MEMBROS

REGRAS

SOBRE

BSF IMPRENSA

CONTATO

REGRAS

BRAZIL SUPER FIGHT

REGRAS OFICIAIS

(De acordo com as regras do M.M.A.)

EQUIPAMENTO DO LUTADOR

Artigo 1º - Os lutadores devem, obrigatoriamente, usar luvas abertas, apropriadas para a prática de Mix Martial Arts (MMA). As luvas serão fornecidas pela organização, caso o lutador possua luvas próprias, estas deverão ser padrão e aprovadas pela comissão técnica.

Artigo 2º - Os lutadores devem, obrigatoriamente, utilizar protetores de boca e protetores genitais, todos de uso pessoal de cada competidor.

Artigo 3º - Os lutadores poderão usar kimono, joelheiras, cotoveleiras, caneleiras, tornozeleiras e calçados. Estes equipamentos serão checados pelo árbitro da luta antes do início da mesma, e poderão ser vetados caso ofereçam algum perigo ao oponente.

§ único - Se o lutador estiver usando calçados, o uso de chutes poderá ser vetado pelo árbitro.

Artigo 4º - A aplicação de qualquer tipo de óleo, unguento, spray, vaselina, creme sobre qualquer parte do corpo do lutador é proibido antes e durante a luta.

§ único - Se alguma destas substâncias for encontrada, poderá haver a desclassificação do lutador.

ÁREA DE LUTAS E ROUNDS

Artigo 5º - O ringue tem a medida de 6 x 6 metros, aprovadas para competições de M.M.A. no Brasil.

Artigo 6º - As lutas são de três (03) rounds, com duração de cinco (05) minutos e intervalo de dois (02) minutos entre os rounds. Não há round extra.

ÁREA DE COMPETIÇÃO

Artigo 7º - É toda a área que compoñha o palco da competição, composta de direção dos trabalhos, arbitragem, cronometria, fiscais, segurança e uma comissão disciplinar.

COMISSÃO DISCIPLINAR

Artigo 8º - No caso de divergência entre o resultado definido pelos árbitros, criar-se-á, de pronto, uma Comissão Disciplinar para dirimir o conflito. A Comissão tem poderes de punir qualquer conduta antiesportiva ou antiética de técnicos, professores, atletas, árbitros e de qualquer assistente que se mantenha no recinto da competição que esteja atrapalhando o bom andamento do evento.

§ único - Esta Comissão será formada por três (03) pessoas, dentre elas estarão obrigatoriamente, dois (02) Diretores Técnicos do Brazil Super Fight.

DECISÃO DAS LUTAS

Artigo 12 - Se um lutador for extremamente machucado por um golpe ilegal, o médico e o árbitro poderão decidir se a luta deverá ser reiniciada após a recuperação do lutador.

§ único Porém se o médico decidir que o lutador não apresenta mais condições de continuar o combate, o lutador que cometeu a irregularidade será desqualificado.

PESAGEM DOS LUTADORES

Artigo 13 - A pesagem deverá ser conduzida pela organização do evento e finalizada um dia antes da luta. As lutas serão autorizadas quando os lutadores passarem pelos critérios de pesagem, avaliações físicas e mentais.

Artigo 14 - Divisão de peso funciona da seguinte maneira:

a) Peso médio até 92,9 kg;

b) Peso pesado lutadores com peso igual ou superior a 93 kg.

Artigo 15 - Se um lutador estiver quase caindo do ringue, o árbitro deverá parar a luta e ordenar que os lutadores permaneçam na mesma posição. Os lutadores deverão ser encaminhados para o centro do ringue para prosseguir o combate na mesma posição em que se encontravam.

Artigo 16 - Se um lutador cair do ringue deverá retornar imediatamente para a luta reiniciar em pé.

POSSIBILIDADE DE PARALIZAÇÃO DA LUTA PELO ÁRBITRO

Artigo 17 - O árbitro poderá pedir "tempo" diante das seguintes circunstâncias:

a) Ambos lutadores não estão procurando o combate;

b) Um dos lutadores está no chão e o outro em pé e nenhum ataque sendo feito;

c) Quando alguma ação ilegal for cometida.

Artigo 14 - Divisão de peso funciona da seguinte maneira:

a) Peso médio até 92,9 kg;

b) **Peso pesado lutadores com peso igual ou superior a 93 kg.**

Artigo 15 - Se um lutador estiver quase caindo do ringue, o árbitro deverá parar a luta e ordenar que os lutadores permaneçam na mesma posição. Os lutadores deverão ser encaminhados para o centro do ringue para prosseguir o combate na mesma posição em que se encontravam.

Artigo 16 - Se um lutador cair do ringue deverá retornar imediatamente para a luta reiniciar em pé.

POSSIBILIDADE DE PARALIZAÇÃO DA LUTA PELO ÁRBITRO

Artigo 17 - O árbitro poderá pedir "tempo" diante das seguintes circunstâncias:

a) Ambos lutadores não estão procurando o combate;

b) Um dos lutadores está no chão e o outro em pé e nenhum ataque sendo feito;

c) Quando alguma ação ilegal for cometida.

ARBITRAGEM

Artigo 22 - O árbitro central é a autoridade máxima dentro do ringue, entretanto para fins de segurança dos atletas, o médico responsável é considerado a autoridade máxima do evento.

§ único - Assim, temos hierarquicamente as seguintes autoridades para ARBITRAGEM:

a) MÉDICO;

b) ÁRBITRO CENTRAL;

c) ÁRBITROS LATERAIS.

Mixed Martial Arts ou Mistura de Artes Marciais. Modalidade de competição esportiva entre atletas especialistas em uma ou mais modalidades de artes marciais.

Normalmente os atletas que se destacam no M.M.A. são especialistas em uma ou mais destas modalidades: Jiu Jitsu, Muay Thai, Wrestling, Karatê ou Box.

Os eventos mais tradicionais de M.M.A. no mundo são o Pride, realizado no Japão, que reúne até 70.000 pessoas nos estádios japoneses, e o Ultimate Fighting nos Estados Unidos.

